ELIZABETH BOWMAN



INOCENCIA y PERFIDIA

VESTALES

Inocência e Perfídia

Elizabeth Bowman

Vera, Lilah Malveira, Sarah Cortez e Val Nascimento



Sinopse

Uma mulher inocente e um homem pérfido, mais um homem traiçoeiro.
Está claro que apenas um dos dois poderá ser resgatado do halo de maledicência que o envolve; está claro que a mulher só elegerá a um dos dois. Então, o terceiro cai da equação. Antes, porém, ele vai fazer todo o possível para ficar.

Caroline Barton vivia uma vida simples no campo inglês, em um povoado que aparentemente não se deu conta de que estavam no tumultuado início do século XIX. Ela não conhecia o mundo e o único indício que tinha de um vínculo amoroso era o de sua irmã Rachel, que se casou por amor.
Caroline desconhecia, então, o quanto eram raras tais uniões.
Quando Rachel estava prestes a dar à luz, a irmã mais nova mudou-se para acompanhá-la, saindo, assim, pela primeira vez, da redoma idílica em que vivia.
Em casa da irmã, conhecerá ao pérfido Sr. Diggory, que a persegue com intenções que ela rejeita.
A inexperiência fará com que Caroline escolha, em vez dele, ao Sr. Knoxville, um homem cuja reputação é digna de ser mencionada apenas em tablóides sensacionalistas e a quem ela acredita que pode salvar por meio de afeto.
Diggory, pérfido por fim, fará de tudo para separá-los. E vai ter sucesso, mesmo que apenas por pouco tempo. A inocência, o desejo incontrolável, bem como a férrea vontade de Caroline, irão ajudá-la a eliminar as incógnitas da equação e resolver o enigma de uma vez. Escrito com um estilo impecável e elegante, com a certeira potência de uma flecha que atinge o alvo, Inocência e perfídia expõe as complicadas relações entre homens e mulheres.

A Vanessa GE, a irmã que nunca tive.

Capítulo 1

Inglaterra, 1819. Lambshire County.

O inverno esticava com elegante languidez seus gelados braços sobre o campo, surpreendendo e entorpecendo a vida aletargada de seus moradores sob a translúcida túnica de pesados nevoeiros matinais. Após as recentes nevadas, que, sem dúvida, haviam sido as mais abundantes dos últimos anos, o sol havia voltado a aparecer timidamente em um céu saturado de nuvens, e o influxo de seus fracos raios facilitava que o denso manto esbranquiçado fosse desaparecendo pouco a pouco, para dar lugar a um verde revigorado e cheio de vida. As aves de novo se aventuravam a sair de seus abrigos improvisados para entoar felizes canções nos ramos desnudos das árvores, trazendo um pouco de vida àquela linda paisagem, ainda dormente sob o torpor de um frio inverno. Os rebanhos dispersos voltavam a decorar os campos com inúmeras manchas esbranquiçadas e roucos balidos arrulhadores, apesar de que um grosso véu acinzentado embaçava a vívida imagem com o incessante lacrimejamento da abóbada celeste.

Barton Cottage também permanecia atolado na placidez habitual da existência de seus habitantes, alterada apenas ocasionalmente pelos nervos agitados da Sra Barton e suas idéias absurdas.

Fazia seis anos que Rachel Barton, a filha mais velha, tinha deixado a antiga casa paroquial para formar seu próprio lar em Hardshire, um lugar situado mais de cem milhas do pequeno e arborizado condado. Quando a Sra Barton conseguiu superar o orgulho insuportável de saber sua filha mais velha esplendidamente casada com um dos homens mais influentes do reino e começaram a aparecer em sua mente os primeiros sintomas que acompanham a saudade e tédio, a pequena Caroline tinha já dezoito anos. Alegremente descobriu a senhora o quanto era

agradável ter uma filha com idade suficiente para ser cortejada e, desta vez, com influências proveitosas que garantem um bom casamento.

Certamente, Caroline Barton havia se tornado uma jovem bela e de belo comportamento. Preservava da infância a abundante cascata de cachos louros sobre a cabeça cheia e sensata e a temperança de enormes olhos azuis frisados em um rosto extremamente pálido. Caroline não era como sua irmã. Nunca tinha sido. Por suas veias não corria o sangue fervente de cabeças sonhadoras e fantasiosas, mas seu caráter professava uma inclinação mais suave para a música e a pintura.

Excessivamente introvertida e com uma predisposição para a melancolia, a senhorita Barton tinha erguido um pequeno muro ao seu redor, atrás do qual se refugiava, de forma que mantinha intactas em sua mente as belas e agradáveis memórias do passado e alimentava com elas uma nostalgia crescente. Certamente que tinha sido duro crescer longe da influência de sua sempre otimista e enérgica irmã mais velha, sua melhor amiga e confidente, e perder os momentos íntimos de cumplicidade criados entre elas. Também tinha sido uma pequena amargura dizer adeus a George, seu único irmão, que, poucos meses após o casamento de Rachel, tinha assumido seu novo trabalho como pastor em um condado próximo.

Sozinha, entre aquelas paredes velhas e desalinhadas, com a única companhia de seus pais idosos e sobrevivendo dia a dia ao estupor decorrente da vida cotidiana, Caroline tentava escapar do mundo sentada ao velho pianoforte, tocando os acordes mais tristes.

No entanto, ninguém parecia notar o ostracismo em que havia submergido, pois seu caráter gentil e sempre moderado poderia levar a confusão caso se associasse erroneamente sua crescente melancolia com timidez.

Longos momentos sentada diante da janela com a vista perdida na distância enquanto esboçava com carvão fino os traços de uma paisagem inspiradora ocupava muitas vezes suas tardes, enquanto na sala de chá ao lado a velha senhora Barton

imaginava com as vizinhas novos caminhos por que orientar sua delicada e distraída filha.

— Rachel era uma criatura imprudente e pouco dada a civilidade e, apesar disso, fez um casamento vantajoso. Sem dúvida a minha pequena Caroline vai se casar tão bem ou até melhor do que a irmã. Ela sempre foi uma menina muito brilhante e inteligente e de natureza mais dócil e tranquila do que a da irmã.

— Nenhuma dúvida sobre isso, Sra Barton, a pequena Caroline é uma criatura mais disciplinada e dócil do que sua irmã mais velha.

— E além disso, mais bonita. Você já reparou na palidez romântica do seu rosto?

Caroline sacudiu a cabeça com resignação quando chegou a seus ouvidos o vago rumor das ocorrências de sua mãe junto com o riso das comadres.

Nunca tinha pensado em se casar, nunca tinha sentido a necessidade de embarcar em uma viagem romântica que, sem dúvida, traria mudanças grandes e desagradáveis em sua vida tranquila. Sempre pensou que as histórias que Rachel lia para ela, sobre cavaleiros capazes de atravessar o mundo em busca de sua senhora, eram por demais erradas e imprudentes e que definhar por amor na época em que vivia era pouco menos do que uma absurda utopia. Esse amor cortês correspondia a uma época de castelos, dragões e masmorras, tempos em que as meninas cresciam sonhando com serviçais Lancelots ou apaixonados romeus capazes de entregar a vida em nome de um amor tempestuoso que costumava levar às mais inesperadas tragédias. Rachel tinha crescido imersa nessas histórias, como se a própria vida transcorresse entre linhas rabiscadas a tinta em pergaminho, e sempre tinha tentado incutir nela essa paixão pelos amores turbulentos e atormentados.

Sem dúvida, ela estava longe de ser uma louca e impulsiva sonhadora como sua amada irmã. Sempre se havia considerado uma menina vivaz de espírito e ânimo desperto, mas nunca havia permitido que a menor agitação descontrolada de sua

víscera romântica significasse uma guinada na praticidade com que tinha forjado sua própria existência.

Tinha sido apresentada à sociedade na temporada anterior, para aproveitar a oportunidade de seu décimo oitavo aniversário. Os senhores Davenport a tinham presenteado com uma festa no elegante Daven Court, convidando a uma série interminável de faustosos personagens, vaidosas senhoritas e esnobes arrogantes que não faziam mais do que reforçar a crença de que esse tipo de evento não poderia trazer-lhe nenhum benefício. Desde então, ela não tinha participado de qualquer evento semelhante, pois as festas em Lambshire careciam de qualquer formalidade e convites de outros tipos de sociedades felizmente primaram pela ausência. Ocasionalmente, era convidada a Daven Court para acompanhar sua irmã e atuar como uma tia paciente com os gêmeos de Rachel, de modo que essas longas temporadas tornavam-se os melhores e mais memoráveis momentos da vida da jovem.

* * *

De sua improvisada torre de vigia na janela, viu como um indivíduo que puxava um velho burro se aproximava da casa ao longo do estreito caminho de cascalho, com o perfil oculto sob uma ampla capa e um chapéu de três pontas. Em seguida, escutou-se o inquieto som rítmico do sino na porta da frente e os passos fracos e cansados de Kitty que se arrastavam ao longo do corredor.

Caroline não deu importância a essa interrupção inesperada. Certamente se trataria de um viajante inesperado ou de algum cristão que solicitava os serviços de seu pai como um homem de Deus. Mais uma vez, inclinou a cabeça sobre o papel e continuou delineando o contorno desvalido de uma árvore que se erguia triste no jardim da frente.

A figura escura de Kitty no umbral, com sua eterna expressão lânguida e desanimada fez com que ela levantasse a vista.

— Senhorita Caroline, acabam de trazer esta carta de Hardshire para a senhora.

Um largo sorriso se espalhou pelo rosto da jovem, e se iluminaram de imediato as íris com um brilho inesperado. Deixando de lado os materiais de desenho e a escassa inspiração do momento, ela correu atrás da empregada, mantendo em suas mãos o pequeno retângulo de papel que ela lhe entregou.

— Obrigada, Kitty.

Com aquele precioso tesouro em sua posse, ela retomou sua antiga posição diante da janela. Fechou os olhos e inalou profundamente. Seria capaz de reconhecer a milhas de distância o cheiro de lavanda que emanava de toda as missivas procedentes desse endereço. Ela observou atentamente o lacre familiar e sorriu de novo diante da querida imagem que desenhava em sua mente a mera visão desse selo.

Rasgou veementemente o papel, desdobrou as três dobras da carta e passou avidamente os olhos pelas linhas nervosas e apertadas, detendo-por mais tempo em alguma palavra um pouco borrada. Sua amada Rachel era sempre tão louca e impaciente! Sempre se expresando com uma agitação incomum, com uma urgência imprópria, como se a tinta fosse secar de repente!

— Vi que Kitty trouxe o correio. O que há nesta carta? Alguma notícia do povoado? Alguma festa em datas próximas? Será que a milícia volta ao condado?

A silhueta magra da Sra Barton desenhou-se no umbral e se aproximou da joven, com uma vívida curiosidade refletida em seus pequenos olhos.

Caroline olhou para cima e tentou conter o sorriso sutil que estava começando a assomar-lhe no rosto. Mordeu loigeiramente o lábio inferior e respondeu enfeitando as palavras com um sorriso crescente.

— É uma carta de Daven Court. — Sorriso amplo. — Rachel pede minha companhia. Aparentemente, nos últimos meses, e dado o seu estado de gravidez, está um pouco mais cansada do que o habitual e precisa que sua irmã mais nova esteja ao seu lado e a ajude com esses diabinhos.

A Sra Barton levantou as sobrancelhas, mostrando no rosto uma expressão de perplexidade.

— Mas se ainda faltam meses para a chegada do bebê!

Caroline deu de ombros enquanto relia as últimas linhas, totalmente animada com a oportunidade que se apresentava. Ver sua irmã novamente e desfrutar de sua companhia representava para ela um sopro refrescante de ar na rotina de sua existência.

— De qualquer forma, não é de estranhar. Essas crianças criadas sem governanta se tornaram selvagens sem governo. Parecem filhotes descontrolados correndo pelos corredores da mansão! Sua irmã vai acabar fazendo com que se tornem uns indisciplinados em meias de seda. E o marido dela é um incauto que não faz mais do que permitir esses absurdos! — Disse a Sra Barton com uma careta. — Seja pois a seu gosto, como sempre foi! Em seu estado não é favorável contradizê-la. No final, Daven Court é um lugar onde é comum que se reúnam personagens de sociedades mais favorecidos do que as que você poderia encontrar em Lambshire. Vai ser bom para você passar uma longa temporada nesse ambiente. Pode ser útil, dada sua situação de mocinha em idade de se casar. — Caroline revirou os olhos, ao mesmo tempo em que suspirou resignadamente. — Kitty, Kitty, pequena preguiçosa, ajude Caroline a embalar seus pertences; esta tarde partirá para Hardshire no primeiro coche postal!

Capítulo 2

Caroline abriu os olhos sonolentos, acordando de repente como resultado de um golpe súbito na têmpora causado pelo brusco solavanco da carruagem. Acariciou a área machucada e, irritada, apenas permitiu que as mãos enluvadas arrumassem as sobrancelhas. Seu rosto carrancudo, um pouco ruborizado, revelou sua frustração. Olhou ao redor do interior da carruagem, para estudar seus companheiros de expedição, perturbada pela suspeita desconfortável de que alguém tinha percebido seu despertar rude.

Neste ponto da viagem, o coche estava ocupado apenas por três outros passageiros; cada um estava perdido em seus próprios pensamentos e alheio à presença dos demais.

O cavalheiro que viajava no assento em frente descansava com as lapelas do gabão levantadas, a cabeça afundada entre os ombros e o rosto coberto por um deteriorado chapéu de feltro. Estava sentado meio desejeitado, com os braços cruzados com firmeza sobre o peito e os joelhos juntos, enquanto suas botas ficavam ocultas sob as amplas pregas da saia da jovem senhorita Barton.

Sentado ao lado do viajante, uma menina de aparência delicada e roupas elegantes repousava os olhos na paisagem que se desdobrava através da janela, com a vista impassível e perdida de quem observa a distância sem perceber nada em absoluto. Frente à joven dama, uma mulher austera, garbosa e de cenho franzido permanecia em régia posição, olhando para ela. Usava um chapéu com véu e um rosto macilento e severo, além de mãos ossudas, que se intuíam inflexíveis e rigorosas nas escuras luvas de pelica. De vez em quando ela se dirigia em francês à jovem para lhe perguntar como se sentia ou se precisava de um casaco, ao que a menina respondia com uma musicalidade encantadora na voz. Pelos seus modos

afetados, Caroline deduziu que se devia tratar de uma jovem burguesa e sua ilustre e austera governanta.

Na carruagem reinava um profundo e pesado silêncio, quebrado apenas pelo barulho das rodas sobre o terreno saturado de buracos e pelas bruscas oscilações que forçavam os cansados passageiros a sair de seu torpor. O atrito entre os viajantes era inevitável por causa da estrada esburacada e essa forçada intimidade exigia os mais absurdos olhares de afetação e desculpas por parte de todos. A régia governanta lançava seu olímpico olhar venenoso em torno da cabine para dar a entender que a situação a incomodava, enquanto a jovem daminha colocava a mão na parede lateral e descansava a palma enluvada contra o vidro, em uma tentativa de manter a postura ereta. Em várias ocasiões, Caroline sentiu-se a ponto de cair de bruços sobre o cavalheiro adormecido, mas conseguiu conter com os joelhos o colapso iminente. Felizmente, o indivíduo passou a noite imperturbável e a Srta Barton pode evitar a vergonha que lhe teria causado a situação.

O peso das longas horas de viagem começava a se manifestar sobre os viajantes. O coche tinha deixado Lambshire no dia anterior, ao cair da tarde, e depois de uma longa noite de frenética viagem e um dia de contínuos solavancos, começavam-se a perceber através das janelas as últimas luzes desmaiadas do crepúsculo, o que fazia desaparecer a carruagem numa sucessão de luzes e sombras, no mínimo onírica.

Ocasionalmente, rasgava o denso véu de torpor algum bufo isolado do viajante adormecido, que, depois de passar rapidamente a língua sob sua imposta máscara de feltro, retomava o sonho enquanto emitia baixos e monótonos roncos.

Caroline lutava para permanecer acordada em uma tentativa de manter a dignidade que se perde em momentos de sono. Umedeceu os lábios e tentou ignorar a dor de cabeça incipiente, causada talvez pelo golpe ou pela fadiga.

Mechas acinzentadas de nuvens corriam pela cinzenta abóbada celeste e anunciavam as primeiras sombras do crepúsculo. Árvores escuras e esguias que se adivinhavam naquelas horas de vigília forçada, espectros que ameaçavam a passagem dos viajantes, dispostos a estender seus ramos ansiosos para capturar as almas dos frágeis mortais que se encontravam tão distantes do lar.

A certeza da pronta chegada em Daven Court mantinha Caroline com a cabeça alerta e afastava dela qualquer desejo de se deixar cair novamente nos braços de Morfeu. Valiam a pena tantas horas de viagem e cansaço para voltar a se fundir com sua irmã em um abraço. Tudo era suportável com o objetivo de sentir seu perfume de lavanda e o brilho cintilante de seus olhos.

Fazia seis meses desde a última visita a Hardshire e apenas um desde a última carta; seis meses nos quais a vida de Caroline tinha caído em letargia à espera de outra visita que reavivasse sua adormecida existência. Seis meses em que apenas as notas fugazes e melancólicas de seu pianoforte ou os rabiscos de seu carvão a haviam acompanhado, oferecendo-lhe uma pequena parcela de evasão na qual refugiar-se da rotina tranquila e tediosa de Barton Cottage. Que renovação e que alegria distrair-se com as travessuras dos pequenos Davenport! Seus sobrinhos eram dois belos meninos, com o cabelo grosso e brilhante de seu pai, os olhos cor de hera de sua mãe e sua própria mente inquieta. Eles tinham apenas cinco anos, mas possuíam uma vitalidade quase impossível de se acompanhar, e sua companhia representava uma corrida eterna pelos amplos corredores da mansão. Caroline se encontrou sorrindo para o reflexo da janela, pois, apesar do cansaço, a ânsia de se reencontrar com sua família superava qualquer perturbação.

Ainda se lembrava da última carta de Rachel:

Minha pequena Caroline, desejo nada mais do que desfrutar mais uma vez da sua companhia, eu anseio muito nossas conversas divertidas e nossos passeios pelo campo!

E também:

... minha querida menina, você tem que ser paciente com a nossa mãe, porque você já conhece seus contínuos desvarios e seu afã para buscar par para todo ser vivo. Você deve ficar longe e a salvo de suas manias casamenteiras. Você sabe que ela vai tentar que você se comprometa com qualquer cavalheiro na posse de gravata (ou mesmo na ausência dela) que passe diante de seu lindo nariz. Seja tão rigorosa como sempre e não aceite qualquer enlace que não seja por amor. Não há nada no mundo preferível ao amor, por mais que digam que o dinheiro está em primeiro lugar.

Caroline sorriu. Concordava completamente com sua irmã e estava completamente convencida de nunca se casar na ausência de amor. Duvidava da existência de um homem que poderia completá-la, compreendê-la e amá-la com a mesma intensidade e veemência que ela estava disposta a oferecer, e estava plenamente convencida de que nunca iria se casar.

Jonas Hudson, o filho corpulento e de cabelos vermelhos do ferreiro, tinha-lhe oferecido repetidamente ramalhetes de flores silvestres por cima da cerca, com modos muito rudes. Ele era um bom menino, apenas alguns anos mais velho do que ela, de boa índole, alma nobre e um incansável espírito trabalhador. E, no entanto, o coração de Caroline não se agitava o mais mínimo diante da visão do jovem. Nunca tinha esperado que, ante a chegada de seu príncipe, a abóbada celeste derramasse sobre a terra uma chuva de estrelas sem fim ou que os ventos sussurrassem em uníssono o nome do cavalheiro sonhado, cantando canções melodiosas. Não era tão ingênua, mas era imperioso acreditar na existência de *algo* que fizesse vibrar as fibras de seu interior, esse *algo* que fazia com que os poetas levassem séculos escrevendo sua alma em verso.

* * *

O coche diminuiu a velocidade até deter-se em um cruzamento. A noite cobria a paisagem com seu denso manto estrelado e se misturava com o palpitante cântico de uma orquestra de grilos.

O cavalheiro que estava cochilando mexeu-se desconfortavelmente em seu assento, sem dar mais sinal de vida que esse leve desassossego. Caroline examinou o horizonte sem nada ver debido à densidade da floresta.

A cabeça enorme e redonda do cocheiro assomou pela janela.

— Hardshire, senhorita, esta é a sua parada. — Falou entredentes ao abrir a porta e estender-lhe uma mão áspera e suja do pó do camino.

Caroline apertou os punhos enluvados e pegou a pequena bolsa de viagem sobre o colo. Desceu os degraus do veículo e cambaleou quando suas botinas tocaram terra firme depois de muitas horas de inatividade forçada. Em torno dela, o silêncio e a mata pareciam ameaçar o caminhante solitário.

O cocheiro incitou os cavalos, a carruagem começou uma nova viagem e a jovem Barton foi mergulhada em uma nuvem irritante de poeira e areia. Alisou a saia diversas vezes e abraçou a si mesma ao verificar com desgosto que o sobretudo com que tinha começado a viagem era muito leve para essa época do ano.

À distância, ressoou o ruído dos cascos de vários cavalos, ao mesmo tempo que se divisava um grande vulto escuro ladeado por duas tochas.

— OOOOO!

Os cavalos se detiveram sem deixar de ofegar e cabecear e inundaram o ar de baforadas.

— Senhorita Barton? — Perguntou desde o alto do assento do cocheiro um indivíduo envolto em um manto escuro.

— Sim, senhor! — Respondeu Caroline, permanecendo imóvel, encolhida de frio e exausta.

Um ajudante desceu com salto ágil e abriu diligentemente a porta lateral. Caroline deu-lhe um de seus tímidos sorrisos, a que o menino respondeu com uma tosca reverência. Com a ajuda dele, ela subiu e relaxou na intimidade do reduzido espaço.

Capítulo 3

Caroline sentiu a alma completamente transportada enquanto, precedida do reservado Emerick, percorria os imponentes corredores de Daven Court e se embebia de sua solene majestade.

Sempre tinha encontrado uma beleza perturbadora nas esculturas de mármore que adornavam cada antecâmara, porque lhe parecia que encerravam, sob sua fria superficie, a alma adormecida de velhos anjos caídos que, envoltos em longas túnicas aladas e com um dedo nos lábios, convidando ao silêncio, comoviam ao visitante. Também fascinavam seu espírito os retratos de antigas damas e antepassados cavalheiros que, desde o inalcançável cume outorgado pela eternidade, observavam aos que ainda caminhavam entre os vivos com uma graça e uma altivez representativas de sua rançosa condição.

Rachel tinha tentado alguma vez referir-lhe a identidade desses elevados personagens, mas a memória de Carolina perdia-se ao atingir a terceira ou quarta geração de lendários Davenport.

Finura e graça semelhantes poderiam ser encontradas tanto nos resplandescentes pisos de alabastro quanto nos elaborados tetos crivados de rosetas e afrescos que imitavam com admirável realismo as idades da vida. Caroline avançava absorta, com a cabeça para cima, possuída pela magnificência daquelas pinturas capazes de despertar sua mais íntima admiração de artista em flor. Ela queria embeber-se daquela magnificência, inflamar seu espírito de tanta beleza encerrada entre aquelas paredes imperecíveis, perdurando diante do decorrer do tempo com perfeição quase divina.

Tudo era tão esplendoroso e tão fácil de admirar, que invejava profundamente a sua irmã, não por sua destacada e próspera situação, mas pela sorte de poder desfrutar a cada dia de tão inesgotável beleza, da fortuna de poder sentir a cada manhã inflamar a alma de uma radiante infinidade, pela glória de se saber sob um céu infinito criado pela mão de um artista incomensurável e modestamente humano. Que fortuna dispor privadamente de paraísos tão formosos nos quais perder-se e embriagar a alma!

O êxtase divino durou apenas alguns momentos, pois repentinamente o circunspecto mordomo parou diante de sóbrias portas duplas, fazendo com que a distraída Caroline tropeçasse em suas costas. Ao baixar a vista, viu como o mordomo batia com os nós dos dedos e, depois de receber o consentimento do outro lado, abria ambas as folhas para posicionar-se no umbral, trasnsbordando dignidade.

— Senhorita Caroline Barton, Sra Davenport.

Com reverência cerimonial, o assistente se afastou para revelar a figura sorridente da jovem.

Ela divisou ao fundo da enorme sala a imagen querida e familiar de sua irmã mais velha, que parecia radiante com seu cabelo escuro recolhido em um coque alto, salpicado por uma infinidade de botõezinhos de flores amarelas que certamente saíam da sua estufa privada.

O vestido era admirável. Feito de cetim amarelo e amplo, deixando grande parte dos ombros a descoberto e também mostrava uma requintada renda inglesa nas mangas e no recorte sob o busto.

O grande sorriso que se espalhou pelo rosto da senhora fez com que Caroline se aproximasse dela com passos apressados, para fundir-se com ela em um abraço intenso.

— Minha querida e sensível Caroline, finalmente está aquí!

— Nada me agrada mais, irmã.

— Foi uma viagem horrível ou monstruosamente horrível?

— Creio que tão horrível quanto da última vez, mas já faz tanto tempo que mal conseguia me lembrar de como é difícil o deslocamento.

— Lamento ouvir isso, querida, agora mesmo vou pedir a Adele para lhe trazer um pouco de sopa antes de acompanhá-la a seus aposentos.

Caroline baixou a vista e não pode deixar de olhar para a silhueta da irmã. Em seu abdomen, as abundantes pregas da saia evidenciavam um contorno aumentado e amplamente volumoso. Calculou mentalmente há quanto tempo não se viam e um leve rubor cobriu suas faces.

— Rachel, você está...

A mulher estalou a língua, ao mesmo tempo em que bufava.

— Uff, eu sei, enorme. A estas alturas devo parecer uma enorme cupcake transbordando manteiga… — Disse ela agitando os braços e incluindo, por extensão, a sua irmã mais nova em seu gesto. — O Dr. Diggory considera muito provável que minha pequena Jazmin irrompa em nossas vidas em meados do próximo mês.

— A pequena Jazmin? — Caroline deu um sorriso incrédulo. — Não me diga que você está tão convencida de que será uma menina!

Rachel olhou-a, com o cenho franzido.

— Tem que ser! Preciso urgentemente de uma mão feminina para me ajudar a orientar e controlar aos indisciplinados garotos Davenport.

Caroline, imitando sua irmã, deu uma sutil gargalhada enquanto a olhava com olhos sonhadores.

— Você não deve reclamar. Tanto o pequeno Tom quanto o querido Tim são lindos, saudáveis e bem equipados com uma imaginação sem limites. Seu marido é um cavalheiro que se esforça para dar todas as atenções à esposa. Quaisquer reclamações que você fizer será uma verdadeira blasfêmia contra o casamento.

— Não, claro que não posso reclamar. — Disse ela acariciando o rosto corado da irmã. — Mas olhe para mim! Eu sou uma criatura egoísta e imprudente abusar de sua companhia quando você deve se sentir terrivelmente exausta!

Caroline suspirou e encolheu os ombros.

— Retire-se para descansar, Emerick irá acompanhá-la até seu quarto e então Adele vai lhe levar um prato de comida para ajudá-la a dormir. Amanhã será outro dia.

* * *

Quando Adele abriu as grossas cortinas, o feixe de luz que invadiu o quarto atingiu abruptamente o rosto de Caroline, forçando-a a afundar a face sonolenta nas macias almofadas para evitar o incômodo da claridade.

A empregada não parava de se mover pelo quarto, cantarolando alguma velha música, organizando os pertences de senhorita Barton e preparando-lhe sobre a cama suas roupas para o novo dia. Estendia o vestido sobre a colcha com considerável cuidado, esticando os laços da cintura e acomodando as amplas pregas da saia, afofando as mangas e realçando o delicado pespontado do decote. Caroline, da cama, erguida até a cintura e apoiada sobre os cotovelos, acompanhava seus movimentos repletos de vitalidade e energia ao redor do quarto.

Depois de alguns minutos, a criada parou o movimento trabalhoso e olhou para a srta Barton. Caroline olhava para ela com um sorriso.

— Senhorita, deveria levantar-se, estão aguardando pela senhorita na sala de jantar para o pequeno almoço.

— Já desceu todo mundo?

— Oh, sim, senhorita! Exceto a Sra Davenport, que acaba de receber a visita do Dr. Diggory e está terminando de se arrumar.

— Minha irmã está indisposta?

— Oh, não, senhorita, há algum tempo o doutor faz visitas semanais para examiná-la. O Sr. Davenport está sempre muito atento a sua esposa.

Um suspiro de alívio escapou dos lábios rosados da jovem enquanto ia para o lavatório. Adele aproximou-se e diligentemente verteu na bacia todo o conteúdo inteiro da jarra. Caroline enfiou as mãos na água gelada e depois cobriu o rosto com as palmas das mãos, para que o frio avivasse seu espírito.

* * *

Quando a senhorita Barton fez sua entrada na espaçosa e ensolarada sala de jantar, o Sr. Davenport e outro cavalheiro levantaram-se educadamente da mesa. Rachel continuou sentada à cabeceira oposta à que ocupava seu marido e, ao perceber a presença da irmã, virou-se para ela com o mais doce dos sorrisos.

— Querida! — Começou a dizer. — Certamente você não conhece o cavalheiro que nos acompanha. É Alfred Diggory, o médico de Hardshire que está a serviço pessoal dos Davenport desde a morte de seu pai, o antigo e sempre prestativo Dr. Herman Diggory.

Caroline o observou. Assim que foi nomeado, ele fixou os olhos nela com esmagadora impertinência. O sorriso ridículo que se desenhou não tinha nada a invejar à grotesca reverência que lhe ofereceu, com tal ímpeto e teatralidade que pouco faltou para que a testa batesse contra seus joelhos.

— É um imenso prazer conhecê-la finalmente, senhorita Barton. Ouvi falar muito e de forma muito carinhosa de você.

Caroline conteve o sorriso quando devolveu a cortesia sem desviar o olhar daquele homenzinho que estava do outro lado da mesa com uma afetação ridícula. O qualificativo homenzinho servia perfeitamente para o que inspirava a presença daquele senhor, pois o bom doutor era um homem que apenas alcançava um metro e meio de altura, de compleição rechonchuda e um pouco disforme, vestido austeramente de negro e com uma incipiente careca na parte superior da cabeça, que disfarçava penteando quatro dispersas mechas sobre o local carente de cabelo. De rosto gordo e avermelhado, sorria de modo permanente e adulador, com os olhos de rato enquanto parecia devorar a moça com os olhos.

Um criado puxou a cadeira ao lado do anfitrião. Quando a jovem se acomodou, ambos cavalheiros, que ainda permaneciam de pé, fizeram o mesmo.

— Como amanheceu nossa convidada? — Perguntou-lhe Thomas com um sorriso sedutor, enquanto retomava sua refeição.

— Muito bem, Sr. Davenport. É sempre um prazer estar em um lar tão agradável.

— Alegra-me muito ouvir isso, querida cunhada. — Disse Thomas, apoiando a xícara de chá sobre a mesa. — A Sra Davenport e eu estamos convidados a uma reunião noturna na residência dos Castleford amanhã. Como hóspede da casa, o convite é estensivo a você.

Caroline virou a cabeça para a irmã, que estava sorrindo.

— Você nos faria uma grande honra ao nos acompanhar. Eu posso garantir que vai ser uma noite absolutamente tranquila: um pouco de música, dança e aborrecidas conversas de senhoras insuportáveis da capital.

O homenzinho, segurando o riso, soprou pelo nariz diante da impossibilidade de abrir a boca, ocupada com uma quantidade inadequada de alimento. Ficou claro que pretendia adular a ironia da senhora, mas a avidez com que engolia impedia-o de se manifestar abertamente.

— Se for esse o seu desejo, Rachel, eu vou, mas devo confessar que não esperava participar de nenhuma reunião tão cedo. — E acrescentou: — No entanto, nada me agradaria mais do que ir com vocês a um evento como esse.

Um pigarro absurdo chamou a atenção de Caroline; diante dela, o médico se esforçava para falar depois de ter engolido um último bocado.

— Minha querida Senhorita Barton, a senhorita não deve sentir-se oprimida. Eu mesmo também me aproveitei da excessiva generosidade do Sr. Davenport, que, dando mais uma vez mostras de seu caráter generoso e gentil, teve por bem incluir-me em tão excelso convite.

Caroline arregalou os olhos como pratos, o garfo suspenso perto da boca.

— Vai ser muito agradável desfrutar de uma reunião completa na companhia de tão distinta dama. — Acrescentou com um sorriso enjoativo. — É uma boa oportunidade para aprofundar nosso conhecimento mútuo, senhorita, e será um prazer acompanhá-la durante toda a noite. Sei que uma pessoa pode sentir-se bastante desorientada quando se encontra longe da sociedade que costuma frequentar.

Caroline deu a sua irmã um olhar perplexo. Aquele indivíduo parecia determinado a dirigir-lhe suas atenções e, enquanto a observava com a cabeça ligeiramente inclinada, não deixou de se esforçar para sorrir de modo absurdo.

Na cabeceira, Rachel continha o riso, ao mesmo tempo encolhendo os ombros maliciosamente.

— Que me diz, senhorita Barton?

Em resposta, Caroline esboçou um sorriso visivelmente forçado, enquanto seus olhos refletiam a angústia de quem está irremediavelmente preso. O Sr. Diggory tomou esse gesto como mostra de complacência e aceitação e, assentindo várias vezes sem deixar de sorrir, deleitou-se em contemplar a resignada jovem com seus

pequenos olhos. Algumas gotas de suor marcaram sua testa, desceram pelas faces e morreram no laço da gravata.

Capítulo 4

— Você está mesmo pretendendo participar da reunião amanhã à noite na residência dos Castleford?

Rachel bufou enfastiada. Estava sentada em frente à lareira, onde enormes línguas de fogo engolfavam e devoravam a madeira, fazendo estalar com terríveis alaridos as grossas lenhas, enviando ao ar minúsculas partículas de cinza que se elevavam e oscilavam devido a alguma pequena corrente de ar.

Nos miúdos ombros da senhora repousava um grosso xale de algodão que abraçava amorosamente sua figura, e cujas extremidades repousavam no brilhante chão de alabastro como se tratassem de farrapos de névoa embalados pela oscilação da maré. Sob a pequenas botinas, um elegante estrado de design afrancesado servia de apoio para os fatigados pés da Sra Davenport.

Ela fechou o livro, deixando um dedo para servir de marcador entre as folhas e, em seguida, abandonou-o sobre o colo, enquanto enviava a sua irmã um olhar lânguido.

— Você vai me censurar?

Caroline balançou a cabeça vigorosamente. Os olhos, de um belo tom de azul, refletiam nas brilhantes pupilas uma expressão de desculpas.

— Não, não, irmã, nunca! Eu não sou ninguém para julgar suas ações e jamais ousaria fazê-lo. É só que... — Baixou os olhos, levemente corada. — Sabe que se espera que as damas em teu estado não saiam de casa quanto o ventre começa a aparecer.

Rachel franziu ligeiramente o cenho, sem deixar de olhar para ela com um ar de irritação. Dado o caráter vivo da dama e a excessiva sensibilidade que ela mostrava nos últimos meses da gestação, qualquer pedido de reconsideração podia desencadear a tempestade.

— Não penso obedecer às regras estritas de uma sociedade hipócrita e enganadora, Caroline. Não devo prestar contas a ninguém, exceto meu marido, e ele não se importa que eu o acompanhe a qualquer evento, qualquer que seja o meu estado. Além disso, acredito que está cada dia mais orgulhoso do arredondamento da Sra Davenport. — Umedeceu os lábios e entrecerrou os olhos, o que deu a seu rosto um olhar astuto. — Além disso, desde quando você se tornou tão moralista?

— Eu não sou moralista, tampouco uma puritana! — Exclamou depois de alguns segundos de silêncio.

Permanecia sentada perto da janela, aproveitando-se das últimas luzes do dia, e com uma mão segurava o bloco na posição vertical, enquanto com a outra segurava o reduzido grafite.

— É apenas o que sempre foi feito, o que é esperado de nós.

— Minha querida Caroline, o que sempre se fez não é necessariamente a coisa certa — Cruzou os braços sobre o peito e a olhou de modo penetrante, com o queixo levemente levantado. — Eu sempre te considerei uma jovem madura, que estava além de toda hipocrisia e dos irritantes pensamentos puritanos, que cercam a maioria das garotas de sua idade. Você sempre mostrou um caráter sensato, sereno, comedido, afastado por completo dessa mentalidade frívola ou antiquada pela qual se guiam as integrantes do nosso sexo. É por isso que não consigo compreender a que vêm agora tantos escrúpulos.

— Não são escrúpulos, é apenas que… — suspiro prolongado. — Odiaria ver como a sociedade que escolheu te maltrata por causa de uma atitude errada.

Rachel olhou para ela com ternura, com a cabeça inclinada e um doce sorriso.

— Não se preocupe, eles não vão ser muito severos comigo. — Ela sorriu de maneira maliciosa desta vez. — Não enquanto o nome Davenport esteja depois do meu nome. Tão sincera e consistente é esta maravilhosa sociedade nossa.

Caroline sorriu. Sem dúvida, sua irmã mais uma vez estava certa em suas suposições.

Estava comprovado que o valor de uma pessoa, bem como o seu grau de moralidade e nobreza, vinham geralmente precedidos pelo cifrão que adornava seus bens e propriedades. Quanto maior o número de posses mais fácil ignorar os deslizes da pessoa. Assim, embora a sociedade formada pela burguesia e aristocracia olhasse para a Sra Davenport com cautela e a criticasse em voz baixa por sua impropriedade e contínua imprudência, à sua frente arquibancada sorria-lhe e se desfaziam em reverências e adulações, pois os cofres da família Davencourt ressoavam em demasia, um ruído difícil de ignorar.

Mostrando uma diminuta porção de língua em gesto de concentração, Caroline dotou de extremidades superiores a silhueta que esperava pacientemente que sua criadora lhe concedera uma batida de vida. Tinha as gemas e o interior dos dedos manchados com carvão, o que lhe dava a aparência de uma artista meticulosa absorta no trabalho.

Estendeu a mão aberta diante dos olhos e a observou com curiosidade divertida. Ela tinha mãos pequenas, delicadas, brancas, com dedos pequenos e finos, o que lhes dava uma aparência refinada e elegante. "Delicadas mãos de pianista", costumava dizer-lhe sua irmã, orgulhosa dos talentos artísticos da jovem Barton, desde que ela era criança.

Sorrindo levemente, elevou o queixinho arredondado enquanto advertia como sua irmã, diante da lareira, retomava a leitura e momentaneamente se evadia de toda existência mortal. Com um suspiro lânguido, ela deixou o papel no colo e a vista perdeu-se na distancia, cruzou os braços sobre a pasta, inclinou-se ligeiramente sobre

ele e se distraiu na esplêndida vista que desde sua posição lhe proporcionavam os cuidados jardins de Daven Court.

— O que podemos dizer do Sr. Diggory?

A pergunta a pegou de surpresa. A expressão de perplexidade e espanto que apareceu em seu rosto deve ter sido mais do que evidente, pois Rachel reagiu mostrando uma expressão divertida e travessa.

— O Sr. Diggory. — A simples menção desse nome fez com que uma careta lhe aparecesse no rosto.

— Sim, Sr. Diggory. Mostrou-se muito pesistente com você, eu diria que você chamou fortemente sua atenção.

Caroline franziu o cenho. Não podia decidir o que lhe desgostava mais: imaginar àquele cavalheiro abrigando a algum tipo de esperança ou o fato de que sua própria irmã achasse possível que ela sentisse qualquer tipo de interesse nele.

— Persistente não é a palavra que eu usaría. — Disse Caroline, baixando os olhos com o rosto em chamas, o que fez acentuar a pequena ruga entre as sobrancelhas. — Eu prefiro dizer que foi excessivamente insolente e sua obstinação mostra uma cegueira irritante.

— Sim. — Suspiro prolongado. — Há tempos eu não via o bom doutor tão motivado por alguém do sexo oposto. Leva demasiado tempo visitando doentes e grávidas insuportáveis. — Piscou maliciosamente. — Fizeram com que pudesse apreciar de modo mais vividamente a beleza e a cobiçar uma pêra doce.

Caroline, em resposta, fez um muxoxo e se deixou cair para trás, derrotada, no assento. Descansou a cabeça no encosto do banco e inclinou-a para contemplar sua irmã desta nova posição.

— Você se preocupou com sua insistência, certo? — Ela sorriu. — O pobre homem descobriu uma jovem apetitosa, de belas feições e figura esbelta, e é normal

que os seus princípios, incluindo seu moderno e gélido estetoscópio, se tenham virado do avesso diante de sua simples presença.

— Rachel, não diga isso! Ele é um homem muito velho para você usá-lo como alvo de suas piadas perversas.

— Não é um adolescente, é verdade, tem cerca de quarenta anos, mas isso não significa que seu coração esteja enrugado. Além disso, eu diria que desde esta manhã bombeia mais intensamente.

— Chega! — Exclamou, enquando levantava abruptamente, dando as costas para sua irmã.

Carrancuda e com os lábios apertados tentou concentrar-se na bela vista exterior, onde um jardineiro dava forma aos arbustos que limitavam a trilha principal.

Sem saber por quê, deixava-a exasperada que Rachel fingisse corresponder seu nome com o do médico, mesmo que fosse apenas uma piada de mau gosto. Não gostava em nada daquele indivíduo. Além de sua aparência ridícula, seus modos estavam longe de ser os de um cavalheiro; até mesmo o rude Jonas Hudson (eternamente enamorado de Caroline) se comportava de uma forma mais tímida e controlada na presença dela e, muitas vezes, seu rosto sardento ficava da mesma cor que os cabelos de fogo.

Aquele personagem, pele contrário, havia proclamado sua intenção de acompanhá-la durante toda a noite sem se preocupar em saber se sua companhia era bem recebida por ela e lhe impôs sua presença, dando a entender que ela devia estar eternamente grata por isso. Não podia agradar-lhe de qualquer modo a ideia de que um laço invisível os unia e os obrigava a coexistir durante várias horas intermináveis!

Rachel se aproximou dela, passou o braço pelo de Caroline e apoiou carinhosamente a cabeça em seu ombro.

— Não se preocupe, eu não sou mamãe. Não há necessidade de se manter em guarda comigo.

Caroline piscou várias vezes enquanto puxava os lábios para dentro da boca.

— Estava apenas brincando, desculpe-me. Nunca permitiria que alguém lhe impusesse nada. Eu não sou tão tola para ignorar o fato de que uma mulher tão bonita e sensível como você aspire a algo melhor ou, pelo menos, mais interessante aos olhos.

Caroline permaneceu com o olhar fixo na paisagem exterior. Ela não estava chateada com sua irmã. Conhecia bem o caráter extrovertido de Rachel e a nobreza de seu coração, que era incapaz de ferir aqueles a quem amava.

No entanto, a ideia de ter de suportar a companhia de alguém cuja presença a incomodava era algo com que não tinha contado. Tinha desejado essa viagem como uma maneira de escapar, como uma forma de ser libertada da opressão e eternos anseios casamenteiros da Sra Barton e agora no horizonte turvo apareceu um fio preto (gordo, suado e com risível tons escarlates) que ameaçava encher de nuvens o seu céu.

— Você sabe como detesto essas uniões desiguais. Vi tantas vezes jovens debutantes prometidas em seu primeiro ano a cavalheiros da idade de nosso pai e é algo que acho abominável. A este ritmo, em breve Inglaterra estará saturada de viúvas jovens e ricas que ainda poderiam estar vestindo suas bonecas de porcelana.

Caroline inclinou a cabeça para olhar para sua irmã, que permanecia apoiada em seu ombro entre a suave cascata de cachos. Sorriu levemente diante dessas ocorrências, que não eram de todo estranhas. Deu-lhe um suave beijo na testa.

— Eu sempre cuidarei de você.

Capítulo 5

A mansão dos Castleford dormia no topo de um morro alto, alheia ao passar dos séculos e mostrando com evidente orgulho a majestade e o domínio dos régios muros de pedra de cor avermelhada ao seu redor. Tinha três torres cujas pontas escuras pareciam ferir o céu do entardecer, uma quantidade apreciável de janelas em arco salpicando as magníficas fachadas, um elegante edifício anexo formava os estábulos e vastíssima extensão de terra estava repleta de carvalhos antigos e belos canteiros de flores.

Uma fila interminável de sombrios ciprestes escoltava a esplêndida construção e dava-lhe a nobre aparência exigida por sua ascendência.

A carruagem dos Davenport deteve-se diante da grande escada, onde havia vários coches estacionados e um grupo pequeno e turbulento subia com rapidez os largos degraus da entrada principal. No hall, vários criados elegantemente uniformizados tomavam os casacos dos convidados e os conduziam através do amplo e iluminado corredor até o enorme arco que anunciava o salão de baile. No umbral, os anfitriões acolhiam aos visitantes.

Caroline, um passo atrás dos senhores Davenport, embevecida observava a esplêndida reunião. Abominava a qualquer tipo de sociedade que envolvesse um ambiente carregado, e a frivolidade e o envaidecimento presentes em tais eventos a deixava enfastiada.

Observou em detalhe e de forma dissimulada a seus anfitriões. Os senhores Castleford eram aparentemente um casal pacífico ainda longe da velhice. O Sr. Castleford, um homem de estatura média, vestida um requintado casaco com duplas nervuras de seda em tons marinhos e elegantes calças de linho que lhe caíam abaixo

dos joelhos. Um enorme bigode grisalho se juntava às costeletas, dando-lhe um aspecto bonachão. Ele sorria o tempo todo, desfazendo-se em reverências e acariciando o peito inchado de orgulho coberto por um belo colete de brocado.

A Sra Castleford usava um esplêndido vestido púrpura de cambraia bordado com lantejoulas e passamanaria de metal. Um diadema decorado com penas de pavão real coroava-lhe o coque e ela agitava o ar com um elegante leque. Tinha um enorme nariz aquilino preso a um rosto por demais afilado e enxuto. No entanto, nem um mínimo ricto de severidade assomava em sua expressão e no rosto da senhora brilhavam a bondade e a afabilidade.

— Senhores Davenport, que imenso prazer recebê-los em nosso humilde lar! — Exclamou efusivamente ao passo que saudava ao pequeno grupo com uma elegante reverência.

— Eu não teria perdido isso por nada, milady. A senhora sabe o quanto eu amo música e dança, embora, no meu estado, não seja recomendado que eu me mexa em demasia.

A anfitriã desviou o olhar para o abdômen inchado da jovem, bem visível sob as pregas de seu elegante vestido de seda.

— Oh, é claro que a senhora não deve ficar brincando entre as meninas! — Exclamou ela, para em seguida acrescentar em voz baixa: — Sente-se ao lado da lareira, querida, esta noite há um excelente fogo e muitas senhoras que querem conversar sobre futilidades. – E, desviando o olhar em direção à jovem Barton, ela perguntou: — Quem é esta jovem radiante que os acompanha? Creio que não tenho o prazer de conhecê-la.

Rachel se afastou para permitir-lhes ver à corada Caroline.

— Ela é minha irmã, a srta Caroline Barton. Acaba de chegar do condado de Lambshire em visita e ficará conosco até o feliz acontecimento.

Caroline repetiu a reverência, irradiando em cada gesto uma timidez que deslumbrou à dama.

— Oh, que menina encantadora! — Disse ela e, estendendo o braço, apontou à jovem que tinha a seu lado, sorrindo. — Apresento-lhe a nossa amada filha, Annabel, a joia com a qual o Senhor nos abençoou. Acaba de regressar de uma feliz estadia em Bath e seria maravilhoso se ambas chegassem a tornar-se boas amigas. Annabel não tem muitas amizades em Hardshire, os jovens e suas peculiaridades, já sabe. — Disse em tom de confidência.

Caroline olhou para a menina e devolveu o gesto cortês que ela tinha acabado de fazer. Era uma jovem de aspecto encantador, rosto de menina e doce presença, com a face salpicada de graciosas sardas e os cabelos, de uma linda cor de mel, afastados do rosto em um elaborado coque que alternava forquilhas engastadas de pedrarias. O vestido de musselina branca com deliciosa queda, que terminava em uma ampla saia com dois babados na parte posterior caía-lhe às maravilhas. Duas finas luvas de seda que iam além do cotovelo cobriam seus braços sardentos e o pequeno decote estava adornado com um elegante colar de pérolas.

Caroline deu-lhe um sorriso sincero.

Com a promessa de que mais tarde, pois tinham acabado de chegar, as duas meninas teriam tempo de conversar e incentivar a evidente simpatia que tinha surgido entre elas, os habitantes de Daven Court avançaram em direção ao faustoso e concorrido salão. Caroline devorava com olhos ávidos a opulência imperante, deslumbrada pela profusão de candelabros e a interminável sucessão de chiffons, sedas de mil cores e brilhantes fitilhos dourados que se agitavam à sua volta, emitindo um audível frufru diante dos contínuos e nervosos movimentos das damas.

Deslumbrada, parou de repente no meio da sala, bloqueando a entrada do buliçoso grupo, que, inquieto, se movia de um lado para o outro, o que fez com que recebesse insolentes pisões e desagradáveis empurrões. Exalou com força, tentando

animar-se, enquanto Rachel, talvez com propósito similar, sujeitava-a pelo cotovelo, orientando-a a se mover em direção a um local um pouco mais vazio do salão.

Thomas Davenport, depois de agarrar um dos copos de vinho do porto que um criado passava pela sala em bandeja de prata, afastou-se das damas para unir-se a uma nutrido grupo de cavalheiros que conversavam e sorriam de forma convencida sobre os novos postos no Parlamento. A maioria procurava impor sua opinião sobre a Regência do Príncipe de Gales e fazia prognósticos sobre a precária saúde do rei Jorge.

Rachel, dando pequenos goles em seu copo de ponche, passeava a vista pela sala, estudando abertamente aos presentes, enquanto Caroline permanecia com a vista perdida nas elegantes senhoritas que, longe do controle dos pais, sorriam em pequenos grupos e conversavam acerca de banalidades. Com a cara emburrada, baixou os olhos e se observou com evidente censura.

Tinha uma aparência extremamente simples em comparação com a das jovens ali reunidas. Escolhera o melhor vestido que tinha e, embora o tivesse usado em raras ocasiões, parecia um pouco mais gasto do que o recomendado. Era de cor vermelha com listas marrons. Um observador não muito cuidadoso jamais teria percebido a pequena marca escura na saia causada pelo calor excessivo do ferro quente com o qual Kitty a tinha repassado.

Apesar da aparência humilde que lhe dava, era o vestido favorito da moça: uma discreta roupa de algodão com mangas bufantes sobre os ombros, franzidos abundantes sobre o busto e uma queda ampla e vaporosa da saia. Sua irmã tinha emprestado a ela suas longas luvas de seda amarela que deixavam exposta apenas uma pequena porção do braço.

— Respire, Caroline, poderia ter sido pior.

Rachel olhou-a com comiseração, sabendo que aquele ambiente não era o que mais lhe agradava.

Em resposta, e como se fosse uma incômoda brincadeira o destino, uma tosse irritante, procedente de algum lugar ao lado da jovem Barton captou de imediato a atenção de ambas. O gesto de espanto que cruzou o rosto de Caroline não deixava espaço para dúvidas: o Dr. Diggory, encarnado e com os olhos diminuídos pelo sorriso grotesco que ampliou seu rosto, destroçou uma reverência ao inclinar-se de forma exagerada diante delas, roçando de forma notória a cabeça na saia de Caroline, que se apressou a alisá-la, enquanto mirava de modo dissimulado ao redor, perturbada, para comprovar se alguém mais havia percebido esse gesto grotesco. Os risinhos amortecidos procedentes de algum grupinho próximo deixaram-na perceber que assim tinha sido.

— Minhas queridas senhoras, é um prazer tê-las encontrado entre esta agitada multidão. — Começou a dizer o médico, para adicionar imediatamente, dirigindo-se à Sra Davenport. — Espero que não exagere com o ponche, milady, não queremos ter de lamentar nenhuma complicação.

Rachel assentiu com a cabeça e lhe dedicou um sorriso enfastiado que, por alguma razão, o cavalheiro pareceu não perceber.

— Minha querida Miss Barton, espero que a noite esteja de seu agrado, mas me atrevo a adivinhar que entre a senhora e eu há grandes semelhanças de caráter, pelo que concluo que este tipo de evento não lhe é demasiado interessante. Não sofra, minha querida, estou disposto a acompanhá-la durante toda a noite para tentar distraí-la. É provável que muito em breve alguma senhora se sente ao piano e nos dê a oportunidade de dançar.

Caroline limitou-se a dar-lhe um sorriso forçado e Rachel interveio em sua ajuda.

— Não é necessário que o senhor se sacrifique de modo tão abnegado. Caroline fez uma recente amizade esta noite, por isso o senhor fica livre do fardo de entreter uma dama iniciante.

— Amizade recente? — Perguntou perturbado. — Poderia ser talvez algum pretendente? Tão logo? — Franziu a testa.

— Assim é. Ah, mas que feliz coincidência! Aí vem. — Disse Rachel, enquanto acenava com o braço, indicando às senhoras que se aproximavam entre a multidão.

O médico fixou os olhos em Caroline, que imediatamente desviou o olhar para as recém-chegadas, oferecendo-lhes seu sorriso mais gentil. Tinham aparecido no momento oportuno, pois a jovem já sentia as mãos úmidas sob a suavidade da seda das luvas. O olhar intenso do doutor a constrangia e a deixava desconfortável ao extremo.

— Oh, minhas queridas! Annabel e eu estávamos há um bom tempo procurando-as.

— Sra Castleford, certamente conhece o Dr. Diggory.

A anfitriã o olhou de cima a baixo da forma rápida, obrigada pela pequena estatura do homem.

— É um prazer, milady, uma festa excepcional. Eu não tinha visto tanta elegância desde o ...

— Minha querida Sra Davenport! — Interrompeu-o a dama, fazendo-o calar de forma súbita. — Como vê, nossa festa não tem a alegria que deve caracterizar tais eventos. Atrevo-me a pedir-lhe que nos deleite interpretando alguma canção. Há muitas jovens que querem mostrar-se na pista de dança.

— Oh, Sra Castleford, devo confessar que apenas sei tocar e que canto terrivelmente mal! — Disse diante do gesto de desgosto da anfitriã. — Estou convencida de que se eu fosse um pardal, e os cavalheiros portassem armas, não duvidariam nem um momento em atirar em mim, para silenciar a tortura que suporia escutar meus trinados desafinados.

— A senhora é muito severa consigo mesma, Sra Davenport.

— Em absoluto, eu lhe garanto. — Ela inclinou a cabeça, buscando a Caroline com o olhar. — No entanto, minha irmã é uma intérprete excepcional. Desde criança frequenta as aulas de uma tutora notável, a Sra Rushwood, de Derbyshire. Tem uma voz mais deliciosa do que a das sereias que encantaram a Ulisses.

A Sra. Castleford implorou então a Caroline que interpretasse algo.

— Nesse caso, jovem, nosso pianoforte está à sua inteira disposição. Rogo-lhe que nos deleite com alguma canção.

Caroline olhou chocada para Rachel, que levantou as sobrancelhas furtivamente em direção ao incômodo médico. "Vai, boba, vai. É sua chance de se livrar dele, pelo menos para o momento", pareciam dizer os olhos da Sra Davenport.

Caroline gaguejou sem chegar a articular uma palavra e, captando no ato a intenção de sua irmã, apressou-se a obedecer. Com uma breve reverência, afastou-se do grupo em direção ao mezanino onde se encontrava o belo instrumento, seguida muito de perto por Annabel. O médico quis imitá-las e ir atrás delas, mas Rachel, hábil como um passarinho, conseguiu detê-lo, perguntando-lhe sobre uma nova doença de que tinha acabado de ter conhecimento pelo jornal.

Caroline recolheu a saia e se acomodou no banquinho com as costas eretas e o olhar fixo num ponto invisível. Com a ponta de suas mãos enluvadas acariciou as teclas de marfim, sem arrancar nenhum som da alma de mogno do pianoforte. Exalou ruidosamente, umedecendo os lábios nervosamente. Era a primeira vez que tocava para tal multidão. Seu rosto ardia, enquanto seu peito subia e descia com força. Estava prestes a levantar-se para sair dali quando viu que na primeira fila o rídículo doutorzinho a observava sorridente e se esfregava as mãos com força.

Conteve uma careta de desgosto e deslizou os finos dedos de seda sobre as teclas, fazendo brotar das entranhas daquele corpo a mais deliciosa melodia. Todos os rostos na sala viraram-se para ela assentindo e ouvindo extasiados o som requintado que emitia aquela garota desconhecida. Quando os versos do conhecido

Você não ouviu minha senhora? alternaram-se com os acordes do piano, uma surda ovação encheu a sala.

Em um canto da sala um jovem cavalheiro observava a pianista com zelo meticuloso. Não era muito alto, embora atlético, de belo porte e expressão autoconfiante. Tinha um abundante cabelo escuro que lhe dava um estudado ar de despreocupado àquele rosto de proeminente mandíbula quadrada e belo perfil. Outro traço destacado eram os enormes olhos escuros, algo separados e não sem um halo de malignidade que, emoldurados por duas sobrancelhas castanhas grossas e abundantes, permaneciam agora cravados na delicada silhueta de Caroline Barton.

Vestia com a elegância e o bom gosto dos novos ricos e algo implícito em cada um dos maneirismos que fazia davam-lhe uma aura de insolência e arrogância que o diferenciava do porte distinto e majestoso dos aristocratas de rançosa linhagem e exaltadas raízes. Talvez o brilho daqueles olhos escuros ou talvez a perversão desse sorriso torto era o que obrigava a que se mantivesse a guarda diante dele.

O jovem tinha um largo copo de conhaque em uma mão, de que dava boa conta, e o outro braço dobrado atrás das costas. Ele estava de pé ao lado de outro cavalheiro menos chamativo que lhe sussurrava alguma disparatada ocorrência, provocando gargalhadas, que os dois amigos não se preocupavam em disfarçar, e que por sua vez geravam dezenas de olhares de desaprovação por parte dos presentes.

Capítulo 6

— Quem é o pássaro cantor? — Perguntou o cavalheiro enquanto dava outro longo trago de seu copo, sem deixar de olhar desde longe para a menina por cima do vidro grosso.

A curiosidade que emanava de seus olhos contrastava com o ar irônico que lhe dava aquele sorriso torto que enfeitava a todo momento os lábios do jovem.

— Entendi que é a irmã mais nova da Sra Davenport. — Repondeu-lhe seu companheiro desapaixonadamente, enquanto estudava Caroline com o mesmo entusiasmo com que examinaria os dentes de um cavalo. — Pelo visto, veio passar uma temporada na grande mansão.

— Uhmm ... — Foi tudo o que soltou Cooper Knoxville.

Ergueu as sobrancelhas, mexendo o copo com os dedos, de forma cadenciada.

A jovem interpretava uma música melosa.

Cooper a observava com crescente interesse, e se deteve mais tempo no delicado contorno do corpo que o leve vestido permitia adivinhar. Tinha braços belos e bem torneados, que deslizava com grande habilidade na superfície de marfim, uma silhueta ereta e pronta, mantendo-se absorvida na interpretação, uma rara graça na maneira de inclinar a cabeça e lábios carnudos e rosados dos quais fluíam cativantes notas.

— Por que pergunta? Por acaso está interessado?

A voz do amigo arrancou-o de seu estado de êxtase. Para ocultar a perturbação na qual tinha caído graças ao cuidadoso estudo que estava fazendo da jovem, tomou outro longo gole.

— Não acho que uma pequena dama assim possa chegar a me tentar. Olhe para a cara de reprimida que ela tem, Bosworth. — Disse, antes de soltar uma escandalosa gargalhada, que provocou olhares de desaprovação de vários dos presentes. — E, acima de tudo, para sua desgraça, é loira e de olhos claros, o que, em conjunto com essa pele tão pálida, dá a ela uma aparência doentia. Sem dúvida, canta e toca bem, mas resulta muito pouco desejável.

— Você é cruel, Knoxville. A senhorita merece a oportunidade de ser adorada.

Cooper voltou a enredar o olhar nos louros cachos de Caroline, umedecendo os lábios distraidamente, enquanto continuava absorvido em sua minuciosa observação. Traçou com os olhos a fina linha do queixo da jovem, o esbelto perfil de um pescoço estilizado e donairoso e a elegância dos cachos que sutilmente acariciavam o rosto corado da jovem, para terminar nos lábios sem adorno e deleitosos que tremiam de forma harmoniosa ao som da melodia.

— Qualquer uma das mulheres aqui seria, com certeza, uma sobremesa muito mais apetitosa —, murmurou sem afastar os olhos. — Eu sempre preferi as morenas. Eles são mais ardentes e complacentes na cama.

— Oh, vamos! Todas essas jovens damas o são enquanto se consegue afrouxar-lhes o espartilho. De qualquer forma, não acho que esse passarinho pode chegar a te interessar, pois, além de sua relação com o todo-poderoso Thomas Davenport, não conta com um dote atraente. Entendi que a família não tem um xelim.

Cooper franziu a testa enquanto persistia em seu minucioso e privado exame. O pequeno concerto tinha chegado ao fim e agora toda a sala aplaudia. Ela estava com a cabeça inclinada e as faces visivelmente coradas, algo que era delicioso sob a moldura dourada de seus cabelos e lhe dava o aspecto refrescante de um pequeno botão escarlate ao abrir-se sob a ardência do sol da tarde.

Com passo diligente, Caroline desceu do mezanino para tentar misturar-se na multidão admirada que, em seguida, girava em torno dela. Ainda assim, Cooper

conseguiu encontrar muito facilmente a profusão dourada que coroava a cabeça da dama, em meio das plumas e penteados que engrossavam de forma irritante a maré multicolorida da sala.

— Se não têm dinheiro, como é que o grande senhor de Daven Court acabou se casando com sua irmã? — Acrescentou, sem deixar de acompanhar discretamente o avanço da jovem e nem de se sentir desconfortável quando a perdia de vista, escondida por algum penteado de grotescas dimensões.

— Às vezes, esses grandes personagens podem permitir-se a extravagância de se enamorar, caro amigo.

No rosto de Knoxville desenhou-se um sorriso torto. A alguma distância, a jovem concertista foi abordada por um ridículo homenzinho de aparência grotesca e gestos irrisórios.

Desviou o olhar para seu amigo e, erguendo o copo, fez um brinde privado pelos tolos românticos e para que a estupidez deles não fosse contagiosa.

* * *

Caroline tinha a testa franzida e a cabeça inclinada. Estoicamente suportava a irritante abordagem a que a submetia o inquietante doutor. Seguida pela jovem Annabel, tentou alcançar sua irmã em frente à lareira, procurando confundir-se no meio da multidão para evitar encontrar-se com o médico, mas suas tentativas foram em vão.

O cavalheiro não tinha deixado de olhar para ela de forma possessiva e lasciva, sorrindo e fazendo-lhe ridículos sinais a cada vez que Caroline levantava a cabeça do teclado. Era impossível ignorar essa presença irritante e esquecer que aquele homem insuportável estava lá.

Embora no íntimo não pudesse deixar de sorrir diante do descaramento mal dissimulado daquele indivíduo, exteriormente não podia mais do que lamentar ser forçada a sofrer considerações tão contínuas e indesejáveis por parte dele. Em má hora tinha depositado nela sua predileção, pensava agoniada.

Com um suspiro profundo, ergueu os olhos azuis para dar com o rosto encarnado e bufonesco de Alfred Diggory, que mantinha um sorriso desenhado no rosto como se fosse um espasmo irritante. Caroline, assentindo com condescendência, tentou prestar atenção ao monólogo do cavalheiro que, ao parecer, já durava vários minutos.

— Que tal, senhorita Barton? Ouvi dizer que vão interpretar uma quadrilha, você me daria a honra da primeira dança?

— Sr. Diggory, você é muito gentil, mas temo que esta noite meus pés não me permitirão dançar livremente.

O médico deslizou seu olhar para onde pés dela estavam escondidos.

— Você tem algum problema com esses pezinhos minúsculos, belos pedestais de tão bela dama?

Caroline abriu a boca, tentando encontrar maneiras de cortar o avanço do cavalheiro. Mas, como parar o ímpeto de quem se guia sem tino e moderação no vasto campo da existência?

— Por acaso lhe incomodam seus sapatos de dança? — Insistiu ele. — Nesse caso, permita-me acompanhá-la para as cadeiras e obter-lhe um copo de ponche. Não há necessidade de dançar para que a noite seja encantadora. Uma conversa interessante em companhia agradável pode ser igualmente satisfatória.

Caroline dirigiu um olhar suplicante para a jovem Annabel, que permanecia igualmente contrariada com a insistência do médico.

— Senhor, eu imploro que nos desculpe, mas nós estávamos indo para o terraço. A Senhorita Barton informou-me da paixão que nela despertam os buliçosos e divertidos periquitos e, como meu pai trouxe várias dezenas da África para minha alegria, eu estava prestes a mostrar o enorme aviário no jardim, onde muitos destes pássaros voam e convivem.

O doutor levou mão à boca discretamente para esconder uma careta de nojo. A expressão decomposta que apareceu em seu rosto não mudou em demasia a aparência contrafeita que mostrava de modo geral, pois obsequiava o mundo com constantes pirotecnias e complicadas caretas de seu semblante pouco atraente.

— Periquitos? Esses pequenos papagaios causadores de problemas? — Perguntou ele com os lábios franzidos. — Vão ter de me desculpar então, senhoritas, que as abandone. Infelizmente, sofro de uma intolerância irritante a qualquer animal que tenha penas ou pelos muito longos. Estarei aqui, perto da porta, para continuar nossa conversa quando decidam regressar.

— Vamos tê-lo em conta, doutor! — Cortou Caroline, fazendo uma rápida reverência enquanto Annabel a segurava pelo braço e a conduzia através da sala em direção às portas de vidro que davam para o exterior.

Uma vez superada a distância que a separava do irritante galanteador, e segura na solidão e no silêncio do terraço, Caroline encostou-se à fria parede de pedra calcária e respirou liberada. Ao lado dela, Annabel sorria abertamente.

— Obrigada por uma intervenção tão oportuna. Como sabia da repulsa que essas aves produzem no Sr. Diggory?

— Por favor, senhorita Barton, acredite em mim quando digo que, apesar do que possa parecer à primeira vista, a sociedade de Hardshire é mais do que limitada. Aqui se sabe tudo de todos. Minha família o conhece há anos, tanto a ele quanto a suas fobias e extravagâncias. Ainda guardo na memória lembranças da infância de

quando me via obrigada a trancar à pequena Maudey no baú de brinquedos sempre que o doutor vinha visitar minha avó doente.

A Senhorita Barton dirigiu à jovem um olhar interrogativo.

— *Maudey* era a minha gatinha. Eu odiava que as visitas diárias do médico me obrigavam a trancá-la e a ter de suportar seus miados como se fossem dolorosas navalhadas no meu coração. Não me importava chorar amargamente nem agir como uma pequena mal educada. Desde então penso que sinto uma crescente aversão ao homem.

A senhorita Castleford escondeu as mãos atrás das costas imitando a sua amiga e se deixour cair relaxada contra a fria pedra cor de mel. Fazia um bom tempo que a noite havia caído sobre aquela área, escondendo a paisagem sob um denso manto escuro.

— Dado o seu conhecimento, senhorita Castleford, acho que será conveniente visitar várias vezes por semana sua movimentada casa de pássaros. — Sentenciou Caroline de imediato, com a vista perdida em algum ponto distante.

Annabel levantou a cabeça e olhou para ela com um sorriso divertido.

— Claro, você é bem-vinda quando quiser escapar de assédio indevido.

O riso das duas jovens rasgaram a densa cobertura da noite, pairando sobre o terraço como alegres mariposas em torno da prolongada chama de uma vela.

* * *

— Knoxville! — Uma forte imprecação desfez a aparente calma que imperava na sala iluminada e sua sonoridade fez com que dezenas de cabeças se voltassem para ver de quem era aquela voz.

Cooper permaneceu na mesma posição relaxada em que tinha ficado durante toda a noite. Com os braços esticados atrás das costas, olhou com curiosidade para seu interlocutor, franzindo a testa.

A multidão, com pressa cautelosa, colocou-se de um lado, fazendo com que se abrisse um amplo corredor entre os dois. O eterno companheiro de vilanias de Knoxville segurou-o dissimuladamente pelo braço, quando viu quem estava chamando seu amigo.

— Sr. Gisbourne, é um prazer encontrá-lo aqui! — Disse Cooper, que ainda estava mostrando um provocativo sorriso torto enquanto fazia uma breve reverência para o cavalheiro que permanecia diante dele com olhar sério. O recém-chegado permanecia hierático, com o queixo um pouco para cima e uma expressão de repulsa no rosto. Era escoltado por dois cavalheiros de aspecto fleumático e porte arrogante.

— Lamento não poder dizer o mesmo, Knoxville. — Respondeu, olhando-o de cima a baixo com desprezo. — Como tem o descaramento de aparecer aqui?

Cooper olhou em volta, sem alterar uma vírgula seu gesto relaxado. Ficou claro que grande parte da sala continuava interessada na troca verbal entre os dois cavalheiros. Mais uma vez dirigindo um olhar descontraído ao homem que tinha a sua frente, replicou:

— Fui convidado, do mesmo modo que o senhor.

Gisbourne deu uma risada sarcástica.

— Vejo que, inexplicavelmente, esta sociedade continua a respeitar um sobrenome arcaico e em desuso, tão inútil quanto o selo heráldico que decora seu pórtico.

O sorriso de lado ampliou-se no rosto de Knoxville, ao mesmo tempo em que aumentava a pressão dos dedos de seu amigo em seu antebraço.

— Veio me avisar da precariedade de meus brasões, senhor?

Apertando com força os maxilares, o litigante inclinou-se diante do arrogante e imprudente Knoxville, que se elevava com descaramento inusual sustentando a feroz mirada de seu interlocutor.

— O senhor sabe a que vim. — Murmurou Gisbourne entre dentes, enquanto os cavalheiros que o acompanhavam seguravam-no pelos cotovelos, tentando contê-lo.

Cooper Knoxville deu de ombros e ergueu o queixo sem deixar de sorrir.

— Se o velho sr. Knoxville levantasse a cabeça, iria revolver-se em seu túmulo, enojado com a terrível gestão que seu único filho tem feito com suas herdades. O senhor desonrou um sobrenome frutífero e honrado.

— Se meu pai se levantasse, como o senhor diz, tendo em conta os anos que o bom homem leva sob a terra, ofereceria uma visão humanamente… Grotesca. Não lhe parece, senhor?

— Você é um blasfemador! Não mostra o menor respeito pelos mortos, mesmo no caso de seu próprio sangue! Tenho vergonha de que esta sociedade me obriga a partilhar um espaço com o senhor e que o considere um cavalheiro, quando o senhor está muito distante de poder ser chamado assim.

Cooper umedeceu levemente os lábios, e levantou uma sobrancelha com escárnio evidente.

— Se não lhe é oferecido nada mais interessante do que esta absurda conversa, eu gostaria de poder continuar a desfrutar da noite com o meu grupo.

Gisbourne franziu os lábios, exalando raiva. A veia pulsando na têmpora evidenciava o esforço que fazia para se conter a que lhe obrigava o decoro. Sem mais delongas, jogou aos pés de Knoxville a elegante luva de pelica que havia torcido durante a conversa.

— Meus padrinhos entrarão em contato com o senhor. Tudo o que está pendente entre nós deve ser resolvido por outros meios.

Dito isto, ele se virou e desapareceu sob o enorme arco barroco que decorava aa entrada do salão de baile.

Capítulo 7

O sol caía sobre a sala no início da tarde, deslizando de forma cadenciada sua fúlgida língua luminosa até beijar e acariciar com seu resplendor cada local escondido, cada espaço escondido do lugar.

O intenso feixe de luz lateral invadia com descaro a salinha de recreação, filtrando-se com avidez através da ampla vidraça e salpicando os ângulos e rincões escuros com fulgentes raios coloridos que criavam silhuetas flutuantes sem forma e adornavam o papel de parede e os sóbrios tapetes persas como se fosses bordados de mil florzinhas multicoloridas.

Caroline estava de costas à sala, sentada diante do magnífico pianoforte dos Davenport com o olhar perdido em algum ponto escondido entre as alongadas teclas e a cabeça visivelmente inclinada. Não parecia decidir-se a interpretar qualquer música e se limitava a deslizar os dedos suavemente sobre o amplo sorriso de marfim, como se pretendesse acariciar com os dedos cada acorde escondido, cada oculto e tímido arpejo.

Ocasionalmente, elevava as mãos e as segurava em suspenso a uma curta distância das teclas, como se estivesse à espera de que um anjo lhe desse inspiração. Mas, depois desses breves momentos de hesitação, voltava a deixar cair as mãos adormecidas sobre a superfície mate do piano, desconsiderando a postura ereta e deixando que os ombros caíssem, o que dava um aspecto derrotado.

No lado oposto da sala, Rachel permanecia em sua poltrona habitual, apoiando os pés sobre um elegante banquinho estilo francês, com um grosso romance nas mãos. Aos seus pés, a nova geração de cavalheiros Davenport permanecia esparramada no chão, brincando em murmúrio com soldadinhos de

chumbo e cavalos de madeira lindamente esculpidos que empurravam ao longo do tapete e em torno das botinas de sua distraída mãe.

Ocasionalmente, a Sra Davenport exigia silêncio com um silvo distraído, a que as crianças obedeciam imediatamente para, em poucos segundos, esquecer por completo a ordem e entregar-se de novo ao seu jogo militar.

Caroline, distraída, elevava os olhos para o grande espelho que decorava a parede da frente e sorria satisfeito com o belo quadro familiar que oferecia aquele amado trio. Ele adorava contemplá-los sem que eles percebessem de tão amorosa avaliação e entesourava em um canto remoto da memória aqueles momentos de felicidade doméstica até fazê-los seus e poder recorrer a eles quando se encontrasse longe dali, perdida a milhas de distância no remoto Lamshire.

A porta dupla da sala foi entreaberta com deliberada cautela. Caroline, com a cabeça firme, observava vigilante através do espelho a ampla sala e, ao mesmo tempo, o espaço ocupado por aqueles passos.

A silhueta atarracada de Thomas Davenport moveu-se sob o limiar com a mesma cerimônia e dignidade com que se teria movido pelos seus domínios um deus do Olimpo. Aproximando-se de sua família com seu habitual porte aristocrático e seu fascinante caminhar masculino refletido a cada passo, inclinou-se para sua esposa, depositando-lhe na testa, com indefinível ternura, um beijo ao mesmo tempo revolvendo com muito carinho os cabelos lisos e escuros de seus filhos.

Então se aproximou da mesa oval que estava a uma curta distância do pianoforte e se serviu de um generoso copo de conhaque. Rachel deixou o livro sobre o colo, com um dedo enlouvado para marcar a folha. Levantando o queixo para o marido, começou a conversa:

— O que aconteceu ontem no baile dos Castleford, querido? Mal pude vislumbrar algo, mas o alvoroço que se formou na sala não deixou dúvidas de que algo importante estava ocorrendo no meio da multidão.

Thomas tomou um longo gole, fixando os olhos na esposa e balançando a cabeça em sinal de desaprovação.

— Nada, querida, as novas gerações estão cada vez mais impróprias e intoleráveis.

Caroline inclinou a cabeça para prestar atenção à conversa e acompanhou o diálogo através do espelho. Ignorava a que se referiam. Com certeza o episódio de que falavam tinha ocorrido enquanto ela e a srta Castleford permaneciam no terraço, evitando a irritante presença do Sr. Diggory. Uma involuntária careta de desgosto atravessou seu rosto com a simples lembrança do médico.

— O jovem Knoxville voltou a fazer das suas, deixando-se notar onde quer que vá. Você não sabe como eu detesto a esse personagenzinho vaidoso e arrogante que pula de baile em baile e de evento em evento graças ao respeito que evoca entre as classes notáveis a simples menção de sua linhagem! Linhagem e distinção que, aliás, desapareceram com a morte do velho Knoxville. — Disse ao baixar os olhos para o líquido dourado que dançava no copo. — Não posso conceber como não trancaram ainda a esse sem vergonha nem como algum noivo injuriado não o atravessou com uma estocada de frio aço.

Caroline arqueou as sobrancelhas, espantada com a frieza com que o Sr. Davenport se referia a esse senhor.

— Thomas, não seja cruel! — Advertiu Rachel ao ver de soslaio os rubores mal dissimulados da irmã. — Que vilania fez esse cavalheiro para que você lhe deseje esse desenlace tão fatal?

Thomas sorriu sarcasticamente e olhou para Caroline.

— Espero e desejo, minha querida irmã, que os cavalheiros de semelhante natureza nunca cruzem seu caminho, pois sujariam e manchariam de modo desonroso uma presença inocente como a tua. — E, centrando-se outra vez na esposa, agregou: — É um inepto, um canalha que tem desfrutado desde a infância do

privilégio de pertencer a uma classe rica e não cultivou em seu interior nada além de perfídia, ganância e perversão. Ele estudou nas melhores escolas, teve a oportunidade de estar ombro a ombro com a elite da sociedade; no entanto, tem sido sempre um canalha cujas más artes levaram seu pai prematuramente para o túmulo.

— Oh! — Exclamou a mulher, espantada com o que acabava de ouvir.

— Ele dilapidou em poucos anos uma imensa fortuna, ele desperdiçou no jogo, na bebida e ... — Conteve-se ao olhar para Caroline. — Em outros prazeres que não são dignos de menção.

A mulher baixou os olhos, envergonhada. Lamentava não saber qual dos homens foi responsabilizado por essas faltas.

— No entanto, ouvi dizer que é um homem muito atraente e de bom porte. — Intercedeu Rachel.

Thomas fez um gesto para reprimir uma careta visível de desgosto.

— Esse patife? — Sorriu irónicamente. — Por favor! Sem dúvida que sua aparência pode enganar à primeira vista. O mesmo acontece com as plantas carnívoras, que foram dotadas de uma beleza cativante e exótica a fim de atrair mais facilmente vítimas inocentes. No entanto, basta conhecê-lo por um momento para perceber a frivolidade que envolve a cada um de seus gestos. Bonito, você diz? Eu diria que é um tipo de estatura média, com presença tão afetada e um ar de cavalheirozinho tão óbvio que nenhuma dama moderadamente sensata se atreveria a dar a ele seus afetos.

— Nós dois sabemos que é um fato que, infelizmente, aos membros de nosso sexo muitas vezes falta bom senso quando um cavalheiro se aproxima delas oferecendo amores desinteressados.

Thomas fixou os olhos escuros no rosto da esposa.

— Pobre da incauta que oferecer uma pequena parte de seu coração para esse canalha, pois ele o pisará e quebrará da maneira mais cruel e impiedosa que você possa imaginar. Amores desinteressados diz você? Duvido que essa palavra exista no vocabulário desse malandro. Só perseguiria a uma mulher atraído pelo dote que possui ou em busca de um momento de diversão egoísta, tal é a extensão de sua vaidade.

Caroline imediatamente baixou os olhos, com o rosto ardendo e o cenho franzido. Tentou concentrar-se na ampla superfície de marfim esticada à sua frente. Não conseguia entender que poderia existir algum ser tão mau, irresponsável e desprezível como o cavalheiro que acabava de ser descrito por Thomas Davenport, capaz de brincar com os sentimentos de jovens enamoradas com o único objetivo de obter um momento de diversão depravada.

* * *

A primeira luz da aurora criava manchas esbranquiçadas e cor de açafrão no topo da abóbada celeste e oferecia ao espectador a aparência de uma velha aquarela pintada sem cuidado.

Às margens do lago, um grupo de cavalheiros fornecia àquela estampa sombria a única indicação de movimento, enquanto um espesso véu cinza nublava o escurecido quadro natural.

Cooper Knoxville tragou saliva ruidosamente, enquanto se movia nervosamente, trocando o peso de um pé para o outro. Atrás dele, seu fiel amigo Bosworth permanecia destemido no papel de padrinho, escondendo o rosto sob as largas lapelas de um casaco de pano. Na frente deles, a apenas dez pés, o altivo e apático Gisbourne recebia alguns últimos conselhos de seu segundo e observava a Cooper de soslaio, destilando raiva por todos os poros de sua pele leitosa.

Knoxville estudou-o cuidadosamente; William Gisbourne era um cavalheiro honrado de aspecto tranquilo que tinha uma ridícula juba dourada e estava rodeado de um insuportável halo afetado e um notável porte distinto. Além de tudo isso, era presunçoso a ponto de ter tido a audácia de explicitar suas exigências absurdas com um gesto insultuoso ao que era impossível ficar indiferente. Ele tinha jogado uma luva a seus pés no meio do lotado salão de baile dos Castleford, forçando-o a responder a um desafio que lhe parecia bastante ridículo, com o qual pretendia lavar a honra manchada. Knoxville inclinou e balançou a cabeça em sinal de negação enquanto acariciava a nuca com a mão livre.

"Cavalheirozinho absurdo. A esta altura do século, perdendo tempo com bobagens ultrapassadas como a honra! O dia está apenas nascendo e devemos estar aqui juntos como tolos, em meio a uma paisagem isolada e solitária, debaixo do frio matutino, quando seria muito mais agradável estar acordando na cama quente de alguma meretriz com um copo de brandy na mão!"

Suspirou de forma prolongada, exalando uma densa nuvem que se tornou parte do nevoeiro imperante.

O padrinho de Gisbourne foi o encarregado de escolher o campo de honra, e levou-os a um lugar remoto e desabitado, perdido atrás das colinas limítrofes de Hardshire. Por sua parte, Cooper tinha escolhido as armas e optou, excepcionalmente, pelas velhas e esquecidas espadas de duelo europeias. Ele sabia que seu adversário era um atirador excepcional: eram lendárias as belas pistolas de duelo esculpidas com que contava e, considerando-se o impulso desatinado que possuía, não lhe daria qualquer vantagem. Além disso, a fim de encurtar o encontro o mais possível, havia escolhido para satisfazer a honra de seu rival um duelo ao primeiro sangue. Não tinha nenhuma vontade de arriscar a vida em um campo remoto nas mãos de um cavalheiro vaidoso pelo qual não tinha o menor interesse.

Avançou vários passos pelo campo, sentindo o rangido do manto de geada que cobria o campo tão cedo na manhã.

— Knoxville, o senhor está preparado? — Gisbourne gritou de sua posição, despojando-se em seguida da jaqueta e do bonito colete de brocado.

Cooper, vestindo uma ampla camisa de peitoral rendado e mangas bufantes, que levava desabotoada, levantou a ponta do seu aço para posicioná-la diante do rosto, observou a seu adversário e, sorrindo de modo perverso, respondeu:

— Sempre, senhor!

Depois desse breve diálogo, e como impulsionados por uma mola invisível, ambos levantaram suas espadas e atacaram um ao outro com um vigor excessivo. Ambos eram jovens e atléticos, de modo que o confronto era justo, mas o jovem Knoxville, talvez devido a uma menor estatura ou à habilidade adquirida em inúmeros duelos, parecia lidar melhor com essas lides e se movia em torno de seu oponente como se estivesse bailando com ele uma dança sinistra.

Os aços chocavam-se entre si, rasgando o ar com seu som característico e as folhas finas brilhavam com idêntico fulgor. Por um breve segundo eles ficaram frente a frente, brandindo e empurrando as armas um contra o peito do outro. O esforço hercúleo que faziam refletia-se nas expressões nos rostos dos jovens.

— Como está a srta Gisbourne? — Balbuceou Knoxville de imediato, a fim de provocar. — Goza de boa saúde? Ainda tem aquele belo cabelo dourado? Há meses que não tenho o prazer de desfrutar de sua interessante conversa, mas você pode dizer a ela que ainda guardo em minha posse a mecha que ela houve por bem conceder-me uma vez.

Gisbourne, encorajado por tal provocação e pela contínua atitude ofensiva de Cooper, afastou-o com um forte empurrão, o que fez com que o outro tropeçasse e caísse de costas no chão. Embora reagisse rapidamente e se virasse sobre si mesmo para se levantar com suma agilidade, quando estava de cócoras uma lâmina fria contra seu pescoço o fez parar. Ele olhou para cima e encarou o rosto contorcido de seu oponente que, de sua elevada posição, observava-o com nojo.

— O que você espera? — Sussurrou Cooper arrastando as palavras e tentando controlar a respiração agitada — O que você espera?

Gisbourne separou os lábios, mostrando seus belos dentes em uma careta que denotava a intensa batalha dentro dele.

— O senhor não vale a pena! — Gritou enquanto afastava o fio da espada com um enérgico movimiento. — O senhor é um pobre diabo, um medíocre zé-ninguém que vagueia pela vida sem expectativas ou honra. Nunca chegará a nada neste mundo e sua presença não servirá mais do que para atrapalhar a existência pacífica de famílias honradas como a minha. Dá-me pena, senhor, que é um ser vazio e digno de pena que vai terminar seus dias bêbado em um beco esquecido de Londres, devorado pelos ratos e com várias facadas em seu ímpio coração.

Sem mais palavras, deu meia volta e se afastou dali, dando as costas para o cavaleiro derrotado.

Um grito de alerta de seu segundo fez com que se detivesse e conseguisse reagir a tempo de ver um Knoxville enfurecido carregando contra ele. Rapidamente colocou-se na defensiva e conteve o vil ataque, enquanto afundava a espada no braço de seu adversário.

Knoxville tropeçou ao sentir o aço frio morder-lhe a carne. Levou uma mão à manga rasgada e, vendo-a ensanguentada, dirigiu a Gisbourne um atônito olhar de espanto e incredulidade. Aquele estúpido o tinha ferido! Tinha se atrevido a rasgar sua carne com o fio envaidecido de sua honra! Caiu de joelhos, completamente decomposto.

— Bosworth, já pode vir buscar seu cão!

Capítulo 8

A tarde reunia em mil pregas violáceas seu amplo manto misterioso, envolvendo e acolhendo com sua diligente partida o bulício dos últimos dias de inverno. Uma brisa quente e suave penteava a essas horas a lisa melena do campo, acariciando e arrulhando em mil sussurros de vento as altas ervas onde a natureza estendia seu verde manto de esperança.

Avançando ao longo do antigo caminho real, duas jovens caminhavam com passo apressado. Uma delas avançava com tal decisão que parecia ter a parte superior do corpo dobrada para a frente. O movimento rítmico dos braços acompanhava cada longo passo. Os babados da pequena touca branca que lhe emoldurava o rosto esvoaçavam diante da vivacidade do movimento imposto. Um pouco mais atrás, a outra jovem, de cabelo dourado, caminhava como um autômato, seguindo suas pisadas, sem deixar de admirar a beleza que a natureza brindava àqueles que se aventuraram a passear a essas horas. A menina que liderava a expedição voltava-se bufando em descrença ao perceber o estado de abstração em que sua companheira afundava a cada passo. Ambas carregavam cestas de vime cobertas com grandes guardanapos de linho.

— Senhorita Barton, temos de nos apressar antes que a noite se feche sobre nós. Há ainda um longo caminho até o parque de Daven Court e estas estradas não são seguras uma vez que desaparece a luz do dia.

Caroline abriu os olhos, acordando com desgosto de seu embevecimento e observou divertida a sua companheira.

— Estamos a poucas milhas, Adele, chegaremos ao parque em um piscar de olhos. — Disse ela vendo a empregada franzir a testa e cruzar os braços sobre o peito.

— Além disso, do que você tem medo? Você não vai me dizer que acredita nessas velhas histórias de lobos com que nos aterrorizavam quando crianças?

— Não é isso, senhorita! — Respondeu-lhe ofendida com a ideia de que a considerasse tão medrosa e ingênua. Olhou para os lados da estrada e baixou a voz até transformá-la quase em um sussurro — É pelos ciganos.

Caroline disfarçou o riso a duras penas e cobriu a boca de imediato ao ver a irritada criada da Sra Davenport. Tentando controlar-se por respeito a sua gentil companheira, e temendo tê-la ofendido, retomou o passo até ficar ao lado dela:

— O que ocorre com os ciganos?

— Senhorita, não deve rir! — Protestou Adele. — Os ciganos são pessoas perigosas que assaltam carruagens, roubam os gansos e abusam de damas indefesas. Não é aconselhável se aventurar longe de casa e sem proteção.

— Eu não entendo que qualidades podem ter que os torna perigosos. — Os cantos rosados elevaram-se tremendo. — Além disso, o Sr. Davenport disse que os clãs nômades estão assentados além das montanhas vizinhas de Hardshire, por isso é improvável que nos topemos com eles nestas paragens. Não tema, Adele, não corremos nenhum risco, exceto ser picadas por alguma abelha atrasada em seu caminho para a colmeia.

— Por minha vida que eu não vou acompanhá-la ao próximo serviço da Igreja, a senhora é tão imprudente e temerária como sua irmã!

Caroline levantou uma sobrancelha, avaliando o doce sabor conferido por essas palavras ao seu espírito.

— Oh! Você realmente acha? Bem, muito obrigada!

A empregada franziu a testa e, retomando sua marcha rápida, murmurou em voz alta:

— Os senhores ficarão muito chateados comigo! Não devíamos ter demorado tanto na casa dos Crawford, sabíamos que pequena a cabana estava muito longe de Daven Court para ir lá a pé, debíamos ter ido no faetonte. Eu fui insensata e vou pagar caro por isso.

Caroline esforçava-se para caminhar ao lado dela, mas a miúda Adele tinha uma constituição vigorosa e infatigável e avançava com um brio e uns nervosismos impróprios para uma jovem de sua condição. Mal tirava os olhos do chão, enquanto murmurava um monólogo que a senhorita Barton mal podia ouvir.

Era verdade que tinham demorado demais na visita aos desfavorecidos, mas era difícil para a jovem Barton encontrar o momento certo para dizer adeus a esse mundo tão próximo e distante ao mesmo tempo. Rachel lhe havia pedido para fazer as visitas em seu nome, dado que o adiantado da gravidez a impedia de mover-se com toda a facilidade e liberdade que desejava. Caroline, diligente, tinha aceitado de bom grado a atribuição.

Quem poderia antecipar que olhar para aqueles corações desamparados causaria tanta dor ao seu espírito sensível? Como evitar tanta miséria e desamparo concentrados no reduzido espaço de uma isolada cabana miserável? Como fugir dos olhares suplicantes daqueles rostos de nariz sujo, mais famintos de compreensão do que de alimentos? Como não se derreter na ternura dessas bocas dilatadas que sorriam mostrando sem sentir vergonha os dentes que faltavam? Como, em suma, não sentir o coração romper de tanto dor, depois de ter estado naqueles cômodos escuros, mofados e sujos, ao regressar para fausto de um lar quente e bem abastecido?

— Há quanto tempo enviuvou a senhora Crawford?

Adele pareceu despertar de um sono profundo e olhou para ela como como se tivesse acabado de sair do nada.

— Um par de meses atrás, senhorita Barton. Apesar de sua aparência, é uma mulher jovem. No entanto, sua existência precária, além dos dez filhos com os quais o Senhor a abençoou, não a tem ajudado a permanecer bem. O sr. Crawford trabalhava no campo e levava para casa o pouco sustento com que sobreviviam. Desde que ele morreu de tifo, subsistem com a ajuda dos fiéis cristãos locais. A sra Davenport sempre foi muito generosa com aquela família.

Caroline caminhava com a testa franzida, sacudindo a cesta vazia. Recordava nitidamente da gratidão mostrada nos olhos vidrados da mulher diante da chegada das duas jovens e das lágrimas que brotaram quando Caroline dispôs sobre a mesa as diferentes carnes preparadas em Daven Court. Dez ávidos pares de olhinhos levantaram-se então até o tampo da mesa e contemplaram, absortos, ora o rosto da senhorita, ora aquelas iguarias acumuladas.

— Pobres pequenos! Ninguém merece viver assim. — Lamentou-se. — Se metade dos ricos entregasse uma mísera parte de sua riqueza, não haveria tanta pobreza.

— Tenho certeza disso, senhorita.

— Vou vir mais vezes para visitá-los! — Exclamou com determinação. — As crianças agradecerão ter alguma companhia e vi que a senhora Crawford também não goza de uma saúde excelente. Vou ajudá-los na medida das minhas possibilidades, que, infelizmente, não são muitas.

Adele a observou e um largo sorriso enfeitou seu rosto até que o incessante lembrete do que a vinha atormentando há algum tempo a entristeceu:

— Vamos nos apressar, pelo amor de Deus!

A senhorita Barton imediatamente obedeceu para não perturbá-la e imitou a resoluta corrida da impetuosa criada. Caroline se esquivava como podia dos contínuos buracos no chão, saltava de forma imprópria e se desviava das margens do caminho para não cair de bruços ou torcer um pé com os irritantes desníveis ou com

as pedras soltas causadas pelas rodas das carruagens. Estava tão concentrada que não percebeu que a uma curta distância apareceu um enorme corcel negro. A excitada correria das jovens fez com que ele empinasse. Levantou-se sobre as patas traseiras, agitou no ar os cascos ferrados e emitiu fortes relinchos com os grandes e arregalados olhos escuros.

Adele gritou de terror quando caiu sentada no chão. Caroline deteve-se diante do animal, estoicamente suportando a terrível visão daquele peito descomunal erguido diante dela e tentando ver o insensato condutor que tentava controlá-lo sem muito entusiasmo. Ela pensou ter visto um sorriso na face desse estranho que, de sua posição elevada, olhava com ar de fingida condescendência.

* * *

Depois de ajudar Adele a se recompor e levantar, Caroline Barton cerrou com firmeza os punhos e se dispôs a passar além do enorme cavalo negro que agora pisoteava intranquilo nas margens do caminho. O condutor desconhecido, que não tinha mostrado a menor intenção de ajudar às assustadas moças, nem tinha dado o menor sinal de arrependimento por sua imprudência, permaneceu ereto na sela, com um sorriso de suficiência no rosto.

Quando quase havia passado completamnte pelo animal, Caroline ouviu uma voz masculina falando de cima:

— Uma noite agradável para um passeio, mas o caminho escolhido foi um pouco impróprio, não acha, senhorita ...?

Caroline se deteve em seco, forçada pela cortesia a se mostrar cordial. Virando-se para o desconhecido e sem levantar os olhos do chão, respondeu:

— Barton, senhor ...? — Disse enquanto fazia uma ligeira vênia.

— Cooper Knoxville.

Um chicotada de gelo atravessou a espinha dorsal da jovem com a simples menção daquele nome de que tinha ouvido falar tanto. Um rubor intenso apoderou-se de sua face, enquanto a víscera insensata que outrora respondia ao nome "coração" galopava em seu peito de forma desatinada e ilógica. Inalou profundamente pelo nariz, aterrorizada com a convicção de que o estrondo de seu tórax podia ser ouvido a milhas de distância e, claro, de que não passaria despercebido pelo descarado que permanecia impávido na sela.

Alçou a vista até encontrar o olhar escuro e profundo daqueles olhos negros.

— Creio que assustaram meu cavalo. O pobre Satã é muito sensível aos obstáculos inesperados.

Caroline abriu e fechou a boca várias vezes, como um peixe fora d´água.

— Como diz? O senhor quase nos esmaga com seu inapropriado galope! Como se atreve a insinuar que nós assustamos a seu cavalo?

Cooper mexeu-se na sela, endireitando os ombros e inclinando a cabeça ligeiramente durante seu distraído exame.

— Nem Satã nem eu estamos acostumdos a topar com mocinhas alteradas que correm ao longo de um caminho movimentado, senhorita ...?

Caroline apertou os lábios. Um vexatório rubor subiu-lhe pelo peito, localizando-se nas maçãs do rosto e continuando a subir até a raiz dos cabelos.

— Barton, senhor. — Repetiu entre dentes.

— Ah, sim, certo! — Disse com um sorriso torto e provocativo no rosto. — Creio que eu a vi em algum lugar.

Caroline ficou imóvel, com os lábios franzidos e o queixo erguido em direção ao cavalheiro que, teatralmente, fingia tentar lembrar.

— Ah, eu me lembro! — Exclamou, batendo com a mão na testa. — Você conseguiu por fim despistar seu acompanhante, senhorita Barton? Oh, sim, vejo que o fez!

— Como diz?

— Se você se livrou do ridículo bajulador que esvoaçava a seu redor no baile dos Castleford.

Caroline estava convencida de que era impossível corar ainda mais, mas o ardor que sentiu no rosto chegou a doer.

— O sr. Diggory é um cavalheiro muito respeitado em Hardshire. — A gargalhada de Cooper interrompeu-a de forma brusca.

No entanto, Caroline tomou coragem e prosseguiu:

— Algo que, como tenho entendido, não se diz do senhor.

Cooper sorriu de novo, desta vez de modo lascivo.

— Mmm, a senhora está certa, eu não sou nada respeitável nem tão completamente aborrecido como aqueles que se jactam de sê-lo — E, inclinando-se em direção a ela em um sussurro, acrescentou. — Eu sou um verdadeiro patife, senhorita ...?

— Barton, senhor! — Exclamou e, sem se dar conta de suas ações, bateu raivosamente o pé no chão. — Você é absolutamente rude e se comporta de uma forma que está muito longe de ser a que se espera de um cavalheiro!

— É que não pretendo sê-lo. — Disse ele com uma piscadela. — Portanto, minha ingênua jovem, a senhorita deve retornar antes que sua impecável virtude corra um sério perigo.

Caroline colocou uma mão no peito, que subia e descia vertiginosamente. Segurando firmemente na mão da surpresa Adele, puseram-se a correr sem olhar para trás, incapaz de ignorar a risada zombeteira ecoando atrás delas.

Capítulo 9

Caroline se revolvia desconfortavelmente na cama, deitada de costas e com os olhos mirando os elevados enfeites de madeira no teto. Um lânguido suspiro desvaneceu-se nos lábios rosados, espalhando-se rapidamente na atmosfera calorosa do quarto.

Na mesa de cabeceira, a chama palpitante de uma vela, que esvoaçava, prestes a expirar, desenhava a sua volta sombras que exaltavam a imaginação naquelas horas quando imagens criam mundos irreverentes e carentes de sentido, naqueles momentos em que basta apenas um perfil sinuoso desenhado na parede para que o coração bata incontrolavelmente dentro do peito.

Ao redor da cama de dossel cerrava-se a escuridão de uma noite sem lua, um negrume que, acompanhado de seu companheiro eterno, o silêncio, propiciava que o sono se recusasse a invadir um espírito jovem tão excitado como o da jovem Caroline Barton.

Ela voltou a rolar entre os lençóis, suspirando com indolência e colocando-se de costas. Diante dela, a pálida e alongada chama da vela elevava-se ansiosa ao infinito, desprendendo um fino fio cinzento e impregnando o ambiente com o odor de cera derretida.

Ela escondeu a mão debaixo do travesseiro e permaneceu atolada no silêncio inabalável outorgado pela quietude da noite, entregando-se ao único som que reinava no quarto e que vinha do compasso rítmico de seu próprio agitado coração batendo.

"Ah, tolo, estúpido, cafajeste, vaidoso, insolente ...!". Dizia para si mesma.

Sentiu a testa queimando rosto e afastou o cabelo do rosto, espalhando as sedosas ondas no travesseiro ornado de rendas. Deixou descobertos a nuca umedecida e a garganta de mármore, na tentativa de aliviar o ardor causados pelas vívidas memórias vividas naquela tarde.

"Vocês assustaram meu cavalo...", ouviu-o dizer novamente e chutou furiosamente o colchão macio com os calcanhares descalços, apertando ferozmente os lençóis de linho entre os punhos enquanto sacudia violentamente a cabeça tentando – em vão – afastar aquela recordação.

“Portanto, minha ingênua jovem, a senhorita deve retornar antes que sua impecável virtude corra um sério perigo...”

Uma aguda pontada no abdômen a fez corar sob o claro-escuro do quarto. Era possível que ele fosse tão arrogante e prepotente quanto evidenciavam suas maneiras rudes? Como negar, depois da maneira como ele se comportou, as falhas de que o Sr. Davenport o culpava, acusando-o de ser um verdadeiro sem-vergonha? Tinha se dirigido a ela com absoluta familiaridade e desfaçatez, sem terem sido apresentados e mostrou ser bastante atrevido! Tinha olhado para ela de um modo que um cavalheiro nunca ousaria olhar para uma dama respeitável, sorrindo de forma lasciva e umedecendo os lábios!

"Oh, Caroline... "

Colocou a alva mão sobre o coração, tentando acalmar seu galope excitado. O eco que crescia com a força de um vulcão no interior do peito delicado provocava um rumor contínuo por causa da intensidade com a que se agitava, tornando impossível distinguir um batimento cardíaco do seguinte.

Era possível que aquele sem-vergonha, aquele valentão e sem modos fosse todo vaidade sob aquela bela aparência? Era possível que um indivíduo assim se movesse com toda liberdade pela sociedade sem que ninguém se atrevesse a pôr

freio ao seu descaramento? Como podia ser que tão grande arrogância e desfaçatez habitassem um único corpo?

Apoiando-se em um cotovelo, apagou de um sopro a única luz no quarto. Em seguida, caiu sobre a cama desarrumada, disposta a se render ao sono, convencida de que odiaria Cooper Knoxville por toda a eternidade.

* * *

As arrastadas horas de insônia tinham deixado marcas no pálido semblante de Caroline. Em seu rosto se destacava, não sem beleza, a profundidade de amplos sulcos azulados sob o topázio de suas pupilas.

Com a testa inclinada sobre o peito, tentava em vão concentrar-se no bordado de uma tela de chaminé que tinha começado poucos dias depois de chegar a DavenCourt. Mas sua cabeça relutava em obedecer a qualquer ritual que os deveres diários da vida de toda senhorita tentasse lhe impor.

Relaxava então o descuidado correr da agulha sobre o colo, suspirando de forma lânguida e distraída, perdendo os olhos em algum ponto distante da sala. As finas mãos repousavam levemente sobre a tela com a mesma doçura com que dois suaves flocos de neve repousariam no amplo campo de violetas que formava a saia vaporosa. Os delicados cachos descansavam sobre o contorno arredondado dos ombros, enredando-se entre as pregas bufantes do vestido.

A curta distância dela, Rachel, imersa no bordado de uma roupa para o enxoval do bebê, não perdia nenhum detalhe do comportamento distante de sua irmã mais nova e levantava graciosamente uma sobrancelha entre os suspiros da jovem.

— Adele me contou esta manhã de um encontro casual que tiveram ontem perto da propriedade. — Começou.

Caroline levantou a cabeça com velocidade reveladora e suas faces ruborizaram assim que ouviu as palavras de sua irmã. Levou a mão à testa.

— Sim, é verdade. Sinto ter demorado tanto depois do serviço. A culpa foi minha. Espero que você não tenha culpado Adele por causa da minha falta de jeito.

— Minha jovem criada levou um bom susto. — Respondeu, mais interessada em satisfazer sua intriga do que em ouvir desculpas. — Não sabia que transitar por estes caminhos podia ser tão perigoso e desconhecia a imprudência de certos jinetes.

Caroline engoliu saliva ruidosamente. Ignorava que Rachel estava se divertindo às custas de seu embaraço inocente.

— A verdade é que estávamos correndo um pouco sem freios, tentando chegar em casa antes que a noite caísse sobre nossas cabeças. — Ela alisou o bordado com cuidado. — Não seria justo culpar totalmente o cavaleiro quando nós mesmas também nos comportamos de forma imprudente.

— Bom, se minha criteriosa irmã isenta de culpa o temerário desconhecido, quem somos nós para julgar suas ações? — Ela sorriu sarcásticamente. — Embora talvez não tão desconhecido. Diga-me, irmãzinha, como é? — Perguntou ao se inclinar para a frente na poltrona. É realmente tão bonito quanto dizem? Tão sem-vergonha como o sr. Davenport o descreve? Diga-me! O que disse, para que você, ao chegar, se trancasse no quarto e não quisesse nem descer para jantar?

— Nada! — Caroline cortou a fala da outra, franzindo os lábios.

— As rosas das suas bochechas não apoiam suas palavras.

Caroline umedeceu os lábios e inclinou a cabeça sobre o peito. A musselina de seu decote pulsava de forma perceptível com o batimento cada vez mais rápido do coração.

— Está muito quente aqui, isso é tudo.

— Entendo. — Sorriu maliciosamente. — Adele disse que saíram de lá correndo. O Sr. Knoxville foi rude com você? Porque, se for assim, eu lhe asseguro que...

— Não! — Negou a jovem com fervor. "Deveria voltar antes de que sua impecável virtude corra perigo." — Não aconteceu nada de errado. Decididamente, você lê muitas novelas românticas.

— É possível, mas, logo depois do que disse Thomas e de ouvir os suspiros lânguidos de dezenas de solteiras no baile dos Castleford supus que tão falado cavalheiro seria um personagem digno de protagonizar qualquer apaixonante novela gótica. Você acha que a Sra Radcliffe iria considerá-lo para uma de suas histórias?

— Não sei. Será que isso importa?

Caroline recostou-se na poltrona com testa franzida.

Rachel sorriu. No momento se dava por satisfeita com os resultados que havia obtido nesse primeiro inquérito. Era verdade que lia muito e que isso, juntamente com muitas outras qualidades que possuía, lhe permitia formar uma ideia sobre os diferentes personagens e seus comportamentos. Embora Caroline tentasse se esconder atrás de seu ostracismo, por mais que se encerrasse numa concha inalterável, era uma alma transparente aos olhos sempre atentos de sua irmã mais velha.

Emerick apareceu no limiar, silencioso como sempre. Sua silhueta escura e impecável recortou-se contra o fundo brilhante da estadia.

Ambas viraram o rosto para o recém-chegado.

— A senhorita Castleford espera à srta Barton no vestíbulo.

Rachel olhou para Caroline que, apressadamente, deixou de lado o trabalho e se levantou imediatamente.

— Ah, é verdade! Tinha esquecido de que prometi mostrar-lhe a estufa. — Disse Caroline torcendo as mãos nervosamente. — Pedirei desculpas a ela por você, pois não costuma receber visitas a esta hora. Com licença.

Ela então atravessou a sala e saiu de lá como um tiro diante do olhar perplexo da irmã, que a acompanhou com interesse até que a silhueta de Caroline desapareceu sob o vazio da porta aberta. O magro mordomo inclinou-se para ela, fez uma reverência afetada e retirou-se, sem lhe dar as costas, fechando a porta atrás de si.

* * *

— Mas é possível que tudo isso seja verdade?

— Palavra por palavra. Não sou uma pessoa dada a exageros, então você deve acreditar em mim quando asseguro que tudo aconteceu como eu lhe conto.

Annabel Castleford caminhava perplexa ao lado de Caroline pela ampla alameda. A silhueta estilizada da jovem estava envolta em um grande xale de algodão em tons de creme, enquanto Caroline estava protegida apenas por um fino vestido de musselina de manga comprida de cor azul claro.

— Sua irmã está ciente do que aconteceu?

Caroline balançou a cabeça, sorrindo cética diante de tal possibilidade.

— Minha irmã só sabe a metade. Apesar de ser uma mulher respeitável, mãe dedicada e esposa exemplar, ela tem a imaginação de uma menina romântica, sonhadora e imaginativa. É difícil falar com ela sobre algumas questões. Em seguida, tece histórias disparatadas onde não há e faz suas expectativas românticas para qualquer casal incauto que se apresente diante dela.

— Não sabia que ela tinha esse lado.

— Tenho certeza de que, se amanhã mesmo o sr. Davenport lhe dissesse que está disposto a abandonar as responsabilidades de sua condição para se dedicar à pirataria ela reagiria encantada.

Annabel sorriu condescendente.

— Não recrimine esse espírito livre, querida amiga, pois muitas vezes é preciso que a mente e alma se escondam. Esta nossa sociedade é por demais aborrecida de tão rigorosa.

— Oh, não me entenda mal! Nunca poderia criticar minha irmã por qualquer outra coisa que não essa crença irracional de que a existência mortal é semelhante às histórias que brotam do papel. Além disso, é uma pessoa admirável, a quem espero algum dia equiparar-me em nobreza e bondade.

Um sorriso cruzou o rosto de Annabel enquanto ambas se distraíam contemplando a beleza natural ao seu redor.

As borboletas, com as asas revestidas de um sutil pó de ouro, esvoaçavam ao redor delas, como uma escolta. Os botões multicoloridos das orgulhosas tulipas recém-transplantadas riam alegremente ao sol, ao passo que os grandes maciços de perfumadas dafnes e espinhosas tuias ornavam o vasto jardim com galhardia, mostrando sua esbeltez e elegância.

No final do caminho, elas se afastaram da área de passeio para se sentarem à beira do caminho, sobre o verde da erva recém-cortada, e aproveitarem o agradável cheiro de umidade que imperava no ambiente. Ao redor delas, as saias espalhadas formavam grandes anéis multicoloridos.

Caroline entretinha-se arrancando distraidamente pequenos brotos de grama e jogando os fragmentos triturados no ar.

— Surpreendeu-me realmente o que você me contou. — Disse Annabel, retomando a conversa. — Entendi que o sr. Knoxville era um homem do qual uma senhorita respeitável e sensata devia se afastar, mas nunca acreditei em todos esses

avisos. Os cavalheiros muitas vezes gostam de se cercar de uma aura de perigo que os torna mais atraentes aos olhos das jovenzinhas impressionáveis.

— Posso assegurar que o halo em torno do sr. Knoxville está longe de ser uma lenda. — Sorriu cética, observando a amiga com as sobrancelhas ligeiramente levantadas.

Annabel inclinou-se e deu à conversa um intrigante tom de mistério:

— Diz-se ser tão inconstante e imoral como o próprio Lord Byron. O sr. Knoxville é um homem mau a quem é melhor não ter por perto. Rara é a época em que não se ouve que participou de algum caso de honra e mais rara a ocasião em que os grupos mais notáveis não estejam reclamando dele. Diz-se. — Acrescentou susurrando. — Que gosta do jogo e que vai a lugares a que um cavalheiro respeitável não deveria ir.

Caroline observava sombriamente, sem compreender.

— Lugares onde há mulheres de moral duvidosa e seminuas.

— Oh! — Exclamou gritou com o rosto incendiado. — Eu não entendo, então, como, se é tão odiado, continuam a convidá-lo para os grandes eventos.

A senhorita Castleford suspirou profundamente antes de acrescentar:

— O que posso responder mais do que lembrar-lhe a hipocrisia que rodeia a nossa sociedade? A família do sr. Knoxville foi muito importante em seu tempo. Entendi que pertence a uma das poucas linhagens comparáveis em nobreza e distinção aos Davenport. Suas origens remontam aos antigos Stuarts que se sentaram no trono, e, no entanto, hoje pouco resta dessa velha glória, exceto um brasão antigo e a silhueta onipresente e vazia das antigas fazendas esquecidas.

Caroline a escutava com o rosto lívido, incapaz de dar crédito a tal revelação. Aquele arruaceiro desavergonhado possuía a linhagem de um cavalheiro? Aquele imprudente poderia equiparar-se à antiga fidalguia do sr. Davenport? Impensável.

— Por que se refere a velhas glórias esquecidas?

Annabel, que se deleitava com a bela paisagem ao seu redor, estreitou os olhos e respirou profundamente pelo nariz antes de continuar.

— Porque o jovem Sr. Knoxville desperdiçou em poucos anos toda a fortuna da família.

— Mas está arruinado, então?

— Diz-se que não carece de fortuna, mas o dinheiro não vem precisamente de rendas. — Novamente falou em um sussurro. — Dizem que se dedica ao contrabando. Ainda vive na propriedade da família e não deve ser nada fácil manter a essa enorme mansão para alguém que não tem dinheiro em seus cofres. Entende?

— Como é essa propriedade?

— Ainda bonita, mas leva muito tempo negligenciada. Rosedale Abbey deve ter sido um lugar digno quando estava em seus melhores tempos. — Levantou-se de repente. — Não é muito longe do parque de DavenCourt. Creio do topo das colinas que a circundam é possível ver suas paredes envelhecidas.

Caroline gaguejou, sem articular qualquer som perceptível. Em suas faces duas frescas papoulas riam com vigor incrível.

— O quê? Você não pode estar falando sério!

— Claro que sim! Não vamos fazer nada indecente além de olhar desde longe. Vamos lá! Não me disse que gostaria de explorar? — Disse ao mesmo tempo em que estendia a mão para a jovem que a observava com desconfiança.

— É uma loucura, se alguém nos visse...

"Se ele nos visse," ela se corrigiu mentalmente.

— Não é. Além disso, não é muito longe daqui, apenas algumas milhas ao norte. Voltaremos antes que alguém sinta nossa falta. — Disse voltando a lhe estender a mão, ao passo que Caroline em dúvida observava ao redor.

— E se ele estivesse andando a cavalo na vizinhança e nos surpreendesse olhando?

O simples pensamento fez com que suas faces queimassem com vigor renovado. Ela não queria nem imaginar a cara de prazer daquele sem-vergonha ao encontrá-las espionando por trás das sebes e muito menos o descaramento com que reagiria diante dessa descoberta.

— O Sr. Knoxville? A esta hora? — Annabel esticou o lábio inferior, pensativamente — Duvido muito que esteja ocioso em sua propriedade. Cavalheiros gostam de aproveitar os dias de bom tempo para galopar ou caçar com amigos. Ele pode até estar na cidade: os jovens cavalheiros muitas vezes acham aborrecida a vida no campo e passam longas temporadas perdidos entre as diversões oferecidas pelas grandes cidades.

Esse último argumento pareceu convencer a Caroline. Um cavalheiro parecia ser aquele não passaria as horas mortas sentado na sala vendo o tempo passar através do grande espaço de suas janelas com nenhuma outra companhia do que seus velhos cães de caça, calçando chinelos e envolto em um roupão. Impensável!

Tomou a mão enluvada que a amiga lhe ofereceu e se levantou impulsionando-se com as pernas.

— Está bem, vamos dar uma olhada de longe e voltar. Eu não gostaria que minha curiosidade provocasse uma crítica da minha família. Estamos totalmente loucas!

Capítulo 10

A estadia permanecia perdida em uma ampla sucessão de claro-escuro que, de vez em quando, adornava os intensos feixes de luz laranja que o sol da tarde enviava pelas grandes janelas viradas para o sul. As grossas e pesadas cortinas de veludo caíam em ambos os lados do vidro, apoiando suas barras no chão. Essa aparência fazia perceber a imensa quantidade de poeira que cobria cada dobra de tecido. Mesmo os grandes vidros da janela permaneciam quase que completamente velados; havia apenas uma visão um pouco mais nítida através de um pequeno oval que algum curioso havia feito com o uso de algum pano, ou da manga da jaqueta, deixando os ângulos superiores e inferiores completamente opacos.

A sala, embora grande e espaçosa, não recebia qualquer cuidado e carecia quase por completo de mobília. Na parede oposta à grande janela, uma lareira consumia lentamente a escassa lenha com que alguém a havia alimentado havia um bom tempo, enquanto que no meio da sala, uma mesinha bem fornecida com garrafas e copos esculpidos era cercada por três robustos cadeirões revestidos de tapetes floridos, passamanerias douradas e um evidente estilo francês.

Sem muita dificuldade, era possível adivinhar o restante do mobiliário encoberto pelos lençóis, o que dava ao local estranhas formas fantasmagóricas e a melancolia daqueles lugares que uma vez haviam sido vestidos de glória e que a longa passagem do tempo transformou em uma simples recordação.

Em uma das poltronas, um jovem cavalheiro limpava o cano da arma com concentração meticulosa. Ele segurava a escopeta aberta e apoiada sobre os joelhos e se esmerava em desalojar os resíduos com um fio de arame, deslizando de modo repetido e com suma delicadeza em seu interior a fina lã.

Outro cavalheiro, junto ao fogo, fumava ocioso, apoiando-se com gesto enfadado na lareira de pedra, enquanto observava seu parceiro.

A cada tanto, o chiado relaxante das toras que lutavam sob o poder das chamas desfalecentes dava uma pequena sensação de lar a esse ambiente.

— Oh, vamos lá, por que não passar o resto da semana em Londres? Hardshire é terrivelmente aborrecido nesta época do ano. Não há nada a fazer aquí. —. O incansável fumador continuava em seus esforços para fazer anéis com a fumaça que fluía de sua boca.

— Eu gosto do campo. — disse sem tirar os olhos da arma e orgulhosamente acariciando a superfície da culatra ricamente esculpida com cenas de caça.

Bosworth bufou aborrecido e dirigiu-se, apático, para a grande área envidraçada e deixou cair todo o peso do corpo sobre o ombro esquerdo e sobre as amplas dobras das cortinas.

— Diga-me, que diabos estamos fazendo aqui? Exceto o baile na residência dos Castleford, evento que, aliás, foi apenas aceitável, este povoado não oferece nenhum divertimento. O que temos em vista? Longas jornadas de caça? Já me dão tédio até mesmo os faisões de sua propriedade! Você pretende por acaso enganar as longas horas do dia com a pesca? Os peixes do teu lago são tão antigos quanto este casarão!

— Pois vá você sozinho a Londres, se tanto te desagrada Rosedale Abbey. — Balbuciou Cooper, bastante irritado e sem olhar para cima.

Bosworth ficou lívido e levantou os ombros. Sabia que não era conveniente desgostar seu amigo, pois, apesar de seu caráter arrogante e fanfarrão, era ele quem pagava pela vida dissoluta que ambos levavam. Todo mundo sabia que Cooper Knoxville era um perdulário nato, um vivedor e um poço sem fundo, embora extremamente generoso com seus amigos e com o resto dos aproveitadores que o rodeavam durante todo o tempo para viver às custas dele. Nunca poupava na hora de exigir – e de pagar por elas – garrafas e mais garrafas do melhor whisky escocês,

numa ficava atrás na hora de ceder a qualquer amigo as gravatas mais elegantes ou as abotoaduras mais vistosas de seu quarto de vestir – peças que jamais eram devolvidas – e não tinha o menor inconveniente em fazer atrelar a carruagem para dirigir-se, em companhia de seus camaradas, a qualquer lugar do país em que se celebrasse algum evento digno de menção. Não, não era nada inteligente desagradá-lo com comentários inadequados. Não, pelo menos enquanto ele ainda tivesse algum dinheiro.

— Você sabe que eu só iria para a cidade com você. Nenhuma festa é interessante na sua ausência.

— Claro, a batida rítmica do meu saco de moedas é extremamente agradável.

Bosworth bufou de novo, e puxou com os dedos finos e alongados a cortina diante dele para observar o horizonte. Dada a impossibilidade de ver com nitidez, aproximou-se com longas passadas da vitrina em que eram guardadas as relíquias familiares, extraiu uns pequenos binóculos dourados e voltou para a ampla janela.

— Há duas moças na propriedade. — Disse depois de alguns minutos de escrutínio, sem deixar de observar.

— Realmente? — Cooper não demonstrou nenhuma emoção. — Bem, eu gosto que as jovens se aproximem por conta própria, sem necessidade de seduzi-las. Elas são da aldeia?

— A julgar por suas roupas, eu diria que são jovens damas.

— Mmm, minha especialidade! — Disse com seu habitual sorriso torto enquanto que com um movimento rápido e enérgico fechava a arma, satisfeito pelo ruído emitido por ela. — Veja se elas estão acompanhadas por algum cavalheiro com raiva. Não gostaria de ser novamente desafiado sem que meu criado de quarto houvesse preparado meu melhor casaco de veludo.

Bosworth riu com os comentários do amigo, sem deixar de varrer o horizonte através das pequenas lentes.

— Bem, creio que as conhecemos! — Sorriu abertamente, apertando os olhos para enfocar melhor. — O que temos aqui? Mas se é a pudica da outra noite!

Cooper levantou uma sobrancelha e olhou para ele sem compreender.

— Sim, homem, a loura pálida que se envaidecia ao piano dos Castleford. A empertigada irmã do seu vizinho, o Sr. Davenport.

Impulsionado por uma mola invisível, Knoxville correu para a janela, e tomou um lugar ao lado de seu amigo. Examinou a linha imaginária que delimitava a propriedade e não viu nada até Bosworth apontar para um ponto perdido na distância: duas pequenas manchas coloridas se destacaram no verdor infinito da colina que se elevava no limite sul de suas terras.

Arrebatou com violência os binóculos e se posicionou firmemente diante da janela, separando as pernas e pesquisando ansiosamente a paisagem dilatada que estava diante dele. Não conseguia apreciar plenamente as alvas feições delicadas da senhorita Barton, mas tinha certeza de que era ela. Não tinha nem ideia de quem era sua companheira de caminhada – e tampouco lhe importava em demasia – pois desde que seus olhos interessados tinham distinguido Caroline na distância através daquelas lentes poderosas já não foi capaz de desviar o olhar.

Era ela, a menina dos delicados cachos dourados que tinham cativado seus sentidos com uma sublime interpretação musical na residência dos Castleford; a mesma que tinha visto carrancuda, com as faces coradas e gesto de crítica na tarde anterior. Aquela moça que abrigava sob a moldura de ouro de seus cílios, a vastidão de um lago calmo.

— O que estão fazendo essas pequenas imprudentes tão longe de Daven Court e sem acompanhante? — Bosworth sorriu malicioso.

Surpreendeu a si mesmo sorrindo ao ver como a jovem avançava quase arrastada, persuadida por sua companheira que a sujeitava pela mão e a puxava

caminhando contra o vento e permitindo que a brisa lhe apertasse o vestido no contorno delicado do seu corpo.

Até poderia assegurar ter ouvido algum breve gemido escapar dos lábios dela com o esforço que fazia e acreditava sentir a sinceridade daquelas faces coradas devido ao exercício, o brilho ofuscante dos olhos suaves e se atreveria a jurar que tinha visto a fina musselina de seu vestido azul subir aflita sobre o peito dela, descendo em seguida com cuidado sobre o decote de alabastro.

Baixou os binóculos com expressão irritada, mortificado no íntimo com a multidão de emoções que guerreavam dentro de si. A ignorada voz da sua consciência, por um lado, pedia-lhe para continuar com a observação hipnótica e, por outro lado, censurava-o severamente por tal mostra imperdoável de fraqueza.

Uma nova e até então desconhecida fraqueza.

Ele entregou o binóculo para seu companheiro ansioso, deu meia volta e caminhou atordoado e com a cabeça baixa para a poltrona.

— E se a gente for dar um passeio a cavalo? Seria uma feliz coincidência! — Propôs Bosworth destilando perversão em cada palabra. — Seria muito divertido surpreender àquelas duas pombinhas! Pobres anjinhos indefesos diante dos diabinhos ociosos que pululam por estes territórios!

Cooper cerrou os punhos e sentiu que o germe da raiva queimava seu peito. Sem saber por quê, pressentiu que desfrutaria enormemente se desse um soco no lascivo rosto de Bosworth.

— Como se poderia passar bons momentos com uns pêssegos macios recém-caídos da árvore.

Um rio de lava candente irrompeu no centro do peito dele e lhe queimou a alma com sensações que nunca tinha sequer intuído e subiu abruptamente até jorrar aos borbotões através de seus lábios contraídos.

— Cale a boca, Bosworth! — E, tendo dito isso, saiu da sala batendo a porta com força.

* * *

Caroline deteve-se, aflita, curvou-se sobre si mesma e colocou as duas mãos sobre os joelhos. Arfou várias vezes, sem ar, com os olhos cravados no denso solo saturado de trevos e tentando em vão equilibrar a dança frenética de seu coração.

Diante dela, as mãos nos quadris e uma bela expressão no rosto, a intrépida senhorita Castleford a observava divertida e aproveitava o amplo sorriso também para refrigerar o ânimo após o improvisado exercício.

— Não posso mais, desisto, minhas sapatilhas não foram feitas para este tipo de correría. — Disse Caroline sem fôlego, olhando para a amiga.

Annabel alargou ainda mais o sorriso radiante:

— Não há necessidade de se esforçar mais. Olhe.

Os olhos de Caroline seguiram a direção apontada pelo braço da companheira e levantou-se lentamente com o que viu.

No fundo do vale sem mata destacava-se uma imponente mansão que parecia dormir calma e senhorial sobre o denso cobertor verde.

Ainda aturdida, deu alguns passos à frente de Annabel. O vento acelerou seu avanço e bateu suas roupas com intensidade. Absorta na contemplação daquela propriedade, imóvel e hipnotizada no topo da alta colina, como se tivesse sido enfeitiçada por aquele prédio escuro, ela se esqueceu até mesmo de respirar.

Sem dúvida, havia algo atrás daquelas paredes cinzentas que lhe chamavam poderosamente a atenção, algo desconhecido que a obrigava a permanecer estática e acelerava as engrenagens em seu peito.

— Rosedale Abbey! — Exclamou Annabel satisfeita.

Caroline suspirou profundamente e esse suspiro pareceu despertá-la do transe. Piscou várias vezes e novamente seus olhos procuraram a casa no meio da imensidão.

Essa propriedade não parecia com nada a Daven Court. Era muito menor e suas paredes eram mais modestas, na verdade, nem sequer era possível ver claramente as dimensões dos muros, pois o edifício permanecia quase totalmente escondido atrás de uma aglomeração espumante de salgueiros e carvalhos jovens. Apenas ocasionalmente, pela folhagem densa, assomavam os tabiques envelhecidos, sóbrios, austeros, carentes de cantoneiras e enfeites que evidenciavam haver algo naquele exato ponto da campina.

À esquerda da edificação elevava-se um majestoso cipreste, impassível como um eterno sentinela. Sua idade refletia-se não só em suas proporções desmesuradas, mas também no flagelo que a inclemência do tempo tinha exercido sobre ele, ressecando e aniquilando as ramas mais baixas e deixando grande parte de sua copa quase nua.

No ângulo oposto de tão curiosa aquarela um pinheiro centenário contemplava a imensidade verde com ar majestoso e se movimentava com rigidez diante do frenético movimento do vento.

Um pouco mais longe da casa erguia-se um pombal, cujas paredes circulares estavam revestidas com o verdor da escalada de incansáveis heras prateadas.

Na frente da mansão, ao lado de densas moitas de caniço no lago, ouvia-se um barulhento bando de patos selvagens, enfeitados com colares verdeazulados, chapinhavam sobre as águas calmas impregnando o ambiente com sua peculiar canção alvoroçada.

Das quatro chaminés da mansão apenas uma emanava pequenas nuvens de fumaça, coisa que, de imediato, pôs em alerta os sentidos de Caroline e devolveu-a bruscamente à realidade.

— Devemos ir, isso foi um erro, um erro terrível.

— Por quê? Você não gostou de Rosedale Abbey?

Caroline engoliu a saliva com ansiedade e sentiu uma ligeira agitação no abdômen.

— Oh não!, é adorável!, mas...

— Sim, eu sei, falta-lhe um bom toque feminino que arrume um pouco os jardins, sem dúvida. Estou convencida de que com um pouco de alegria atrás daqueles muros, aquelas paredes seriam menos sóbrias e frias.

Caroline deslizava o olhar de um lado para o outro: primeiro, à figura calma de sua amiga e depois para a mansão senhorial que repousava no fundo do vale. Tinha a íntima certeza de que a qualquer momento um negro corcel transporia as paredes da propriedade para colocar-se de repente ao lado delas. Poderia enfrentar os profundos olhos negros que aquele cavalheiro nela fixaria sem qualquer restrição? Suportaria estoicamente e sem fraquejar aquele sardônico sorriso torto? Não podia dar-se ao luxo de correr esse risco.

— Tomara que o Sr. Knoxville dê um baile alguma vez. Estou morrendo de vontade de ver o que se esconde por trás daquelas paredes.

— O mesmo que em todas as casas senhoriais, querida Annabel. — bufou. — É hora de voltar.

— Eu não tenho tanta certeza. Não é uma casa normal. Não parece que a rodeia uma misteriosa aura perturbadora e sinistra? — Annabel sorriu, mordendo o lábio inferior. — Talvez tenha instrumentos de tortura medieval no porão e talvez até mesmo esconda outras perversões inconfessáveis nos sótãos.

— De qualquer forma. — Interrompeu Caroline, agarrando-a com vivacidade pela manga. — Não é algo que vamos descobrir hoje.

Assim dizendo, começou a recuar, arrastando à relutante Senhorita Castleford.

— Querida, você é uma desmancha-prazeres. Quantos anos tem? Vinte e cinco, trinta, talvez?

Enquanto voltavam apressadas para os domínios do senhor de Daven Court, a imaginação de Caroline embaralhava indecorosas suposições, tratando de determinar os possíveis segredos escondidos pelas paredes da enigmática Rosedale Abbey.

O que nenhuma das duas jovens podia suspeitar é que de uma das torres uns inquietantes olhos de azeviche observavam cada um de seus movimentos com grande atenção.

Capítulo 11

A primavera fez sua entrada em Hardshire com uma série irritante de dias nublados e chuvosos e tendas que se espreguiçavam com letargia desde as primeiras e tênues luzes do alvorecer até às últimas horas do crepúsculo.

A chuva tornou-se uma constante que começava timidamente seu derramamento matutino, como se temesse incomodar os moradores locais com seu aparecimento indesejado. Por isso, dando mostras de um mínimo sinal de consideração, iniciava sua caída sem parar, permitindo que os anjos espremessem com delicadeza as densas nuvens violáceas e extraíssem de seu interior gotas grossas que se quebravam silenciosos e isolados sobre o vasto campo. Depois de vários minutos, continuava o ritual, com uma chuvinha densa e contínua que cobria a paisagem sob seu denso véu cinzento e forçava os moradores a um confinamento forçado e perpétuo.

Os habitantes da Casa Grande passavam essas longas horas com toda a resignação e paciência que podiam, tema completamente louvável no caso dos pequenos Davenport.

A casa, devido à atmosfera acinzentada, permanecia mergulhada na escuridão constante; suas amplas proporções davam-lhe um aspecto intimidativo e misterioso e forçavam seus ocupantes a vagar nas sombras auxiliados por pequenos castiçais, tateando as paredes e evitando os obstáculos cotidianos como se fossem penhascos.

Caroline Barton passava o tempo sentada no parapeito de alguma janela do segundo andar, com a cabeça cheia de pensamentos apoiada contra a vidraça sobre a qual escorriam grossos riachos. Tentava em vão se distrair contemplando a beleza

adormecida do exterior, mas a densa cortina molhada que velava o ambiente impedia lembrar a luminosidade e vivacidade do parque em dias anteriores.

Dentro da mansão, os gritos das crianças, entregues inteiramente ao seu entretenimento pueril, ressoavam e enlouqueciam as criadas e enraiveciam ao severo e magro Emerick, que tentava em vão manter-se firme diante das contínuas más ações daqueles pequenos. Os senhoritos divertiam-se puxando o arrumado uniforme do mordomo, que tentava manter a compostura, ignorando talvez que a expressão sofrida e chateada que transparecia em seu rosto não fazia mais do que incentivá-los em seu propósito de irritá-lo.

Em um desses chuvosos amanheceres de primavera Rachel não foi capaz de sair da cama. Foi alertada por uma forte sucessão de pontadas cortantes no abdômen e um derramamento inesperado de líquido.

Chamaram a doutor Diggory sem demora e ele se fez presente na propriedade antes de que o solene relógio da sala fizesse vibrar seu rouco timbre sete vezes consecutivas. Ele se apressou a descer da carruagem, encarnado, como era seu costume, com seus fios de cabelo descuidadamente espalhados na careca brilhante e luzindo gotas de suor na testa. As sobrancelhas grossas, cujos pelos desobedeciam a qualquer restrição, enquadrava os olhos iluminados pela vaidade decorrente de sentir-se imprescindível.

Enquanto subia rapidamente os degraus da régia escadaria externa, a ampla e escura capa que o envolvia agitava-se à sua volta, dando-lhe a aparência de um pequeno morcego que se deslocava dando saltinhos, incapaz de voar por causa de sua evidente gordura. A cabeça afundada entre os ombros pela falta de pescoço era a cereja que coroava aquele bolo pouco apetitoso, que levava a valise de couro com a mesma petulância com que iria mostrar a qualquer incauto mortal que possuía a cura de qualquer enfermidade.

Além disso, a expressão que adornava seu rosto dava um elemento mais repulsivo, se possível, a sua imagem, pois destilava vaidade em cada um dos seus gestos no seu avanço para o interior da mansão.

Caroline, observando do esconderijo oferecido por uma das altas janelas do andar superior, mostrava-se divertida e carrancuda ao mesmo tempo diante do comportamento do médico. Como era possível que aquele ridículo homenzinho caminhasse pelo mundo como se chegasse tarde a todos os lugares? Não percebia que esse modo de agir, em alguém com uma aparência tão risível, só despertava antipatia?

Caroline sacudiu a dourada cascata de cachos tentando afastar esses pensamentos. Desagradava-lhe lembrar que desde sua chegada tinha-se convertido no centro indiscutível da atenção do risível médico. Não sabia o que a atormentava mais: se pensar no cortejo de semelhante galã ou imaginar-se vivendo com aquele personagem ridículo.

Com esses pensamentos irritantes pululando em sua mente, retirou-se para o interior da casa justo no momento em que o médico era conduzido por Adele no quarto principal.

Deteve-se incerta diante da robusta porta de carvalho quando se fechava com força para ela e ficou por um eterno segundo com a cabeça inclinada sobre o peito e as mãos entrelaçadas diante do regaço, sem saber o que fazer. Thomas Davenport virou uma esquina do salão e emergiu das sombras.

— Creio que chegou a hora. — Disse Thomas arrastando as palavras.

Sua voz soava distante, como se o som, em vez de proceder das cordas vocais, viesse do coração.

— Tudo irá bem. O Sr. Diggory é um profissional muito competente. Ele ajudou os dois pequenos a virem ao mundo, certo?

— Certo.

Thomas apoiou a enorme palma aberta na parede vizinha com o batente da porta do quarto, apoiando nela seu peso corporal. Concentrou-se em algum ponto invisível do piso de mármore e se mostrou mais distante que de costume. Caroline percebeu o leve desalinho da formidável cabeleira azeviche formidável do cunhado.

— Toda vez é como se fosse a primeira. Os nervos são sempre os mesmos e acredito que continuarão a estar presentes, mesmo que tivéssemos meia dúzia de criaturas.

— Tudo vai ficar bem. — foi tudo que lhe ocorreu dizer.

Era estranho ter de consolar àquele grande homem cuja simples presença sempre lhe impunha respeito.

Uma das folhas duplas da porta abriu-se de repente para abrir caminho para a cabeça vermelha e suada do médico. Caroline não pode deixar de estremecer com inesperado do aparecimento.

— A Sra Davenport pede que a senhorita Barton esteja ao seu lado. — Disse, e então, olhando para o cavalheiro, acrescentou — A hora chegou.

Thomas assentiu e deu um olhar ausente a sua jovem cunhada, que imediatamente obedeceu ao gesto silencioso do cavalheiro. Ela cruzou o limiar antes do doutor Diggory, que permaneceu imóvel forçando que seu corpo roçasse com o da moça. Uma vez dentro, o médico fechou a porta atrás de si e avançou para a cama com avidez.

O quarto estava pouco iluminado. As cortinas permaneciam abertas e a escassa luz imperante procedia de numerosos candelabros com que se buscava iluminar sem danificar os nervos da jovem parturiente.

Um forte odor de cera queimada e de suor se misturavam no ar com os vapores das diferentes tinas de água fervendo que as criadas não tinham deixado de trazer.

Reclinada em um mar de almofadas, Rachel viu sua irmã tentando desenhar um sorriso naquele rosto sulcado de olheiras. Ele exalava um halo perceptível de misticismo e estendeu a mão pálida para ela, reclamando sua proximidade. Tinha pequenos tufos de cabelo escuro e destrançado colados no rosto por causa do suor que lhe escorria da testa, pescoço e faces.

Caroline não ficou alheia àquele momento decisivo na vida da irmã. Cada tormento silencioso rasgava sua alma, cada grito contido lhe espetava o coração com ferocidade. Sem que ninguém lhe indicasse, colocou-se ao lado da cama, agachada junto à cabeça ardente de Rachel, e se dedicou a aliviar suas ondas de calor com panos embebidos em água fria.

Passou o dia e alguém anunciou que a noite já desdobrava seu denso manto opaco sobre a mansão. O parto, no entanto, ainda não havia ocorrido. Os rostos dos presentes denotavam fadiga e as criadas não pararam de ir e vir com tinas renovadas de água fervente e novos pacotes de toalhas limpas.

A jovem senhora Davenport estava no limite de suas forças. Tinha os olhos estrecerrados e a fina camisola de algodão molhada e colada ao corpo.

Quando parecia que o sono a invadia, um novo ataque furioso fazia com que se contorcesse como se lhe arrancassem a alma aos pedaços. No entanto, nem um único gemido saiu de seus lábios, nem um lamento e nem uma única lágrima traía a dor de que padecia.

Pouco depois de que no piso inferior soaram as dez badaladas, Rachel empurrou novamente com todas as suas forças sem deixar de se agarrar à mão firme de sua irmã. Depois de um momento que pareceu eterno, o rosto dela ficou escarlate e ela se deixou cair para trás nos travesseiros, exausta, enquanto Caroline acariciava seu cabelo empapado.

Um novo brilho de vida inundou o quarto quando resoou o pranto vibrante do recém-chegado. O doutor cobriu o bebê com uma amorosa manta antes de oferecê-lo

à mãe exausta, que entreabriu os olhos para embriagar-se com a beleza daquele rosto corado e sulcado de mil adoráveis ruguinhas.

— É uma menina, senhora Davenport. — Anunciou o médico, ainda sorrindo e fazendo caretas.

O sorriso de Rachel se ampliou e olhou para a menina com o rosto iluminado. Cingiu contra si aquele corpinho diminuto e quente sem deixar de olhar para ele um só momento.

— Eu sabia, eu sabia desde o primeiro momento que comecei a te sentir dentro de mim, minha linda e pequena Jazmin.

— Então, é verdade que vai chamá-la Jazmin? — Perguntou Caroline acariciando com a ponta dos dedos a penugem aveludada que recobria a cabeça da sua sobrinha.

— Claro. É tão bonita quanto essas flores e cheira tão bem quanto elas. — Rachel inalou o aroma desprendido por aquele pequeno corpo cheio de vida que se sacudia dentro da prisão improvisada da manta que o envolvia.

Caroline endireitou as costas ligeiramente, inebriada pela beleza daquele lindo cartão postal. Nunca tinha visto sua irmã tão linda, mesmo quando estava enfeitada com jóias da família que seu marido lhe tinha dado, nem ataviada com seus melhores vestidos; nem sequer no dia de seu casamento, entre pompa e luxo, tinha brilhado como naquele momento de simplicidade íntimo, com o cabelo escorrido e suado, e o rosto repleto de manchas vermelhas, com os lábios inchados e trementes, e o corpo fatigado coberto com uma camisola de algodão tons de creme. Aquela era a própria imagem da felicidade, que passou a engrossar quando, pouco depois – logo que limparam cuidadosamente a senhora, Thomas Davenport entrou no quarto.

Caroline não conseguiu conter as lágrimas ao observar a alegria nos rostos de ambos. As cabeças unidas dos felizes pais, que não deixavam de se beijar abertamente nas faces e de beijar a cabeça delicada de seu rebento, assim como os

sorrisos nervosos em seus rostos eram a prova tangível da verdadeira felicidade conjugal tantas vezes ansiada em casamentos e raramente encontrada.

Rachel teve sorte. Tinha uma família maravilhosa.

Ela humildemente ansiava por apenas um terço da felicidade que agora contemplava diante de si.

Naquela mesma noite, depois de anunciar que um coche traria os senhores Barton para que conhecessem sua neta, Thomas fez com que os gêmeos entrassem no quarto; eles se aproximaram hesitantes e tímidos para ver a mãe e o bebê por cima da franja escorrida que lhes cobria a testa.

— Thomas, Timothy, venham conhecer à princesinha de Daven Court: Jazmin Davenport – o pai os aproximou, segurando-os pelos ombros.

As crianças não sabiam para onde olhar. Primeiro, olharam para Rachel, tão bonita e tranquila reclinada em almofadas, com expressão sonolenta, para então centrar-se naquela boneca animada que dormia sobre o peito de sua mãe com a cabeça coberta com um gorrinho de rendas e os pequenos punhos saindo entre as dobras de uma manta de linho. Vencendo a surpresa, acariciaram os diminutos dedos da criatura, sorrindo entre si, sapecas, dadas as irrisórias proporções do bebê.

Caroline suspirou e saiu do quarto para dar-lhes privacidade. Fechou a porta suavemente atrás de si e, uma vez no corredor escuro, deixou-se cair de ombros contra a parede. Fechou os olhos e respirou profundamente. Ela estava exausta além das palavras.

Um forte cheiro de suor misturado com um almiscarado estranho a incomodou de repente e tirou-a de sua abstração momentânea. Ao abrir os olhos, a face sorridente e retorcida do doutor Diggory diante dela a fez estremecer. Certamente não foi a melhor maneira de voltar à realidade.

— Oh! O senhor me assustou! — Exclamou apoiada na parede tentando encontrar a maneira mais rápida de se afastar dessa presença desagradável.

Estava cansada demais para ficar de pé.

— Devo felicitá-la, senhorita Barton, a senhora é uma assistente maravilhosa.

Caroline franziu a testa, desconfortável.

— Deixe-me dizer-lhe que ambos formamos uma equipe muito boa, eu diria que em mais de uma maneira.

Os olhos do médico brilharam a uma curta distância do rosto de Caroline, que pode perceber claramente cada pequena ruga, cada encarnada concentração de sangue nas bochechas rechonchudas.

— Doutor, creio que o senhor me superestima.

Alfred Diggory ergueu os dedos grossos curtos e rechonchudos preparando-se para alcançar uma solitária mecha oscilante da senhorita Barton, que mal conseguiu tocar antes de ela afastar a cabeça.

— A senhorita é um verdadeiro tesouro para aquele que tem a sorte de ...

Mas o discurso foi interrompido pela aparecição de uma empregada carregando uma bandeja de comida para a nova mãe.

Caroline não hesitou. Aproveitou essa feliz trégua para fazer uma breve reverência para seu interlocutor e escapulir nas sombras do corredor.

Capítulo 12

Sete dias após o nascimento, os senhores Barton chegaram à majestosa Daven Court.

Embora Thomas Davenport lhes tivesse enviado uma das carruagens mais confortáveis, assim que Rachel sentiu os primeiras indisposições, foram retidos por um incômodo e irritante ataque de gota do velho Sr. Barton. Após a troca de várias cartas de desculpas por tal inconveniente, chegou por fim o dia em que os indisciplinados passageiros se encontraram sob o vasto pórtico sombreado de carvalho que anunciava a entrada da mansão.

Com a mesma admiração e êxtase que mostravam a cada visita, e apoiados por dois criados que carregavam a bagagem, os Barton entraram na Casa Grande com todo o entusiasmo e curiosidade que sentiam por conhecer sua recente neta.

O velho Barton beijou a nova mãe com todo o carinho paternal que sempre tinha demonstrado para com sua filha mais velha. Não se esqueceu de lembrar a ela a importância de se proteger contra as traiçoeiras correntes de ar, aquecer o estômago a cada poucas horas à base de densos caldos de galinha e permanecer sentada diante do fogo todo o tempo possível. Só assim conseguiria recuperar-se em poucas semanas.

Então, parabenizou o pai orgulhoso com um caloroso aperto de mãos e deu para as crianças da casa dois sacos separados de anis. As crianças agradeceram a gentileza do amado avô com palhaçadas intermináveis e sonoros beijos nas flácidas faces do homem.

Não deixou de procurar um tempo de intimidade para saudar e abraçar a Caroline, beliscar-lhe a face rosada enquanto candidamente segurava a mão da moça entre as dele, e observá-la com admiração tranquila através de seus olhos cansados.

Após a promessa do senhor Davenport de uma noite tranquila diante do fogo e de uma hábil persuasão a aceitar um copo do melhor vinho do porto, os dois desapareceram na sala de recreação, de modo a afastar-se da temida companhia formada pela presença de várias mulheres ociosas reunidas em um mesmo salão.

A Sra Barton, no entanto, incapaz de ser discreta e contida, fez com que sua presença na mansão não passasse despercebida. Com atrapalhadas idas e vindas, e dando exemplo de uma atitude autoritária que às vezes parecia ridícula, dava ordens às criadas a torto e a direito.

As criadas jovens, que não a conheciam, olhavam contrariadas para a dona da casa sempre que a Sra Barton dava-lhes uma ordem nova e sem sentido, que obedeciam imediatamente ante o ligeiro assentimento da Sra Davenport e as resignadas miradas com que lhes suplicava que fossem pacientes.

Thomas, que conhecia de sobra o caráter enlouquecedor da sogra, refugiava-se com o Sr. Barton em uma sala usada apenas pelos homens. Sentia-se prisioneiro em sua própria casa. Uma raiva perigosa e desatada o invadia a cada vez que ouvia as criadas correndo pelos corredores tentando cumprir alguma das indicações pouco criteriosas daquela mulher insuportável.

A Sra Barton, enquanto isso, tinha a mesma crença equivocada de todas as pessoas a que ninguém suporta: considerava-se pouco menos do que indispensável, assumia que sua maneira de fazer as coisas era a melhor e que qualquer casa respeitável estaria agradecida e orgulhosa de contar com seus conselhos e observações.

Por isso pareceu-lhe imprescindivel admoestar a menina encarregada das chaminés por sua maneira de limpar a grelha ou pela forma inepta em que dispunha

a lenha. Da mesma forma, as encarregadas da roupa de cama receberam uma reprimenda pelo jeito inconveniente com que dobravam os lençóis.

Caroline aproveitava os momentos em que mãe e filha se reuniam na sala de estar para escapar à agradável solidão que se respirava nos jardins da mansão e descansar da enlouquecedora presença de sua mãe apreciando da beleza oferecida pelo campo e tentando expressar em seu caderno de desenho cada contorno secreto, cada silhueta borrada, cada brilho mágico explícito entre os canteiros floridos.

— Esta menina está o tempo todo vagando como uma alma penada. — Disse uma tarde mal humorada a Sra Barton, olhando com desaprovação para Caroline através das cortinas. — Eu não sei o que vamos fazer com ela. Nada de bom pode ser esperado de um caráter tão sombrio e taciturno.

Rachel colocou a xícara sobre a mesinha de cristal, acariciando a cabeça aveludada de sua menina, que dormia feliz no berço, ao lado da elegante poltrona em que sua mãe estava descansando.

— Não encontro nada de censurável no caráter de Caroline, mãe. Além disso, eu não era um modelo de virtude na minha juventude, e você vê que me saí muito bem.

A Sra Barton franziu a testa e fez uma careta.

— Está tão pálida e abatida que não parece desejável nem aos olhos do solteirão mais queixoso. Sempre com essa mania de se vestir informalmente, como uma camponesa vulgar, quando é filha de um clérigo e irmã de uma dama. Com o proveito que poderia tirar desses cachos dourados e do azul resplandecente de seus olhos! — Fechou a cortina com um tapa afiado e sentou-se entre grunhidos de protesto.

— Caroline é formosa, mesmo com a mais simples das roupas, mãe. Por favor, não tenha pressa para casá-la, deixe-a tranquila, tem apenas dezoito anos. Eu tinha vinte e dois anos quando me comprometi com Thomas.

— Sua irmã não terá tanta sorte. — A senhora agitava vigorosamente a cabeça para dar ênfase a suas palavras, um gesto que fazia com que as abas de sua touca dançassem ao redor seu rosto magro como agitadas asinhas. — Ela se mostra anti-social e reservada quase todo o tempo. Quem em sã consciência ousaria tratar com uma pessoa assim?

— Pois deixe-me dizer que, desde que chegou a Hardshire, tem feito amizades muito agradáveis.

A Sra Barton estreitou os olhos, inclinou a cabeça e serviu mais chá.

— Amizades? É mesmo possível você pretender se divertir às custas de sua pobre mãe?

— Nunca! — Exclamou Rachel contendo uma risada e olhando para a pequena adormecida. — Por exemplo, fez um laço com a senhorita Castleford, que é a única filha de uma família que vive nas proximidades. É uma jovem muito amigável, e suas maneiras são bastante corretas.

— Ah! — Murmurou a senhora sem emoção em suas palavras.

— Segundo entendo, ela tem cinco mil libras.

Cravou rapidamente um olhar fulminante na filha. Um rubor crescente coloriu-lhe as bochechas descarnadas.

— E você acha que assim faz um favor a sua irmã? Que cavalheiro se atreveria a fixar os olhos nela tendo continuamente a seu lado a essa senhorita e a suas cinco mil libras? Sua irmã não tem dote!

Rachel franziu a testa. Muitas vezes esquecia-se da pobre condição econômica de sua família, circunstância que limitava muito as possibilidades de qualquer senhorita em idade de se casar. Ela mesma tinha sofrido os inconvenientes de conviver com certas esferas sociais em Londres, dificuldades que haviam aumentado de modo irritante quando o notável sr. Davenport tinha decidido invadir sua

modesta existência. Nenhum cavalheiro de sua categoria havia ousado interessar-se por ela mais do que para fazê-la sua amante e, no entanto, Thomas se havia enamorado da moça e havia conseguido superar a infinidade de obstaculos impostos pelo amor cego que sentia por ela.

De qualquer forma, quem poderia garantir que o futuro de Caroline não seria na mesma esfera social em que ela se movia? Quem disse que seu coração franco e discreto não encontraria o calor necessário para despertar de seu sono a um jovem de sua condição? Por que todas as senhoritas humildes estavam condenadas a sonhar com um cavaleiro andante inatingível?

— Talvez Caroline nunca tenha desejado a chegada desse cavalheiro que você mencionou, mãe.

A Sra Barton levantou as sobrancelhas e enrugou tanto a testa que, por um momento, pareceu ser esculpida em um papiro antigo.

— Talvez o seu coração possa enraizar-se de uma forma menos comprometida para sua situação pessoal e para o orgulho que todos os componentes da nosso sexo experimentamos em um momento assim. Caroline é uma criatura especial, extremamente sensível. Não podemos esperar que os seus anseios sejam os mesmos da maioria das jovens de sua idade.

O rosto da senhora evidenciaram uma total falta de entendimento.

— O que há desse jovenzinho de Lambshire que a cortejava com adorável timidez?

— O ferreiro? O pobre e sujo Jonas Hudson?

— O *jovem* Hudson, mãe. — Corrigiu-a Rachel. — Não creio que sua condição seja mais precária do que a de Caroline.

— Mas ...! — Gritava confundida mirando o piso da sala, os tetos e as paredes. — Caroline é a irmã mais nova da senhora de Daven Court! Pode aspirar a algo melhor!

— E é isso o que ela quer? O que seu coração quer? Tem certeza?

— Quem se importa com o que ela quer? É o seu futuro que está em jogo! Você acha que poderei descansar até vê-la felizmente assentada como hoje você já está?

Rachel suspirou languidamente, pronta para abandonar a discussão. A mulher não compreendia as razões e estava claro que fazê-la refletir era bater de frente contra um muro de insensatez.

A pequena Jazmin mexeu-se no berço, atraindo a atenção de ambas.

— É tão adorável. — Afirmou a avó com tom adocicado. — Ninguém poderia culpar você por ter dado à luz uma menina insignificante, uma vez que já proporcionou a seu marido dois herdeiros do sexo masculino. Seu trabalho está concluído, querida, e você o fez muito bem.

Rachel sorriu ironicamente.

— Thomas ficaria encantado de qualquer maneira, mesmo que só lhe tivesse abençoado com meninas *insignificantes*.

— Não seja ridícula! Não imagina o suplício que isso significa para uma mãe responsável e sensata como fui e continuo a ser! — Rachel baixou os olhos, ocultando um novo sorriso. — É tão cansativo e frustrante o trabalho de tentar casar corretamente às filhas. Os machos, no entanto, não representam qualquer preocupação.

— Sim, é claro que deve ser terrível para uma mãe tratar de encontrar a todo momento um cavalheiro disponível com uma renda anual importante. — Rachel zombava agora descaradamente. Sua voz evidenciava não só sarcasmo, mas também um óbvio desacordo. — Também não deve ser agradável ser a mãe de um cavalheiro

que tem uma renda baixa. Que escolha eles têm além de buscar fortuna unindo-se a uma rica herdeira?

A Sra Barton levou lábios para a frente.

— Certamente não será seu caso. Felizmente os cofres dos Davenport são grandes o suficiente para que nenhum de seus filhos tenha de se contentar com alguém inferior.

— Você se contradiz, mãe. Seguindo seu conselho, o Sr. Davenport não deveria nunca ter reparado em mim e, ainda assim, você está feliz porque o fez. Uma pessoa nunca deve se esquecer de onde vem.

A Sra Barton ficou vermelha como uma papoula e tentou esconder o rubor atrás da xícara de chá.

* * *

O sol banhava a majestosa paisagem repleta de enormes aglomerados de heliotrópios que se aninhavam no colo de pequenos montes rochosos ou delineavam o curso de um ziguezagueante caminho de cascalho sombreado por uma régia legião de coníferas e ciprestes.

Em meio ao ruído daquele pequeno pedaço de éden, Caroline sentou-se à sombra de um velho carvalho, com um pé dobrado sob o corpo e seu fiel bloco colocado diante dela. Na cabeça levava um discreto chapéu de palha trançada e abas largas, cujo grande laço bordado estava amarrado em um nó frouxo na base do pescoço. O cabelo cheio de cachos sobressaía solto sob o chapéu e lhe caía até a metade das costas.

Ocasionalmente, elevava a vista para observar deslumbrada o ambiente evocativo que se estendia ao redor. Sentia-se como uma inquieta hamadríade[1] longe de seu lar, perdido em um belo lugar. Passava então essa sonhadora percepção para o papel e deslizava o carvão com coquete habilidade sobre a folha, esfumaçando o contorno sombreado com a ponta dos dedos e adornava o gesto com o aparecimento de uma pequena porção de língua que lhe assomova entre os lábios, o que lhe dava um aspecto concentrado e abstraído.

Se não estivesse tão absorta, teria reagido a tempo diante da presença inesperada que surgiu de repente atrás do tronco rotundo em que se encontrava, que a assustou e fez espalhar os carvões no chão.

— Oh, o senhor me assustou! — Exclamou em um tom um tanto irritada por ter sido surpreendida e arrancada de repente de seu estado interior de devaneio.

— Aparentemente, não posso deixar de assustá-la, querida senhorita Barton. — Disse o cavalheiro encurvado, incapaz de endireitar-se.

— Talvez se o senhor se aproximasse de maneira menos furtiva. — Insinuou Caroline sem tentar mostrar-se amável.

Ainda recordava o descaramento indecente com o que ele havia tentado acariciá-la na noite do nascimento de Jazmin. Desde esse dia havia tentado evitá-lo, enquanto ele, sem perceber a rejeição da moça, tentava buscar qualquer tipo de aproximação. Quanto mais tentava encurtar as distâncias, mais desconfortável ela se sentia, perturbada com a obstinação mostrada pelo homem. Apesar de nunca tê-lo encorajado, ele parecia não precisar de qualquer tipo de incentivo e estava cego diante da indiferença da jovem, diante do revelador gesto de desagrado que ela fazia toda vez que o médico aparecia e ante a secura e aspereza com que ela respondia a qualquer pergunta ridícula que ele lhe fazia.

[1] Hamadríade: *subst. Feminino. mit* ninfa dos bosques que nascia e morria com a árvore de cuja guarda estava incumbida e da qual se julgava prisioneira

Alfred Diggory, ignorando a aspereza com que a senhorita Barton respondia, inclinou-se para colher um rosado e bulboso trevo do prado, um gesto que desagradou a Caroline e a fez torcer o nariz, e, segurando-o pela haste estilizada, ele o aproximou do nariz para inalar sua fragrância de modo exagerado e teatral, revirando os olhos.

Caroline não fez nenhum esforço para ignorar o comportamento supostamente bucólico do doutor. Foi-lhe suficiente inclinar a cabeça e concentrar toda a atenção no elaborado desenho que crescia em seu caderno.

Ao ver que não conseguia captar a atenção, Diggory esticou o pescoço para admirar o trabalho da jovem sem deixar de contorcer-se inquieto como um galo meio escaldado.

— Oh, que desenho encantador! — Exclamou, conseguindo com que o grafite de Caroline permanecesse suspenso no ar e os olhos dela se fixassem no horizonte. — Não sabia que também tinha o agradável dom do esboço. Com que graça requintada, com que admirável elegância conseguiu capturar a essência lânguida desse deselegante tamarindo!

Caroline levantou uma sobrancelha e virou a cabeça para observá-lo atentamente.

— Tamarindo? É uma roseiral, Sr. Diggory!

— Um roseiral, é claro! Como eu poderia tê-los confundido?

Caroline suspirou resignadamente aguardando a série de lisonjas com que o médico iria tratar de emendar seu erro.

— Sim, é evidente a beleza natural que conseguiu dar a essas folhas arredondadas! Os brotos recentes que aparecem no desenho superam em muito os que tem a planta real!

Um novo suspiro pairou no ar, seguido pelo fechamento precipitado da pasta e o movimento indicando que ela iria levantar. Sacudiu as folhas aderidas à saia e, em seguida, alisando o tecido rapidamente, cruzou as mãos sobre o caderno, segurando-o junto ao peito. Esse gesto, na aparência despreocupado, na verdade oferecia uma espécie de muralha defensiva para proteger-se de uma situação desconfortável e indesejada.

— Apesar de achar inimaginável, dado o campo científico a que me dedico, eu me considero um amante dedicado de beleza natural. Sinto muito prazer na contemplação da graça implícita em todos e cada um dos elementos que nos rodeiam.

— Ah sim? Eu não sabia dessa sua elevada inclinação, senhor.

— É claro que encontro beleza em cada uma das criaturas do mundo; tanto na insignificante mariposa quanto no inútil mato que cresce nas margens dos rios, como no avanço rastejante de uma doninha. E me considero capaz de expressar meus pontos de vista sem parecer de nenhum modo confuso. Como um observador exemplar, creio que sou um especialista na arte de compreender a beleza artística dos elementos. Sim, senhorita Barton, eu sou um completo erudito ávido de ilustração.

Caroline levantou as sobrancelhas e conteve um sorriso atordoado.

— E diga-me, Sr. Diggory, essa sua propensão para a beleza e o conceito artístico da natureza, despertou de repente no senhor ou o mantinha dormente?

— Deixe-me dizer-lhe que me considero muito versado em uma infinidade de temas e se não expresso meu claro entendimento mais frequentemente é apenas por minha falta de vaidade e por medo de ofender àqueles que não são tão autodidatas quanto eu.

— Ah, entendo! — Caroline não dava crédito ao que ouvia. Cada vez era-lhe mais difícil conter o riso. — Felicito-lhe por sua humildade. A vaidade é um vício desprezível em seres humanos.

— Não há dúvida. Além disso, é tão comum cruzar com pessoas obtusas e incapazes de compreender certas filosofias que é mais prudente esconder a sabedoria que se possui.

Caroline não pode deixar de rir para si mesma.

— Sua enorme modéstia não pode passar despercebida por ninguém, senhor. — O sarcasmo fino pareceu passar despercebido ao médico que, pelo contrário, sentiu-se lisonjeado.

— Gostaria de caminhar comigo por este pomar idílico enquanto trocamos impressões? A senhorita é jovem e ainda precisa que a mão da experiência a oriente.

— Talvez outra hora. Temo que minha irmã e minha mãe devam estar me procurando para o chá. — Excusou-se e, enquanto fazia uma tosca reverência, afastou-se e caminhou em direção à casa com as saias agitando-se à sua volta.

Alfred Diggory estrangulou o trevo perfumado na palma da mão até reduzi-lo a um desperdício vegetal inerte, e o deixou cair com evidente desdém.

— Você não pode correr para sempre, querida senhorita. — Murmurou, e, depois de tal decisão, observou-a até que ela desapareceu por trás dos degraus de mármore.

Capítulo 13

Caroline Barton era uma jovem cujos arraigados princípios morais a obrigavam a manter-se fiel à sua palavra ou a qualquer compromisso. Por isso, logo que possível, não hesitou em levar a cabo o acordo pessoal que tinha se envolvido voluntariamente em segredo, ansiosa por oferecer sua humilde ajuda desinteressada ao próximo.

Bastava deter-se um momento e olhar em volta para perceber as dificuldades sofridas por tantas pessoas simples diariamente. Pessoas normais como ela mesma e como todas aquelas grandes personalidades que gozavam de uma vida injustamente mais agradável devido apenas a circunstâncias de nascimento e posição. Era por acaso honesto que vivessem uns entre algodões ao passo que outros lutavam para sobreviver e para ter um miserável pedaço de pão que levar à boca?

Era insuportável ver como as antipáticas senhoras de posição cruzavam vaidosas diante daqueles olhos vazios de ilusão e esses estômagos roídos pela fome, fazendo ouvidos moucos aos seus gemidos e cobrindo o nariz empoado para evitar o mau cheiro que, para elas, era exalado pelo resto da humanidade. Se dependesse dessas senhoras, Caroline estava segura, teriam ordenado a sua comitiva de serventes que pulverizem o mundo com galões e galões de desinfetante.

Desumano, da mesma forma, era aceitar que a maioria dos habitantes daquelas enormes mansões ignorassem o tipo de vida levado por aqueles que estavam do outro lado das paredes majestosas e rejeitassem a ideia de que era possível que houvesse pessoas que jamais haviam provado o sabor do pato recheado ou do veado no molho.

Considerava totalmente reprovável a ação humana e repugnantes seus atos e sua contínua negação da realidade. Não tinha sido Caroline testemunha em várias ocasiões da suposta aflição que as senhoritas mostravam na nave da igreja, segurando contra seus peitos o Livro de Oração Comum e soltando lágrimas de induvidável sentimento para, uma vez finalizado o ato litúrgico, sair do templo abrindo suas sombrinhas e colocando-as a modo de não ver os pequenos mendigos que montavam guarda fora da casa do Senhor? Não tinha visto com a alma contrita como esse rebanho sem casta, deixado ao divino socorro, corria esperançoso atrás das caleças e dos landaus à espera de uma generosidade inexistente nos potentados, ansiando que uma mão enluvada aparecesse à janela e lhes atirasse uma moeda? Ela tinha testemunhado muitas vezes a desigualdade do mundo e do caso omisso que faziam a essa disparidade os únicos com poder suficiente para consertar tamanha injustiça.

Por isso, a nobre Caroline Barton não pode estar mais feliz quando uma tarde apareceu na cabana dos Crawford com uma cesta de mantimentos com que aliviar a fome daquelas pessoas boas. Sabia que não era muito o que podia fazer sozinha para ajudar aos desamparados que haviam marcado tão profundamente seu espírito, mas pelo menos se reconfortava em saber que seu grão de areia, sem dúvida, iria ajudá-los.

Ela nunca se havia sentido tão satisfeita como naquele momento em que, protegida pelo calor que exalava aquela família que, apesar de carecer de tudo, a recebeu com os sorrisos mais radiantes, deu-lhe um assento perto do fogo desmaiado e lhe ofereceu chá quente em um copo lascado. Nada tinham e, apesar disso, tudo compartilhavam sem avareza. Tinha sido recebida pela pálida sra. Crawford, que, com lágrimas nos olhos e sofrendo de um resfriado terrível, ajoelhou-se diante dela e desfez-se em gratidão pela graça tão imerecida. Com que carinhosa diligência os dez pequenos a tinham cercado e observado silenciosamente em sua pequena estatura levantando para ela esses olhos que ansiavam por um minuto de atenção ou uma

palavra afetuosa. Com que educação esperavam pacientes que lhes mostrasse aquele tesouro de vime e os convidasse com laranjas doces, bolos de maçã ou bolachas de gergelim.

A pequena Margaret, uma menina bonita com olhos cor de avelã e escuros cachos frouxos que mal teria três anos de idade, ficava sentada sobre os joelhos da jovem, com as perninhas finas suspensas e os pés descalços, brincando com as rendas da parte de cima do vestido de Caroline.

— A senhorita é tão boa, tão boa. — Repetia a pobre Sra Crawford, cobrindo a boca a cada momento com um lenço sujo para abafar os terríveis ataques de tosse.

Caroline colocou a mão sobre o ombro anguloso da mulher, tentando confortá-la nesses terríveis acessos.

— Vivemos tempos muito maus, senhorita Barton, hoje ninguém se preocupa com ninguém. — Um novo ataque de tosse a fez silenciar. — Mas garanto que em Hardshire ainda há boas pessoas, cristãos bondosos que se preocupam com o bem-estar de seus semelhantes sem ligar para sua condição.

— Não é o desejo do Senhor que nos preocupemos com o outro, os fortes dos fracos e os sábios dos tolos? Qualquer um que ignorar a desventura de um semelhante não tem coração e é indigno de ser considerado um bom cristão.

— Por minha vida que é assim, senhorita. Sua irmã é sempre tão gentil e generosa. — Continuava a senhora Crawford a litania de agradecimientos. — Todas as semanas vinha pontualmente a nos ver, honrando nossa humilde cabana com sua adorável presença. A Sra Davenport é uma pessoa radiante e cheia de luz que sempre consola a meus pobres pequenos. E agora a senhorita nos honra com a sua presença.

Caroline deu um sorriso calmo enquanto acariciava os cabelos emaranhados da pequena, enternecida diante da força que irradiavam aquelas pupilas profundas.

— A senhorita é um anjo, que derrama ternura em cada gesto, em cada palavra de carinho e bondade.

Uma sucessão de rubores subiu às faces da jovem.

— Se não fosse pela generosidade infinita que você e o sr. Knoxville mostram à minha pobre família, há muito tempo não sei o que teria sido de nós. Desde a meu pobre Hugh morreu...

Foi a última coisa que Caroline conseguiu ouvir.

— O Sr. Knoxville? — Cortou-a Caroline sem se dar conta.

— Oh, desculpe a minha falta de jeito, senhorita! Eu esqueço que você não é do condado. — Um novo acesso de tosse a interrompeu e mergulhou Caroline em uma espera angustiante. – Falo do jovem sr. Knoxville, de Rosedale Abbey. Eu não sei se o conhece. É um bom rapaz! Apesar dos muitos compromissos que tem, duas vezes por mês vem visitar-nos para trazer uma libra de açúcar, uma onça de farinha e vários litros de leite e, no verão, cestas de frutas que colhe das árvores em sua propriedade. Em sua última visita ele nos abençoou com meia perna de porco. Dá pra acreditar? É tão generoso.

Caroline levou dissimuladamente a mão ao pescoço, para aliviar a pressão terrível que ameaçava fazê-la perder a consciência. Com a delicada ponta dos dedos, percebeu como o sangue pulsava na jugular.

— Meus filhos o adoram, e minha pobre Margaret é, sem dúvida, a sua favorita. — Caroline observou a menina que brincava no seu colo, entretida com o tule e a renda de seus enfeites. - Toda vez que ele vem me visitar, ela o importuna até conseguir convencê-lo a dar um passeio no lombo daquele belo cavalo preto. É um diabinho sedutor a minha pequena. Ele sempre a ergue nos braços e diz que é a menina mais bonita que há sob as estrelas, mais bonita do que qualquer princesa de conto.

Caroline olhou confuso ao redor. Tudo parecia a ponto de desaparecer, como se a atmosfera densa e amarga que a rodeava tivesse de repente se transformado em uma aquarela inacabada. O coração martelava-lhe no peito com tanta força que

sentiu que uma dor física lhe tirava o ar. Umedeceu os lábios secos enquanto as têmporas latejavam como se sua cabeça fosse uma caixa de música em que ressoasse uma cantilena repetitiva: "O sr. Knoxville de Rosedale Abbey... É um rapaz tão amável... meia perna de porco... Sempre tão generoso... Meus pequenos o adoram... Minha pobre Margaret é a sua favorita... Mais bonita do que qualquer princesa de conto... "

— Senhorita, você está branca como um morto! — Exclamou a senhora Crawford preocupada, mas Caroline apenas conseguia olhá-la com estranheza, como quem põe os olhos em um objeto sem chegar a identificá-lo. — Será que a contagiei? Oh, a senhorita é tão boa que ficou, apesar das condições deploráveis em que me encontro! — Tirou a menina do colo de Caroline e disse: — Deixe a senhorita descansar, Maggie, você se apropria de todos os nossos amigos!

Caroline levantou-se atordoada enquanto tentava assimilar a informação que acabara de receber.

— Devo... Devo ir. É muito tarde e me espera uma longa caminhada para Daven Court — Balbuciou a duras penas, enquanto se dirigia para a porta.

— É claro, é claro! Temo que lhe roubamos muito tempo. — A senhora ajustou o xale esfarrapado sobre o peito e levou-a até a porta em ruínas. — Meu Benedict pode acompanhá-la até a entrada do parque, não irá causar qualquer desconforto, é um menino muito calado. Benny, se aproxime.

Caroline viu que um rapazinho magro, que teria em torno de dez anos, se aproximava, elevando o peito orgulhoso e freneticamente esfregando o nariz com a manga do casaco.

— Não é necessário, senhora Crawford, eu gosto de caminhar e estou acostumada. Além disso, o tempo está mais do que agradável.

— Como quiser, senhorita. E muito obrigada por tudo. Estamos em dívida com a senhorita e sua nobre família por sua generosidade infinita.

Com esse sincero agradecimento como pano de fundo, Caroline deixou a cabana com a cabeça saturada de pensamentos e o coração transbordando de perturbadoras aflições secretas.

* * *

Um vento norte frio acariciava o campo nessas primeiras horas da tarde, dançando alegre com cada uma das folhas renovadas que pendiam das árvores. A cabeleira lisa e verdejante dos pastos intermináveis adornados com infinitas ondulações balança na cadência do ritmo que o vento norte interpretava para eles.

A pequena e escura cabana Crawford estava fora da vista de Caroline, que se movia como um autômato segurando a cesta de vime vazia com as duas mãos e tentando organizar o turbilhão de ideias que lutavam em sua cabeça.

Ela caminhava com a cabeça baixa seguindo uma linha invisível desenhada na estreita trilha de terra.

Incapaz de relaxar a testa franzida, tentava em vão ordenar seus pensamentos, mas uma enxaqueca incipiente e ameaçadora a impedia de fazê-lo.

O latido alegre de um cachorro interrompeu de repente seu agitado monólogo interior. Ela se deteve e viu a silhueta de um cavalheiro que andava com passos relaxados na companhia de um cão pointer marrom. O animal saltava exigindo atenção ao lado do cavalheiro que segurava uma vara de vidoeiro com que batia na relva alta que escondia o caminho. Estava em mangas de camisa e usava um belo colete escrupulosamente abotoado, que revelava um porte esbelto.

Homem e cão, alheios à presença dela, interagiam animadamente ao se aproximar cada vez mais da jovem imóvel.

Quando eles chegaram a uma curta distância, o animal percebeu a moça e se aproximou dela trotando e latindo inquieto a modo de saudação.

O cavalheiro parou imediatamente ao reconhecê-la. Seus olhos se encontraram, e Caroline sentiu toda a violência de um raio inesperado perfurando seu crânio, ferindo-lhe a medula espinhal e expandindo-se por todas as suas terminações nervosas até o atingir o mais ínfimo cantinho do seu corpo e morrendo por fim no solo sob seus pés .

Um conhecido sorriso torto agraciou o rosto masculino, ainda mais atraente por causa da desordem das densas mechas azeviche.

— A senhorita foi lavar a consciência de sua família fazendo a boa ação do dia? — Perguntou-lhe.

Caroline percebeu que o cavalheiro observava a cesta vazia com desprezo. Agilmente, escondeu a cesta da visão do homem.

— Como se atreve? Minha preocupação por essas boas pessoas é inteiramente desinteressada.

O cavalheiro franziu a testa e a olhou de cima a baixo. Caroline sentiu-se desconfortável com tal análise. Endireitou os ombros e ergueu o queixo tentando simular uma segurança que lhe faltava completamente.

— Todas as senhoras de elevado nascimento são iguais. — Sentenciou. — Envaidecidas com a simples contemplação de sua própria imagem no espelho, fazendo-se lisonjas diante do estúpido vidro e lançando beijos ridículos e orgulhosos que o reflexo lhes devolve. E então pretendem redimir-se de toda a soberba dedicando meio segundo de sua vida aos miseráveis nas proximidades.

— Está enganado, senhor. Não sou uma dama e não pretendo sê-lo. Minha condição é tão humilde quanto a da maioria dos arrendatários deste lugar.

— Realmente? Realmente se atreve a comparar-se com eles? — Ele se aproximou perigosamente da jovem, que sentiu os joelhos tremerem diante da ferocidade com que aqueles olhos cor de obsidiana se cravavam em suas pupilas. — Não é verdade por acaso que esta noite a senhorita vá jantar pratos suculentos de ganso ou salmão e dormirá em uma cama confortável transbordando com cobertores quentes e travesseiros macios?

Caroline ficou em silêncio. Sentiu que começava a suar profusamente sob as camadas de roupas. Um forte cheiro de couro e tabaco procedente do cavalheiro feriu suas narinas.

— Não é verdade que a cada inverno em seu quarto crepita um fogo confortável que lhe aquece os ossos? Não é verdade que todas as manhãs uma criada a ajuda a se vestir e fixar o penteado?

Sem saber por quê, ou talvez sabendo com precisão dolorosa, Caroline sentiu nas pálpebras a conhecida fisgada e uma estranha sensação de tristeza neles. Imediatamente, um pequeno acúmulo de lágrimas prontas a se derramar nublou sua visão enquanto seu queixo começou a tremer.

— O senhor não sabe nada sobre mim! — Sussurrou a moça de modo apenas audível.

— Diga-me então. — Ele se posicionou na frente dela, obrigando-a a se deter.

Permaneciam tão indecentemente próximos que ambos puderam sentir o hálito quente do outro. Knoxville deliciava-se secretamente com a agitada respiração da moça cujo decote, enfeitado de rendas, subia e descia vertiginosamente, como um vulcão prestes a entrar em erupção.

Caroline sustentou o olhar dele e o olhou com um ar desafiador refletido nas pupilas. O contorno de seus belos olhos permaneceu marcado de tons avermelhados, enquanto as aletas do nariz dilatavam-se por causa da raiva contida.

— Mostre-me que você não é outra vaidosa e caprichosa que se congratula mostranto sua superioridade por realizar de vez em quando esporádicas caridades. Diga-me que realmente se preocupa com o bem-estar da Sra Crawford e sua prole.

— O senhor é um desalmado sem coração! Desfruta rindo-se dos outros e humilhando-os! Como ousa me julgar sem me conhecer? É melhor do que eu?

Cooper olhou para aqueles lábios carnudos e trementes, o desejo de beijá-la martelava em sua cabeça. Queria morder essa boca para acalmar a sede enlouquecedora que o oprimia desde que percebera essa silhueta parada no meio do caminho. Aquela jovem de rosto arredondado e cabelo dourado o tinha subjugado e, desde o primeiro momento em que a viu, não podia tirá-la da mente.

Ele apertou os punhos e afastou os olhos, sabendo que, se continuasse a observá-la, não conseguiria continuar a ser dono de seus atos.

— Não, eu não sou. Eu sou um verdadeiro compêndio de defeitos e uma criatura digna de censura, um canalha. Alguém a quem a senhorita nunca desejaria conhecer.

Com uma lenta reverência ele avançou, fazendo com que os braços de ambos se encostassem de modo quase imperceptível. Enquanto caminhava em direção à cabana não pode deixar de contrair e relaxar dolorosamente os dedos de ambas as mãos, sentindo-se impotentemente preso em uma teia de aranha em que nunca teria querido estar.

Capítulo 14

Essa foi a segunda noite que Cooper Knoxville arrebatou, sem saber, horas de sono da doce Caroline Barton. Ela havia se retirado muito cedo, buscando a desejável intimidade da solidão, com a firme intenção de ter um momento de tranquilidade para organizar o turbilhão de emoções que lutavam em sua mente. Mas, quando estava sozinha no quarto, percebeu que suas fantasias impediam-na de dormir e pululavam agitadas pelos espaços de sua cabeça, aproveitando a quietude para se impor sobre todos os elementos predominantes.

Caroline deitou-se de lado e agarrou o travesseiro, afundando às vezes o rosto e soprando pelo enorme esforço exigido pela sua luta interna.

Precisava dormir e escapar por algumas horas das ideias trêmulas que cruzavam diante de seus olhos em burlesca procissão. Necessitava fugir e livrar-se de toda consciência e dar um momento de paz à sua saturada imaginação.

Apertou com força as pálpebras baseada na crença equivocada de que os pensamentos desapareceriam no escuro.

Várias pequenas gotas de suor perolavam-lhe o pescoço aflito e faziam com que os laços de seda que seguravam as rendas na base do ombro se colassem à sua pele.

Uma lágrima deslizou com insolente descaramento sobre o arredondado precipício formado pelas faces. Depois dela, as lágrimas restantes começaram a brotar sem parar. Era inútil fechar firmemente as pálpebras ou afogar os soluços enterrando o rosto no travesseiro, pois, quanto mais tentava se conter, com mais força vinha o pranto.

Entre soluços abafados rendeu-se às longas horas de sofrimento que ameaçavam torturá-la sem parar durante aquela interminável noite de pedra, mortificada pela ideia de que Cooper Knoxville pensava o pior dela, mas ao fim, por que haveria de se importar com que aquele homem pensava dela? Por que lhe doía a certeza de que a julgava mal? Quem era ele para influenciar dessa maneira o ânimo de sua mente e por que lhe doía tanto a crueldade refletida nos belos olhos dele?

* * *

Às três da tarde, o vastíssimo parque de Daven Court continuava envolto pelas vaporosas brumas da madrugada.

Uma densa névoa branca rastejava sobre as pastagens infinitas costuradas por intermináveis valas, fixada nos ramos mais altos dos carvalhos e observando a paisagem com sua albina cortina. O nevoeiro proporcionava uma sensação pegajosa tão angustiante que até os pássaros pareciam pouco dispostos a se agitar sob tal constrangimento e optavam por se esconder na densa folhagem das sebes ou nas profundas e densas copas das árvores.

No entanto, dos jardins traseiros da mansão chegavam os gritos de júbilo de um pequeno grupo de homens e mulheres jovens que enchiam o ar com risos e cores através de seus vários trajes e seus movimentos livres. O buliçoso conjunto, consistindo de Caroline, a senhorita Annabel e dois primos dela que tinham chegado de Essex em visita na noite anterior, estava jogando uma desigual partida de críquete em que as duas jovens senhoritas, colocadas na posição de batedoras, gozavam da magnanimidade dos cavalheiros, que lançavam de uma distância apreciável, e muitas vezes ridícula, de modo que cada bola chegava a elas com a menor força possível.

Esta vantagem era desnecessária: Caroline tinha um braço direito mais do que capacitado para enervar os lançadores, o que fez com que as senhoritas realizassem mais corridas do que os rapazes tinham pensado e desejado.

Do alto de um ornamentado balcão de ferro forjado cheio de infinitas buganvílias em flor, a senhora Davenport e sua mãe, escoltadas por duas criadas, assistiam ao jogo tomando um aperitivo sob grandes guarda-chuvas e se abanando continuamente para suportar o agoniante calor.

— Caroline parece um pouco mais animada hoje. Pelo menos acho que a vi sorrir algumas vezes desde que o jogo começou. — Disse a Sra Barton.

Rachel observou a figura graciosa da irmã, diligentemente avançando para a outra extremidade do campo arrastando atrás de si o taco de madeira. Ela sorria timidamente diante das contínuas brincadeiras dos cavalheiros, dois jovens aos quais era agradável praticar um esporte divertido ao ar livre na companhia de duas belas jovens senhoritas.

— Creio que ela não descansou o suficiente na noite pasada. — Rachel murmurou. —. Preocupa-me que sua saúde sofra. Comeu apenas alguns bocados durante o jantar e muitas vezes acorda com ar abatido.

— Oh, menina tola! Sempre me preocupou seu isolamento intransponível! Vai se saber o que passa por essa cabecinha tonta! Nunca compartilha, nunca! — A Sra Barton, com a mão como uma viseira, observava o jogo carrancuda. — Esses dois jovens parecem muito bonitos, você sabe se têm um bom rendimento?

Rachel sorriu. Era evidente que sua mãe nunca deixava passar a oportunidade de encontrar um bom partido para Caroline. Inadvertidamente, sentiu-se feliz por estar livre desse desconforto. As jovens em idade de se casar viviam sua saída ao mundo com autêntica mortificação, torturadas por parecer sempre dispostas e cortejáveis diante de qualquer jovem digno e contritas diante da temível ideia de que

as temporadas fossem passando e continuassem presas num odioso estado de celibato.

— Os primos da senhorita Castleford são dois cavalheiros muito agradáveis. O mais velho herdará várias propriedades nos arredores de Essex e Suffolk, o outro, de colete em tons escarlate, espera em breve assumir um pequeno lucro na herança da família.

A Sra Barton olhou rapidamente para o mais alto, deixando de lado o outro rapaz a partir desse momento.

— Um cavalheiro certamente bonito, mas infelizmente não muito alto. — Murmurou. — Espero que as suas visitas a Daven Court se tornem habituais. Não me desagradaria nada um casamento tão vantajoso, não é, filha? Parece ser, além de um jovem galante e distinto, um excelente atleta.

Rachel sorriu em resposta. Enquanto isso, as jovens faziam uma pausa, sorrindo uma para a outra e apoiando suas cansadas figuras nos respectivos tacos, enquanto os cavalheiros se abraçavam e felicitavam mutuamente por terem alcançado a vitória.

— A Senhorita Barton é uma jovem fabulosa. Admiro sua habilidade para a prática de um esporte tão rigoroso quanto o críquete.

Ambas as damas viraram-se diante do comentário às suas costas. O rosto vermelho do doutor Diggory evidenciava seu sofrimento devido ao clima sufocante. Para tentar mitigar os sufocos, refrescava-se o rosto e o pescoço com um grande lenço de seda, coisa que não impedia que algum intrépido sulco aquoso cruzasse o amplo rosto até morrer na apertada superfície da gravata.

— Eu não diria que é precisamente um esporte rigoroso, doutor Diggory, jamais o descreveria dessa forma — comentou Rachel, incomodada pelo comentario. — Ou acaso considera que é um hobby pouco adequados para uma senhora? Acredita que devemos dedicar-nos apenas a jogar cartas, como o jogo de bridge em

salinhas afastadas? Será que o incomoda ver que uma senhora tem a habilidade física inerente ao outro sexo?

Alfred Diggory, temendo incomodá-la, levou dois dedos aos lábios, tentando alterar as palavras.

— De modo algum, minha senhora, mas temo que a delicada senhorita Barton e sua amiga peguem um resfriado diante do calor que lhes possa causar tal exercício. Os cavalheiros que as acompanham são um tanto irresponsáveis e imprudentes no que se refere à saúde das senhoritas.

A Sra Barton se pôs em guarda, com medo pela primeira vez durante toda a tarde das possíveis consequências de tal passatempo.

— Oh, Rachel, você deve avisar imediatamente a Caroline para que pelo menos se cubra com um xale!

— Eu não acho que lhes faca nenhum mal fazer algum exercício. — Carrancuda, bateu de leve no antebraço da mãe. — Os olhos e as faces de uma jovem brilham com mais força depois de uma breve jornada de atividade física. Muitas vezes isso é desejável, considerando o estilo de vida sedentário ao qual estamos obrigadas.

Diggory assentiu. Nada lhe agradava mais do que corroborar as conclusões da Sra Davenport, adornando-as com seus eternos sorrisos lisonjeiros.

— Devo dizer que a senhorita Barton é uma jovem admirável. Com que elegância incomum, com que majestoso porte golpeia a bola, lançando-a mais longe do que se esperaria de uma dama! Jamais havia visto faces tão frescas na ausência de colorete! Nunca tinha apreciado olhos azuis tão límpidos e brilhantes como os dela! E aqueles lábios. — Ao ver que Rachel franzia a testa, incomodada, mudou o que estava prestes a dizer. — Sim, parecem dois morangos maduros cortados ao meio!

A Sra Barton estava fora de si de alegria com os contínuos elogios do médico e não fez nada além de sorrir e assentir. Sua filha, no entanto, permaneceu impávida

observando os movimentos da irmã mais nova, incomodada com as óbvias intenções do cavalheiro.

— É uma criatura muito bonita! Há um par de tardes, pude ver como a senhorita Barton desenhava com esmagador realismo um belo tamarindo em seu caderno, nunca tinha visto tanto talento em uma só pessoa: desenha, toca piano assombrosamente e surpreende o mundo com uma maravilhosa vitalidade.

— O senhor é muito gentil. Nossa Caroline é uma jovem muito bem-educada e recatada. É uma moça piedosa criada no desejo de servir ao próximo. — Respondeu a Sra Barton, envaidecida pelas adulações do cavalheiro, que lhe ofereceu uma tosca reverência. — Por que o senhor não se decide a se juntar ao grupo de jovens? Estou certa de que terão prazer em contar com um membro mais.

O cavalheiro gaguejou sem realmente articular palavra. Não lhe tinha passado pela cabeça participar de uma actividade para a qual não estava nada dotado. Detestava qualquer esforço, especialmente o físico.

— Não creio que o doutor Dr. Diggory seja daqueles cavalheiros que passam seu precioso tempo em uma ocupação frívola como o esporte. — O médico concordou com o que assumiu como um elogio à sua pessoa. — Estou convencida de que prefere outros passatempos que o ajudem a cultivar o espírito de maneira mais calma.

— É isso mesmo, Sra Davenport, conhece-me bem.

Para evitar continuar com aquilo, Rachel levou à boca um copo com limonada e tomou um longo gole para evitar de falar, enquanto inclinava o rosto para o campo.

Diggory, incapaz de encontrar um tópico para retomar a conversa, pediu desculpas, fazendo uma reverência exagerada:

— Com sua permissão, senhoras, eu gostaria de verificar se o Sr. Barton se encontra em boa saúde. Se me dão licença...

— Pois não.

A Sra Barton seguiu com os olhos a contorcida retirada do cavalheiro e em seu rosto surgiu um largo sorriso.

— Que cavalheiro encantador! — Disse por fim.

Rachel levantou as sobrancelhas.

— É um profissional competente. — Foi tudo o que conseguiu dizer.

— Há poucos homens como ele, querida, não se deixe enganar por sua aparência áspera. É um homem cordial e respeitoso, qualidades que são escassas hoje em dia entre os jovens. É casado o bom médico?

— Não. É um dos eternos solteiros de Hardshire.

— Deve ser por escolha. Qualquer jovem deveria considerar um grande privilégio receber o carinho de um cavalheiro assim. É um bom partido para qualquer moça sensata. Afortunada aquela que tenha sua predileção!

Rachel suspirou rendida e olhou para a mãe com rebuscada condescendência.

— Bem, deixe-me dizer-lhe suspeito que há uma jovem que goza da total predileção de nosso médico.

— De verdade? Quem é? Uma jovem do condado? Oh, claro! Ela é virtuosa e sensata?

A moça sorriu e enredou a bela cadeia do relógio que pendia de sua cintura.

— Não é do condado, embora a sensatez e o virtuosismo dessa jovem sejam inegáveis.

— Esclareça-me, querida filha, me entusiasma descobrir o objeto das paixões de tal galã.

Rachel mordeu o lábio inferior e disse maliciosamente:

— Não é outra que a nossa querida Caroline.

A Sra Barton estremeceu, fazendo com que a cadeira cambaleasse, enquanto abafava um pequeno grito atrás da profusão colorida de penas de seu leque. Seus olhos se arregalaram e abriu desmesuradamente a boca de lábios finos e severos.

— O doutorzinho pretende a nossa Caroline? Onde já se viu tamanho descaro! — Exclamou abanando-se com vigor. — Nossa Caroline não nasceu para ser a esposa de um simples médico! Tanta beleza não pode ser para nada! Ela tem que se casar com um lord, um visconde ou no máximo um poderoso latifundiário! Com um médico? Que absurdo! Espero que nem o Sr. Barton, nem o seu marido o consintam, que absurdo!

Rachel poderia pelo menos ficar tranquila com uma coisa: sua mãe nunca iria aceitar um casamento tão indesejável. Pela primeira vez na vida, sentia-se satisfeita por tê-la ao seu lado.

Capítulo 15

Maggie Crawford era uma criatura adorável que, apesar de sua pouca idade, abrigava nos olhos penetrantes toda a sabedoria e prudência próprias vida adulta. Era muito pequena, sem dúvida, devido à má alimentação, o que lhe dava uma desconcertante aura de fragilidade que aumentava dia após dia sua imagem desvalida.

A cabeleira escura, lisa e desmazelada, o nariz minúsculo e enegrecido por causa do muco excessivo ou do atrito constante de mãos cheias de poeira e sujeira, dava-lhe ao pequeno rosto o aspecto de um pequeno furão.

Além dessa condição física lamentável, jamais articulava palavra, o que fazia com que sua família ficasse em dúvida, sem saber se era muda, tímida ou, apenas, que não tinha nada de importante para compartilhar.

Sempre que podia, a jovem Caroline Barton escapava da riqueza da grande mansão e desaparecia no imenso calor humano que emanava dos Crawford, dando-lhes infinitas horas de companheirismo, ajuda, compreensão e amizade. Adorava passear pelos arredores da modesta cabana de mãos dadas com a pequena Maggie, a quem entretinha com coloridas fábulas sobre fadas, duendes e outras criaturas fantásticas que dois irmãos alemães tinham acabado de publicar.

O volume que tinha tomado da biblioteca de Daven Court estava escrito em alemão, uma língua sobre a qual ela não sabia nada. No entanto, não lhe era difícil inventar uma história após a outra seguindo as maravilhosas ilustrações que adornavam as páginas. Embora a pequena, invariavelmente, permanecesse em silêncio, bastava-lhe apenas observar os sorrisos transbordantes de surpresa que ela lhe dava para sentir-se satisfeita.

Aquela tarde acinzentada pressagiava a aproximação de uma tempestade. Espessas nuvens esbranquiçadas e violáceas surgiam sobre os altos e distantes montes. A qualquer momento iriam derramar sobre a expectante paisagem o conteúdo de seus ventres vaporosas.

Caroline e Maggie passeavam pelos lamacentos e estreitos sulcos que ligavam a humilde cabana dos Crawford ao mundo recolhendo e entesourando no chapéu da senhorita os pequenos morangos silvestres que cresciam sem restrição na beira da estrada. A pequena demorava mais tempo do que o necessário nessa tarefa, pois de quando em quando entretinha-se acocorando-se à beira do caminho para observar com curiosidade o vôo delicado de uma mariposa de asas pretas salpicadas de vermelho ou o diligente avanço de uma joaninha, que tentava, com tenaz insistência, colocar sobre a ponta do dedo indicador. A inclinação da pequena para comer todas as frutas que recolhiam era outra fonte de distração que fazia com que o pequeño chapéu nunca terminasse de encher.

Caroline, entretanto, absorvida em seu trabalho, cantarolava sorrindo ante a bela inocência e o entusiasmo inegável mostrado pela amiguinha de apreender o mundo através de seus olhos ávidos. Vendo-a, recordava-se de si mesma nessa idade, correndo incansavelmente pelas vastas pradarias de Lambshire impulsionada pelo espírito imparável e curioso de sua amada irmã. Sonhava com que lhe crescessem nos ombros asas delicadas com que elevar-se até se perder nas alturas e idealizava ao incauto Ícaro.

O que ambas ignoravam era que, por mais de uma hora, uma sombra as vinha seguindo, oculta entre a espessura do mato. Um olhar com cenho franzido era filtrado pelas palmas caneladas de samambaias reais onde uma respiração apressada e rouca misturava-se com a quietude da tarde. O sorriso malicioso alargava-se a cada movimento da silhueta da jovem Barton.

Aproveitando-se da cegueira momentânea das jovens a que as condenava a postura agachada, a sombra abandonou de repente a clandestinidade e se colocou em

silêncio por trás delas, como se fosse uma astuta raposa à caça de duas galinhas indefesas.

Caroline foi a primeira a perceber essa presença inesperada com o canto do olho e pôs-se de pé tão lentamente quanto possível, apesar da evidente reviravolta de seu coração. Seu primeiro impulso foi agarrar a mão de Maggie e puxá-la para si, protegendo-a entre as amplas pregas de sua saia.

— Minha querida senhorita. — Uma exagerada reverência e um irritante esfregar das mãos acompanharam essas palavras.

Caroline devolveu a cortesia com lentidão surpreendente. Sentiu uma pontada na boca do estômago ante tal aparição inesperada. Será que ela nunca poderia se livrar dele? Seria possível que esse homem cruzasse o tempo todo seu caminho? Por que aquele personagem surgia e arruinava seus momentos de lazer?

— Minha querida senhorita. — Repetiu o homenzinho. — Que maravilhoso encontrá-la nestes lugares! Sua figura se destaca entre a beleza selvagem das plantas e dos rosados flores como se fosse a própria Ártemis.

Caroline confundida enrugou a testa. Com que novos absurdos pretendia lisonjeá-la? Ou se tratava apenas de um estratagema para se gabar acerca de seu conhecimento da mitologia antiga?

— Doutor Diggory, que surpresa encontrá-lo tão longe de DavenCourt.

— Sim, é que... Estava retornando de uma das minhas visitas de rotina.

A pressa nervosa com que falava, e o olhar revelador que dedicou ao manto de trevos e às elevadas copas das árvores indicaram à jovem que ele estava mentindo.

— Saudarei aos senhores Davenport de sua parte, senhor. — Disse, com um leve aceno de cabeça, tentando terminar a conversa.

O médico deu um passo para bloquear-lhe o caminho. Esse movimento fez com que ficassem face a face. O rosto congestionado e avermelhado daquele homem ficou a uma curta distância do dela.

— Senhorita Barton, foi obra da Providência tê-la encontrado aqui, pois faz tempo que quero conversar sozinho com a senhorita.

Caroline olhou para cima e cravou os enormes olhos azuis nos olhos do cavalheiro. Tentou manter a calma e engoliu em seco enquanto um ligeiro tremor sacudiu o corpo.

— Faz tempo que comecei a pensar em algumas possibilidades. — O médico esticou a mão para segurar um laço de cetim pendurado na lateral da saia da moça. — Creio que não ignora o alcance dessas possibilidades, já que se relacionam com a senhorita.

Os joelhos de Caroline começaram a tremer. Sentiu um leve puxão na mão que lhe recordou a presença de Maggie, que lhe deu um olhar infeliz. Aquelas grandes esferas marrons trouxeram algum vigor à sua mente aflita.

— Sr. Diggory, é bastante impróprio que ambos mantenhamos qualquer tipo de conversa neste momento e neste lugar.

— E, no entanto, a mim pareceu tão favorável tê-la encontrado! — Com estudada diligência, tentou pegar a mãozinha da senhorita Barton, mas com idêntica celeridade os dedos da jovem mexeram-se prontos a se esconder atrás das saias.

— Senhor, peço-lhe adiar esta conversa.

Alfred Diggory suspirou teatralmente o aroma desprendido do cabelo dourado de Caroline e estreitou os olhos fazendo-a tremer e desejar que a terra se abrisse de repente e a engolisse.

— Não imagina o quanto é apropriado este momento, minha linda senhorita, para expressar-lhe…

— Senhor, peço-lhe que não se comprometa mais – gritou-lhe, cortando as perturbadoras palavras do médico.

Maggie, entediada com uma conversa que não era capaz de entender, de repente soltou a mão da moça e fugiu. Correu e correu, deixou a trilha para se perder no verde do bosque, esquivando-se dos ramos baixos das árvores e dos braços espinhosos das plantas selvagens que buscavam retê-la. Estava tão concentrada que não notou a presença que surgiu de repente e bateu contra um régio colete de brocado, o que a fez recuar vários passos.

A figura tentou impedir que caísse; agarrou-a pelos ombros ossudos e lhe deu o mais sincero dos sorrisos.

— Pequena Maggie! O que você está fazendo aqui tão longe de casa? Está sozinha?

A menina balançou a cabeça.

— Está Benny com você? — Ele perguntou e a pequena voltou a negar.

O cavalheiro deu seu habitual sorriso torto e acariciou as bochechas pálidas da menina.

— Com quem você veio?

Maggie sorriu e virou o torso miúdo com gesto brincalhão.

— Está a senhorita Barton com você?

A pequena assentiu radiante.

— E onde está? Você escapou?

A menina apertou os olhos com força sem deixar de sorrir e, em seguida, estendeu a mão e apontou para um local invisível.

Cooper tomou sua mão para que o levasse através da floresta, feliz com o vigor com que sua guia o arrastava. A imagem da senhorita Barton começou a bater com força nas têmporas de Knoxville.

Enfureceu-se consigo mesmo quando percebeu a alegria que lhe dava encontrar-se com ela e ter a maravilhosa posibilidade de deleitar-se com a beleza daqueles olhos e a perfeição daqueles traços suaves e harmoniosos.

Teve que admitir que tinha sido muito injusto com ela: a julgar pela assiduidade com que a encontrava por ali, era mais do que provável que o interesse da moça pelos Crawford era inteiramente sincero. Talvez não fizesse mal dobrar seu orgulho e pedir desculpas, mesmo que só desta vez.

A menina parou de repente. Diante dele apareceu a cena mais inesperada: aquele ridículo adulador que tinha visto no baile dos Castleford segurava um cacho dourado que oscilava ao lado do pescoço da senhorita Barton, enquanto ela torcia o rosto na direção oposta.

Uma labareda cresceu de repente nas profundezas do jovem, avivando uma possessividade desconhecida. Soltou a pequena e apertou os punhos enquanto um fugaz brilho de ódio atravessou suas pupilas com um perigo ameaçador.

— Vai, vai, mas que reunião mais divertida. — Levantou o queixo, enlaçou as mãos atrás das costas e caminhou até o casal.

Diggory ficou imóvel, ligeiramente inclinado para Caroline e com a mão suspensa no ar. Ela ergueu os olhos vidrados em direção ao recém-chegado, enquanto colocava as mãos na cintura e apertava os lábios.

Cooper viu o apelo mudo daqueles belos olhos e em dois passos colocou-se ao lado da jovem, tomou-a pelo cotovelo e afastou-a daquele lugar.

— Senhorita Barton, creio que Maggie quer ir para casa. — Disse sem soltá-la enquanto a levava para o lugar onde a pequena esperava. Caroline deixou-se levar pela mão segura do cavalheiro.

Uma vez que chegaram ao lado da pequena, Cooper a soltou e fixou com dureza os olhos de obsidiana nas aquosas pupilas azuis. Ele apertou com força a mandíbula. Teve de usar toda sua força de vontade para não envolvê-la em seus braços e beijar a adorável palidez daquelas têmporas, para não protegê-la contra o peito ao vê-la tão frágil e delicada. Aquele ridículo sem-vergonha ia se arrepender.

No entanto, em vez disso, fez-lhe uma reverência e pediu-lhe para desaparecer de lá. Caroline devolveu-lhe a cortesia, tomou a mão de Maggie e desapareceu com ela entre as moitas.

Quando ambas se foram, Cooper se aproximou de Diggory, estreitando ameaçador o círculo invisível entre eles como um leão cercando sua presa.

— Você não é um pouco velho para andar perseguindo meninas inocentes?

Diggory fez uma careta de desgosto.

— E você? Será que não tem nada melhor a fazer do que se meter em conversas privadas, senhor?

Cooper sorriu em uma careta que escondia a periculosidade de um vulcão a ponto de explodir.

— Na verdade, não, conto com bastante tempo livre.

A arrogância do jovem fez com que Diggory contraísse a cara com repulsa.

— Eu sei quem você é, senhor, e é por causa disso que eu o aconselho a meter-se em seus próprios negócios e deixe em paz aos dos demais.

— Está me ameaçando? — Cooper cruzou os braços sobre o peito. — Eu me pergunto o que diria o escrupuloso sr. Davenport se soubesse que o médico que o atende se dedica a importunar a sua jovem cunhada sem o menor recato.

Diggory estremeceu.

— O senhor deveria medir suas palavras. Aqui o único inoportuno é o senhor.

— E o senhor deveria voltar à realidade e definir metas que estejam ao alcance.

Diggory levou a mão ao apertado nó da gravata e colocou um dedo entre o tecido e o inexistente pescoço, momento em que Cooper aproveitou a vantagem para encará-lo com altivez.

— Espero que isso não aconteça novamente. Da próxima vez eu não vou ser tão tolerante com o senhor. — Sentenciou o senhor de Rosedale Abbey arrastando as palavras e afastando-se sem dar as costas ao contrafeito personagem. Quando esteve longe, virou-se e, com passos violentos, cheios de raiva, desapareceu.

"Maldita cópia de cavaleiro andante! Que impertinência!", bramou Diggory para si mesmo. "Por minha vida que isto não ficará assim! Você gosta do doce pardalzinho? Deve saber que nunca terá esse ninho! "

Capítulo 16

Alfred Diggory pigarreou várias vezes emitindo uma série de sons dissonantes tentando, em vão, erguer os ombros curvados e apertar os punhos para mostrar um mínimo de determinação.

Preso de um nervosismo impossível de ocultar, permanecia indeciso em frente às régias portas duplas do escritório do sr. Davenport e passava inquieto o peso corporal de um pé para o outro, sem saber que, perto dele, duas jovens criadas estavam observando às escondidas, afogando risos divertidos atrás das mãos enluvadas.

Thomas Davenport era um dos homens mais poderosos e respeitados da Inglaterra. Diante de sua presença era silenciado qualquer rumor mal intencionado e, em troca, surgiam em seu passo as mais calorosas ovações. Ninguém em sã consciência ousaria contradizê-lo, menos ainda naquela época em que tinha

começado a se envolver em política no lado controverso dos Tories ou Conservadores.

Alfred Diggory puxou uma ponta do colete enquanto segurava com decisão a maçaneta de porcelana esmaltada.

Flutuava no ar a essência amarga do tabaco e do couro misturada com o odor característico de centenas de volumes adormecidos nas fileiras intermináveis de mogno que adornavam a parede principal da habitação. Majestosas pinturas a óleo adornadas com folhas de ouro com cenas da Batalha de Trafalgar enfeitavam o cômodo. As grossas cortinas de veludo, corridas de modo desigual, permitiam que furtivos feixes de luz filtrassem e prenchessem o ambiente de etéreas e dançantes partículas de pó.

Na parte de trás da sala, escoltado pelo silencioso exército de pergaminho, Thomas Davenport, com a característica atitude relaxada dos grandes homens de negócio, sentava-se diante da escrivaninha rodeado por um mar de documentos, faturas e cartas que acabara de receber.

— Bom dia, Diggory. Emerick me disse que queria falar comigo sem demora.

O médico caminhou vários passos quase sem separar os pés com curtos e dissimulados saltos, aproximando-se dele sem ser capaz de dar a sua aparência sedentária uma posição ereta.

— É isso mesmo; preciso resolver um problema com o senhor.

Thomas levantou uma sobrancelha e recostou-se na ampla poltrona de seda verde. Observou com atenção aquele homenzinho peculiar a quem, apesar de conhecer durante toda a vida, nunca tinha prestado a mínima atenção. Para Thomas, era como uma sombra fugaz no amplo halo de sua existência: estava sempre lá, pronto para oferecer seus serviços quando necessário, adulando-os e caminhando dois passos atrás deles sem nunca despertar o menor interesse.

— Acontece alguma coisa? O sr. Barton está bem?

— Oh, não, não, não se trata disso! Não se preocupe, todos desfrutam de excelente saúde.

— Então, o que é? Em que posso ajudá-lo?

Diggory tossiu algumas vezes sem conseguir eliminar trinados agudos que lhe brotavam da garganta.

— Encontro-me preso em um terrível dilema moral, Sr. Davenport. Envoltos no mesmo nó apertado estão o enorme respeito que lhe tenho e a ingrata tarefa de comunicar um evento recentemente ocorrido nas proximidades de sua propriedade.

— A esta altura, deveria saber que eu não estou minimamente interessado nas frivolidades do povoado.

— Não se trata disso, mas de algo que afeta a um membro de sua própria família.

Davenport olhou para ele e acariciou com dois dedos o afilado queixo para tentar discernir a que poderia dever-se tanto nervosismo.

— Com absoluta repugnância sinto-me obrigado a informar que a bela irmã de sua esposa foi envolvida em uma situação desconfortável.

— Caroline? O que quer dizer?

— Ontem, quando este humilde servo regressava do povoado, de visita à respeitável sra. Greenhouse, que sofre de tonturas contínuas há semanas, eu fui testemunha involuntária de uma cena que nunca vou esquecer.

— Diggory, deixe de dar voltas e me diga o que você viu!

— Eu não sei como pude ter sangue frio para escutar toda a conversa. O senhor não pode imaginar a repulsa causada por aquela cena em todo o meu ser.

— Fale de uma vez!

— Um homem se aproximou da senhorita Barton de uma forma tão impertinente como vulgar, que a pobre não pode fazer mais do que suportar estoicamente tão desagradável contratempo, dando mostra de dignidade louvável.

— Quem era ele?

— O sr. Knoxville, de Rosedale Abbey.

Thomas apertou os punhos contra o tampo da mesa e fixou os olhos pretos em um ponto remoto da estadia. O médico, insatisfeito com a aparente indiferença de seu interlocutor, aproveitou aquele breve momento de silêncio para continuar alimentando as incipientes chamas de raiva que crepitavam na alma do cavaleiro.

— Acredite em mim quando digo que me dói a alma ter que incomodá-lo com tais ninharias sabendo como o senhor está ocupado, mas, dada a reputação perniciosa do jovem, e sabedores que somos da inocência e juventude da senhorita Barton, creio que não faria mal se o senhor mesmo a vigiasse.

Ante que o silêncio de Thomas, o médico continuou:

— Sabe-se que esse tal de Cooper Knoxville seduziu mais de uma senhora decente e que é a ruína de qualquer família. Além disso...

— Está bem, Diggory, agradeço sua preocupação. Vou tomar todas as medidas necessárias. Pode se retirar.

Surpreendido pelos modos abruptos, o médico levantou a cabeça e com um tênue gesto de assentimento despediu-se desfazendo-se em reverências.

* * *

O dia amanheceu frio e coberto com uma névoa espessa que ameaçava arruinar qualquer plano ao ar livre. No entanto, ao meio-dia, mechas grossas de

fantasmagórica auréola começaram a desvanecer-se em direção às colinas, deixando o céu com uma tonalidade azul clara e brilhante.

Caroline e Annabel permaneciam deitadas no grosso tapete de trevos em um dos muitos canteiros de Daven Court, cobrindo parcialmente o rosto com o braço. A amplitude das saias coloridas das duass amigas espalhava-se em um dilatado círculo ao redor e as pontas de suas sapatilhas bordadas assomavam timidamente sob a tela.

Elas se entretinham assistindo a lenta evolução das poucas nuvens e atribuindo-lhes diferentes formas.

Caroline permanecia nessa posição relaxada, apertando os olhos para proteger-se da claridade.

— Caroline?

Ela inclinou o rosto para a amiga.

— Eu dizia que o mais velho dos meus primos caiu de amor por você. — Caroline corou. — Na nossa viagem de regresso a Castleford, ele não fez nada além de elogiar o frescor de sua beleza, a vitalidade e a serenidade de seus olhos azuis.

— Certamente você exagera!

— Oh, em nada! — Annabel levantou os joelhos formando um montículo em forma de pirâmide com a saia. — Eu o conheço bem e acredite que não é nenhum falso adulador. Em Londres, as senhoritas estão ao seu redor o tempo todo e eu nunca o ouvi falar de nenhuma delas com tal entusiasmo.

— O sr. Marcus é um cavalheiro muito gentil -- apontou arrastando as palabras. — E não poderia ter uma melhor opinião sobre ele. Da mesma forma que seu irmão, Guy, eu o considero do mais cordial.

— Mas? — Annabel se apoiou em um cotovelo e voltou o corpo para sua amiga, que sorriu com o cenho franzido.

— Não entendo.

— Quero dizer que, embora lhe tenha caído muito bem, o lindo e adorável Marcus Auverfort não deixou a menor marca em seu coração.

Caroline corou como uma vívida amapola.

— Oh, não se sinta pressionada! — Annabel sorriu. — Ouso dizer em quem recai seu carinho, e não a culpo. Que mulher não se apaixona pelos grandes desafios? — Perguntou, observando o rubor de sua amiga. — Fique trnaquila, este será o nosso segredo.

* * *

Caroline jamais havia esperado que naquela mesma tarde, uma hora antes do jantar, o Sr. Davenport a mandasse chamar.

Não podia imaginar a que se deveria isso e a única probabilidade que lhe ocorreu foi que poderia ter agido de alguma forma inadequada que o ofendeu.

Uma vez que seu cunhado lhe expôs sem revelar as fontes e sem citar nomes que ficara sabendo que ela tinha sido assediada, o rosto da jovem ficou transfigurado. Ela ouviu enquanto mordia o lábio inferior e fixava os olhos no chão, envergonhada que o Sr. Davenport tivesse ouvido falar sobre a desfaçatez com que Diggory a havia abordado na floresta. Iria expulsá-la para sempre de Daven Court? Conseguiria que ele finalmente a deixasse em paz?

— Caroline, eu não tenho outro remédio do que perguntar-lhe. — Thomas fixou seus profundos olhos nela. — Desculpe-me, minha querida cunhada, mas acho que é imperativo saber: Você gosta de ser cortejada por esse cavalheiro?

O horror tomou o rosto da menina. Se Diggory a agradava? Sentia por ele uma aversão próxima da náusea!

— Oh, não, absolutamente! Sei que uma dama deve mostrar-se grata pelas atenções que recebe, mas estou longe de sentir qualquer inclinação por tal cavalheiro. Além disso, a atenção que me oferece me desgostam profundamente.

— Está bem, querida, você não deve se preocupar. Eu farei tudo ao meu alcance para que ele não volte a incomodá-la.

* * *

Thomas Davenport respirou tranquilo ao saber que o insolente Knoxville não tinha qualquer esperança de ganhar o coração de sua cunhada.

* * *

Caroline respirou tranquila ao saber que o insolente Diggory não voltaria a incomodá-la.

Capítulo 17

O sol banhava o campo derramando seus raios dourados sobre a bela e selvagem paisagem florestal.

Um tapete azul de jacintos silvestres vestia o exuberante terreno invadindo cada escondida e fértil parte da superfície e devolvendo ao astro-rei voltando para o sol os alegres botões abertos com expressão agradecida.

Alheio ao fluxo dos mortais, o curso de um riacho animava a tarde com o misterioso murmúrio de sua corrente. Suas águas se deixavam acariciar pelo deleitoso beijo das libélulas que dançavam sobre o turvo espelho de sua superfície.

Os cavalheiros marchavam ao lado das águas ataviados com elegantes calças de linho e redingotes escuros. Protegiam as cabeças com chapéus de abas largas enfeitados com elegantes laços de cetim preto.

O embornal de couro que ambos levavam à cintura evidenciava que a jornada havia sido bastante proveitosa: uma densa população de pássaros enchia cada centímetro da corda.

— Confesso que estou muito satisfeito com as perdizes penduradas no meu cinto, mas sei que o meu lote de caça está inteiramente coberto por uma boa temporada. — Bosworth falou de forma convincente, embora não fosse a primeira vez que proferia sentença tão fastidiosa. — Quanto mais você vai ficar confinado aqui em Hardshire? E para quê, posso perguntar? Você nunca passou tantas semanas consecutivas confinado em Rosedale Abbey, e por minha vida, não consigo compreender seu comportamento. Aborrece-me o cheiro de terra molhada, me irrita perambular como um arrendatário em um território onde tudo que se vê é uma tediosa e interminável cor verde e amarronzada e muito me irrita a simplicidade dos

habitantes. Sabia que anteontem, na aldeia, eu não pude encontrar uma loja decente onde comprar luvas de pelica? Simples luvas de pelica.

Cooper parou abruptamente à beira do arroio com a vista fixa em algum ponto invisível da espessura com gesto concentrado e expressão ausente.

— No ano passado, estávamos desfrutando das animadas distrações oferecidas pela cidade de New Market, e considero que não deveríamos perder a temporada de corridas que apenas começou. Entendi que puros sangues promissores, patrocinados por incautos figurões cheios de dinheiro fazem ressoar os cascos sobre a via Rowley. Ouça bem: centenas e centenas de notas querendo mudar de mãos!

Knoxville franziu os lábios e golpeou com força um altivo lírio d´água que crescia a uma curta distância.

— Creio que por uma vez não sinto nenhum desejo de ludibriar ninguém. Eu não sei, talvez eu comece a ver a vida de outra perspectiva. — Respondeu distraidamente, olhando para os delgados juncos enquanto flexionava uma perna para se equilibrar. — Estou descobrindo que o campo pode oferecer muitas oportunidades de distração. Sabe? Sempre admirei esta vida simples. Nasci nesta terra e sob este céu sempre nublado eu cresci. — Inclinou a cabeça, tirou o chapéu e passou os dedos pelos cabelos. — Lembro-me de quando eu era criança e minha mãe costumava levar-me a passear sob as velhas castanheiras da mata e brincávamos de coletar as cápsulas espinhosas abandonadas enquanto víamos se aproximar ao longe...

— Oh, não, não! — Bosworth fez uma careta de desgosto balançando a cabeça e levantou a palma estendida entre os dois. — Eu me recuso a aguentar essa ladainha de sentimentalismo ridículo.

Seu companheiro cessou o comentário e respirou profundamente pelo nariz, franzindo a testa.

Não, não era tolo. O pânico que lhe causava a solidão fazia com que fizesse ouvidos surdos e interpretasse o ridículo papel de libertino. Sabia que tipo de pessoas o rodeava e conhecia muito bem a imunda reputação dos cavalheiros que o acompanhavam em suas andanças, atraídos apenas pelo tilintar de suas moedas.

O que podia fazer? Durante anos tinha construído uma reputação de pobre diabo e um futuro obscuro para um vislumbrar o suposto brilho dos brasões familiares cujo esplendor tinha se apagado vinte anos antes.

Tal como seu pai tinha repetido até a saciedade, foi um menino mimado, uma criança sentimental e fraca que nenhum cavalheiro respeitável teria escolhido como herdeiro. Um queridinho da mãe, que era a vergonha de um pai rigoroso que se guiava pelas aparências.

Em seus piores pesadelos lembrava-se das últimas horas daquela mãe que tinha ido deixando-o para sempre com aquele ogro de olhar pétreo e coração de mármore. A noite trágica em que nada lhe havia ajudado agarrar com todo o desespero de uma criança as mãos sem vida de sua mãe, gritando entre soluços e clamando aos céus enquanto seu pai o arrancava bruscamente daquele último e gelado abraço para condená-lo à prisão perpétua da indiferença e a falta de afeto. Não pode nem mesmo beijá-la pela última vez e ser beijado por aqueles lábios rosados que tantas vezes haviam cantarolado para ele no limiar do sono.

Aquele momento foi o início de sua queda imparável.

Deslizando a mão sobre as pálpebras cansadas, tentou apagar as imagens que tinha jurado mil vezes esquecer e que, no entanto, voltavam para ele o tempo todo.

— Seja sensato. — Bosworth caminhava com passos largos para tentar manter o ritmo vigoroso que o outro tinha tomado sem perceber. — Uma vez no condado, McDougal e Perry vão se juntar a nós. Você poderia até mesmo passar pelos Wild Kitties e visitar Emmaline. A muito tola com certeza ainda espera ansiosamente por

você com um raminho de violetas na mão. Meretriz ridícula! — Soltou uma gargalhada que gelou o humor de Cooper.

— Não tenho nenhum desejo de ir a New Market ou desperdiçar as migalhas que restam na minha bolsa, então não insista. — Virou-se para o companheiro. — Se você odeia este lugar, por que não vai de uma vez a Londres e me deixa em paz? Acaso lhe pedi para ficar em Rosedale Abbey?

Bosworth ficou imóvel, estudando a expressão ausente e irritada que seu amigo apresentava havia dias. Tinha certeza de que tinha acabado de descobrir a razão daquele confinamento ridículo e a revelação só podia diverti-lo e surpreende-lo ao mesmo tempo.

— Ah! Não me diga que tudo isso é devido à pudica toda certinha! Quer ficar aqui por ela? — Meneou a cabeça. — Puxa, pensei que você fosse mais esperto!

Cooper parou, apertou os punhos e olhou para ele de uma forma nada branda. Respirou fundo e levou os ombros para a frente com a cabeça inclinada para cravar as pupilas nele.

— Tenha cuidado com os termos que você usa para se referir a ela.

— Oh, certo! Você só confirmou minhas suspeitas! Vamos lá, se ela não tem um xelim! — Agitava a cabeça com ceticismo, apertando as mãos e fazendo gestos grotescos. — Você não pode estar falando sério! Se não é ninguém! O mais próximo que está de possuir alguma coisa é a relação casual que tem com os Davenport e, acredite em mim, na hora de repartir, não receberá nem um simples lençol da mansão!

Com os olhos vermelhos, Cooper, de repente, colocou-se à altura de Bosworth, duas cabeças mais baixo, e bateu em seu peito com um dedo:

— Não sejas estúpido!

— Não entendo! — Arregalou os olhos. — O que você pode querer dela? Se você pretende seduzi-la e troçar desse ridículo halo de beatice que a rodeia, eu só posso aplaudi-lo. Divirta-se um tempo e esqueça. Mas, havendo tantas senhoras chatas e ricas na capital à espera de que dois gallhardos cavalheiros encham de emoção suas vidas vazias, sugiro que não perda seu tempo com distrações inúteis.

Cooper pressionou os punhos até que os nós de seus dedos ficaram brancos. De repente, um terrível e conhecido martelar atingiu suas têmporas como se o sangue estivesse prestes a sair de seu caminho para se derramar até inundar tudo.

Sem palavras, ajustou a espingarda ao ombro e retomou o caminho de volta para sua propriedade, deixando seu companheiro mergulhado no mais completo desconcerto.

* * *

O sol elevava-se entre as folhas estreladas da figueira selvagem e coloria a superfície antiga, sulcada de veiazinhas amarelas com um brilhante cetim dourado e incentivando o canto melodioso e vibrante dos pintassilgos.

Perdidos em algum lugar no manto verde de trevos, incontáveis e invisíveis grilos, gafanhotos e cigarras permitiam medir-se o tempo por meio de seus barulhos cadenciados.

Marcus Auverfort caminhava ao lado da adorável senhorita Barton na vereda que contornava os limites de DavenCourt. Ele tinha ido a Hardshire com o propósito de visitar sua adorável prima Annabel e seus queridos tios paternos e depois continuar sua viagem com seu irmão. Mas Caroline apareceu como a mais bela divindade recém-surgida das samambaias verdes. A partir desse momento ele não queria nada mais do que ficar na região e contemplar a densidade daqueles olhos que reproduziam a placidez do lago ao receber os raios do sol.

Vestido com seu melhor casaco de veludo verde, que deixava entrever um belo colete cinza costurado com fios de prata e bordado com elegantes motivos de lírios e espigas, caminhava com passo firme e as mãos às costas, ofuscado sem dissimulação pela beleza de sua companheira.

Sempre que Caroline surpreendia um desses olhares encantados, o jovem respondia com um sorriso travesso que a forçava a baixar os olhos, morta de vergonha.

Como ela conseguia ser tão bonita com estas roupas tão simples? Na cidade tinha visto elegantes senhoras transbordando de plumas, gazes, sedas e ouropeis que, no entanto, não tinham conseguido chamar sua atenção, enquanto a jovem, com esse simples vestido de musselina branca, parecia-lhe como uma ninfa recém-surgida das águas.

Tinha o cabelo amarrado para trás com um coque estreito e o rosto emoldurado de cachos dourados que se desprendiam com deliciosa irreverência do laço que buscava contê-los. Adornava a clara suavidade ingênua do cobiçado pescoço uma lágrima de nácar, que balançava sobre o coração da jovem em uma corrente de ouro quase imperceptível.

— Já estou há alguns dias nesta parte do país e mal tive alguma aventura emocionante. Sempre pensei que o campo abrigava enormes desafios e entretenimento, e que aquí, no meio da natureza, não teria um segundo para ficar entediado. No entanto, começo a suspeitar que Hardshire é tão soporiferamente tranquilo como minha prima o havia descrito.

— Eu não sabia que estava passando um tempo tão mal, sr. Auverfort. Creio que represento uma companhia das mais tediosas.

Marcus balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Nem por isso, senhorita Barton! A única diversão que tive até agora foi correr atrás das bolas que me lançava. Acredite-me que a senhorita deu um

necessário banho de humildade a dois jovens terrivelmente envaidecidos por sua masculinidade.

Caroline sorriu divertida. Gostou do senso de humor daquele cavalheiro.

— Na verdade, há dias que venho pensando que deveríamos organizar um passeio. Estamos na primavera, o clima é maravilhoso, a vida é boa. Que lhe parece organizar um baile?

— Que boa ideia! — Seus olhos se iluminaram e seu sorriso se alargou. — Eu amo os bailes, sr. Auverfort. Além disso, desde que cheguei, só fui ao maravilhoso baile oferecido pelos seus tios, coisa que, por certo, desagradou muito a minha mãe, que acredita que uma moça solteira deve participar de uma quantidade considerável de eventos.

— Acredita que a Sra Barton estaria de acordo com que um outro baile fosse realizado em Castleford Mason na sexta-feira?

— Oh, eu lhe asseguro que lhe encantaria ouvir isso, mas devo avisá-lo de que o senhor corre o sério risco de se tornar o favorito de minha mãe por ter tal iniciativa.

Marcus prendeu seus olhos claros e ficou sério.

— Eu não me importaria com isso, se esse sentimento fosse compartilhado pela senhorita.

Caroline baixou os olhos, sorrindo sobressaltada.

Percebendo imediatamente que o comentário havia sido desafortunado, Marcus tentou desviar o curso da conversa. A última coisa que queria era incomodar a uma linda criatura tão encantadora quanto ela.

— Então está combinado, minha querida amiga! — disse em tom despreocupado. — Hoje à noite vou apresentar nosso desejo a meus tios. Estou convencido de que aceitarão com gosto e nos permitirão usar o mais belo salão da residência. Dou por certo que a senhorita e minha prima vão cuidar da decoração.

Caroline respondeu com um sorriso.

— Vá preparando o vestido mais bonito que tem, minha senhorita, vamos ter baile em Hardshire!

Capítulo 18

Naquela noite, quando Thomas Davenport entrou no quarto principal vestido com um elegante casaco curto de mangas compridas feito com seda do verde intenso das florestas antigas da zona rural inglesa, encontrou sua esposa sentada diante da penteadeira, vestindo uma vaporosa camisola de fitas e rendas irlandesas que a envolvia como a volátil névoa do amanhecer à paisagem arborizada.

Escovava o cabelo cantarolando em um sussurro uma linda melodia romântica. Ele se aproximou dela por trás, em silêncio e respondeu com um sorriso à expressão extasiada com a qual ela seguia sua aproximação através do enorme espelho oval. Então inclinou-se sobre Rachel e rodeou a frágil silhueta com os braços peludos, puxando-a para apoiar o ombro da mulher sobre seu amplo peito.

Beijando-lhe a coroa sem afastar-se um milímetro dela, Thomas rasgou o véu romântico que os envolvia e disse:

— Você sabia que Alfred Diggory me deu uma notícia extraordinária?

Rachel sorriu, satisfeita com a confortável posição.

— Do que se trata?

Thomas beijou com estudada lentidão a bela curvatura da nuca de sua esposa, deslizando os lábios pelo contorno do pescoço delicado plantando beijos até o perfil arredondado da mandíbula.

— O que perturba tanto o médico? Algum novo tratado sobre microorganismos ou acerca de germes interessantes?

— Em absoluto! — Abraçou-a com mais força. — Desta vez, a questão é de natureza romântica. Aparentemente, ele foi obrigado a agir como um bravo cavaleiro.

Rachel deu uma risada perversa.

— Veio notificar-me da insistência de um galanteador pouco apropriado que ronda com insistência o florido balcão onde assoma o coração de sua irmã.

— É essa sua ideia dos deveres de um cavalheiro andante? Correr para acusar os seus rivais, em vez de enfrentá-los? Valente galanteador!

— Creio que você está errada, meu amor. De que rivais você está falando? Ele não é o galanteador! Oh, que imagem você me deu inadvertidamente! Alfred Diggory cortejando sua irmã? Ridículo!

— Talvez seja você o cego, senhor Davenport, e não pode ver o óbvio. — Rachel observou a expressão cética de seu marido. — Por que lhe parece tão ridículo? É verdade que o doutor está perto da fronteira dos quarenta anos, mas não deixa de ser um homem solteiro. Além disso, minha irmã é muito bonita e sua timidez é capaz de subjugar ao mais endurecido dos cavalheiros. Eu não vejo por que você acha que é tão absurdo.

— Vocês mulheres são muito exigentes quando se trata desses assuntos. Quanto dano tem sido feito nessas cabecinhas sonhadoras e volúveis os escritos do obsceno Byron ou da fantasiosa Radcliffe!

— Exigentes? Nem por isso, acredite em mim! Mas quando se aproxima de nós um homem obtuso, feio e bajulador como o doutor Diggory, começamos a ver com bons olhos a possibilidade de abraçar a vida de solteira.

— Oh, minha pequena bruxa de olhos verdes, como você é má! — Exclamou enquanto salpicava de intermináveis beijos o oco da clavícula dessa ninfa.

— Thomas, você não deve se preocupar com a virtude da minha irmã. Não é nada boba e não requer nenhuma sentinela.

— Só espero que esta menina Barton seja mais moderada e sensata do que sua predecessora.

— Mas, o que diz você? Se aquela senhorita Barton era um modelo de virtude!

— Sim, e dona de uma língua afiada.

— Você tem que concordar que, com suas ideias rebeldes, conseguiu perturbar o universo entediado e solitário de um cavalheiro que pecava de arrogância.

Thomas rodeou a cintura delgada para levantá-la e colocá-la no leito.

— É certo. Aquela jovem intrépida conseguiu sacudir o mundo ordeiro e pacífico de um cavalheiro sensato e completo que, uma vez que caiu encantado nas lagoas verdes de seus olhos, perdeu sua sanidade para sempre. Eu acho que é hora de resolver velhas contas pendentes, minha querida senhora Davenport. Acuso-a de ter irrompido em minha vida e enchido de luz a cada segundo da minha existência. — E depois de dizer isso, apagou com um firme sopro a chama da única vela que iluminava o quarto, cujo brilho alaranjado ao se apagar chegou a refletir a travessa perversidade dos propósitos de Thomas.

* * *

O sol cavalgava aquela tarde montado sobre as nuvens de um céu nublado. Mergulhado em uma acinzentada claridade, a paisagem sonolenta permanecia confundida entre os aromas e silvos do vento que enchia o ar de sons suaves.

Um grupo jovial formado por quatro jovens, – as senhoritas Barton e Castleford, escoltadas pelos irmãos Auverfort, entrou no agitado povoado de Hardshire enchendo o ar com risos radiantes.

Annabel usava um simples vestido de tarde azul com um véu de gaze branca na base do decote que se perdia sob o busto. Na cintura levava um largo laço amarelo de fio que fazia jogo com a fita do chapéu de abas largas que lhe cobria a cabeça. Ocultava as mãos em um elegante rolo decorado com penas de pavão.

Ao seu lado, e com braço fraternal enlaçado ao dela, Caroline estava ataviada com um simples tafetáde algodão amarelo salpicado de florzinhas violáceas. Sobre o vestido tinha uma pequena jaqueta do mesmo tom adornada com galões e botões forrados que permanecia desabotoada, expondo o tecido decorado sobre o busto. As mangas bufantes nos ombros tinham simples passadores decorados com fita de cetim violeta que pendiam até à altura do cotovelo.

Ao lado dela, os cavalheiros caminhavam em afável conversa, vestidos com elegantes jaquetas de veludo, lustrosos e altos borzeguins de pele e simples calças de linho bege.

As senhoras não conseguiram resistir à tentação de parar em frente às vitrines do sr. Atkinson, o único lugar onde tinha desde um berloque de prata até elegantes e brilhantes luvas de marroquim. Todos os viajantes que passava por ali gastava com prazer meia coroa naquele lendário comércio.

A sucessão colorida e extravagante de chapéus de aba larga e bonés com plumas ou toucados exagerados em tule e pérolas que adornavam a vitrine chamou inevitavelmente a atenção das senhoritas.

— Caroline, não posso nem me imaginar por um momento transportando tudo isso na cabeça! — Exclamou Annabel estática diante do vidro. — Quanto devem pesar sobre um coque elaborado! Estaríamos condenadas a passar toda a noite com o pescoço duro como se tivesse sido engomado.

— Acho que deve ser como andar com um ninho de estorninhos sobre o coque de tranças. — Caroline sorriu com o pensamento.

— Oh, querida, não posso acreditar que as damas da capital levem esses espantalhos na cabeça! — E, voltando-se para seu primo mais velho. — É verdade que em Londres esta é a última moda?

Marcus se aproximou do vidro e levantou uma sobrancelha, desenhando seu melhor sorriso.

— Vi senhoras com esses enfeites sem ser capaz de discernir se estavam seguindo a moda ou se tiveram um infeliz encontro com os ninhos de seus jardins.

Caroline mordeu divertida o lábio inferior, tentando não rir. Ao perceber, Marcus sorriu com satisfação.

— Oh, Marcus, você é terrível! Ela se virou para seu outro primo. Seu irmão é tão cruel com ornamentos das mulheres!

O referido ergueu o queixo e olhou com arrogancia para o outro lado.

— Concordo com ele. Não há nada mais frívolo e perigoso do que a vaidade feminina, que passa todo o tempo planejando o modo mais artificial de mascarar a beleza natural.

Annabel olhou para eles com desgosto, enquanto afagava o antebraço de sua amiga e comentava para seu primo ouvir:

— Esqueci que Guy está a favor do voto de pobreza para os clérigos. Não é de se fiar.

— Não no que se refere aos trajes das mulheres. Além disso, o assunto não me interessa muito. O guarda-roupa de uma senhora não é o mais importante na hora de decifrar seu caráter.

— Você realmente pensa assim? Creio que a imagem da pessoa à nossa frente é o que primeiro percebemos dela. Alguém elegante sempre nos agradará mais do que um personagem rude de modos grosseiros.

— Isso é verdade. — Disse Marcus, tentando chamar a atenção de Caroline. — Também é verdade que um simples vestido de musselina pode ser muito mais bonito do que um esculpido em seda natural e que um cabelo recolhido com naturalidade pode ser mais inspirador do que um coque que eleve a cabeça da dama até a Lua. Qual sua opinião, senhorita Barton?

Caroline estava prestes a falar quando Annabel puxou a manga da sua jaqueta. Ela se virou para sua amiga e viu que tinha a expressão tensa e seus olhos estavam voltados para um ponto do outro lado da rua.

Lá estava ele. Em pé na frente de um pequeno vagão ambulante carregado de vegetais, com a eterna pose, a cabeça inclinada para o lado com aquela mágica aura de mistério que sempre o rodeava.

Caroline soube que o Sr. Knoxville não olhava para ninguém mais, apenas para ela e que o fazia com tal intensidade que, se o desejasse, bem poderia transpassá-la com aqueles olhos negros. Compreendeu também que, se não conseguisse controlar a respiração, cairia desmaiada a qualquer momento. Devia tentar acalmar seu coração para que seus companheiros não percebessem as dolorosas pancadas que dava. Respirar, respirar e fingir uma compostura e um equilíbrio que lhe faltavam.

Knoxville fez uma rápida reverência à senhorita Barton, tocando com deferência a ponta dos dedos na aba do chapéu. Ele então virou-se e desapareceu no burburinho de camponeses, comerciantes e mulheres que carregavam seus jarros de água ao lado, deixando para trás o eco agonizante de um coração aflito.

Caroline engoliu de forma ruidosa, acordando de repente daquele breve devaneio. Olhou em volta, desorientada, tentando discernir se aquela imagem havia sido real ou o resultado de seus desejos mais secretos. Aquele sorriso, aquele olhar profundo, por acaso teria sofrido de algum tipo de alucinação ou de fato ele tinha estado lá?

— Quem era esse cavalheiro? — Marcus perguntou com curiosidade sincera, consciente do embaraço da senhorita Barton, embora ignorando a razão.

Annabel olhou para Caroline, pedindo-lhe permissão para responder à pergunta.

— É o sr. Cooper Knoxville, de Rosedale Abbey. Um cavalheiro oriundo de Hardshire. — Olhou para Caroline. — Muito conhecido nos salões de baile.

— Ah, entendo! Bem, nesse caso você deve garantir que ele receba um convite! Não podemos perder a oportunidade de contar com ele, dada a evidente falta de cavalheiros que costuma acontecer em tais eventos.

Annabel olhou para Caroline. A moça tinha uma expressão indecifrável no rosto e as faces completamente coradas. Então observou a seu primo, franzindo a testa. Se ele soubesse o que tinha acabado de propor, nunca o teria feito.

— Se for esse o seu desejo, Marcus.

— Claro. Eu quero que seja um baile memorável. — Caroline olhou para a vitrine colorida sentindo o sangue batendo forte na jugular. — E agora, queridas senhoras, vamos entrar nesta pequena loja para gastar um par de libras. Preciso de umas luvas de pele de coelho marrom para estrear amanhã.

Capítulo 19

Na noite do baile, o salão dos Castleford brilhava como se todas as estrelas do céu tivessem se reunido sob aqueles maravilhosos tetos abobadados e repletos de trabalhos em madeira, entre cujos espaços viam-se impresionantes criações.

Cada canto da sala, decorado com elegância, estava coroado pelas chamas alongadas dos candelabros e círios reais que davam ao ambiente uma luminosidade âmbar e aroma característico de cera derretida. Pequenos tufos de fumaça subiam dos braços bem torneados dos castiçais de prata até os ornados tetos, fazendo com que uma etérea densidade enevoada cobrisse a atmosfera e desse ao lugar uma deliciosa aura romântica.

O espaçoso salão estava repleto de convidados que se moviam e interagiam em movimentado enxame.

Por todos os lados ressoavam os ecos do riso discreto das senhoras, as gargalhadas sonoras e petulantes do cavalheiros, o delicioso e tênue farfalhar das sedas em seu avanço e o cadenciado tilintar dos copos de ponche servidos pelos criados vestidos com uniformes escuros e perucas empoadas. No meio desse turbilhão de cores e fragrâncias era possível perceber o som do balanço dos leques de plumas, que aliviavam com seu leve vai-vem os rubores das altivas e veneráveis senhoras aristocráticas.

Ao fundo do comodo destacava-se uma pequena orquestra que finalizava os detalhes para amenizar a noite e cujo silêncio fazia com que passasse despercebida para os que estavam na plateia comentando os últimos rumores e criticando ou admirando a elegância das senhoras ali reunidas.

Caroline sentia-se como uma formiguinha perdida em um denso jardim. Seguia embebecida sua amiga Annabel, agarrada à mão dela, enquanto a jovem anfitriã fazia seu caminho entre aquela agitada maré de gazes, sedas e musselinas.

Tudo ao redor eram sorrisos falsos oriundos do ego envaidecido de uma autoestima excessiva dos que a observavam com atenção exagerada, acompanhada de uma maliciosa caída das pálpebras e uma elevação altiva do queixo refletindo o monólogo interior – e às vezes perfeitamente audível – de suas proprietárias:

"Quem será essa garota desconhecida e simplória que está aqui com a sociedade mais seleta de Hardshire?" "Nunca a tinha visto." "Você notou a simplicidade de seu guarda-roupa e vulgaridade de seus modos?" "Entendo que é um nova amizade da senhorita Castleford. Sabe-se como essa moça é extravagante na escolha de suas afeições." "Creio que a arrivista é cunhada do senhor Davenport. A família de sua esposa carece de classe e é composta de camponeses bárbaros".

No entanto, ela tentava fazer ouvidos moucos a esas bisbilhotices e estava determinada a tentar que nada turvasse aquela noite. Adorava dançar, qualidade habitual nas mulheres Barton. Em Lambshire não se costumava realizar reuniões dessa categoria; na verdade, os bailes eram uma novidade muito rara e todos os eventos sociais limitavam-se a pequenas reuniões ou festejos campestres, como os da antiga festa do Dia de Maio.

Ainda não tinha percebido a irritante presença do doutor Diggory em nenhum lugar, de modo que a noite estava se mostrando encantadora. Apenas por um momento aprofundou a pequena ruga na testa: e se o sr. Davenport já tivesse tomado medidas sobre o assunto? Se ele decidiu dispensar os serviços e a amizade do médico definitivamente?

No entanto, não devia se sentir culpada sobre um assunto do qual tinha sido apenas uma vítima inocente. Alfred Diggory era adulto e sabia as consequências de sua atitude. Não, ela não era responsável pelo futuro daquele homem.

— A senhorita está está radiante esta noite! — Caroline virou de repente, surpreendida em seus pensamentos, para encontrar os olhos azuis e o amplo sorriso do Sr. Auverfort.

— Obrigado, senhor. — Respondeu com uma leve reverência e o correspondente incêndio das faces.

Para essa noite, sua irmã lhe emprestara um vestido da temporada anterior e Caroline sentía-se como uma princesa de contos, envolta naquele formoso tecido de algodão e organza cor de rosa, com veios de um claro tom castanho. O tecido macio amoldava-se perfeitamente com a caída da cintura alta sob o busto aos quadris da moça, dando-lhe um delicioso aspecto etéreo.

Além disso, levava também nas mãos adoráveis luvas amarelas de pelica que lhe chegavam ao cotobelo, contornando-lhe o braço. Havia optado por recolher o cabelo em uma elegante trança feita um coque alto, deixando cachos soltos,o que lhe dava um delicioso aspecto pueril.

— Marcus, creio que todo Hardshire está aqui reunido esta noite. O baile é um sucesso.

O rapaz sorriu imponente com sua jaqueta de veludo preto e, embora não fosse mais alto do que ela, a jovem não podia deixar de admirar seu porte elegante. Os imaculados punhos de renda que assomavam sob as mangas e a cuidada gravata que se ajustava ao seu pescoço, ressaltando entre as lapelas levantadas, eram admiráveis.

— Estou feliz que tudo está sendo do seu agrado. Nada me daria mais prazer. — Expressou-se com tanta graça, acompanhando suas palavras com uma elegante reverência, que Caroline não pode deixar de sorrir ante o olhar esperançoso de Annabel.

— Ficaria encantada se meu primo tivesse a generosidade de nos entreter com alguma dança.

— Alguma dança? Tenho a intenção de dançar a noite toda com você e a querida senhorita Barton. — Respondeu olhando para Caroline, que sorriu com prazer.

— Será um prazer dançar com o senhor, mas não deve negligenciar as demais senhoras. Tenho certeza de que muitas desejarão sua agradável companhia esta noite.

— Para isso, disponho de meu irmão. Felizmente, somos dois os Auverfort no salão.

Caroline sorriu encantada com as afirmações do jovem e dois pares de olhos azuis entrelaçaram-se.

— Dançar não é demasiado frívolo para o nosso prudente Guy?

— Oh, não! — Marcus falava sem tirar os olhos da moça. — Até mesmo um clérigo tão austero e sensato quanto ele tem que buscar esposa e não creio que a encontre sentada entre as paroquianas.

— Não seja mau, primo! Quem pode dizer onde estão as fundações do amor?

— É verdade, quem sabe? — E com um sorriso largo e um olhar penetrante fez com que a senhorita Barton ruborizasse. — Posso oferecer-lhes algo para comer antes de começar o baile?

— É claro. — Respondeu Annabel pelas duas, com um esforço mal dissimulado de casamenteira. — Vamos esperar aqui.

Após uma reverência elegante a ambas jovens que se prolongou mais do que o necessário diante da senhorita Barton, o jovem foi embora resolvido, perdendo-se na multidão.

— Está ofuscado.

— Como diz?

— Digo que você tem meu primo comendo em sua mão como se fosse um pombo indefeso.

Caroline tentou conter um sorriso nervoso.

— Não seja exagerada! O sr. Auverfort mostra-se cortês comigo simplesmente porque eu sou sua amiga.

— Oh! — Exclamou Annabel, simulando um desmaio. — Parecem-me muito divertidas as damas incapazes de ler com clareza o comportamento dos cavalheiros! Creio que só se fosse de cristal a alma de Marcus seria mais transparente do que é. Você realmente não percebe ou gosta de se fazer rogar?

— Como você pode pensar que eu sou uma daquelas garotas que gostam de torturar seus admiradores? Garanto-lhe que não vejo no comportamento do sr. Auverfort mais solicitude do que a de um cavalheiro galante e educado. Mas, se você quer pensar que há outro propósito, quem sou eu para mudar sua opinião?

— Digo e sustento e lhe peço que não acredite que estou louca quando lhe asssseguro que tenho a esperança de chamá-la "prima" em breve.

Caroline pegou um cacho que lhe fazia cócegas na base do pescoço e o enrolou em um de seus dedos enluvados, sorrindo enquanto observava a agitação daquela magnífica reunião.

Durante esse estudo distraído, a densidade de olhos da cor do breu imediatamente chamou a atenção da jovem.

O cavalheiro a observava concentrado do lado oposto do salão, como como se sua vida dependesse disso. Acompanhado apenas por um copo que segurava indiferente nas mãos e com sua eterna pose de ombros inclinados tinha uma expressão de total indolencia que combinava perfeitamente com o abundante e desordenado cabelo negro que lhe emoldurava travessamente o rosto.

Caroline, incapaz de tirar os olhos dele, enlaçou os dedos com tanta força que teve medo de quebrar uma falange. Uma súbita onda de calor subiu de seu estômago ao palpitante ponto do pescoço onde seu coração e seu sangue tentavam sair.

— Caroline, você está bem? — Annabel sacudiu-a discretamente.

—Sim, per-perfeitamente. — Balbuciou, confusa.

— Pois não parece. Ficou lívida de repente.

— Deveria me aproximar para cumprimentar.

— A quem? — Mas não precisou a amiga lhe respondesse, pois, ao seguir o olhar perdido da joven, descobriu de imediato a quem se refería. — Oh, não, isso seria um grave erro.

— Mas preciso agradecer por ter me salvado do sr. Diggory! Ele foi muito amável!

— Não nego que tenha sido, mas era seu dever de cavalheiro. Qualquer um teria agido da mesma forma. — Agarrou-a pelo braço com ambas as mãos. — Oh, não se comprometa! Não é correto que seja você quem se aproxime. Recuso-me a deixar você morrer afundada em um mar de línguas viperinas.

— Creio que de todos os modos já fui condenada. — Murmurou liberando-se da preocupada amarra de sua amiga e avançando decidida como um autômato em direção àquela mirada hipnótica que lhe impedia de pensar, àquele farol imperturbável que contempla as tempestades sem estremecer.

Deteve-se diante do cavalheiro, que imediatamente lhe devolveu a cortesia com um aceno de cabeça. Ele não pareceu surpreso pela atitude resoluta da jovem, mesmo que isso significasse um golpe brutal ao protocolo. Pelo contrário, ele estava satisfeito por ela ter tomado a iniciativa. A única razão que o tinha levado a aceitar o convite tardio era encontrar-se com Caroline Barton.

Precisava falar com ela, contemplar de perto a placidez refletida naqueles olhos e sentir o cálido aroma que irradiava todo seu delicado ser. Havia semanas que sentia que a jovem tinha se infiltrado em sua mente e em sua alma, apossando-se pouco a pouco de seu entendimento.

— Boa noite, senhorita Barton. — Rompeu o gelo.

— Boa noite, Sr. Knoxville. — Retorceu os dedos enluvados. — Queria agradecer-lhe por me ajudar na outra tarde. Comportou-se como um autêntico cavalheiro.

— Já lhe disse várias vezes que não sou nem finjo ser.

Caroline sorriu mostrando incredulidade e timidez ao mesmo tempo.

— Não acredito que o senhor seja tão mau quanto simula.

— E, apesar disso, eu sou, eu lhe garanto. — Ele levou o copo aos lábios. — Pergunte a qualquer um nesta sala. Vão lhe dizer que sou tão mau como os próprios demônios.

Caroline baixou os olhos diante de tal blasfêmia, determinada a não se deixar vencer pelas palabras de *seu* cavaleiro andante.

— Não me importo com que dizem os demais. — Cooper olhos para ela com um brilho esperançado nos olhos. — O que alguém faz determina o seu verdadeiro caráter, não a opinião de outras pessoas nem, inclusive, as palavras da própria pessoa.

— Acredito que meu comportamento com a senhorita não tenha sido exatamente exemplar.

— De qualquer forma ainda penso que o senhor é um verdadeiro cavalheiro. — Cooper sorriu divertindo-se com a tenacidade daquele jovem. — E que esconde seu verdadeiro caráter atrás de uma armadura opaca. Não sei porque, mas a outra tarde, o senhor surgiu diante de mim sem essa armadura e o que eu pude ver me deixou agradavelmente surpreendida.

Cooper, incomodado, baixou a vista e deu um último e prolongado gole. Suspirou de modo pausado e inclinou o rosto para observar com atenção aquela joven que se tornou inadvertidamente a razão de seus interesses.

À distância, começou-se a ouvir o vago rumor da peça que abriria o baile. Os casais começaram a se formar e a se colocar apressadamente no centro da sala.

— Parece que vão começar a primeira peça. Se meus ouvidos não me traem, creio que soam os primeiros acordes de *Portsmouth*.

— Oh, é minha música favorita! — Caroline olhou para o centro da sala, com os olhos brilhando.

— Já tem parceiro?

Caroline levantou os olhos enormes, transparentes e desejosos para fundi-los naqueles poços sem fundo que a observavam com ardor perceptível.

— O senhor, caso se decida a me pedir.

Cooper deu um sorriso travesso e como resposta estendeu-lhe uma mão sem luva que permitiu à jovem sentir o calor e a firmeza dos dedos que a seguravam.

Orgulhosa e feliz, cruzou a sala sem prestar atenção nos muitos rumores que cresciam em seu caminho.

Colocaram-se no centro da sala e viu diante dela o homem mais bonito, arrogante e cativante que jamais tinha conhecido.

Capítulo 20

Em um lugar oposto do salão de bailes, Annabel desaprovava os movimentos da amiga sacudindo a cabeça com discrição e batendo nervosamente no chão com a ponta dos sapatos.

Estava consciente dos olhares indiscretos provocados pelo avanço de Caroline em direção a Knoxville e foi testemunha involuntária dos cochichos irónicos surgidos com a força de uma onda e caiu presa da indignação que o comportamento de Caroline havia despertado entre os presentes.

Como ela podia arriscar seu bom nome e reputação aproximando-se de um cavalheiro, especialmente se ele fosse o pernicioso Cooper Knoxville?

Em que estaria pensando? Como lhe ocorreu cometer tal absurdo?

Annabel passou as costas da mão pela testa com discrição, fingindo acomodar um cacho inoportuno, tentando aliviar a perturbação que sentia. O que iria dizer a seu primo quando ele voltasse? Como disfarçar a loucura com que sua amiga tinha agido?

E, como se não lhe tivesse sido suficiente aproximar-se dele, estava prestes a conceder-lhe a primeira dança. Sem dúvida, Caroline tinha perdido toda a sanidade.

Depois de um último olhar de aborrecimento, a senhorita Castleford virou-se, disposta a interceptar Marcus antes de que ele visse com seus próprios olhos os desastrosos resultados de seu jeito nobre de agir.

* * *

Alheios ao correr da realidade, Caroline Barton e Cooper Knoxville, unidos pela invisível, embora forte, corda de seus olhares, giravam e se entrelaçavam com os demais dançarinos ao som de música.

A intensidade do olhar de Cooper impedia que Caroline conseguisse ao menos respirar. Sem se importar com a distância que a dança os obrigava a manter, seus olhos conseguiam reencontrar-se de imediato, ao contrário do que acontecia com os demais dançarinos, que ficavam à procura de seus parceiros com inquietude quando os passos os obrigavam a se afastar.

Em um momento, Cooper aproveitou a proximidade que a dança lhes dava para susurrar ao ouvido dela:

— A senhorita dança muito bem.

O rouco calor do tom de voz fez com que ela estremecesse como uma vara. Um arrepio percorreu seu corpo, enquanto seu coração batia-lhe no peito com a força de um antigo moinho. A peça acabou e os dançarinos se reuniram no centro da pista para aplaudir com entusiasmo a habilidade dos músicos e conversar.

Aproveitando esse momento de confusão, Cooper segurou sua mão e levou-a para fora através de uma ampla porta-janela lateral, esquivando-se das dezenas de casais turbulentos que enchiam a sala demasiados absortos em seus próprios egos para notar a súbita fuga dos dois jovens.

Encontraram-se de repente em um enorme terraço adornado com vasos de granito contendo espinhentas e redondas tuias azuis e samambaias reais.

A noite se cerrava sobre as cabeças de ambos, interrompida apenas pela escassa luz filtrada da sala através de algum cortinado aberto, e do não menos tênue cintilar das centenas de estrelas que cobriam o céu.

Apenas lhes chegava um vago rumor do interior tão afastado e distante daqueles dois seres presos em um mundo onde só havia espaço para eles.

Cooper parou de repente ao pé da balaustrada e soltou-a para observá-la. Das bocas entreabertas brotava o alento em densas nuvens que mostravam que estava frio e davam ao cenário uma aura agitada e apressada.

Sem deixar de olhar para ela, inclinou-se, rodeando com as mãos o delicado e alvo contorno do pescoço. Caroline permaneceu imóvel e trêmula, com os braços soltos aos lados do corpo. Engoliu em seco e fechou os olhos docemente oprimida pela proximidade de Cooper.

Os lábios fundiram-se em um beijo suave, tímido e fugaz que, apesar de suas bocas mal se terem tocado, conseguiu preencher de um apaixonado ardor cada parcela de seus corpos.

Os corações batiam em uníssono, enlouquecidos como se fossem milhares de tambores marcando o passo em uma parada militar.

Cooper separou sua boca da doce ambrosia que eram para ele os lábios de Caroline e seus dedos mexiam-se sobre a pele do pescoço da jovem e embriagado viu-a abrir as pálpebras e exalar um profundo suspiro.

— Senhorita Barton... Caroline...

Ela olhou para ele e sorriu, baixando imediatamente o rosto em fogo. Milhares de emoções desconhecidas chocaram-se entre si em seu interior. Sentia-se transportada para uma realidade que jamais ousou imaginar. Parecia que tudo o que tinha vivido até então não passava de um sonho vago do qual aquele beijo carinhoso a tinha despertado, como nas fábulas de Perrault. Agora entendia tudo o que um beijo era capaz de provocar.

Naquele momento, as portas-janela foram abertas e os risos invadiram o terraço.

— Venha comigo! — Implorou arrastando-a até ficarem ocultos atrás de enormes folhas de samambaia.

Recostando o ombro da joven contra a balaustrada, Cooper segurou-a pelos ombros e se perdeu naquelas pupilas que, havia semanas, o torturavam. Caroline, por sua vez, segurou-o pelos cotovelos e contemplou tremente àquele olho instável do cativante cavalheiro, imersa em um sonho maravilhoso de que não queria despertar jamais.

— Senhorita Barton, eu... Eu não tenho nada a oferecer e não quero enganá-la com falsas promessas, mas preciso que a senhorita conheça meus sentimentos. — Sussurrou ele apressadamente.

— Sr. Knoxville...

— Como acaba de comprovar, de cavalheiro tenho apenas as roupas que levo postas. — Caroline sorriu ofegante e se juntou ao riso abafado do jovem sem deixar de olha para ele. — Eu sou apenas um pobre diabo que passa pela vida cambaleando sem saber para onde vai. Eu não tenho ideia de como conseguiu entrar no meu coração. Tudo o que sei é que não posso suportar ficar longe da senhorita e eu morreria se a visse nos braços de outro homem. Eu gostaria de poder oferecer-lhe muitas coisas, mas não possuo nada que seja digno da senhorita.

Caroline segurou as mãos dele e ternamente beijou cada nó sem deixar de olhar em seus olhos.

Nesse exato momento novos ecos se filtraram, assustando-os.

— Caroline, Caroline!

O coração da joven deu um salto ao reconhecer a voz de sua amiga.

— Caroline, está aqui?

A voz urgente e trêmula de Annabel causou-lhe um desconforto estranho. Ao seu lado, ainda segurando-a pelo braço, Cooper a observava, franzindo a testa.

— Caroline, os senhores Davenport estão procurando por você no baile! Sua irmã deve voltar imediatamente para Daven Court.

Um inquietante mal-estar a fez estremecer. O fogo da situação que tinha acabado de viver ainda ardia em suas entranhas, acelerando-lhe o batimento cardíaco e a impedindo de respirar. Ao mesmo tempo, preocupava-a ter sido descoberta e temia que sua família soubesse o que tinha acabado de fazer.

Ela questionou Cooper com os olhos e ele apertou os lábios, contrariado pela ideia de que tivessem de deixar seu esconderijo. Jamais havia se sentido tão feliz como nesses breves segundos.

Sem olhar para trás, aproximou-se de Annabel com ar distraído.

— Aqui estou. O que acontece?

Annabel olhou furtivamente por cima do ombro de Caroline, tentando descobrir com quem estava.

Então agarrou seu braço e, depois de lhe oferecer um sorriso, puxou-a com decisão em direção ao salão de baile, sem deixar de olhar para trás.

* * *

Uma vez de volta ao concorrido salão, a música deixou atordoada à senhorita Barton, enquanto uma série de casais que não paravam de saltar e de girar ameaçava derrubá-la em seu avanço.

Após a incrível experiência que tinha acabado de viver, todo o presente parecia desinteressante para ela. Acaso eran mais poderosos os ecos dos risos frívolos das damas ou as vozes zombeteiras dos cavalheiros que o acelerado e doloroso pulsar de seu coração? O sr. Knoxville sentia algo por ela e essa inesperada revelação a impedia de se manter lúcida naquele lugar congestionado. Foi a primeira vez que alguém a beijou e jamais permitiria que qualquer outro cavalheiro nem ao menos a roçasse

com os lábios. Havia se sentido tão extraordinariamente feliz que o tempo parecia ter parado para então voltar a passar lento e cansado.

— Caroline, como pode ter se colocado em evidencia com o Sr. Knoxville dessa forma?

— A que se refere?

Caroline observou-a com o rosto corado. Sentiu que a névoa em que flutuava estava a ponto de se romper para sempre.

— Aproximar-se dele para conversar e mais tarde essa dança inadequada! Todos viram. Apostaria que sua irmã e o senhor Davenport também.

— Eu tinha que agradecer a ele.

— Foi um erro, um erro lamentável.

Ela ficou em silêncio. Não queria discutir. Tudo o que desejava era manter a lembrança daquele beijo, daqueles olhares, daquelas palavras que dançavam nos recessos mais íntimos de sua alma.

Aproximaram-se da linha de cadeiras de seda estofadas onde as moças que nunca dançavam esperavam desejosas que algum cavalheiro tivesse pena delas. Annabel apontou-lhe uma das cadeiras vazias e convidou-a a sentar-se.

— Espere por mim aqui, vou encontrar sua irmã e Marcus. Ele também estava procurando você.

Caroline sentou-se, obediente e dócil.

— Prometa-me que não se moverá.

— Prometo. — E ficou olhando sua amiga que se afastava.

Poucos minutos depois, um régio lacaio colocou-se diante da jovem e, depois de uma reverência perfeito, perguntou-lhe se era a senhorita Caroline Barton.

Ele balançou a cabeça, confusa.

— Encarregaram-me de lhe entregar isto em mão, senhorita.

O criado entregou-lhe um pequeno pedaço de papel dobrado muitas vezes. Como se sentisse que se tratava de algo secreto, Caroline apressadamente o tomou e o escondeu entre as dobras de sua saia. Uma vez que o criado tinha se retirado, e vendo que Annabel ainda não tinha aparecido, desdobrou-o com cuidado e leu. Havia apenas uma breve frase rabiscada:

Amanhã, na hora das visitas, sob o velho carvalho do pântano.

CK

Capítulo 21

No dia depois do baile a majestosa Daven Court amanheceu vestida com a densa e vaporosa bruma do desassossego.

A mansão estava mais silenciosa e escura do que de costume e até mesmo parecia que os débeis raios matutinos, que costumavam beijar o solo com o sigilo de um amante furtivo, infiltrando-se entre os cortinados e avançando cuidadosamente, haviam-se escondido no exterior, por medo de agir de forma inadequada.

Caroline, apesar de ainda continuar montada sobre a alada criatura que levava ao paraíso confuso do enamoramento juvenil, não pode deixar de experimentar uma inquietante pontada de culpa na boca do estômago, quando, uma vez sentada em seu lugar habitual na mesa do refeitório, descobriu que Thomas Davenport não tinha descido para o café.

Contemplar a cadeira vazia na cabeceira da mesa baixava o ânimo da joven e apagava todas as ilusões que aninhava e evidenciava uma certeza da qual tinha tentado se esquivar desde a noite anterior: a de que Thomas Davenport estava chateado com ela.

Rachel estava sim à mesa, mas com grande desgosto. Caroline pode comprovar que evitava olhar para ela e, quando o fazia, era para estudá-la, tentando, em vão, entender o que estava acontecendo nos caminhos ocultos da alma de sua irmã.

Os idosos senhores Barton estavam alheios ao mal-estar geral: a senhora, nos seus monólogos habituais; e seu marido, na árdua tarefa de comer um ovo de codorna cozido sem sujar os requintados bordados da toalha de mesa.

Caroline acreditou então que seus pais ignoravam o sucedido e era óbvio, porém, que seus anfitriões estavam cientes de muito do que tinha acontecido, embora desconhecesse o quanto eles sabiam.

Em vista da raiva que se refletia no comportamento da irmã, ela assumiu o pior.

Na noite anterior, a viagem de regresso a Daven Court tinha transcorrido no silêncio mais opressivo e inquebrável, rasgado apenas pelo barulho enlouquecedor das rodas contra o caminho tortuoso ou pelo incômodo balanço que forçava os viajantes a se agarrar às laterais do veículo. A viagem tinha-lhe parecido interminável.

Mal engoliu alguns bocados no desjejum. Apesar do aspecto do presunto frio, dos ovos de codorna e do chá aromatizado, o garfo da moça limitou-se a mexer com a comida e a percorrer as bordas da porcelana, esmagando a gema amarela até que se tornou uma massa sólida.

Passou o restante da manhã imersa em um nervosismo agitado, vítima da impaciência acelerada daquele que espera por algo que parece nunca vir, vagando sem encontrar paz entre a sala de leitura, onde Rachel devorava as obras de Milton, a de jogos, onde seus sobrinhos brincavam, e a de recreação, onde sua mãe jogava uma partida de cartas com a velha Sra Hathaway, visitante frequente de Daven Court desde a chegada dos Barton, até deter-se taciturna diante das portas duplas do escritório de Thomas Davenport.

O silêncio sepulcral que vazava sob a estreita fenda a amedrontava. Imaginava a silhueta imponente do cunhado concentrada atrás da mesa de nogueira sem conseguir apaziguar o espírito.

Inclinou a cabeça diante daquela sala fechada, retorcendo as pregas da saia, consciente de que, com o proceder impróprio da noite anterior, tinha comprometido sua reputação e a de sua família. Havia sido o assunto daquele círculo de comadres

do bom tom dispostas a esfolar vivo aos incautos que se afastassem um mínimo do caminho do decoro.

Até Annabel, sua querida e leal amiga, a tinha repreendido e agora os senhores Davenport negavam-lhe a palavra. Baixou os olhos, indignada. Tinha agido mal, era verdade, mas não se arrependia.

Acariciou os lábios com a ponta dos dedos e fechou os olhos, recordando o calor que não havia muito tinha tomado seu corpo e alma. Exalava devagar quando um ruído, do outro lado da porta, fez com que voltasse à realidade. Afastou-se rapidamente em furtiva corrida através dos corredores solitários, temendo que sua presença incomodasse o sr. Davenport.

* * *

Depois do meio-dia, atormentada pelo avançar dos ponteiros do relógio, Caroline levantou-se da sala onde se esforçava para ler com sua mãe e sua irmã, incapaz de se concentrar e passando as folhas com os olhos perdidos em algum ponto atrás da ampla vidraça da janela.

— Vai sair? Não pode ficar quieta por um momento? Sempre vagando pelos jardins como uma alma penada e mostrando essa deselegante languidez novelesca! — Disse a Sra Barton, franzindo a testa enquanto a observava devolver o livro e preparar-se para deixar a sala, silenciosa e cabisbaixa.

— Prometi à Sra Crawford que lhe levaria alguns pães de centeio.

Rachel levantou a vista.

— Oh, você não deve se preocupar tanto com esses pobres desfavorecidos! — a Sra Barton parecia indignada. — Eles estão acostumados a passar dificuldades. Isso é tudo o que conhecem e não é apropriado encher a cabeça deles com promessas de

uma vida que nunca poderão alcançar. Não desperdice seu tempo com projetos mal sucedidos! Você deve ir para a mansão Castleford, acho que seria muito bem recebida lá.

Caroline suspirou, enterrou a cabeça entre os ombros, ignorando a observação interessada da mãe e as caretas fora de lugar que lhe fazia, e se preparou para sair.

— É provável que chova. Você não deve sair. — A voz distraída de Rachel exigiu de repente sua atenção e a deixou petrificada diante da porta, como se tivesse olhado para uma das Górgonas.

Lentamente, virou-se para a elegante poltrona de seda onde repousava e seus olhos de topázio encontraram-se com as pupilas verdes e cheias de luz da irmã. Não havia irritação naquele olhar, apenas súplica e afeto sincero. Rachel estava dividida entre tentar convencê-la a se ajustar às pautas impostas pela boa sociedade e permitir que essa jovenzinha, que não se diferenciava da que ela mesma tinha sido não fazia muito tempo, se deixasse guiar pelo que lhe ditava o coração.

— Não se preocupe, Rachel, eu vou estar de volta muito antes da hora do chá. — Respondeu e saiu da sala.

* * *

A tarde se desfazia em tenues raios dourados que atravessavam um céu visivelmente nublado.

Ao longe, atrás das colinas, retumbava uma intimidante série de trovões que recordavam, aos incautos mortais, a existência de antigos deuses capazes de destruir toda a existência em segundos.

Caroline seguia às pressas por um caminho de terra. Entre saltos, enquanto a brisa suave que pressagiava a tempestade lhe beijava o rosto, avançava com o coração prestes a escapar do corpo. Suas faces queimavam como brasas do lar e o sangue pulsava em suas témporas com a fúria de mil marretas.

Olhou para o céu encoberto com densas nuvens violáceas que pareciam uma legião etérea prestes a entrar em combate. Segurando a saia, correu para o epicentro desse turbilhão de emoções que reivindicava seus sentidos. Estava perto. Tudo o que precisava era pasar uma curva na estrada e o velho carvalho estaria diante dela.

Parou de repente, sem fôlego, com faces acesas e os olhos brilhantes devido ao exercício. Um largo sorriso se espalhou por seu rosto.

Ele estava impecavelmente vestido, com uma folgada jaqueta de gorgorão preto e azul da qual espreitava um delicado colete bordado em seda natural, tão perfeito e fascinante como sempre, com suas íris de obsidiana e seu sorriso torto que lhe dava o eterno ar de vilão, observando-a divertido ao lado de um pequeno faetonte.

Aproximou-se de Cooper com passos vacilantes e parou a uma distância prudente para fazer-lhe uma reverência. Uma imensidade de formiguinhas corriam pelo seu estômago e suas pernas, fazendo com que seus joelhos vacilassem.

Ele pegou a mão enluvada de Caroline e beijou-lhe os nós dos dedos, um por um, sem tirar os olhos daquele rosto corado.

— Temia que não viesse…

— Tão pouca confiança que você tem?

— Talvez estivesse muito confiante em sua sensatez.

— Desculpe-me desapontá-lo, Sr. Knoxville.

Ele sorriu e, segurando-a pela cintura, levou-a para a carruagem.

— Nada teria sido mais odioso para mim do que o fato de que um excesso de sensatez a houvesse impedido de vir.

Caroline baixou os olhos, com a alma inundada com um mil e uma emoções desconhecidas. Cooper se acomodou perto dela no banco estreito.

— Aonde vamos? — Perguntou-lhe quando o viu tomar as rédeas.

— Viver, Caroline.

Segurou o chapéu diante do impulsivo arranque e sorriu emocionada enquanto a brisa lhe golpeava o rosto e agitava seus cachos dourados. Fascinada, observava o cavalheiro ao lado dela, incitando o cavalo para que não se detivesse. Ele também olhava para ela de vez em quando, deleitando-se com o arredondamento daquele rosto e sorrindo-lhe com ternura.

Com um silvo suave deteve a carruagem no alto de uma colina que permitia contemplar a interminável colcha de diferentes tons verdes e castanhos que se desdobrava.

— Fale-me sobre a senhorita, desejo conhecê-la, desejo saber tudo. — A jovem sorriu. — Tenho entendido que é a irmã mais nova da Sra Davenport.

— Na verdade eu sou a mais nova de três irmãos. — Ela começou trêmula. — George, o mais velho, é um clérigo e tem um pequeno benefício no condado de Somershire, a algumas milhas de nossa casa em Lambshire.

— Lambshire? Nunca ouvi falar de lá e acredite-me que saí de Hardshire mais vezes do que queria.

— Eu não o culpo. Não deve haver nada lá capaz de chamar sua atenção.

— Eu não teria tanta certeza.

Caroline baixou os olhos e estremeceu de forma apenas perceptível diante da proximidade daquele cavalheiro. Os ombros e os joelhos de ambos se roçavam e as

amplas pregas da saia dela escondiam o bico das botas de montar de seu companheiro.

— Conte-me. — Cooper inclinou a cabeça para olhar melhor para ela. — O que você gosta de fazer, além de tocar piano admiravelmente bem? Ler, talvez?

Caroline sorriu um pouco envergonhada com o que estava prestes a confessar:

— A leitora voraz da família sempre foi minha irmã; eu não sou por demais aficcionada aos libros. Sim, eu li os clássicos, é claro, mas...

— Uma senhorita que não lê? — Ele a interrompeu, surpreso. — Muito mal feito, deveria ser repreendida imediatamente por tal falta imperdoável!

Caroline sorriu divertida e o arredondamento do seu rosto enfeitiçou Cooper completamente. Ele nunca tinha se sentido tão confortável com ninguém.

— Sei desenhar com carvão. — Arriscou ela baixando o tom de voz. — Embora talvez se prove um passatempo completamente inútil.

— De jeito nenhum! Poder captar a realidade, e até a fantasia, sobre o papel é uma coisa maravilhosa. Claro que a pintura não consegue comunicar sons, mas quantas vezes nos sentimos chorar ou rir diante de um quadro cuja visão se assemelhava a um reflexo sobre o vidro? — Cooper sentou-se de lado para vê-la melhor e tomou a mão tremente da moça na dele. — *Ut Pictura Poesis*, minha querida senhorita.

Caroline assistiu fascinada.

— Como a pintura, assim é a poesia. Diz Horacio!

Cooper deu uma risada alegre cujos ecos reverberaram no peito e na cabeça de Caroline.

— A senhorita é uma dama completa.

— O senhor sabe que eu não sou. — Franziu a testa. — Se não fosse a irmã mais nova da Sra Davenport, o senhor e eu não estaríamos tendo esta conversa.

— A senhorita acredita nisso? — Cooper olhou para a frente, para a distância, com ar melancólico. — Não tenha tanta certeza. Não me dá nenhum prazer lidar com as senhoras da alta sociedade. Parecem-me um bando de insossas e aborrecidas esnobes que só sabem sorrir como bobas e dar razão ao cavalheiro de plantão para caçar um marido. Prefiro mil vezes a uma senhorita simples, humilde e sensata que seja acima de tudo mulher e não apenas a vitrine das realizações de seu pai, irmão ou marido. Creia-me que me agrada muito mais passar a tarde em silêncio diante do crepúsculo verde de Hardshire ao seu lado do que participar de uma noite saturada de risinhos lisonjeiros no salão de baile da capital.

Caroline abriu a boca, devagar e silenciosamente exalando um hálito quente. Sua mão livre tremia em seu regaço ao som das batidas de seu coração, enquanto a outra, abrigada no refúgio improvisado das mãos de Cooper, permanecia adormecida como uma pomba ferida.

— Agora, diga-me o que você realmente pensa de mim?

"Que você é o homem mais bonito, fascinante e cativante que eu já conheci. Que tomara que olhe para mim sempre da mesma forma que agora. "

— Senhorita Barton?

— Não acho nada. — Disse sobressaltada.

— Caroline. — Ele se inclinou em direção a ela. — Como posso fazer para ser digno da senhorita?

Ela se virou e fixou os olhos nele.

— Não há necessidade de fazer nada.

Cooper sentiu que sua alma se enchia de fervor. Teve a imperiosa necessidade de adorar e cuidar para sempre daquela encantadora criatura. Acaso era ela incapaz de perceber suas muitas imperfeições?

Depois de dar um beijo carinhoso no dorso da mão enluvada, Cooper assumiu as rédeas do veículo e deu um estalo com a boca para avivar o calmo cavalo.

— Aonde vamos?

— É hora de levá-la para casa. Está a ponto de chover.

Capítulo 22

A campina era apenas consciente da garoa incessante que entoldava a paisagem naquelas primeiras horas da tarde. O simples fato de tentar distinguir os pingos de chuva salpicando o ambiente sobre aquela aquarela aguada e imprecisa era impossível.

Na verdade, tratava-se de uma umidade constante que embaçava tudo, um véu invisível que só evidenciado pelo óbvio frescor da vegetação mostrada no campo.

Apenas algumas horas depois se abriu o tule cinzento que velava a paisagem, dando lugar a uma visão brilhante. As nuvens dissiparam-se com a mesma urgência e os raios avermelhados de um tímido sol de primavera escorriam sobre o campo.

Caroline Barton deixou o isolamento imposto pela chuva para sair para refrescar o espírito nos esplêndidos jardins de Daven Court.

Depois da chuva, o ar estava mais revigorante do que nunca e o delicioso cheiro de terra molhada misturava-se com as densas fragrâncias florais que aromatizavam a atmosfera com intensidade total.

A jovem caminhava distraidamente ao longo do caminho de cascalho, acariciando com os dedos os umedecidos botões. Fechava os olhos e inalava o denso odor com que a natureza envolvia aquelas almas receptivas, sorrindo para a visão de algum melro que cruzava indignado depois de ser incomodado em suas atividades.

O som acelerado de passos afastou-a de tão bucólico devaneio e a fez voltar-se curiosa para encontrar a figura minguante do doutor Diggory que, descoberto em sua furtiva aproximação, parou e levantou a mão em saudação cômica e burlesca.

Ela bufou cansada diante do incômodo de que a urbanidade a impedia de fugir. Essperou com resignação e viu a ridícula corridinha do médico, cuja expressão satisfeita contrastava com o gesto de aborrecimento da moça.

— Um dia maravilhoso, senhorita Barton. — Começou a dizer enquanto arrancava um pequeno botão amarelo e o cheirava de forma exagerada. — Felizmente, cessou a chuva irritante que nos acompanhou de forma intermitente desde ontem.

— É verdade, senhor. — Limitou-se a responder com o olhar perdido na ponta de suas botinas, disposta a mostrar-se o mais distante possível daquele homem.

— Tenho entendido que os Castleford realizaram um baile em sua casa. — Franziu os lábios com gesto triste. — Não consigo entender como eles foram capazes de esquecer de me convidar.

Caroline teve que se conter para não rir em voz alta.

— Foram os senhores Auverfort que o organizaram e mal conhecem alguém em Hardshire. É compreensível que tenham pasado por alto um e outro nome.

— Hum… — Murmurou olhando-a com desconfiança. — É provável que tal esquecimento imperdoável obedeça à ignorancia própria dos forasteiros. Qualquer nativo de Hardshire conhece muito bem minha reputação e meu bom nome.

— Não duvido. — Ela revirou os olhos. — E tenho certeza de que, uma vez alertados de seu descuido, lamentarão profundamente não tê-lo convidado. Sei que eles não têm nenhum desejo de incomodar ninguém, independentemente da sua condição.

Diggory, as mãos cruzadas nas costas sob as abas da jaqueta, continuava a assentir, indiferente à visão repulsiva que oferecia ao mundo.

— É uma verdadeira vergonha, porque eu teria gostado de participar, mas a senhorita sabe que eu não sou de todo amante dos eventos de multidões. No entanto,

teria sido um prazer para mim desfrutar novamente de uma interpretação maravilhosa ao pianoforte como a que nos presenteou no baile anterior.

— Então o senhor não perdeu nada, porque uma pequena orquestra foi contratada para animar a noite.

O cavalheiro se agitou, horrorizado.

— Uma orquestra, me diz? Que absurdo! Haja visto tal desperdício! — Caroline arqueou as sobrancelhas. — Saberá a senhorita que eu sou um homem que se gaba de ser moderado e que renega tais amostras de esbanjamento. A austeridade é irmã da sensatez e qualquer desprezo por essa grata irmandade representa uma completa falta de bom senso.

Caroline não pode deixar de sorrir para si mesma em descrença. Justamente ele, que se havia comportado com ela como uma abelha irritante, pretendia inculcar-lhe lições de moralidade? Como era ridículo aquele idiota vaidoso!

Baixou a vista e se concentrou no caminho, evitando os esforços do cavalheiro para captar sua atenção.

— No entanto. — Continuou o médico teimoso. — Sua juventude encantadora a isenta no momento do julgamento.

Caroline virou o rosto para ele, incapaz de acreditar no que estava ouvindo.

— Suas palavras me surpreendem e me confundem ao mesmo tempo, senhor. O senhor acredita por acaso que os cavalheiros jovens são pouco judiciosos e em excesso veementes?

— A maioria sim. — Caroline reprimiu um suspiro indignado. — Assim como grande parte dos cavalheiros jovens são arrogantes e inconstantes como a luz dos fogos-fátuos ao entardecer, as meninas muitas vezes adoecem de um excesso de vaidade que as cega na hora de decidir o rumo que devem dar à sua vida e entregam

seus corações baseadas apenas na bela aparência do cavalheiro que os solicitem, ignorando toda razão.

Caroline parou de repente. O brilho malicioso que se refletia nos olhos do médico indicou-lhe que ele aludía claramente a Cooper Knoxville. O sangue começou a ferver-lhe nas veias.

— O senhor acha que um jovem cavalheiro é incapaz de oferecer amor consistente?

Alfred Diggory, ciente da raiva que suas palavras tinham despertado na mente dela, continuou seu discurso negligente.

— Já vi muitos corações partidos por causa de uma escolha precipitada. Muitas almas inocentes manchadas pela veemência de algum infame Caim.

— Não posso deixar de discordar do senhor! — Diggory ficou pasmado. — Talvez nem todos os jovens sejam como o senhor diz. Há casamentos levantados sobre as fundações da juventude que não só souberam manter-se mas também se viram coroados pela maior das felicidades. É possível que o amor juvenil seja mais apaixonado, ardente e até mesmo irreverente do que na maturidade, mas nem por isso carece de força, lealdade, devoção e nobreza. Embora mude, embora fraqueje por momentos, perdura. Não posso concordar com o senhor em nada. Boa tarde, Sr. Diggory. — E, deixando-o mais lívido do que uma estátua de alabastro, ela se afastou com passo firme e determinado, sorrindo enquanto deixava para trás a negra sombra do médico.

— Insensata, imprudente! — Ele murmurou baixinho enquanto a observava afastar-se. — Em breve, muito em breve, você vai cair e não terá outra escolha que não seja me aceitar — acrescentou com calma ameaçadora, destruindo o indefeso botãozinho amarelo entre os dedos.

* * *

"Formosa, realmente formosa como uma divindade criada por um demiurgo a partir de uma gota de orvalho e um raio de sol. Inocente, ingênua e gentil como um broto que na estação verde viesse à luz pela primeira vez. Cativante como a mais bela rosa inglesa. Como permanecer insensível a esses olhos que refletem a placidez do lago quando absorve os raios do sol? Como ignorar as pétalas de rosa que tem por orelhas? E esse lábio entreaberto de que flui sua respiração agitada, a verdadeira sinceridade de uma alma doce e pura! Era tão fácil se perder no contorno suave dessa mandíbula e semeá-la de beijos intermináveis! Enredar entre dedos um daqueles cachos dourados ou desfazer com suave carícia o travesso franzimento daquela testa! "

— Sr Knoxville? — Sorrindo, Caroline tentou chamar a atenção dele.

Estavam sentados frente a frente sobre ao desfiado tapete que Cooper tinha levado naquela ocasião. A uma curta distância, o faetonte descansava como um monstro adormecido ao som das constantes pisadas dos cavalos.

— Sr. Knoxville, o senhor parou no trecho mais formoso do poema.

Cooper levantou-se ligeiramente sobre um cotovelo estendendo-se de comprido sobre o tapete.

Com uma ligeira tosse e franzindo a testa, fingindo concentração, olhou para o livro em sua mão. Caroline observava-o ereta, com um adorável sorriso no rosto.

— "Se ele tivesse sido instruído de outro modo, sofreria ainda mais a decadência de meu espírito; mas tu estás comigo nesta margem, minha amada, minha querida amiga, e em tua voz recupera a linguagem meu antigo coração e leio aqueles prazeres na luz bruxuleante de teus olhos."

Caroline suspirou, sem desviar o olhar do cavalheiro que a observava com um sorriso travesso. Nunca teria acreditado que o patife e canalha Cooper Knoxville leria para ela os belos versos de Wordsworth sob o céu de uma tarde suave de primavera.

Nunca teria pensado que aqueles olhos, antes arrogantes e altivos, a olhariam com cálido afeto e admiração. Nunca teria imaginado que seu coração poderia bater dessa maneira por alguém a quem, até recentemente, considerava um exemplo vivo de descaramento.

— Eu daria minha vida inteira para ler apenas um dos pensamentos que cruzam por sua mente nestes momentos. — Murmurou Cooper, deixando o livro.

Caroline sorriu e o arredondamento infantil daquelas bochechas fez uma pontada inexplicável lhe esfaqueasse o peito.

— Realmente lhe interessam?

— Todos e cada um deles! — Ele se sentou.

— Estava me lembrando que da última vez que nos encontramos perguntou o que eu pensava do senhor e, a verdade, é que ouvi tantas coisas que sei o que pensar. — Ela baixou os olhos.

— O quê?

— Que o senhor é pouco menos que um vilão.

Como resposta, ele lhe acariciou a bochecha.

— Olhe para mim. — A jovem obedeceu, ligeiramente corada. — Olhe para mim com os olhos do seu nobre coração e conserve essa imagem. Este é o verdadeiro Cooper Knoxville, este que renasce e se engrandece ao lado de uma dama como a senhorita.

— Mas é o outro senhor Knoxville que me preocupa! O que todos conhecem, esse perverso que sufoca este que está tão perto de mim. Toda vez que ouço alguém mencioná-lo, parece falar com outra pessoa. Qual é o verdadeiro? Ninguém nunca viu a este cavalheiro amável, que lê versos e passa seu tempo com uma jovem sem fortuna.

Cooper observou-a, carrancudo e ao mesmo tempo enternecido pela contrição mostrada pela alma inocente da moça. Desejou encontrar a maneira de aliviar o sofrimento que viu em seu rosto. Se ela estivesse ciente da intensidade com que seu coração batia cada vez que a via ou da torturante dor que ameaçava rasgá-lo cada vez que imaginava um futuro sem ela... Se ela soubesse que mataria com suas próprias mãos a qualquer um que ousasse se aproximar dela...

Um pensamento passou pela sua cabeça. Colocou a mão em um dos bolsos do colete e entregou-lhe um objeto. Caroline empalideceu imediatamente, expirando agitada pelos trementes lábios entreabertos

— Era um dos pendentes favoritos de minha mãe. Quero que a senhorita fique com ele.

Caroline pegou o tesouro precioso que ele lhe dava e acariciou a superfície gelada com o mesmo cuidado que teria mostrado se a peça fosse incandescente.

Estudou o pequeno medalhão de prata lindamente esculpido, em cujo centro reinava uma safira rodeada de diminutas pedras de um azul profundo que pareciam os raios fugidios de um formidável sol cobalto.

— Não posso aceitá-lo. — A voz soava tremida e agitada.

— É meu desejo que o possua. — Recolheu-lhe de um lado os cachos dourados e o colocou o formoso pendente no belo decote. — Minha mãe foi a pessoa mais importante da minha vida. A única que realmente me queria. Deixou-me quando eu era apenas uma criança.

— Sinto muito.

— Cresci com a única companhia de um pai frio como um bloco de gelo que fez da minha vida um inferno. Ele odiava qualquer sinal de sensibilidade que pudesse ver em mim. — Observou o rosto entristecido da senhorita. — Mas não é algo de que valha a pena falar – disse e, contemplando a joia no pescoço da jovem, acrescentou – fica bonito na senhorita.

— Não posso aceitá-lo. É muito valioso para o senhor.

— Não há nada que poderia querer mais do que a lembrança da minha mãe ficar com a pessoa que...

Ele parou de repente. Caroline, completando a frase mentalmente, acendeu-se com o mesmo ardor das brasas de uma fogueira em uma noite de inverno. Respirando de forma irregular, murmurou em um sussurro quase inaudível:

— Mas é que não tenho nada para lhe dar.

Cooper observou-a fascinado, com um sorriso cativante no rosto. Não entendia como aquela jovem era incapaz de entender o que sua simples presença significava para ele. Ela era o remédio que curava as feridas da sua alma, uma luz no abismo ao que se acreditava condenado.

— A senhorita me entregou a prenda mais valiosa. Abriu-me seu coração sem hesitação e me ofereceu um lugar para me abrigar. Um porto onde voltar a ser eu mesmo.

Caroline olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas.

— Prometa-me que nunca vai querer deixar esse porto.

— Como poderia? Onde eu poderia ir?

E como o sedento que encontra um oásis no meio do deserto, Cooper bebeu dos lábios de Caroline até se saciar.

Capítulo 23

— Annabel! Por favor, me diga alguma coisa! Censure-me, condene-me ou, se for o caso, compartilhe comigo esse estado de felicidade infinita, mas fale comigo! Seu silêncio é intolerável para mim.

A senhorita Castleford permaneceu com a vista perdida, enquanto tentava assimilar a informação que sua boa amiga tinha acabado de lhe dar. Então, deu-lhe o mais sincero olhar condescendente e tomou-lhe as mãos, sorrindo com indulgência suave.

— Como eu poderia ralhar com você, querida amiga, quando a única falha que cometeu foi a de seguir os comandos de seu coração? — Acariciou as costas das mãos de Caroline. —Você pecou de um excesso de veemência, coisa que eu jamais havia esperado de um ânimo sossegado como o teu, mas, como poderia censurá-la? Acredite em mim, em seu lugar eu teria feito o mesmo.

— Então, você me entende?

— Claro que sim, por mais surpreendente que me pareça a metamorfose que teve lugar no sr. Knoxville.

Sorriu com alívio diante das palavras da amiga.

— Mentiria se não lhe dissesse que sou a primeira a ficar surpresa.

— Acho que sim! Lembro-me de que até há pouco tempo você tinha uma má impressão dele, e tinha mesmo me dito que o considerava um arruaceiro sem vergonha.

— Eu sei. — Murmurou envergonhada. — Fui tão cega...

Annabel suspirou intensa e prolongadamente.

— Me alegra muito, embora não negue que tinha a esperança de que seríamos primas.

Ambas riram alegres, não sem nostalgia.

— Vamos ser amigas, querida Annabel, uma união que oferece laços mais livres e desinteressados que os vínculos fraternais. Não há necessidade de sermos parentes para nos estimar e sermos leais uma à outra.

Ela fez beicinho e franziu a testa.

— Oh, eu sei, querida! É que Marcus estava tão animado sobre você que me dará pena ter de testemunhar como a decepção vai tomar posse de sua alma quando souber da notícia.

Caroline endireitou os ombros de repente.

— A notícia talvez não seja divulgada tão depressa quanto você pensa. – Baixou os olhos e umedeceu os lábios. – O sr. Knoxville ainda não mostrou sinais de querer tornar público qualquer tipo de compromisso. Além disso, nenhum de nós levantou nada sobre isso.

Annabel acomodou-se no assento, franzindo a testa e contraindo os lábios até reduzi-los a uma fina linha cor de rosa.

— Mas é óbvio. Ele a beijou, certo?

Caroline manteve os olhos no chão e corou. Engoliu o mais silenciosamente que pode e respondeu:

— É certo.

— Ele disse que a amava, não é?

— Não com essas palavras. — Annabel inclinou o rosto com expectativa. — Mas eu vi carinho e admiração em seus olhos, vi entrega e calor.

— Ele lhe prometeu ao menos lealdade? Deu-lhe algum tipo de segurança?

Caroline soltou as mãos enluvadas da amiga e se endireitou em seu assento. Permaneceu abstraída, com as trementes pupilas brilhantes fixadas no rosto dubitativo de Annabel, remexendo com um movimento nervoso as dobras de sua saia. Uma conhecida picada no interior das pálpebras, um tremor perceptível no queixo e um irritante formigamento no estômago fizeram com que uma estranha fraqueza tomasse posse de seus joelhos.

— Não sei. — Murmurou de repente.

Annabel umedeceu os lábios com expressão cada vez mais preocupada.

— Não há então qualquer tipo de acordo secreto entre vocês? Será que ele não estava ansioso para preservar sua reputação intacta?

— Deu-me o medalhão de sua mãe, como eu disse. Isso não conta como uma promessa? — Acariciou a preciosa joia que se sacudia ao som da agitada respiração de Caroline.

Annabel de repente entendeu que o ânimo da amiga estava prestes a quebrar e que as lágrimas que oscilavam nos arcos dourados de seus cílios estavam prontas a resvalar.

Interiormente algo lhe dizia que o afeto que Caroline professava àquele homem não era inteiramente correspondido ou que, pelo menos, Knoxville estava sendo muito descuidado.

Voltou a segurar as mãos da amiga e fingiu um sorriso despreocupado. Não podia deixar que meras conjecturas tirassem o brilho daqueles lindos olhos. Talvez suas suspeitas estivessem erradas.

— Não se aflija. Estou convencida de que tudo vai correr bem e que, certamente, o que motiva o comportamento do Sr. Knoxville é mais que seu desconhecimento. Além disso, as histórias românticas sempre têm um final feliz.

— Você realmente acha que vai acontecer neste caso?

— Devemos acreditar. — Acariciou-lhe as costas da mão da amiga. — Sorria, por favor. Não deve permitir que a sombra da dúvida se mostre em seu rosto. Tenho certeza de que o destino tem seus próprios planos para você e, conhecendo-a, não pode se tratar de nada ruim.

Caroline sorriu resignadamente.

A alguma distância, uma pequena sombra escura deslizou atrás da porta entreaberta, satisfeita com as informações que acabava de obter.

* * *

Rachel e Caroline andavam distraídas sob o arrulho dos salgueiros negros de Daven Court.

Caminhavam de braços dados, em silêncio e ensimesmadas, percorrendo os canteiros floridos. Estavam já há dias separadas por um abismo e o Sr. Davenport evitava partilhar a mesa com o restante da familia, apresentando os mais diversas e improváveis pretextos.

Mas Caroline sabia que ela era a causa destas ausências.

Rachel suspirou profundamente e se deteve diante da frágil figura da irmã, observando-a com o rosto contorcido. A mais jovem sentiu que seu coração tinha parado de bater.

— Confio em que você veja sincero afeto nas minhas intenções e não me julgue como uma inimiga.

— Inimiga? Nunca poderia vê-la dessa forma, querida Rachel! Você sempre foi minha irmã e minha melhor amiga.

A mulher acariciou o fino antebraço da irmã e percebeu a terrível luta em que ela se debatia. Um punho de ferro golpeou-lhe então a alma e o coração volveu a

pulsar retumbando desequilibrado como se pressagiasse os últimos suspiros de uma agonia.

— Thomas está muito chateado com você — disse de repente. — Disse que você o enganou e zombou de sua confiança.

— Eu enganei? — Caroline soltou-se do braço da irmã e se encolheu. — Como? Do que me acusa?

— Ai, minha menina, meu marido vai enviar amanhã você de volta para Lambshire!

Caroline explodiu em um soluço alto e sentiu-se cair numa interminável queda pelo abismo negro de um poço sem fundo. Com medo de desmaiar, levou a trêmula mão à boca, tentando aplacar os gemidos que já começavam a fluir dos lábios entreabertos. Embora apertasse as pálpebras, não conseguiu conter o vazamento de lágrimas quentes, que começaram a fluir.

— Por quê? De que maneira eu o ofendi? — Perguntou ofegante.

— Não posso dizer mais porque não sei. Só sei que desde o baile Thomas está ruminando algo relacionado a certas amizades que você travou, mas a raiva passada não tem nada a ver com a indignação atual. Ele não faz nada mais do que repetir que você o enganou para que baixasse a guarda. — Ela se aproximou da irmã desconsolada, cujo rosto avermelhado permanecia banhado em lágrimas. — Tentei interceder e foi como se chocar contra uma parede.

Afogada em suas próprias lágrimas, com as mãos e lábios trémulos, Caroline tentou manter-se em pé.

— Lamento que minhas ações te causem problemas com teu marido. — Sussurrou, segurando o estômago com uma das mãos e o coração com a outra, tentando apaziguar as batidas dolorosas.

Recuou cambaleante. As lágrimas mal a deixavam ver.

— Caroline... Onde você está indo?

— Devo fazer algo antes de ir. — Aos tropeções, afastou-se em direção à mansão, em uma corrida cega.

* * *

Sentada diante da pequena escrivaninha do quarto, Caroline escrevia febrilmente, apertando tanto a pluma entre os dedos trementes que as pontas dos dedos ficavam deformadas.

Com mão trêmula, afundava uma e outra vez a pena no tinteiro, fungando enquanto tentava se concentrar para escrever algumas linhas.

Sr. Knoxville:

Minha carruagem parte amanhã para Lambshire sem data de retorno. Não tenho nenhum desejo de ir, pois, ao fazê-lo, minha alma, minha mente e meu coração ficariam para sempre aqui.

Por favor, peça-me para ficar. Não me deixe ir.

Peça-me ou enterre-me com seu silêncio. Uma única palavra sua será o suficiente para me dar vida ou me matar.

Sua amiga,

Caroline Barton.

Sem deixar de tremer, aprumou a varinha de cera da luz da vela, derramou um par de gotas na superficie apergaminhada do envelope e lacrou-o com o selo da família.

Com o brilho da determinação desenhado em seus olhos, entrou no corredor procurando por Emerick. No caminho, encontrou um dos lacaios, que lhe deu uma reverência afetada.

— Procuro pelo sr. Emerick. — Disse, parecendo desconfortável com o envelope na mão.

— Está ocupado na cozinha, senhorita. Se eu puder ajudá-la em algo, estou a seu serviço.

— Preciso... — Hesitou ao olhar para o tesouro que tinha em seu poder. — Eu preciso enviar esta carta com urgência.

O lacaio recolheu a encomenda, observando o endereço anotado no papel.

— Será feito em seguida, senhorita. — E depois de uma rápida reverência afastou-se pelo vasto corredor acarpetado, enquanto Caroline voltava para a privacidade do quarto.

Mal alcançou o primeiro degrau, a figura do doutor Diggory colocou-se no caminho do criado. Ele não pode conter a raiva ao conseguir ler com sua visão aguçada o endereço ao qual estava dirigida aquela carta escrita com caligrafia feminina.

Não podia permitir que um pequeno detalhe atrapalhasse tudo o que tinha conseguido.

— Correio de última hora, Laurent?

— Senhor?

Capítulo 24

No longo corredor copiosamente iluminado reinava um profundo silêncio, só perturbado pelo som fraco e monótono da batida repetitiva de um discreto relógio.

— Não entendo o objeto de sua curiosidade, senhor Diggory.

Uma negra sombra maligna cruzou o peculiar rosto do médico.

Com um sorriso falso, o resultado de pensamentos miseráveis, respondeu com facilidade:

— Quero dizer, é evidente que alguns dos habitantes da mansão o incomodaram, reclamando seus serviços a esta hora.

O lacaio observou-o, impassível.

— Não creio que seja correto compartilhar as solicitações privadas que me façam os senhores ou seus convidados.

Diggory estalou a língua, irritado.

— Vamos, Laurent, há quantos anos nos conhecemos? Dez? Quinze? Não há necessidade de fingir indulgência diante dos caprichos das jovens de hoje.

O criado segurou o envelope com as duas mãos, olhando desconfiado para médico corcunda e acalorado.

— Não sou ninguém para julgar o temperamento dos senhores nem as supostas faltas que cometem, senhor. Nem considero corretas as insinuações que acaba de fazer sobre certas senhoritas alojadas na mansão.

Diggory franziu os lábios até reduzi-los a uma linha fina e esbranquiçada. Estava prestes a perder a paciência com aquele lacaio muito reservado e leal.

Apertando os olhos e falando com um silvo parecido com o de uma serpente do campo, dirigiu-se ao impassível criado:

— Pode se considerar sortudo, meu amigo, pois minha presença aqui vai livrá-lo de uma encomenda que, sem dúvida, o distrairia irritantemente de suas obrigações. Pode me dar essa carta, pois estou prestes a ir visitar aos Henderson, que, como você sabe, moram perto do endereço para o qual a carta está dirigida.

— Não posso fazer isso. — Ele franziu a testa. — Ela me disse que a carta deveria chegar imediatamente.

— E ela vai, eu lhe garanto. Você não confia em mim? — Perguntou, elevando-se nas pontas dos sapatos de couro brilhante, adornados com uma fivela de prata, para alcançar a altura do nariz aquilino do criado.

— Claro, senhor, mas não posso fazer o que me pede.

Diggory apertou a mandíbula e murmurou entredentes, arrastando as palavras:

— Faça-me o favor de me dar essa carta de uma vez em invés de continuar perdendo tempo. Creio que você esqueceu de um certo favor que fiz há alguns anos para sua irmã mais nova. Gerta mantém seu lugar na residência dos Foster? Tenho certeza de que os proprietários não gostariam de ouvir sobre o passado obscuro de uma de suas donzelas e de que o correto senhor Davenport não aprovaria ter em casa um lacaio com uma irmã de moral duvidosa.

O rosto do criado ficou lívido e a testa cansada traiu uma imensa tristeza.

Após um momento de hesitação, ele estendeu com a mão trémula a carta para o médico, que a arrancou violentamente e guardou-a no bolso do casaco.

— O senhor deve me garantir que chegará ao seu destino o mais depressa possível. — Murmurou o criado com um fio de voz.

Diggory, ampliando o rosto com o mais hipócrita dos sorrisos, assentiu e se retirou.

— O senhor deve... — Laurent baixou os olhos, fazendo uma resignada reverência, e murmurou muito pesaroso, sabendo que o outro não o ouvia:

— Gerta é uma boa mulher, uma trabalhadora incansável e abnegada. Não é justo que a condene pelos erros que possa ter cometido no passado. O senhor, o senhor não deveria ser tão cruel com ela.

Mas Alfred Diggory já descia os amplos degraus de alabastro dando pequenos saltos com a mão enterrada no bolso e sentindo imenso prazer.

* * *

A noite caiu sobre o espírito alquebrado de Thomas Davenport.

Fechado entre as quatro paredes do escritório que desde sua disciplinada juventude compunha seu santuário privado, permanecia com a alma e o espírito cheios de dúvida, raiva e confusão.

Silencioso e sombrio, em mangas de camisa e com o laço da gravata pendurado no peito, passeava com a tenacidade de uma fera enjaulada pelo vasto estúdio em penumbra.

Sempre que evocava o rosto inocente de Caroline Barton sorrindo para ele, uma onda de decepção batia-lhe na têmpora. Deteve seu passeio frenético para pregar as pupilas em um ponto na parede e ficou imóvel.

Sentia que tinha sido enganado e que a reputação de sua familia política – e a sua própria – tinha estado a ponto de ser destruída por aquele libertino indesejável e aquela jovem tola e imprudente. Como tinha podido a inocente Caroline enganá-lo assim? Como era possível que aquele rosto amável escondesse a mais imperdoável

das mentiras? Se tinha respirado aliviado ao saber que o pérfido Cooper Knoxville não tinha a menor chance com ela! Pobre menina! Sem dúvida, aquele canalha perverso tinha enchido sua cabeça com mentiras.

Apoiou as palmas das mãos na parede e deixou todo o peso do corpo cair sobre elas e soltando a cabeça, congestionada de pensamentos.

Elevando o queixo, inalou profundamente pelo nariz. Conhecia bem a reputação de seu vizinho e, sem equívoco, poderia fazer uma lista das jovenzinhas a quem havia obrigado a conhecer o lado físico do amor.

O que pretendía obter, além da virtude, de uma jovem pobre, inocente e sensível como Caroline? Talvez quisesse chantageá-lo com a promessa de que não o divulgaria.

Pelo bem da própria Caroline tinha de afastá-la das garras daquele vilão. Em Lambshire, com seus pais, ela estaria segura e, com um pouco de sorte, talvez pudesse no futuro conseguir um casamento conveniente.

Ele estava ciente do sofrimento que lhe causaria, mas estava convencido de que a passagem das estações acabaria por apagar a recordação daquele ousado patife da mente de sua jovem cunhada. A chegada do verdadeiro amor anularia aquele deslumbramento juvenil.

Ele suspirou lentamente.

Esperava que Caroline mostrasse um pouco mais de sensatez que sua irmã mais velha e entendesse que, ao enviá-la de volta para casa, não pretendia puni-la, mas sim protegê-la.

Rachel não tinha permanecido em silêncio ao saber da decisão, mas, conhecendo-a como ele a conhecia, não se surpreendeu em absoluto ao comprobar com que veemência defendia a Caroline e exigia que a libertasse de tão injusta condenação.

E, embora ele tivesse insistido em que pretendia apenas salvá-la, sua vivaz esposa não estava convencida e, com o dedo indicador para cima, chamou-o de ogro, ditador e tirano, acusando-o de estar muito velho para lembrar da ilusão dos corações jovens. Então saiu do estúdio batendo a porta.

Suspirando resignadamente, pegou o casaco pendurado no encosto da poltrona e procurou acalmar-se antes de se reunir na privacidade do quarto principal com sua enfurecida mulher. Era a primeira vez que discutiam dessa forma e esperava que a ferazinha já tivesse guardado as garras.

Capítulo 25

Naquela tarde, Caroline Barton alegou uma terrível dor de cabeça e não desceu para o jantar.

Estava muito nervosa para compartilhar a noite com os demais e sabia que seu semblante taciturno e marcado chamaria a atenção de todos e que sua alma torturada não lhe permitiria manter uma conversa nem suportar os olhares condescendentes de seus familiares.

Não sabia quanto tempo havia passado enquanto suportava aquele pesadelo horrível. Em um fugaz momento de lucidez, notou que a vela acesa na mesa de cabeceira estava pronta a expirar e que sinistras sombras alongadas começavam a esticar-se ao longo das paredes até os elevados tetos.

A obscuridade do anoitecer tingia de cinza os vidros da ampla janela através da qual era possível divisar os vastos jardins da mansão envoltos em neblina e banhados pela lua crescente.

Ela não conseguiu segurar as lágrimas que de repente lhe molharam o rosto.

Sentada no parapeito da janela, afogou sua tristeza soluçando em silêncio enquanto contemplava o mundo que se elevava diante dela entre o claro-escuro do anoitecer.

Tinha perambulado durante todo o dia pelo quarto como uma alma penada presa de uma agitação terrível que a impedia de ficar quieta, vítima de um desespero terrível que a assombrava impiedosamente e escoltada pelo tormento de saber-se condenada a cumprir um destino terrível.

Tentou enxugar as lágrimas com as costas da mão trêmula enquanto o lábio trêmulo e ardente enchia com o inegável gosto salgado.

Nada podia apaziguar a terrível desolação que a tomava e a memória torturante dos momentos de sonho vividos com Cooper pareciam tão distantes e a espreitavam a cada momento.

Rachel, sem sucesso, tentou várias vezes falar com ela, mas ela havia fugido de sua companhia, amparando-se na enxaqueca que a obrigava a permanecer deitada e

calada. Como poderia olhar nos olhos dela, sabendo-se responsável por sua discussão com o Sr. Davenport?

Um soluço alto e rouco emergiu das profundezas de seu ser, forçando-a a sacudir os ombros. Dando mostras de um evidente cansaço físico e mental, deslizou as pontas dos dedos sobre o vidro em uma distraída carícia, deixando-os cair no colo e apoiando a testa ardente na gélida superficie da janela. Um suspiro lânguido preencheu a atmosfera sombria do quarto.

Tinha passado o dia à espera de uma notícia que não veio. Calculava que Cooper já teria tido tempo de ler a nota, mas, no entanto, nada aconteceu.

Teria preferido continuar duvidando em vez de ter a terrrível certeza: Cooper Knoxville não faria nada para retê-la. O carinho que ele tinha jurado sentir por ela era tão fugaz e frágil quanto um fino cristal e tão falso quanto um centavo de madeira.

A única verdade é que um novo dia estava prestes a começar e que ele não tinha dado sinais de vida para deter uma partida mais que iminente.

* * *

Na manhã seguinte, Caroline levantou-se com dor de cabeça, sem apetite e com evidentes sulcos acinzentados sob os olhos.

Era óbvio que não tinha conseguido descansar durante toda a noite. Enquanto os senhores Barton comiam o desjejum no salão principal antes de viajar para Lambshire, Caroline escolheu caminhar sozinha pelos jardins, vagando distraída e sem rumo.

Dentro da residência, Rachel a observava através da grande janela envidraçada com o coração desolado. Com o cenho franzido e uma das mãos na cintura, sentia o

ânimo fraquejar ao contemplar impotente ao sombrio passeio da irmã. Nunca a tinha visto tão desanimada como desde o momento em que lhe transmitiu a inesperada decisão de Thomas.

Sabia que essa atitude devia-se a uma questão de natureza romântica, mas não conhecia os detalhes. Estava morrendo de vontade de se aproximar da irmã e tentar confortá-la, mas algo lhe dizia que devia dar-lhe alguns minutos de privacidade.

Abrindo o cortinado, continuou a observar Caroline vagando através do forro que protegia o tecido do sol.

Alheia ao cuidadoso escrutínio a que estava sendo submetida, Caroline ainda estava absorta, ouvindo a voz de Cooper em cada sopro de brisa e percebendo o sorriso torto e o rosto relaxado dele em cada nuvem que se desenhava no céu.

Cada vez que um lacaio aparecia na ampla escadaria, olhava para cima com ansiedade mal disfarçada, tentando ver se levava algo nas mãos enluvadas e vendo-se desapontada a cada vez.

Conforme as horas passavam, foi perdendo gradualmente toda a esperança de ter alguma notícia do senhor Knoxville.

Estava agora convencida de que ele não sentia nada por ela, de que tudo tinha sido nada mais do que uma miragem. Aqueles encontros furtivos nos quais o coração da jovem havia sido aos poucos enchido do mais pleno e puro amor tinham sido para ele apenas uma vã diversão.

Aceitava que tinha dado seu coração de maneira imprudente e precipitada para alquém que não o merecia, mas como faria para se manter à tona naquele oceano de confusão depois do que tinha sentido?

Exalando alto, fechou os olhos e ergueu o rosto para o céu, deixando cair a cabeça para trás enquanto a brisa da manhã a envolvia.

Na hora de partir, acomodou-se na carruagem depois de uma despedida por demais martirizante para seu ânimo. Embora tenha conseguido resistir com dignidade e altivez aos abraços das crianças e de sua irmã, e até mesmo à breve reverência do sr. Davenport que, pela primeira vez em vários dias, olhou em seus olhos sem fazê-la estremecer, uma vez na privacidade da carruagem, entre o claro-escuro proporcionado por aquele reduzido espaço forrado de veludo roxo e com a única companhia de seus pais sonolentos, as lágrimas escaparam de toda restrição para brotar em silêncio e sem interrupção daqueles olhos azuis.

Capítulo 26

Cooper colocou o relógio de prata no bolso do colete depois de tê-lo consultado pela enésima vez durante a última meia hora.

Caroline estava atrasada.

Sob o antigo Carvalho, testemunha muda dos encontros clandestinos dos dois amantes, o jovem intranquilo trocava o peso do corpo de um pé para o outro e segurava as rédeas da mais dócil das éguas que possuía, um belo exemplar branco de tamanho médio, que não parava de cabecear inquieta tentando lamber-lhe o punho enluvado em busca de um muito ansiado e inexistente torrão de açúcar.

Tinha decidido levar aquela formosa égua branca para propor à senhorita Barton um passeio pelo campo, mas ela não aparecia.

Ergueu o queixo e olhou ao longe esperando – desejando – ver assomar a silhueta colorida da joven acercando-se rápidamente segurando a aba do chapéu e com as faces coradas pelo exercício, mas a figura desejada não aparecia.

Apertou a mandíbula com tanta força que o maxilar tremeu. Algo devia ter acontecido. Ela nunca tinha demorado tanto tempo. A mais negra sombra sobrevoou a cabeça de Cooper, pressagiando infaustos acontecimentos.

Violentamente tirou o chapéu e o esmagou nas mãos, enquanto no seu interior forjava as suposições mais tenebrosas.

O leve empurrão que a jovem égua lhe deu às costas fez com que olhasse para trás.

Viu sua imagem carrancuda refletida nas infinitas órbitas escuras do corcel inofensivo e se lembrou porque o havia levado.

Frustrado, bateu com o chapéu na coxa direita, tentando em vão liberar todos os pensamentos negativos que o roíam por dentro. Sentia que as incertezas mais agoniantes e o medo do que lhe apareceu como uma perda iminente golpeavam sua alma revolta como as águas do mar durante uma tempestade.

Virando-se para o leal Satã, e depois de esfregar a larga extensão da frente e a ponta da besta nobre, deu-lhe uma enérgica palmada no quarto traseiro e, em tom decidido, exortou-o a partir: "Para casa, amigo, retorna para casa sem mim desta vez!".

O animal respondeu com um relincho e pateou o chão nervosamente, enquanto exalava densos suspiros quentes. Após um diálogo ininteligível, o cavalo se afastou em uma corrida leve, enquanto Cooper subia na traseira da jovem égua com um salto ágil para iniciar um trote apressado.

Lançou-se ao mais ousado galope, decidido a mandar para longe as ideias que o atormentavam e desafiando o vento e o terreno irregular. Avançava em frenética corrida, sabendo que não poderia escapar do que o torturava até que o enfrentasse. Maus presságios foram se apresentando como a rastejante névoa do alvorecer: persuasiva e tenaz na sua obstinação persistente.

Enquanto tentava não se deixar levar pelo pessimismo que envolvia intuições semelhantes, uma delas martelava-lhe a témpora, transformando-lhe o sangue em fogo líquido. Seria possível que ela tivesse se cansado de um vulgar cavalheiro que não tinha nada para oferecer, além das melhores intenções?

Restavam algumas milhas para que os topos dos ciprestes reais, sentinelas eternas da passagem do tempo, anunciassem a entrada do parque de Daven Court, quando a aparição de uma silhueta inesperada fez a jovem égua freiar abruptamente a sua carreira e empinar, levantando e agitando as patas no ar.

Cooper, tão surpreso quanto o cavalo inexperiente, teve de apelar a toda a sua habilidade para dominá-lo.

Contrastando com a imagem alterada e nervosa do cavaleiro, Alfred Diggory estava montado em um pequeno cavalo Percheron irlandês manchado cujas patas, por demais curtas, destacavam-se pela abundante pelagem que lhe ocultava os cascos e cuja cabeça era do mesmo tamanho daquela do jinete. O médico tentava divisar o horizonte por cima da juba abundante do animal.

Uma vez que tinha descoberto a identidade do exaltado cavalheiro que apareceu diante dele, tomado por um medo repentino, tocou a aba do chapéu em saudação, gesto que enfureceu o Knoxville que mal podía se conter. Genuinamente surpreso com o encontro, e incapaz de desviar o olhar do jovem cavalheiro, observou-o amedrontado.

— Afaste-se de meu caminho, senhor Diggory! — Gritou apaziguando o animal com dificuldade.

— Oh, então estou no seu caminho? Bem, que surpresa! — Ele sorriu com falsa afetação. — Perdoe-me se você não esperava encontrar-me por esta senda.

Cooper desconsiderou o descaramento e se manteve firme na sela.

— Repito que saia do meu caminho ou, do contrário...

— Do contrario o quê, jovenzinho? Está tentando me ameaçar? — interrompeu-o.

O Percheron do doutor permanecia imperturbável sobre as patas robustas, com o olhar perdido, enquanto a exaltada égua de Knoxville, manifestando uma fiel empatia ao seu mestre, chutava o chão nervosamente, sacudindo a crina lisa e mirava Diggory com os olhos arregalados.

Knoxville, com as costas eretas, dirigiu-se ao médico arrastando raivosamente as palavras:

— Recomendo que você se afaste e não tente estorvar meus propósitos. Eu não pretendo perder tempo com você neste momento, mas não se preocupe, não faltarão oportunidades de nos encontrar outra vez.

— Perturbá-lo, eu? — Diggory remexeu-se inquieto na sela reduzida. — Você poderia fazer isso como? Eu só me dirigía ao povoado, sem desejo de incomodar. — Disse em tom melindroso que denunciava a falsidade de suas declarações.

— Minha paciência não é infinita. — O maxilar de Cooper começou a latejar. — Você está enchendo, então faça o favor de permitir que eu siga meu caminho.

— Como quiser, mas deixe-me avisá-lo que talvez você não seja bem-vindo em Daven Court.

— Isso não é problema seu! — Gritou, dispondo-se a retomar o camino quando o doutor derramou com fingido desinteresse palavras que captaram de imediato a atenção do senhor de Rosedale Abbey:

— É provável que certa pombinha tenha abandonado o ninho.

Cooper pressionou a mandíbula.

— O que quer dizer?

— Nada! — Ele deu de ombros e agarrou as rédeas como um náufrago à deriva a uma tábua da salvação.

Apesar de sua vaidade, ainda era um pusilánime covarde.

Knoxville franziu os lábios. Detestava tanto àquele ridículo personagem de sorriso açucarado e olhos de rato. Nada seria mais fácil para ele do que instigar o pequeno Percherón para lhe dar um bom susto.

— Você pode não saber, mas há algum tempo estou ansioso para afundar seus dentes em meu punho. — Diggory, lívido, engoliu. — E talvez hoje seja o dia em que esses desejos serão felizmente realizados. — disse antes de estalar a língua e afastar-se, deixando para trás o médico envolvido em uma cortina de poeira.

* * *

A égua ainda não tinha detido o precipitado trote quando Cooper saltou para o solo, deixando o animal, que ficou vagando confuso na vasta extensão de cascalho da mansão, enquanto o jinete subia de dois em dois os degraus da escadaria principal.

Uma vez diante do grande portão da entrada, exaltado e sem oxigênio, descarregou toda a raiva mal contida batendo o anel de bronze contra a régia madeira. Mais de três vezes ele repetiu a operação sem obter resposta e recuou vários passos para trás para lançar um olhar às janelas superiores.

Dentro da mansão parecia haver um enlouquecedor silêncio e isso, juntamente com as terríveis intuições que o atormentavam, não podia deixar de enfurecê-lo.

Por um segundo pensou ter visto movimento por trás das cortinas de uma janela no andar superior e essa pequena luz da esperança levou-o a chamar novamente com vigor renovado.

Finalmente uma das folhas da porta dupla abriu-se com torturante calma e viu surgir o tranquilo e magro porte de um criado.

— A senhorita Caroline Barton, por favor!

O criado continuava olhando para ele com o queixo erguido e os lábios franzidos, sem nem ao menos piscar.

— Eu preciso falar com a senhorita Caroline Barton apenas um minuto, é uma questão de extrema importância!

O mordomo não moveu nem um músculo, como se fosse uma estátua hierática.

— Gostaria de...

— Eu já o ouvi, senhor, mas temo que o senhor não seja bem-vindo aqui.

Cooper começou a perder a pouca paciência que lhe restava.

— Eu não ligo a mínima se sou ou não bem recebido pelos senhores, não é com eles que quero falar, mas com a senhorita Caroline Barton.

— Temo que não seja possível, senhor. — Cooper levantou uma sobrancelha. — A senhorita partiu ontem à primeira hora da manhã.

Como se tivesse sido atingido no peito com um punho de ferro, Cooper deu vários passos para trás, confuso e atordoado, e baixou um par de degraus enquanto olhava para a fileira profusa de janelas escuras que compunham a fachada frontal, movimento que o criado aproveitou para fechar a porta com a mesma cautela com a qual a tinha aberto.

— Caroline! — gritou ao vento como um náufrago no meio do océano dirigindo-se às janelas vazias que o contemplavam com troça. — Caroline! Saia de uma vez! Pelo amor de Deus, saia! Peço apenas um minuto do seu tempo!

O silêncio da grande construção foi a única resposta.

— Caroline! Eu sei que está aí!

Um par de janelas do lado leste, escondida na privacidade de seu quarto, Rachel observava a cena, presa de um conjunto de sentimentos. Assim que aquele era o cavaleiro andante de sua amada irmã, ela disse a si mesma.

Embora o nome Cooper Knoxville tinha ressoado em sua mente várias vezes nos últimos dias, pensara que a sensata e tímida Caroline tinha escolhido o belo e divertido Marcus Auverfort. A amizade que tinha forjado com Annabel e as frequentes visitas de sua irmã a Castleford Mason levaram-na a considerar a possibilidade de um cortejo secreto, mas agora que esse lendário aventureiro invadiu Daven Court, foi forçada a mudar de ideia.

Que tipo de relação existia entre eles se Caroline não se preocupou em avisá-lo de que estava partindo? Com que direito ele se atrevia a irromper assim para exigir que a jovem se apresentasse? Haveria alguma promessa que justificasse essa forma de agir? Com certeza devia de existir algo mais do que um simples conhecimento entre eles para que o cavalheiro se atrevesse a comprometer a reputação de Caroline desse modo!

Com a ruga entre as sobrancelhas visivelmente destacada, Rachel viu o Sr. Rosedale Abbey montar seu cavalo e longe do saguão principal, mas não antes de um último olhar para as janelas que enchem a atmosfera com incômodas imprecações.

Sim, de fato, este senhor tinha algo misterioso capaz de capturar a atenção de qualquer mulher. Auverfort Marcus era bonito, divertido e tinha um futuro bom, mas Cooper Knoxville era tão mau, perverso e fascinante como qualquer um dos corsários de Byron. Caroline teria sido uma tola se não tivesse percebido a diferença.

Capítulo 27

A notícia da partida da senhorita Caroline Barton não poderia deixar de surpreendê-la e de afetar o humor de sua boa amiga, Annabel Castleford.

Sabia que nada de bom poderia sair da desatinada relação entre aquele cavalheiro licencioso e aquela senhorita inocente e, apesar disso, não tinha feito nada para influênciar sobre o flechado humor de sua amiga, pois sabia que os corações enamorados jamais atendem a razões e que qualquer tentativa de fazer com que mudassem de opinião só acabaria em uma briga entre elas.

Em vez disso, havia optado por respeitar as decisões de Caroline, mantendo-se perto dela para lhe oferecer um ombro quando, depois de um desapontamento que ocorreria com certeza, o precisaria.

No entanto, não esperava que esse funesto desenlace ocorresse tão depressa.

A julgar pela mão trêmula e sentimentos desanimados refletidos na carta que lhe deixou, Caroline sentia-se devastada. No entanto, não culpava a seus anfitriões, mas, pelo contrario, castigava-se a si mesma por causar desentendimentos desnecessários entre o pacífico casal e por haver incomodado essas pessoas generosas e gentis.

Annabel apoiou a carta no colo e a dobrou, seguindo as três marcas do papel, tentando aliviar o peso de sua alma com um suspiro lento e prolongado.

Naquele momento, Marcus Auverfort entrou na sala, elegantemente trajado com uma jaqueta negra de ampla lapela e corte frontal reto, botões de metal prateado e discreto bordado em espiral em torno das casas dos botões. O casaco fechado combinava com a jaqueta e o nó impecável da gravata dava-lhe um ar solene e

senhorial. Levava o cabelo claro penteado de tal forma que emoldurava o belo rosto e as costeletas cortadas e alinhadas ao longo da mandíbula.

Um denso perfume de sabão de barbear e cânfora antecipou a chegada do jovem que, depois de beijar-lhe a mão, tomou uma cadeira vazia diante dela e notou a abstração e a preocupação incomum que apresentava o rosto carrancudo da prima.

— Más notícias? — Perguntou, apontando com um leve aceno de cabeça a carta pousada sobre a saia da jovem.

Annabel respondeu com olhar distraído, sorrindo com a condescendência de quem tenta esconder uma dor inevitável.

— Nossa querida amiga está de novo longe de nós, querido, e me dói na alma não poder acompanhá-la, sabendo-a tão aflita.

Marcus apertou a mandíbula. Seu olhar claro e calmo era indecifrável.

— Partiu a senhorita Barton? — Perguntou, fazendo uma vã tentativa de disfarçar a surpresa que sentia.

— Há alguns dias. Esta é a primeira carta que me envia de seu condado natal. Pelo que observo, a desolação que reina em sua alma impediu-a de me escrever antes.

— Isso significa que ela não queria deixar Hardshire?

Annabel olhou para o envelope e sentiu que, da tripla dobra do papel, os olhos azuis de Caroline a observavam com renovada angústia.

— Claro que não! Hardshire tinha tomado para ela um significado especial nos últimos tempos.

Marcus deslizou no assento até ficar sentado apenas na borda do estofamento da cadeira.

— Por que então partiu?

— Não foi sua decisão de viajar tão precipitadamente e sem tempo nem de dizer adeus aos que tanto a prezamos.

— Será que a obrigaram a fazê-lo? — Marcus franziu os lábios até reduzi-los a uma fina linha. As narinas dilataram-se durante uma respiração agitada e violenta. — O que aconteceu para que ela ficasse envolvida de repente em tal decisão irritante? Entendi que sua irmã a adorava e que o Sr. Thomas Davenport era um cavalheiro justo e completo.

— Ninguém diz o contrário, Marcus. — Annabel deslizou a mão no antebraço da jovem, tentando acalmá-lo. — Estou convencida, e a própria Caroline também o está, de que não houve o menor indício de maldade da parte deles.

— Eu não entendo porque eles rejeitam a agradável companhia da senhorita Barton e nos privam de sua graciosa presença, se não querem lhe causar qualquer dor. Eles não sabem o sofrimento que causaram, que você mesma foi capaz de perceber por uma simples carta?

Annabel inclinou a cabeça para o papel e seus cachos se moveram. Embora tentasse esconder a verdade, o jovem intuiu a resposta à sua pergunta através dessa reserva que, aos olhos de um homem do mundo como ele, era reveladora.

— Foi punida por alguma coisa?

Annabel olhou para seu primo, surpreendida pela suspicácia que mostrava. O brilho silencioso dos olhos da moça e o delator tom escarlate de suas faces representaram uma resposta clara para Marcus.

— Peço-lhe que tenha pena de mim e não me force a trair as promessas que fiz.

Marcus Auverfort levantou-se abruptamente do seu assento e parou na frente da grande janela que lançava luz sobre a sala, levando pensativamente aos lábios o punho cerrado e lívido devido à opressão. Em frente a ele, a bela paisagem apresentada pelo campo não lhe atraía o interesse.

— Não é necessário que a traia, prima, eu sei de tudo. Seu silêncio e minha intuição removeram o véu que você acha que fechava meus olhos.

Annabel inclinou-se para trás, envergonhada. Respirou de modo tão suave que mal levantou o peito apertado.

— Lamento que as coisas tenham sido assim. Lamento que suas expectativas...

— Minhas expectativas? — Ele interrompeu. — Eram minhas esperanças muito diferentes das suas? — exalou alto, concentrando os olhos na paisagem. — Você diz que creio adivinar que suspeitou em mim mais do que um afeto de amigo com relação à senhorita Barton, mas não deve ficar mal. Pode ser que neste momento outro cavalheiro leve uma vantagem considerável sobre mim, mas a corrida ainda não acabou e não me caracterizo por desistir tão facilmente.

— Não me atreveria a falar de qualquer vantagem. Caroline está agora muito longe de Hardshire para que qualquer tipo de disputa seja possível. — Murmurou tristemente, observando e acariciando com os dedos a superfície lisa do papel. — O que podemos fazer para nossa amiga? — Perguntou timidamente, depois de um longo silêncio.

— O que podemos fazer? — Ele se virou para ela. — Pois partir para estar ao lado dela! É nesses momentos de solidão e saudade que nossa querida precisa da companhia daqueles que realmente a estimam.

Annabel imediatamente deu-lhe um sorriso de sincero agradecimento e seus olhos refletiram um brilho entusiasmado.

— Partir? Tem certeza? Quer ir agora mesmo buscá-la?

— De imediato! — Sentenciou, fixando na dama a intensidade de seus formosos olhos cor de safira.

— Admiro sua decisão e estou convencida de que Caroline vai se sentir grata. Você acha que Guy iria nos acompanhar?

— Guy pode ficar aqui, se preferir. Tenho certeza de que ainda há arrendatários na área aos que não teve oportunidade de ler os salmos de Fordyce.

Annabel reprimiu um sorriso cúmplice, resultado de um entusiasmo renovado, e levou ao peito as mãos entrelaçadas, que ainda seguravam a carta.

— Está bem, vamos lá. Nada me daria mais prazer do que reencontrar-me com minha boa amiga. Vou pedir à minha donzela para preparar meu baú imediatamente.

— Amanhã de manhã vamos! — Marcus disse entusiasmado. — Acredito que são várias milhas de viagem até o condado onde vive a senhorita Barton.

A brilhante pupila de Annabel de repente ficou nublada e seu rosto se decompôs. Com expressão irritada, inclinou a cabeça, como se fosse uma criança a quem um adulto houvesse negado alguma coisa.

— Oh! Acho que é impossível sair amanhã. — Marcus olhou para ela carrancudo e Annabel bateu na testa com a palma da mão aberta. — Acabei de me lembrar que devo ir com a mãe a um importante serviço na Igreja.

Depois de um breve silêncio, ela olhou para cima, com renovado entusiasmo, para seu primo, que pairava sem falar.

— Marcus, você pode ir sozinho! A senhorita Barton muito agradecerá um gesto amigo nesses momentos de solidão e, desde sua chegada, vocês tiveram bons momentos de diversão. Vá você, eu te alcançarei em alguns dias.

— Tem certeza? — Ele perguntou animadamente, mostrando que o que sua querida prima acabava de dizer estava totalmente de acordo com seus desejos mais íntimos. — Não se importa em viajar sozinha por tantas horas?

Annabel sorriu, balançando a cabeça negativamente, agitando os cachos acobreados.

— Em absoluto. Estou convencida de que a senhorita Barton agradecerá sinceramente seu gesto e fico gratificada ao imaginar que tua companhia ajude a aliviar a aflição da minha amiga. Te animo a que vá logo, pois a solidão de nossa doce Caroline não pode esperar mais.

* * *

Nos últimos dias Cooper Knoxville não tinha conseguido apaziguar seu raivoso estado de ânimo. A absoluta falta de apetite, a ausencia total de sono e descanso e a pouca ou nenhuma conversa com outras almas mortais tinham feito com que permanecesse afundado em um estado de nervos terrível.

O semblante pálido e emaciado do jovem contrastava com os marcados e visíveis sulcos azuladoss sob seus olhos inchados e vermelhos, o que lhe dava um aspecto sinistro. Seu rosto era uma máscara de raiva que, mais do que ocultar a terrível dor que lhe feria a alma, mostrava uma violência digna dos espíritos mais atormentados.

Perambulava pela casa com botas de montar, a camisa aberta e solta por fora da calça, o cabelo despenteado em grossas mechas, barba de vários dias e uma garrafa de gim na mão.

Seus últimos acessos de raiva mal contida tinham sido pagos de forma injustificada pela antiga vasilha familiar de porcelana de Viena e por dois belos vasos de porcelana francesa.

Desde aquele dia fatídico, quando percebeu que seu destino tinha sido jogado ao azar, não não tinha voltado a atravessar as paredes de Rosedale Abbey. Nada o tentava: nem os dias de caça, nem os galopes frenéticos ao lombo de Satã pelo campo sem fim, nem as horas mortas passeando com seus fiéis cachorros pointer na

imensidão da floresta e sob a sombra do velho carvalho no pântano, *daquele* carvalho que tinha testemunhado seus encontros com Caroline.

Em várias ocasiões, estava tentado a voltar a Daven Court e ser ouvido a qualquer custo. Por mais arrogante que fosse esse Thomas Davenport, devia recebê-lo com a cortesia exigida por seu nobre sobrenome, mesmo que fosse apenas por uma questão de manter as boas maneiras.

Era também possível que o maldito criado tinha dito a verdade e que Caroline não estava mais em Hardshire, mas, nesse caso, por que fugira dele, sem nem ao menos avisá-lo?

Exasperado, pôs as mãos na cabeça e apertou os punhos contra as têmporas, tentando aplacar o terrível tumulto que ameaçava deixá-lo louco e fazer seu cerebro explodir em mil pedaços.

Não ia buscar culpados por sua infelicidade, mas a necessidade de que Caroline ficasse livre de qualquer culpa o fazia tentar adivinhar quem poderia estar por trás disso.

Seria a senhorita Castleford a responsável? A senhora Davenport talvez? E por que não o Sr. Davenport?

Completamente fora de si, pegou a garrafa meio vazia pelo gargalo e atirou-a com raiva contra a parede, criando uma ferida abstrata de cor dourada sobre a superfície de papel de parede pintado e inundando a sala com um acre cheiro de álcool.

Uma sombra furtiva que cruzou a porta imediatamente chamou a atenção exaltada do joven, que se virou como um animal selvagem.

O rosto familiar e de expressão indiferente com que Bosworth o observava da porta pareceu devolvê-lo a um estado que, embora não fosse de calma, pelo menos não era tão raivosa quanto antes.

— Vai, vai. Ouvi rumores entre o serviço de que você ficou louco e não queria perder a oportunidade de ver por mim mesmo.

— Bosworth. — Estalou com a voz pastosa de quem não tinha ingerido nada mais do que álcool durante as últimas horas.

O homem deu vários passos para dentro da sala, com os braços cruzados sobre o peito e olhando-o fixamente sem expressão, o que fazia impossível adivinhar a repugnância que realmente sentia.

— É este o mesmo Cooper Knoxville que conheço? O amigo diante de quem as mais procuradas meretrizes da rua Sunset se desfaziam em desmaios?

— Eu diria que é o que sobrou dele.

— E tudo isso por uma mulher? — Rodeou-o, franzindo o nariz. — Olhe para você! Fede a álcool e suor. Há quanto tempo você não toma banho? Olhe para você! — Exclamou, enquanto descarregava com dois dedos um empurrão violento, que o fez cambalear. — Você não é sequer uma sombra do que foi, e tudo por uma mulher insignificante.

Cooper endireitou-se e levantou o queixo, mostrando resquicios da antiga arrogancia.

— Não é qualquer mulher...

— O que tem que a faz diferente das outras? — Gritou com veemência, agitando os braços no ar. — Desde o primeiro momento me intrigou seu interesse nessa loira puritana. No começo, pensei que seria apenas um capricho passageiro, um novo desafio que você tinha se imposto! Mas há tempos tenho notado como você mudou! O que você se tornou? Em um patético sentimental. Vamos lá, não pode ser sério!

— Cale a boca! — Ele pressionou violentamente as têmporas, que estavam prestes a explodir.

— Não, meu estúpido amigo, eu não vou calar a boca! Não estou disposto a permitir que você destroce sua vida dessa maneira e afunde naquela que você acredita ser uma paixão única e excepcional! — Bosworth parou por meio segundo, observando a expressão dolorida do amigo. — Ouvi no povoado que tua querida e virtuosa dama abandonou Hardshire um par de dias atrás, na carruagem familiar dos Davenport e que, a julgar pela velocidade com que algumas testemunhas a viram sair, eu diría que não tem a menor intenção de voltar.

Cooper olhou-o com uma expressão que variava entre espasmo e cólera. Embora nas últimas horas tivesse pesado a possibilidade de que Caroline tinha partido, ver agora confirmadas suas suspeitas causou-lhe uma dor que não esperava ter de enfrentar.

— Ela partiu... — Murmurou para si mesmo de modo quase imperceptível.

— Assuma. Desta vez, coube a você perder. Muitas vezes, um rosto bonito, angelical, é simplesmente a máscara de uma imensa perversidade.

— Partiu. Como é possível? Não, não pode ser verdade.

— Deve agradecer por se ver livre de um possível compromisso com alguém da sua classe. Ainda bem que você não chegou a se comprometer. Caso contrário, você estaria condenado.

— Condenado, diz você? Preferia que algum compromisso secreto nos unisse! Assim eu teria algo ao que me agarrar.

— Não seja idiota! Você deve estar feliz de não ter perdido sua liberdade. A sociedade vai cuidar de censurá-la.

— Mas não deveria exigir uma explicação? Não quero ouvir outra justificativa que não venha de sua boca!

— Você terá a sua explicação no seu devido tempo, amigo. Não se esqueça de que a vingança é um prato que se serve frio. Você vai encontrar a oportunidade de

fazê-lo. — Segurou-o pelos ombros. — Vamos para Londres. Reservei um camarote para a ópera. Teatro, salões, cassino e mulheres nos esperam. Vamos nos divertir por um tempo e então eu mesmo te acompanharei para buscá-la.

Cooper deixou cabeça cair para trás, exalando lentamente suas contrições. As palavras de Bosworth pareciam-lhe tão absurdas e, a pesar disso, um leve manto de dúvida cobria a superficie de sua alma.

Capítulo 29

A senhora Barton não poderia ter ficado mais animada com a chegada do senhor Auvefort a Barton Cottage do que o demonstrado por seu humor imprudente e indiscreto. Para o cavalheiro, as impetuosas boas-vindas excedera a correção e a cortesia que a situação exigia.

Tal era o seu desejo de estar com ela, de voltar a ver a intensidade daquele olhar de mar calmo, que até falta de moderação da mãe de Caroline pareceu-lhe pitoresca.

Ele elogiou a casa e o critério que os levara a localizar o salão principal voltado para o sul, o que fazia com que uma maior entrada de luz compensasse o pequeno, embora cômodo, tamanho do local. Também elogiou o verde e frondoso cenário natural, a textura dos sanduíches de pepino que Kitty serviu acompanhando o chá que lhe foi oferecido, as boas condições de estrada e a quietude inesperada e quase palpável daquela região do país, cuja paz conseguia recriar quase perfeitamente a realidade do Paraíso Perdido de Milton.

Diante dessas palavras, a senhora Barton não pode deixar de sentir uma forte simpatia por ele e de forçá-lo a aceitar passar as noites com a familia até que deixasse Lambshire. Apenas um firme empenho permitiu-lhe recusar a hospedagem em Barton Cottage, mas concordou em ficar na lendária hospedaria do povoado, embora isso não o isentasse de entreter a família com sua presença sempre que suas obrigações o deixassem livre.

A senhora Barton não se preocupou em esconder o evidente fascínio que sentia por ele, e o lisonjeava a cada vez que abria a boca, explodindo em elogios e sorrisos agradecidos que de modo algum podiam passar despercebidos. Examinou-o de cima

a baixo com tal fixação e encantamento que sua atitude tornou-se embaraçosa para seu marido e sua incrédula filha, mas não para o cavalheiro, que parecia extremamente divertido com as desmesuradas maneiras da senhora. No entanto, a consternação mostrada nos contínuos rubores e envergonhados silêncios de Caroline acabaram por fazer com que ele se sentisse desconfortável.

Apesar de a princípio a menina se haver desapontado ao conhecer a identidade do jinete que se aproximava, logo aprendeu a valorizar a atitude de seu amigo e se sentiu em dívida com ele por haver-se dado ao trabalho de percorrer mais de cem milhas com o único propósito de oferecer sua companhia a modo de consolo.

Só podia corresponder ao gesto do cavalheiro empenhando-se em tentar mostrar-se animada e pronta para todas as atividades que lhe propunha e, embora seu coração continuasse aos pedaços, impôs-se a firme intenção de ser quando menos uma agradável companhia para Marcus Auverfort. A promessa de que a senhorita Annabel iria se juntar a eles em poucos dias também ajudou-a a encontrar vontade suficiente para tentar realizar esse propósito.

Marcus, ignorando toda a desculpa pueril que a joven lhe dava, pressionou-a a jogar um xale sobre os ombros e acompanhá-lo a visitar o campo. O cavalheiro via com sincero fascínio o arredondamento dos tons verdes e terrosos que o envolviam com uma fúria e uma paixão desconhecida para ele. Estava a todo momento pendente de Caroline e preocupado com o bem-estar dela. Foi ele quem ouviu com paciente silêncio as notas aflitas que aquelas mãos de neve arrancavam do velho pianoforte da familia, pressionando os punhos sempre que pensava adivinhar uma oscilante lágrima nos cílios dourados da jovem, e quem, mostrando um caráter afável e cortês , animada as noites com adivinhas, jogos e rimas em que a Sra Barton participava e que conseguiam dar à entristecida Caroline alguns momentos de prazer no meio do negro pesar que a envolvia.

Embora ele estivesse ciente de que a estrada à sua frente era árdua e difícil, a beleza infinita da luz que conseguia intuir entre as névoas era para Marcus incentivo suficiente para se aventurar a deixar a alma em tal odisseia.

O que não seria capaz de fazer para voltar a ver o brilho nos olhos de Caroline!

* * *

— Oh, Sr. Barton! O senhor já reparou que bom par fazem? — Perguntou a Sra Barton, apoiada na cama sobre um mar de travesseiros e almofadas, ao adormecido marido, enquanto lhe dava suaves empurrões para mantê-lo acordado.

O velho, com o rosto escondido sob as dobras da colcha florida e o gorro de dormir enfiado até o nariz, remexeu-se entre grunhidos e tentou em vão permanecer fora da vigília a que ela o forçava.

— O que diz? Que faz um bom par?

A Sra Barton levou uma das mãos ao peito e, com a outra, balançou veementemente os babados da coifa branca de cetim, ainda sorrindo. Estava tão feliz que nem o amargo despertar do marido nem a ignorância manifestada por ele poderia manchar sua felicidade.

— Sir Barton, desperte de uma vez que eu estou falando sobre sua filha!

O velho apoiou-se no cotovelo com dificuldade e se virou para sua esposa, falando com que grande parte da superfície da cama tremesse sob seu peso. As espessas sobrancelhas cinzentas que espiavam sob o puído gorro davam-lhe um aspecto cômico e cativante.

— Depois de seis anos de casamento só agora você percebe o quanto Rachel e o Sr. Davenport se dão bem?

A senhora fez uma careta e balançou com mais ímpeto a touca.

— Não estou falando de Rachel, meu senhor, mas de Caroline! Acaso o senhor está tão velho e cego a ponto de ignorar o que estou dizendo?

O homem lambeu os lábios para tentar acalmar a secura da boca e a ruga de sua testa tornou-se mais visível e profunda.

— Durma, mulher, não tenho cabeça para enigmas!

Ele se virou e se deixou cair de novo sobre o colchão de pluma de ganso.

— Mas, Sr. Barton, não negue que o semblante da nossa Caroline recuperou a cor desde a chegada do senhor Auverfort. Ignora por acaso que estão enamorados?

O homem sacudiu a cabeça prateada, presa de estupor, e tentou reorganizar a informação que recebia.

— Que loucura você está dizendo, mulher? Quem está enamorado? Como é perigosa a imaginação de uma mulher insone!

— Oh, se não o amasse tanto, não teria paciência de suportar sua distração enlouquecedora!

O velho ergueu-se quase completamente e, sentando-se na cama, pareceu surpreso.

— Tem certeza do que diz ou é outra de suas fantasias? Eles disseram alguma coisa?

— Não foi necessário. — sussurrou, como se tentasse torná-lo cúmplice de um secreto. — Talvez eles mantenham segredo por causa da discrição natural que têm ou porque ainda devem finalizar alguns detalhes, mas estou convencida de que há entre eles algum tipo de compromisso que foi interrompido por nosso retorno.

O senhor Barton ruidosamente engoliu em seco e concentrou o olhar em algum lugar no quarto.

— O senhor compreende o que fez o senhor Auvefort viajar até aqui? Ele veio para pedir a mão de nossa filha, para reafirmar a promessa de amor já concedida! Oh, é tão romântico!

— Pare de dizer disparates! — Exclamou, irritado.

— Não é nenhum absurdo! Acaso o senhor não vê como eles estão felizes cada vez que saem para um passeio no campo ou o brilho nos olhos extasiados do cavalheiro a cada vez que olha para ela? Eu sei, eu sei o que o senhor está pensando: não é tão bonito quanto o sr. Davenport. — A sra apertou os olhos maliciosamente, ainda sussurrando. — E nunca terá o porte nem os cofres do nosso amado genro, nem suas amizades, mas Rachel me contou que o jovem Auverfort herdará duas propriedades magníficas nos arredores de Essex e Suffolk. Além disso, já observou o requinte dos tecidos com os quais ele se veste? Esses trajes são do melhor feito em Londres e Paris e uma pessoa sem recursos não poderia vestir roupas dessa qualidade!

O senhor Barton bufou e caiu para trás na superfície macia das almofadas. Resignado, cruzou os braços sobre o peito por cima da dobra do acolchoado.

— Ah, vejo que o jovem é suficientemente rico para agradar a mãe da senhorita.

— Neste ponto, não podemos nos dar ao luxo de ser tão exigentes. Não espere que o senhor consiga casar sua filha mais nova com um fidalgo poderoso como o Sr. Thomas Davenport.

— Marcus Auverfort é um jovem muito agradável e compensa com acréscimo a falta de nobres raízes com a afabilidade de suas maneiras.

— Claro que sim! É injusto compará-lo com o Sr. Davenport. A posição de Auverfort é boa o suficiente para que qualquer vínculo com ele seja bastante agradável.

— Quem, além de você, os está comparando? Qualquer comparação entre eles seria desagradável e fora do lugar.

— Claro. Além disso, nos tempos atuais, é inaceitável mostrar uma mentalidade retrógrada. Apesar de não se tratar de um lord ou um visconde, se pedir a mão de Caroline o senhor deve aceitar imediatamente.

O senhor Barton bufou novamente e se escondeu debaixo das cobertas, indignado com o absurdo que tinha sido forçado a ouvir. Haveria alguma verdade nas palavras daquela mulher demente? Provavelmente apenas o desejo eterno, vexatório e ridículo de conseguir um casamento.

Capítulo 30

Minha querida Annabel:

Encontrei a nossa querida amiga tão mudada, tão desprovida de vida e alterada que, às vezes, parece a alma cansada de uma aparição etérea e sem vontade, uma infeliz condenada a vagar para sempre pelo mundo dos mortais sem nada para combater sua dor.

Pensei que minha visita iria lançar um pingo de luz ao espírito sombrio, mas certamente me enganei.

Mal posso aceitar que a jovem pálida, doentia e abstraída que na noite passada executou uma das músicas mais tristes que já ouvi na minha vida é a mesma menina com bochechas rosadas e os lábios cheios que baixava os olhos diante do mundo devido a uma timidez adorável, que ao passar inundava tudo com o azul de seus olhos, que conseguia agitar o coração de qualquer alma sensível com o belo riso que fluía dos lábios, enchendo o ar com a musicalidade jubilosa de um monte de cascavéis.

Não pense, porém, que me fez participante do sofrimento em que se encontra, porque de sua boca não brotou o menor lamento ou queixa. A infeliz vive sua dor em silêncio, tentando em vão escondê-la, sem saber o quanto é fácil lê-la em seu rosto.

Diga-me, prima, como pode haver um ser capaz de infligir tanta dor a uma menina tão ingênua quanto ela? Pode pertencer a outras hostes mais do que a do próprio Averno o desgraçado que se atreve a arrancar com sua própria mão o coração de uma alma tão pura para deixar em seu peito apenas um buraco sangrando? Como pode alguém tê-la abandonado no mar de dores em que agora naufraga?

Se a senhorita Barton ao menos me fizesse partícipe de sua dor, eu me sentiria autorizado a ir à procura daquele canalha. Se o destino apenas o colocasse diante de mim agora! Bem, eu lhe asseguro, querida prima, que esse libertino não iria sair ileso do encontro!

Não desejo te entristecer, pois sei o carinho que sente pela senhorita Barton e o quanto vai sofrer por estar longe dela. Tomei a liberdade de transmitir sua mais calorosa estima e ao menos conseguir alegrá-la por um momento com a promessa de que você não tardará a chegar.

Seu carinhoso,

MA

Annabel sentiu que seu coração estava prestes a saltar pela boca e, depois de dobrar a carta, inalou profundamente, convencida de que não poderia retardar nem um segundo mais sua partida. Não podia deixar que o espírito derrotado de sua amiga e o espírito irado de seu primo continuassem a crescer sem restrição.

* * *

Marcus olhou mais uma vez para Caroline sob a luz tênue e alaranjada do sol poente que iluminava o campo. Ela suspirou com os olhos fechados e baixou a cabeça até que o coque adornado de cachos dourados acariciasse seu pescoço.

Apesar da lividez da face da menina e da falta de brilho nas pupilas outrora iluminadas, o cavalheiro não podia deixar de admirá-la. Ele temia que, se perdesse de vista um segundo, aquela figura iria se evaporar na atmosfera e ele se veria despojado dela.

Caroline estava sentada sobre o casaco de veludo verde que o senhor Auverfort tinha gentilmente colocado para ela sobre um velho tronco caído, enquanto brincava com uma bolota abandonada sob a a sombra majestosa dos velhos carvalhos da floresta.

A tranquila silhueta de Caroline recortava-se como um ícone místico e o brilho luminoso do pôr do sol tornava-a mais preciosa do que era naturalmente.

Ela abraçava com força os joelhos, mantendo os olhos voltados para as colinas vizinhas.

Marcus, extasiado diante da imagem que aparecia diante dele, e feliz por perceber um breve momento de paz no rosto da jovem, perdeu a noção de quanto tempo ficou atolado em tão cativante hipnose e só se tornou consciente de que tinha sido surpreendido em seu devaneio pelo ligeiro sorriso que iluminou de repente o rosto da moça, diante do que Marcus não pode deixar de corar.

— Desculpe-me, desculpe-me! — Balbuciou jogando a bolotas que ainda permanecia em seu poder. Caroline sorriu mostrando a adorável timidez de antes e o rosado de suas faces quase conseguiu colorir seu pálido rosto.

— No que você está pensando, me olhando assim?

— Minha imaginação inflamada evocava uma recordação através da visão bucólica deste pórtico arborizado. — Disse, tentando abarcar com um amplo gesto o belo cenário que os rodeava.

— Uma recordação na qual eu apareço? Qual poderia ser?

Marcus relaxou um sorriso malicioso torto.

— "No prado verde encontrei uma dama de beleza consumada, bela como uma filha das fadas; longos eram seus cabelos, seu pé ligeiro, seus olhos feiticeiro". — Começou a recitar.

Caroline permaneceu sombria um segundo; desconhecia aqueles versos.

— Ouvi o jovem poeta que tinha acabado de lhes dar vida recitá-los em Londres. — Esclareceu.

— A natureza é sempre digna dos mais altos louvores. A beleza do cenário que nos rodeia é capaz de inspirar qualquer alma com um mínimo de sensibilidade.

— É verdade, mas não é necessário ser poeta para apreciar a beleza de uma alma inocente e ingênuo na figura de uma jovem dama.

Caroline inclinou a cabeça e ficou séria. Retorceu o vestido com força.

— Acaso minha retórica áspera deixou-a triste? — Perguntou ele, atirando-se de joelhos aos pés dela. – Preferiria que me arrancassem a alma e a jogassem aos abismos do inferno antes de lhe causar qualquer aflição! Olhe para mim. — Caroline elevou timidamente os olhos vidrados que ameaçavam transbordar. — Eu nunca consentiria que esses belos olhos se entristecessem por minha causa.

Mas aqueles olhos se entristeceram e tão rápido que a jovem foi forçada a inclinar o rosto para esconder os soluços.

— Deixe-me ser sincero com a senhorita. Acredito saber qual é a causa de seu sofrimento e posso assegurar-lhe que neste momento não há homem que considere mais odioso do que aquele que lhe tem causado essa dor. Mas acredite em mim, o tempo a cura todas as feridas. Uma alma bonita como a sua não pode viver para sempre atormentada. — Com a ponta do dedo ergueu o queixo tremendo da jovem e o virou para ele. — "Que minha alma vai servir quente. Concede-me para ser um farol que acende-se no meio da tempestade. Dá-me a oportunidade de tentar aliviar a dor que sente agora".

Caroline limpou as lágrimas com as costas da mão e olhou para o cavalheiro agachado.

— O senhor é muito gentil e sua nobreza me obriga a ser sincera. Não posso lhe confiar meu coração, que há muito deixou de pertencer a mim.

Marcus endireitou os ombros, surpreendido com o que ouvira. Ele piscou várias vezes, observando-a e ela continuou.

— Que tipo de hipócrita seria eu se me servisse do apoio que o senhor me oferece, sabendo-me incapaz de lhe dar o que merece? Se aceitasse, não só não iria

sair deste atoleiro em que estou mergulhada, mas também eu o arrastaria para afundar na minha própria miséria.

— Não! De jeito nenhum poderia considerá-la hipócrita! — Ele exclamou com veemência. — Eu não sou um menino ingênuo, por mais que minha juventude possa induzi-la a acreditar nisso. Eu sei muito bem o estado em que se encontra seu coração e por quem se inclinam suas afeições. No entanto, concordo em ser o porto onde você pode ancorar sua alma, se assim o desejar.

Caroline parecia fascinada. Ela apertou os lábios para tentar conter a insensata profusão de lágrimas que lhe vinham aos olhos.

— Sei esperar, senhorita Barton, e estou disposto a fazê-lo durante o tempo que for necessário.

— Senhor Auverfort, eu não quero alimentar falsas esperanças.

Marcus levantou-se sem tirar os olhos azuis dos dela e sacudiu a terra que lhe aderia aos joelhos.

— Você sabe melhor do que ninguém que somos meros mortais à mercê do destino e que não está em nosso poder dirigir as nossas afeições na direção que achamos conveniente. Deixemos que seja a vida a nos conduzir – disse, levantando a testa para o alto, onde grossas nuvens arroxeadas se juntavam, ameaçantes, para em seguida oferecer-lhe um braço de apoio —. Temos de ir antes de chover. A senhora Barton não me perdoaria se a senhorita pegasse um resfriado por causa da minha imprudência fatal.

— Minha mãe é incapaz de ficar brava com o senhor. — Respondeu, e, decorando essas palavras com um sorriso tímido, apoiou-se no braço que Marcus lhe estendia para levantar-se e tomar o caminho verde que serpenteava até Barton Cottage.

Capítulo 31

Cooper exalou na atmosfera carregada imperante num denso sopro acinzentado através do lábio entreaberto seco e áspero. Sua boca, grossa e amarga pelo excesso de álcool, parecia uma caverna nua e decrépita onde a língua parecia se arrastar, atordoada e inerte, como uma pequena lagartixa moribunda.

Ele estreitou os olhos, adormecido e insensível naquele limbo incorpóreo em que permanecia, sentado de qualquer jeito em uma poltrona esquecida tentando ver através da espessa fumaça de vapores de ópio os perfis sinuosos dos móveis que oscilavam ao seu redor.

Em seu delírio, levantou a mão na frente do rosto até esconder atrás do mais grosso dos dedos a figura embriagada e deplorável de Bosworth, que permanecia esparramado em uma cadeira surrada diante dele, com um aspecto igualmente lamentável. A cada vez que conseguia ocultar a silhueta atrás do polegar, Cooper emitia um som estridente que imitava o de uma bala e se regozijava ao ver que o contorno de seu companheiro desaparecia.

Uma pequena mão vestida com uma luva escarlate obrigou-o a terminar o conteúdo amargo e transparente de um copo baixo e largo, derramando um pouco do líquido sobre o peito desalinhado do joven, causando uma visão ainda mais escurecida do cavalheiro. Sem qualquer preâmbulo, a mesma mão aproximou o bocal dos lábios de Knoxville, ordenando-lhe chupar com tal força que ao aspirar uma dor aguda no peito obrigou-o a afastá-la com um empurrão, seguido de uma forte onda de tosse áspera que convulsionou violentamente o peito sem pelos do jovem.

O alvoroço de algumas zombeteiras risadas masculinas que lhe chegavam desde o canto oposto da sala deixaram-no irritado e fizeram com que seu sangue fervesse, ameaçando derreter suas veias como se fossem de cera.

Com os dedos em forma de garra, aferrou-se ao braço da cadeira, pressionando o queixo e levantando os olhos injetados de sangue em direção ao parceiro de libertinagem, a quem intuía estar em algum ponto invisível diante de si e odiando-o por rir dele e de suas fraquezas.

Ele sentiu a testa e os ombros molhados sob um estranho suor frio enquanto, paradoxalmente, uma violenta onda de calor subia-lhe pelo pescoço e pelo rosto, causando-lhe insuportável sensação de asfixia e de angustia. Tentou em vão levantar-se, tudo ao seu redor conspirava para forçá-lo a sentar e fechar os olhos. Sentiu uma pontada que lhe martelava a cabeça com batidas constantes até se situar em algum lugar sob sua nuca.

A mesma mão enluvada percorreu-lhe os ombros languidamente, e, exibindo volumosa frente com um decote de proporções tao exageradas que porções de carne pareciam prestes a transbordar, falou com ele:

— Céu, você me leva para cima? — O hálito quente e pegajoso debido aos eflúvios adocicados de álcool roçou-lhe o queixo e obrigou-o a torcer o rosto em desgosto.

Ele piscou várias vezes, tentando focar a silhueta sinuosa que vislumbrava. Em seu delírio, supôs que sorriu bobamente ao entender quem era a proprietária desse perfil.

Que bela parecia Caroline Barton para ele, mesmo enrolada em um grotesco vestido de cetim escarlate! Que imaculada brancura mostrava seu rosto e que adorável calma refletiam aquelas enormes pupilas azuis, agora imóveis sobre ele, com tal fixidez que fazia com que todas as articulações lhe tremessem!

— Vai me acompanhar desta vez ou deixará que eu vá sozinha? — Ele a ouviu dizer.

Cooper estremeceu ao sentir que um daqueles amados cachos dourados acariciava sua mandíbula e estendeu a mão desejosa para ela, para que aquela criatura adorável o conduzisse hipnotizado. Quanto tinha esperado tê-la na frente dele! Quantos dias tinha permanecido bêbado e com a alma perdida, lançando-se ao submundo para tentar apagar a imagem dolorosa e perturbadora da senhorita Barton!

Mas era inútil. Nem todo o álcool do mundo seria suficiente para afogar aquela presença gravada a fogo em sua mente, pois a adorável visão de Caroline o perseguiría até o fim de seus dias. Com que cruel certeza sabia que a amava e que a amaria para sempre, que a venerava mais do que a própria vida, mesmo sabendo que ela o tinha usado como um brinquedo para depois retornar a uma vida na qual ele não tinha lugar!

A menina inocente tinha quebrado seu coração em mil pedaços e tinha conseguido afundar a seta do Cupido no mais profundo de seu peito sofrido.

E, no entanto, nada disso importava. O que poderia lhe importar saber que o coração de Caroline Barton permanecia indiferente a ele, quando sabia que estava condenado a amá-la para sempre à distância?

Arrastado a Londres por Bosworth, aquelas semanas dissolutas tinham representado uma tortura para ele. Empurrado a um turbilhão de jogo, bebida e deboche, havia perdido cada centavo de sua fortuna já magra. Mas, o que importava o dinheiro? Nenhuma posse material poderia restaurar a presença amada da senhorita Caroline.

Ele caiu para trás na superfície macia do que supôs ser uma cama e percebeu que mãos ávidas lhe tiravam os sapatos.

Com os olhos fechados e um sorriso no rosto deixou que aquelas mãos ansiosas lhe percorressem o peito com diligência.

Viu-se a si mesmo muitos anos antes, deitado em uma noite de lua cheia sobre outra cama completamente diferente, com os olhos fixos em um móbile de madeira que oscilava sobre ele. A lua iluminava aquele quarto infantil e inundava o local de sombras nas paredes forradas de papel. Recordou o terrível medo que sentiu e como suas pequenas mãos tinham agarrado os lençóis para esconder um minúsculo nariz avermelhado e uns pequenos olhos de azeviche pincelados pelo pânico. De algum lugar próximo chegavam-lhe os ecos esmorecidos do pranto de varias mulheres e o rumor agitado e interminável de passos.

Pulou da cama arrastando a camisa de dormir e tropeçando com ela para se aventurar em meio à névoa do imenso e escuro corredor e caminhar com passo trêmulo, encostado à parede, em direção à luz oscilante que vinha do quarto mais próximo.

O rosto de um menino de apenas cinco anos assomou no limiar daquele dormitório e pode contemplar com pavor a figura desmaiada de sua amada mãe deitada na cama impecavelmente vestida de branco, com uma touca de rendas sobre a amada cabeça e com o longo cabelo escuro deslizando-se liso sobre o busto imóvel. Apesar da angústia que o tinha invadido ao vê-la, não ficou triste, pois sua querida mãe parecia adormecida e feliz, envolta em uma paz infinita. Mas, por que as criadas choravam silenciosamente ao pé da cama? Por que seu coração doía ao olhar para ela?

Aproximou-se furtivamente, invisível aos olhos dos outros, e, ao tocar com timidez naqueles dedos gelados e sem vida, um terrível pânico inundou sua alma.

Levou o dorso daquela mão à boca e beijou-a milhares de vezes, tentando acordá-la, enquanto a figura escura e severa de seu pai irrompeu atrás dele, agarrando-o pela cintura e arrancando-o dali. Estendeu a mão até sentir que os

ombros se desligavam do corpo, tentando agarrar-se a aquela figura amada ali deitada, mas viu com horror infinito que não era sua mãe a piedosa defunta, mas a figura sem vida de Caroline Barton, abatida, pálida e descarnada, com os olhos voltados para o interior de sua própria alma.

— Caroline! — Gritou.

Suado, tentou se erguer sobre o colchão e notou o peso de outro corpo sobre o seu.

Carrancudo, piscou várias vezes para assimilar o que seus olhos, um pouco mais lúcidos, mostravam-lhe claramente: uma mulher desconhecida, de rosto licencioso e exuberante cabeleira de azeviche, com o rosto sujo debido a um excesso de cosméticos e um sorriso imoral de dentes deteriorados, apressava-se em lhe desabotoar a camisa, sentada de maneira impúdica em seu colo.

Como se uma mola invisível o impulsionasse, recuperou a consciência e empurrou a mulher, levantando-se cambaleante.

— Onde você está indo? Nós ainda podemos nos divertir hoje à noite! — Ouviu dizer a mulher.

Descalço, com as meias enrugadas e sujas e as calças cheias de manchas escuras, a camisa desabotoada por fora da calça e a cabeça zonza e febril, só conseguiu responder:

— Sinto muito. Devo sair daqui o quanto antes, isto foi um erro completo.

— Está casado? É isso? Não se preocupe, eu vou ser discreta.

— Eu disse não!

Pegou o restante das roupas e, sentindo um enxame de abelhas golpeando-lhe as têmporas, saiu daquele lúgubre local, sem ouvir as imprecações lançadas por aquela extravagante mulher. No corredor, viu um Bosworth ziguezagueante, que avançava entre risos, escoltado por duas mulheres.

— Já está indo, Knoxville? A noite é uma criança, amigo, desfrute da boa vida de Londres, enquanto nenhum anel oprima seu dedo. Estas senhoras encantadoras não se saem talvez mil vezes melhores e mais complacentes do que sua correta Julieta?

Cooper afastou-o com um empurrão que o fez cair no chão perante o olhar atônito das acompanhantes e desapareceu escadas abaixo.

— O que há de errado com o seu amigo? — Gritou a morena de vestido escarlate com as mãos na cintura.

Do chão, esfregando o corpo dolorido, Bosworth disse com voz pastosa:

— É apenas um tolo enamorado, penso eu. — Murmurou enquanto dava um soco furioso na parede sobre a qual permanecia reclinado.

A mulher chutou a sola dos sapatos dele com a ponta das botinas de verniz e exclamou:

— Pois diga a esse infeliz que meu nome é Emmaline, não Caroline, e que neste lugar não curamos aos tolos românticos! — E, dito isso, desapareceu nas sombras na direção oposta à que tinha tomado Cooper Knoxville.

Capítulo 32

Na tarde em que Annabel Castleford chegou àquele remoto condado perdido no meio do campo inglês, Caroline estava sentada diante das janelas escuras da cozinha, com expressão vazia e palidez no rosto. Com uma grande bacia de faiança, distraía-se removendo a palha de uma pilha interminável de ervilhas que seriam servidas no jantar daquela noite.

Annabel, vestida com um vestido bege elegante, a pesar de simples, e com um charmoso boné de ampla aba trançada, caminhava distraída, embebendo-se com a beleza rústica e natural dos arredores, admirada com a simplicidade das propriedades, a austeridade das estradas, as ovelhas peludas e as vacas acinzentadas que salpicavam, como em uma pitoresca aquarela, as amplas pradarias do lugar.

A mão enluvada apoiava-se no braço galante de Marcus Auverfort, que avançava com expressão satisfeita e andar firme e altivo, olhando a humilde vivenda coberta de hera que assomava atrás da cerca da propriedade.

Não bem reconheceu a silhueta de sua amiga através do vidro escuro da janela, Caroline sorriu, enquanto uma quietude suave encheu sua alma.

Ela jogou o balde em cima da mesa com um estrondo e saiu de casa rapidamente, ante o olhar perplexo, embora indulgente de Kitty, que permaneceu na cozinha, inclinada ao arrancar as penas de um ganso sobre uma bacia de água fervente.

Uma vez que chegou perto da amiga, ela correu para os braços receptivos e amorosos da senhorita Castleford e se deixou envolver pelo eflúvio do característico e doce aroma de baunilha da jovem.

Ao lado dela, Marcus balançava a cabeça, satisfeito e emocionado, enquanto a cabecinha emocionada da senhorita Barton descansava sobre o ombro de sua prima, agradecendo-lhe com um sussurro sentido e sincero.

* * *

Poucos dias depois, em uma tarde de cansativa garoa, os três jovens permaneciam na sala do Cottage Barton, afundados no claro-escuro de um dia cinzento ao amparo de uma luz suave.

As senhoritas jogavam uma lenta e interminável partida de cartas, sentadas ao redor de uma mesa hexagonal enquanto que, à distância, de frente para o fogo lânguido e crepitante, Marcus Auverfort tentava se concentrar na leitura de um volume retirado aleatoriamente das prateleiras da biblioteca.

Apenas o monótono tique-taque rítmico do relógio de bronze que adornava a lareira e as satisfeitas risadas esporádicas de Annabel a cada vez que conseguia ganhar uma mão de sua companheira distraída quebravam o silêncio insondável que reinava na sala.

De repente, o forte bater de uma porta assustou os três jovens, que viram a senhora Barton irromper como um pequeno e descontrolado vendaval, presa de notável agitação e emoção, com os cachos revoltos sob a touca e as faces vermelhas.

Marcus levantou-se da cadeira, como exigido pelas regras do decoro.

Com a mão no peito, como se para controlar a respiração impetuosa, ela parou no meio da sala e chamou a atenção dos três jovens, que ficaram em suspenso diante da figura da mulher de idade.

— Acabo de saber pelo criado da senhora Clark que alugaram a mansão do velho senhor Palmer para todo o verão – começou, olhando para Caroline com a

cabeça inclinada e, com os olhos sorrateiros, respirou fundo antes de continuar. — Sabe, querida, que sempre me entristeceu pensar que nessa bela casa completamente desocupada desde que o velho Comodoro morreu sem filhos. Considero que é um desperdício permitir que uma propriedade tão bela se deteriore por falta de uso. — E, dirigindo-se aos outros espectadores, contou-lhes que os inquilinos eram um casal de idade e sem filhos procedente do norte de Devon, com uma posição agradável, cujo sobrinho estava disposto a dar boa conta dos rendimentos de seus parentes.

Annabel sorriu condescendente, descansando as mãos no colo. Despertava-lhe ternura que aquela mulher singular se apaixonasse tanto pela mera novidade de que teria novos vizinhos. Sem dúvida, pertencer a uma sociedade tão reduzida diminuía consideravelmente as possibilidades de entretenimento e qualquer novo membro era bem acolhido.

— É uma boa notícia, senhora Barton — disse sinceramente. — Devem estar muito satisfeitos em ter novos vizinhos.

— Sem dúvida, senhorita Castleford! Nunca é demais ter vizinhos que possuem salas formidáveis para a realização de jantares e eventos. Pelo que entendi, a mansão possui a maior lareira da região. — Ele baixou a voz para acrescentar, em tom de confidência —: Diz-se que o mármore branco que a adorna foi trazido das Índias, a pedido do senhor extravagante. Que baile interessante será realizado ao amor de seu fogo!

Caroline levantou uma sobrancelha.

— Um baile, mãe? O pobre casal ainda não terminou de se instalar e você já está enchendo suas salas.

— Por que não? O que há de errado com os bailes, querida?

— Você realmente acha que eles vão ter desejo de confraternizar logo com seus novos e desconhecidos vizinhos? — Inclinou a cabeça, extremamente surpresa. — Eles devem estar ansiando por longos momentos de paz e tranquilidade para

instalar-se confortavelmente. Certamente foi para isso que fugiram da cidade para se refugiar no campo. Eu não acho que querem ser incomodados ou que seus planos imediatos incluam dar um baile.

A senhora Barton parecia pouco disposta a se deixar vencer.

— Você está errada, querida. O criado da senhora Clark acabou de me informar que toda a vizinhança foi convidada para uma festa na sexta-feira para conhecer seus novos vizinhos. — E, olhando para Annabel, acrescentou —: Ouvi dizer que naquela sala poderia ficar muito confortável todo o segundo regimento de milícia. — Annabel correspondeu a tais observações com um elevar de sobrancelhas, fingindo surpresa. — Claro que não será tão deslumbrante como o salão dos senhores Davenport, mas estou convencida de que, pelo menos, será um dos mais vistosos do lugar. — E, com um gesto insinuante disse a Marcus. — É claro que o convite é estendido para os senhores, dois amigos especiais da nossa família.

Caroline franziu o cenho. Não tinha nenhum desejo de ser vista em meio a uma sociedade ávida por novas fofocas com que apimentar a existência monótona. Além disso, que interesse poderia ter em participar de um evento desse tipo quando seu coração não abrigava qualquer alegria? Acaso poderia colocar uma boa cara quando a alma estava sangrando por dentro? Seria capaz de falar sobre ninharias com as demais damas e dançar quando tudo o que ela queria era ficar escondida debaixo das cobertas em silêncio, ruminando seu infortúnio?

— Temos de ir? — perguntou com relutância, sabendo muito bem qual seria a resposta.

Sua mãe respondeu pasma.

— Se temos de ir? — Olhou incrédula para os jovens com o rosto vermelho e os olhos a ponto de saírem das profundas e ossudas órbitas. — Você seria capaz de ofender nossos vizinhos recentes e notáveis? Oh, menina tola! O que seria de nós se faltássemos? — Ela se abanou com a mão, enquanto fingia estar prestes a sofrer uma

síncope. — Gostaria que os Morgan e outras famílias do condado tirassem proveito de nossa ausência para nos apresentar como uma família carente na frente deles?

Marcus pigarreou, tentando capturar a atenção das três senhoras, e sorriu com sua afabilidade característica.

— Senhorita Barton, deixe-me dizer que eu adoraria ir ao baile. Nunca participei de qualquer evento tão cativante quanto o da sociedade de Lambshire e seria muito bom para mim me misturar com pessoas tão afastadas da vaidade e da frivolidade da capital.

A senhora Barton, apoiando-se em uma mesa próxima, como se tivesse acabado de se recompor de uma apoplexia repentina, sorriu para ele, aduladora, enquanto sua filha baixou os olhos, com o cenho franzido.

— Se a senhorita me honrar com o privilégio de ser minha acompanhante, prometo não deixá-la sozinha por um só momento. — Disse Marcus, levantando a a mão direita com fingida solenidade. — Prometo monopolizá-la descaradamente durante toda a noite.

Caroline não teve escolha a não ser sorrir.

— Além disso. — Acrescentou Annabel. — Você não pretende me tirar a possibilidade de me apaixonar por um galã local, não é?

Caroline olhou para ela por alguns segundos, tentando discernir se ela estava falando sério. Não sem resistência, acabou por ceder aos apelos desses três personagens que pareciam ter-se aliado contra ela, e alimentou em privado o secreto propósito de sair de lá o mais rápido possível.

* * *

A pequena botina de couro polido, cercada por elegantes tranças de passamanaria desceu pela quinta vez, com gesto resignado, os degraus da carruagem e pousou ao lado de sua gêmea sobre uma pequena poça das muitas que havia entre o calçamento da estreita calçada.

A senhora, envolta em um elegante abrigo de gorgorão azul escuro, levava a cabeça escondida sob o capuz forrado de seda e as mãos embainhadas em ricas luvas de marroquim escuro.

Mal desceu do veículo, levou a mão, instintivamente, ao rosto e, com um lenço de seda, protegeu o nariz e a boca contra os cheiros nauseantes desse beco escuro. Densas nuvens de fumaça malcheirosa subiam dos esgotos, intercaladas com a rastejante neblina espessa que, àquelas horas da tarde, assolavam as ruas de Londres.

Perto dela, uma velha desdentada e leprosa, com mechas emaranhadas do cabelo grisalho saindo do lenço sujo que lhe cobria a cabeça, esticava as mãos suplicantes para os transeuntes.

Um pouco mais além, um bando de crianças discutia acaloradamente ninguém sabia por quê, enquanto chutava alguém que estava caído no chão, com as pernas enegrecidas levantadas como um escudo para se proteger da chuva de golpes.

Em uma porta próxima, uma prostituta, que expunha mais do que o permitido pela decência, ria alto e, ao seu lado, um homem açulava um cão de aspecto sanguinário e orelhas afiadas contra os que passavam.

Um dos dois lacaios que a acompanhavam apareceu de repente, como um espectro.

— Nada, senhora. O senhorio diz que não se lembra de ter visto qualquer cavalheiro com esse nome ou essa descrição.

A senhora pressionou os punhos, decepcionada. Era a quinta pousada que o criado visitava, trazendo sempre a mesma resposta.

Ela inalou sob o lenço, tentando se recompor e questionou a fiel empregada com um olhar interrogativo e os olhos vermelhos por causa da atmosfera irritante.

— Não se preocupe, senhora, ainda há muitos lugares onde perguntar. — Encorajou-a a jovem. — A senhora não acha que já é hora de voltar? O senhor pode notar sua ausência e Deus sabe como ele reagiria se soubesse onde tinha ido.

A senhora olhou para o resto da comitiva e viu que os lacaios mais jovens tentavam afastar a golpes de bastão a um par de canalhas.

— Quando a noite cair, estas ruas vão se tornar muito perigosas para uma dama, senhora – atreveu-se a dizer um dos criados com voz grave e potente. — Talvez Adele tenha razão e seja melhor voltarmos.

Rachel silenciosamente ponderou as possibilidades e, baixando as pálpebras que cobriam aqueles belos e vívidos olhos verdes, concordou.

— Foi o suficiente por hoje, mas é imperativo que nós o encontremos o mais rápido possível. — E, dito isso, subiu à elegante carruagem, ajudada pelos criados, na esperança de que o dia seguinte fosse mais produtivo.

Capítulo 33

Quando, para a satisfação da senhora Barton e seus dois jovens aliados, chegou o tão esperado dia do baile, a tímida Caroline sentiu-se presa pelo entusiasmo de seus amigos.

Ela, que já por si pouco desfrutava de eventos sociais muito numerosos, estava ainda menos disposta a deixar-se levar pelo clima festivo das pessoas ao seu redor.

Por isso, enquanto a velha senhora a incentivava a manifestar um mínimo de contentamento, limitou-se a assistir ao baile, sem por isso estender sua promessa além do exigido pela simples cortesia e boas maneiras.

Diante do esculpido espelho de pé de seu quarto, contemplou a imagem que aquela cortada e enegrecida lua lhe devolvia e se viu estática e inexpressiva, parada sem expressão, com os ombros caídos, postura desleixada, braços frouxos aos seus lados e olhar triste, vazio e taciturno. Que lamentável pareceu-lhe essa jovem de cabelo dourado e olhar cristalino que parecia a ponto de ir para o cadafalso! Não era um claro sinal de hipocrisia da parte dela aceitar tomar parte dessa farsa, de uma cena coreografada da qual não se sentia participante?

Envolvida nas asas etéreas do suspiro mais profundo, acariciou com as pontas dos dedos enluvados o decote debruado de rendas cor de rosa, lembrando de repente, dolorida, que era o mesmo vestido que usara na primeira noite que tinha dançado com Cooper.

Recuou os lábios, percebendo a coceira intensa que lhe queimava as pálpebras. Que diferente esta vez em comparação com a anterior, em que a mão firme e segura de Knoxville tinha cingido sua cintura até deixá-la amolecida, em um céu em que apenas cabiam duas almas!

No ar flutuava o eco desanimado de um segundo suspiro e a abatida joven acariciou distraidamente a branca pele que espiava sobre o coração, salpicada de arrepios. O toque gelado e inesperado de uma correntinha de repente assustou-a e percorreu-a com os dedos cegos, até chegar ao pequeno medalhão.

Ela engoliu duramente. Não queria, não devia chorar, mas as lembranças atormentavam-lhe a alma e o tremor tomou conta de seu queixo. A coceira crescente das pálpebras, inevitavelmente fechadas, corroborava a realidade de uma alma sofrendo, por mais que pretendesse aparentar indiferença.

"Cooper", murmurou, olhando para a jovem no espelho, perturbada pela forma como a menina se agarrava à joia pendurada em seu decote.

Engoliu as lágrimas, puxou as luvas até o cotovelo e se dispôs a sair.

* * *

Uma vez na frente da mansão, depois de anunciados sob o arco do corredor, os Barton, acompanhados por seus novos amigos, entraram na fabulosa sala onde foram recebidos por um ambiente aquecido e repleto de fragrância florais.

Depois do obrigatório cumprimento aos anfitriões, Caroline deu um breve olhar ao salão, em busca de um lugar seguro onde se manter a salvo de olhares e escrutínios indiscretos e esperar até que as intermináveis horas transcorressem.

Sentia-se tão pouco predisposta a dançar e a qualquer outro tipo de exercício que seu único desejo era manter-se discretamente à parte, observando como os demais se divertiam.

Marcus compreendeu de bom grado os desejos da jovem e só se apartou dela em busca de um copo de ponche.

Com as mãos cruzadas atrás das costas, olhava em silêncio para o futuro da festa e acompanhava o rítmo com a ponta do sapato, sorrindo de modo condescendente para a prima que, no meio daquele turbilhão de tecidos, cores, tules e plumas, tentava não perder nenhuma das músicas tocadas pela orquestra e dançava risonha com todos e cada um dos jovens que a solicitaram.

Em um ponto da noite em que a maioria dos casais tinha tomado uma pequena pausa, quando as senhoras agitavam os leques rapidamente e os ecos do riso dos homens se tornava mais audível, um jovem desconhecido se aproximou do grupo que a senhorita Barton formava com seus dois amigos.

Era um cavalheiro bonito, alto e corpulento, que levava o abundante cabelo escuro e ondulado com a facilidade de quem se sabia bonito e elegante.

Apresentou-lhes uma reverência displicente e, sem retirar os olhos escuros e agudos da joven de cabelo dourado e expressão confusa, saudou-a, descaradamente ignorando a presença daqueles que a acompanhavam.

— Senhorita Barton, não é? — Disse, agitando o copo de conhaque entre os dedos.

Caroline franziu o cenho. Havia algo na expressão daquele senhor que lhe era familiar e, a pesar disso, não conseguia lembrar quem era. Marcus, com expressão tensa, sutilmente segurou-a pelo cotovelo, de forma protetora.

— Creio que já nos vimos antes, mas não me lembro onde. Peço-lhe que me desculpe, senhor...

— Bosworth, Oliver Bosworth, ao seu serviço.

Caroline continuou presa da ignorância mais nebulosa.

— Sou um bom amigo do senhor Knoxville. — Acrescentou.

Uma facada precisa abriu no coração de Caroline uma rachadura que foi aumentando a cada segundo.

Ela sentiu a pressão antes imperceptível da mão de Marcus e lhe agradeceu com o pensamento pelo apoio que lhe deu.

— O senhor Knoxville está bem? — Perguntou em voz baixa, sentindo seu coração doer-lhe no peito.

O rosto, corado e vermelho como uma papoula, estava queimando.

— Bem, com certeza. — Respondeu e parou para ver, com prazer, a palidez mortal que refletia o rosto da menina. — Acabo de deixá-lo desfrutando da atmosfera vibrante da cidade antes de vir para aprovar a aquisição inesperada dos meus tios malucos. Pensei na possibilidade de convidá-lo para se juntar a mim, mas o caráter do nosso amigo me dissuadiu. Estou convencido de que ficaria entediado até a morte aqui.

Caroline, cuja presença de espírito começou a desvanecer-se, deu um leve retrocesso. Os rápidos reflexos de seus amigos impediram que desmaiasse naquele exato momento.

— Creio que não há festa em torno de Londres a que não tenha sido convidado. A senhorita já sabe que o nosso amigo é um cavalheiro de espírito livre que não gosta de ficar muito tempo preso em pequenas sociedades incapazes de lhe trazer a novidade e a diversão que ele almeja. Quando, no final da temporada, os notáveis se refugiam no campo, ele deixa tudo para dedicar-se às diversões da capital. Detesta o ambiente rural, tedioso e rústico. De fato, Rosedale Abbey é uma propriedade que abomina. Eu não me surpreenderia que, a qualquer momento, decidisse vendê-la.

Marcus, com irritabilidade crescente, murmurou:

— Interessante o modo de se divertir do seu amigo. Para mim, parece mais a forma de se divertir de um libertino do que de um cavalheiro.

Bosworth girou o rosto para ele, sorrindo e apertando os olhos com desprezo.

— Creio que não tenhamos sido apresentados. Ainda não tive o prazer de conhecer quase ninguém neste condado rústico e pitoresco.

— Não pertenço a este condado, senhor. Minha família é de Northampton, embora tenhamos várias propriedades em Essex e Suffolk. Como o senhor, estou aqui como um convidado.

— Bem, à primeira vista percebi que o senhor era um cavalheiro. Seu porte evidencia uma elegância e uma grandiosidade que a maioria dos moradores deste lugar não tem. — Tomou um gole da bebida, sem tirar os olhos da moça. — Se me permite, tomo a liberdade de comunicar a nosso amigo que eu a encontrei esta noite. Tenho certeza de que o Sr. Knoxville vai gostar de saber que aquela jovem humilde, que acidentalmente conheceu em Hardshire está em boa companhia em sua aldeia natal.

E com uma rápida reverência, acompanhada de um sorriso pérfido e mal intencionado, ele se afastou deles.

* * * * *

— Será que esse arrogante é o sobrinho de nossos anfitriões? Aquele que vai herdar residência tão bonita? Como o destino pode ser injusto às vezes! — Comentou Marcus, entre dentes, arrastando as palavras e derramando o ódio de suas pupilas azuladas na silhueta agora distante daquele indivíduo. — Como se atreve a se aproximar de nós sem ter sido apresentado? São esses os cavalheiros que honram nossa grande ilha? E essa forma de molestar a senhorita Barton! É inaceitável!

— Marcus, acalme-se. — Murmurou Annabel, agitada, agarrando Caroline pelo antebraço para levá-la a um assento. — Este não é o momento nem o lugar para fazer uma cena. Essas boas pessoas graciosamente nos convidaram e não é adequado que tenham motivos para se arrepender.

Caroline, escondida atrás de uma elegante coluna dórica, de repente deixou-se cair em uma pequena cadeira.

Annabel agachou-se, preocupada, aos pés do jovem para tentar ajudá-la, segurando suas mãos e esfregando seus joelhos com impaciência nervosa. Vendo que o humor da menina fraquejava, tirou da bolsinha um pequeno frasco de perfume que agitou sob as narinas da amiga.

— Marcus, vá buscar os senhores Barton, devemos levá-la para casa agora.

— Claro, vou chamar a carruagem. — Gaguejou preocupado.

Quando se foi, Caroline começou a chorar desconsoladamente.

— Acalme-se, tudo vai ficar bem. — Procurava acalmá-la acariciando-lhe a testa ardente e acomodando o cabelo revolto atrás do rosto corado.

— Não, nada vai ficar bem! — Sussurrou, de repente, com uma firmeza desconcertante na voz. — Já nada vai dar certo! Como é possível que ele vá em frente como se nada tivesse acontecido, quando sinto que estou morrendo a cada passo?

Uma nova onda de lágrimas interrompeu-a.

— Os homens, minha querida, muitas vezes são mais inconstantes do que parecem. Mas não se aflija. A dor que hoje parece intolerável vai acabar passando e o senhor Knoxville vai acabar como uma nuvenzinha insignificante em teu próprio céu.

— É que não entendo! — Disse quase para si mesma, como se expor em voz alta aquilo que pensava pudesse torná-lo mais suportável. — Como pode ficar impassível e participar de dezenas de bailes quando eu sou apenas capaz de ouvir na minha cabeça o grasnar de corvos sinistros que fazem ninhos no meu peito?

— Caroline. — Annabel, chorosa, beijou-lhe o dorso da mão. — Vai passar, eu garanto, toda essa dor horrível vai passar algum dia.

— É que você não entende. — Murmurou horrorizada. — Não quero que passe. Esta dor é a única coisa que me resta dele, a única coisa a que eu posso me agarrar, a única evidência de que um dia Cooper Knoxville fez parte da minha vida. Caso contrário, chegaria a pensar que tudo não passou de um sonho cruel. Quando cessar esta dor significará que estou morta.

Annabel naquele momento compreendeu a verdadeira extensão do sofrimento da amiga. Caroline sofria com a aflição do coração adulto que sabe que seu mal tem apenas dois caminhos: a loucura iminente ou a sepultura.

— A carruagem nos espera. — Marcus anunciou, assomando a cabeça ligeiramente.

Capítulo 34

Muitas vezes parece que o próprio destino conspira para dar às almas torturadas a capacidade de conceber e moldar os pensamentos mais assustadores — e arriscados — do que caberia esperar em um coração puro e inocente. É quando essas almas, até então bondosas, vestem-se com o hábito da resolução e da coragem, e agem de forma imprudente.

Não foi senão impulsionada pela mão negra desses espíritos infelizes, que a jovem Caroline Barton estava decidida a deixar Barton Cottage na manhã depois do baile sem ter provado alimento e com o corpo ainda dormente de frio sob a névoa.

Envolta apenas em um pequeno xale de linho e brocado de um tom branco desmaiado e salplicado de florzinhas que cobriam até a metade da saia e com o abundante cabelo amarrado com um amplo laço de cetim amárelo e liberado em brilhante cascata dourada até a metade das costas, deixou a segurança do lar.

Com o coração apertado, embora sem a resignação e a submissão de antigamente, a obstinada e perigosa teimosia daquele que persiste e se mantém com a cabeça batalhando arduamente contra milhares de pensamentos perturbadores refletia-se no espelho dos olhos da jovem.

Abraçou-se com força sob o xale, pretendendo dar-se coragem suficiente para suportar a árdua tarefa que tinha a intenção de realizar.

De repente, parou à beira de um estreito desfiladeiro, e contemplou com admirável paciência e equilíbrio o imenso abismo verde que crescia sob seus pés. A paz que refletia levava a acreditar que essa garganta escarpada era o estranho objetivo que pretendia alcançar.

Desfez o abraço, até então firme e constante, fazendo com que o xale caísse inerte ao chão. Com o olhar inexpressivo fixo na imensidão que se abria diante dela, o queixo para cima, os ombros caídos e curvados, os braços flácidos ao lado do corpo e o espírito dolorido, permaneceu envolta em sua melancolía, contendo as lágrimas.

Senhor meu, a cada dia você me faz sofrer um pouco mais. Rogo-lhe, livra-me desta dor que oprime minha alma mais do que eu posso suportar. Eu não sou tão corajosa quanto você para perdoar afrontas tão grandes com dignidade. Rogo-lhe que, se não for encontrar a felicidade desta forma, tenha misericórdia de mim e me chame ao Teu lado para me poupar deste sofrimento que já não cabe no meu peito.

Com a alma angustiada, levou a mão tremente ao decote e acariciou o pequeno medalhão. Aquela joia era a única prova de um amor que, em vez de diminuir por causa do tempo e da distância, crescia. Aquela pequena joia de prata antiga era tudo o que a mantinha sã.

— Bom dia, senhorita Barton. Vejo que não sou o único pássaro madrugador do lugar. — Uma voz inesperada de repente a afastou de seus pensamentos e viu-se obrigada a dar um passo para tras, para manter o equilíbrio e não despencar.

Oliver Bosworth observava-a com curiosidade, com uma careta gozadora no rosto e uma perna ligeiramente flexionada para diante, segurando o peso de um porte magro e juvenil.

Observava-a com curiosidade, contrariado e divertido ao mesmo tempo.

— O senhor me assustou; não esperava encontrar alguém neste lugar neste momento. — Caroline passou a mão pela testa, tentando afastar a confusão inicial e a posterior decepção que sentiu.

Enquanto isso, Bosworth, depois de percorrê-la de cima a baixo com os olhos, deu um passo na direção dela, sem retirar a mão do bolso, e olhou curiosamente para a beira do precipicio.

— A senhorita ia se matar? — Perguntou-lhe, sem que suas palavras mostrassem a menor preocupação.

— Claro que não! Como pensou isso? — Sua voz cortou-se e um intenso rubor coloriu suas bochechas.

Bosworth, apertando os olhos por causa do denso fumo do cigarro em sua mão, deu uma longa baforada.

— Nunca pensei que uma criatura tão devota e piedosa quanto a senhorita cometesse um tal pecado.

Caroline se inclinou para pegar o xale caído a seus pés, mas o cavalheiro foi mais rápido e já o colocava com fingida atenção sobre os ombros dela. O cheiro amargo do tabaco e couro envolveram-na, provocando-lhe náuseas.

— Eu me pergunto o que poderia afligir a uma criatura tão simples como a senhorita ao ponto de levá-la a jogar-se de um barranco.

— Repito que não era minha intenção!

— Oh, não, é claro! — Disse sarcásticamente. — A senhorita veio aqui neste momento com o simples propósito de recolher buquês de dedaleiras. Como eu poderia me confundir desta forma?

Caroline baixou os olhos, girando o rosto na direção oposta a ele, que estava se divertindo às custas dela. O cavalheiro se aproximou dela em silêncio e rodeou-a da mesma forma que uma astuta raposa vigiaría ao ganso mais indefeso do bando. Quando pensou que já estava perto o suficiente, lançou no rosto da moça uma densa nuvem de fumaça.

— Desde o primeiro dia que a vi, soube que seria uma verdadeira calamidade tanto para meu amigo quanto para mim. Uma jovenzinha do campo, sem fortuna ou relações, humilde, recatada e cândida, tão sem graça e sem expressão que não seria capaz de seduzir nem ao eremita mais solitário.

Caroline, imperturbável, tragou as inúmeras lágrimas que lhe vinham aos seus olhos e suportou, em silêncio e com dignidade, as ofensas de Bosworth.

— Vamos deixar de hipocrisias. A senhorita me desagrada tanto quanto eu a desagrado. Felizmente, não acho que nós nos encontraremos novamente. Vou imediatamente para Londres, pois não suporto o tédio deste lugar.

Caroline suspirou baixinho.

— Eu sempre disse que as jovens sem dinheiro são as piores. Estão sempre em busca de algum tolo, que lhes permita subir na escala social, escalando e deslizando como cobras e oferecendo a bela imagem da flor do estramonio, para, em seguida, despejar seu veneno de modo a viver em uma grande mansão.

Caroline olhou para ele, mas não respondeu.

— Eu disse a esse estúpido Cooper inúmeras vezes: "Não é boa para você, essa recatada não pode trazer-lhe nenhum benefício" e, no entanto, o muito ridículo não pode evitar cair arrebatado como um menino imberbe. — Sorriu. — Sem fortuna, com a mente em ruínas, longe dos amigos, e tudo para quê? Para continuar acorrentado ao jugo ridículo de uma paixão que não vai fazer nada além de afundá-lo na miséria!

Caroline virou-se para ele, atraída pelas últimas palavras. Bosworth, sem perceber o que tinha acabo de revelar, continuou destilando seu veneno.

— Se surpreende? Bem, é bom que o saiba! Cooper Knoxville perdeu tudo por causa de sua obstinação insensata! Não se sente culpada por ser a causa da perdição daquele cavalheiro? Por ter arruinado uma vida feliz e despreocupada?

Caroline não conseguia entender. Suas têmporas zumbiam como se dezenas de martelos irados as golpeassem violentamente. Era verdade o que sua mente estava tentando assimilar? O agitado bombeamento de seu coração não podia ter dúvida, o violento balanço de seu peito sob seu xale não podia obedecer a uma falsa ilusão.

Ergueu o queixo desafiadoramente e cruzou os braços sobre o peito para defender-se daquele homem ignóbil que estava consternado com o arranque inesperado.

— Vá embora, sim, procure outro incauto ao que enganar, com dinheiro suficiente para ser depenado em troca de falsas promessas e olhinhos baixos! — Bosworth gritou ao vê-la se afastar. — Cooper Knoxville não é mais do que um simples lavrador sem fortuna incapaz de tentá-la, certo?

Caroline parou. Com o gesto gentil do rosto dos místicos que finalmente alcançam a paz e um sorriso calmo nos lábios, sussurrou:

— Que Deus o perdoe e lhe conceda a tranquilidade que precisa – sentenciou, deixando para trás Bosworth expelindo uma enorme profusão de blasfêmias e imprecações.

Capítulo 35

Enquanto isso, longe dali e alheia às tribulações do distante condado de Lambshire, uma nova controvérsia começava a ser forjada e ameaçava tomar forma sob os telhados das dependências de serviço de Daven Court.

A esfera de prata ainda pendía do tapete preto e aveludado do firmamento quando os criados da grande mansão começaram a juntar-se em torno da mesa para o desjejum, antes que as primeiras luzes da madrugada assomassem ao céu e também muito antes da hora em que os senhores estavam acostumados a levantar, como haviam feito desde os tempos do falecido Harold Davenport.

Todos estavam ali reunidos, desde os lacaios mais jovens, que, com o atraso informal da juventude mal acabavam de fechar os punhos da camisa, até os veteranos, que poliam com lánguido e fleumático ensimesmamento os botões dos uniformes, verificando que os coletes estavam perfeitamente abotoado.

As criadas jovens cochichavam, tentando em vão manter-se a salvo do olhar repressor e grave de Emerick, que presidia a mesa. Emerick, eterno exemplo incorruptível de sobriedade e disciplina, o galo governante daquele pátio profuso, o criado mais antigo e dedicado dos Davenport desde tempos imemoriais, os mais exigente hierarca da limpeza, da honestidade, da moral ou da dedicação aos seus pacientes e sofridos subordinados. O guardião intransigente de formas e da moralidade sob os tetos das dependencias de serviço, sempre ciente de todos e cada um dos gestos ali realizados, esperando sempre, como uma sombra, para dar o aval para cada decisão tomada e que nunca poderia ser realizada sem seu consentimento.

À sua direita, a velha governanta permanecia de pé, observando a agitação da inexperiência com a melancolía trazida pela senescência, enquanto Helen, a criadinha

encarregada das lareiras da mansão, com apenas quinze anos de idade, olhava furtivamente e com expressão sonhadora a algum dos jovens lacaios. Aos pés da menina, os inseparáveis baldes de agua e de carvão jaziam como cãezinhos.

Adele, a fiel criada da Sra Davenport, alheia ao burburinho de seus colegas, agradecia com um sorriso distraído aos alimentos que Charity, a ruiva, e sardenta cozinheira irlandesa, servia. Estava exausta demais para encontrar prazer nas aromáticas carnes que os demais, no entanto, apressaram-se a devorar.

Havia dias que a desesperança vinha minar o espírito da moça. As infrutíferas idas e vindas de Londres, e a preocupação e responsabilidade de apoiar e encobrir a jovem senhora, apesar do imenso remorso – e medo — que sentia ao agir às escondidas do senhor, mantinham-na em um constante estado de vigilância e nervosismo.

Embora Davenport fosse um cavalheiro nobre e bondoso, gentil com todos os funcionários e amigável com todo o mundo, sua mera presença, e sua voz profunda e sonora, faziam-na tremer.

Sua falta de apetite pareceu chamar a atenção do veterano e respeitoso Laurent, a quem conhecia desde criança por ter sido sempre um bom amigo e companheiro leal de seu pai, o antigo jardineiro da mansão.

— As fatias de presunto não conseguem tentá-la? — Perguntou-lhe, oferecendo-lhe uma travessa cheia, que ela recusou. — É a melhor perna de porco que Charity preparou nos últimos tempos.

— Eu ouvi. — Gritou a cozinheira desde o fogão, esticando na direção dele uma enorme concha de madeira. — Mas seus elogios não vão garantir uma ração dupla.

A risada geral acabou por contagiar o espírito de Adele, que deu um sorriso sincero diante do olhar aguado do velho.

— Parece que o apetite voltou a abandoná-la, mas sei que um corpo sem sustento não fica muito tempo em pé, jovem, por isso você deve descansar mais. Mal se vê sua sombra pela casa e sua aparência ameaça lembrar a figura invisível de uma aranha.

Adele piscou várias vezes. Nos últimos anos de sua vida tinha adquirido um ritmo frenético, e viajar a Londres furtivamente e em horas intempestivas não lhe dava o sossego de que tanto necessitava.

— Vão de novo para a cidade, menina? — Perguntou o velho lacaio em voz baixa.

Adele ficou surpresa ao descobrir que o velho estava familiarizado com o assunto.

Nem o senhor Emerick, que, sem dúvida, teria censurado severamente tal comportamento e confessaria tudo ao senhor imediatamente, nem a velha governanta, nem a primeira criada ou o primeiro lacaio, ninguém, exceto os envolvidos, estavam a par das peripécias daquele grupo.

— Não sei o que dizer, senhor Laurent — Murmurou, sem tirar os olhos do prato vazio, enquanto esmagava o miolo escuro de uma fatia de pão contra a superfície polida da mesa.

— Não se preocupe, menina, o segredo da senhora está seguro comigo. — Ele respondeu no mesmo tom. — Há dias que observo movimentos irregulares na casa que, somados aos rumores ouvidos nos corredores, me permitiram confirmar minhas suspeitas.

— Oh, eu não sabia que o senhor era amigo das intrigas e calúnias! — Exclamou com indignação fingida.

— Claro que não sou! Você nunca vai me encontrar bisbilhotando ou especulando como as velhas metidas. Além disso, na minha idade, acho que é impossível mover-se com a discrição necessária para esse tipo de coisa.

Adele sorriu calorosamente.

— Mas é precisamente esse saco carregado de anos que me permite afirmar que as pessoas dizem muitas vezes mais com o silêncio do que o que sai de sua boca. O constrangimento dos lacaios jovens, a ansiedade e o olhar abatido da senhora, tua cara e a fadiga que você demonstra deixam claro que todas as minhas suposições estão corretas.

— Esclareça-me, quais são essas suposições?

O velho olhou em volta e viu que todos estavam ocupados demais para notá-los.

— A senhora vai para a cidade para encontrar um certo personagem, eu acho que é um cavalheiro, a julgar pelo mistério com o qual todos vocês se comportam.

Adele levou um dedo à boca e mordiscou inquieta uma unha, sem levantar os olhos do chão.

— Isso é verdade, mas não se trata de nada de natureza romântica. A senhora é incapaz de fazer tal coisa ao senhor.

— Eu nunca tentei sugerir uma coisa dessas!

— Eu sei. Dói-me muito que os esforços da senhora não dão fruto, pois ela não está agindo em benefício próprio, mas para uma pessoa a quem ama muito.

O rosto de Laurent expressou ignorância sincera.

— É por causa da irmã que a senhora vai a cada dois dias para a cidade.

— Aconteceu algo com a senhorita Barton?

— A senhora Davenport acredita que ela se sente infeliz por causa de um cavalheiro e é por isso que procura por ele às escondidas do senhor e sabendo que sua conduta seria fortemente censurada por ele.

— Você tem que desculpar a este velho, mas não sei do que você está falando.

Adele deu um longo suspiro e, inclinando-se em direção a ele, sussurrou:

— Você já debe ter ouvido falar do senhor Knoxville, proprietário do imóvel vizinho, Rosedale Abbey.

— Sim, eu ouvi falar dele em termos não muito favoráveis, com certeza.

— Parece que entre ele e a senhorita Caroline há algum tipo de relacionamento secreto. — Laurent ergueu as sobrancelhas em surpresa e Adele olhou para baixo, como se compartilhar tais confidências com ele fosse uma deslealdade imperdoável. — O dia em que a senhorita Caroline deixou Daven Court, o cavalheiro veio até a porta da casa fazendo um grande escarcéu, exigindo presença da menina, sem saber que ela tinha ido embora.

— Ouvi algumas das criadas jovens murmurarem sobre isso. Se o senhor tivesse sabido, teria sido um escândalo.

— A senhora quer apenas que o cavalheiro esclareça os termos dessa relação. Um homem de bem nunca deve ir à casa de uma senhora e gritar a menos que deseje desonrá-la. — A virtude refletida naqueles olhos tímidos emocionaram o velho. — Além disso, não há nenhuma ligação entre eles que possa justificar tal comportamento. Todos nós pensamos que as inclinações da jovem iam em outra direção.

Laurent recostou-se na cadeira e observou-a, refletindo em silêncio. Ouviu uma espécie de voz dentro dele dizendo que algo não estava certo.

Lembrou-se então de uma carta que a senhorita Caroline lhe tinha dado com destino a Rosedale Abbey na véspera de sua partida; recordou também da preocupação e da angústia nos olhos daquela moça que lhe rogou que aquela carta chegasse ao destino com urgência, e de que o Dr. Diggory o tinha interceptado e tomado a carta.

Engoliu ruidosamente, tomado por um pressentimento terrível até que o tilintar rítmico e nervoso de uma das campainhas com as quais os criados eram chamados forçou-o a voltar à realidade.

Capítulo 36

O impacto súbito e prolongado de um jorro de água fria que lhe atingiu a cabeça violentamente despertou Cooper como se a realidade sombria lhe desse um tapa para privá-lo de nem que fosse um mínimo de descanso. Com os olhos ainda fechados, segurou com as duas mãos o abundante e empapado cabelo castanho e bufou alto, jogando em torno de si uma cachoeira violenta de gotas geladas.

Uma vez cessada a repentina torrente gelada, ficou imóvel no centro da ampla tina de latão, com o peito nu como se fosse a estátua de um belo Adônis desfavorecido, enquanto o servil lacaio reunira em silêncio os objetos do banho.

Com os braços frouxos nas laterais do corpo, os músculos contraídos e os punhos apertados, o rapaz estremeceu no quarto escuro, úmido e austero, mal iluminado por velas pronto a expirar e mal ventilado através de uma pequena janela do tamanho de um gatil que, a julgar pelas inúmeras teias de aranha e sujeira dos vidros, estava suja há muito tempo.

O servo fiel e diligente, único membro do serviço de Rosedale Abbey que o havia acompanhado em sua expedição, atirou-lhe sobre os ombros úmidos um elegante roupão de seda marrom.

Cooper deixava-o trabalhar com abandono e ficou impassível, sem colaborar na laboriosa tarefa de vesti-lo. Quando terminou o trabalho, o lacaio escovou fortemente os ombros do casaco do senhor Knoxville, que descolou os lábios com dificuldade, como se o simples ato de falar fosse um tremendo esforço para ele e olhou para a esgotada silhueta no espelho. Nunca tinha visto um jovem mais cansado da vida do que aquele que olhava para ele.

— Temos dinheiro suficiente para uma viagem, James?

— Senhor? — Perguntou o valete com o cenho franzido, ficando imediatamente imóvel atrás dele com a escova suspensa no ar na metade do percurso.

— Gostaria de fazer uma última viagem, você acha que é possível?

O rapazinho, irritado com o que acreditava ser um novo sinal de prodigalidade do cavalheiro, retomou a tarefa com violenta dedicação, fazendo que o cavalheiro cambaleasse devido à força aplicada à tarefa. Após um longo silêncio de censura, murmurou com parcimônia:

— Senhor, temos dinheiro suficiente para cobrir o custo da estadia no hotel e alugar um carro para voltar ao Hardshire.

Cooper apertou os dentes, contrariado, e arrumou o colete.

— Fizemos tudo errado, certo?

— Sim, senhor.

Engoliu em seco e olhou confuso para o chão de madeira alagado, os tetos enegrecidos e a escuridão que os envolvia.

— E se não voltássemos a Hardshire? — Perguntou ele com um brilho incomum nos olhos de obsidiana. — E se fôssemos em vez disso a um pequeno condado do sul? A viagem seria de um dia, no máximo, sem parar para comer ou descansar. Você acha que o dinheiro seria suficiente?

— Hardshire está a algumas milhas daqui, senhor. Qual o sentido de percorrer uma distância superior? Com todo o respeito, acredito que o melhor é ir para casa e repensar sua situação atual: o balanço financeiro no qual esta última aventura o deixou é bastante precário.

Cooper distraiu-se por um momento, contemplando a escurecida figura do espelho, aproximou-se de uma das fracas velas que cintilavam no aparador, e acariciou com a ponta dos dedos a chama alta e amarelada.

— Antes devo fazer essa viagem. Tenho de saber se faz sentido lutar por uma vida que pode não valer a pena.

O sensato criado de quarto, supondo que o cavalheiro estava se referindo a alguma dívida, a uma questão de saias ou a uma teatralidade exagerada, balançou a cabeça em gesto de desaprovação e anunciou com indiferença, e mesmo hostilidade, que iria até a cozinha pedir algo para comer.

Poucos minutos depois, ele voltou com os ombros caídos e gesto irritado.

— O que foi, James? Fala!

— Senhor, uma senhora está esperando no corredor.

Cooper franziu a testa surpreso.

— É uma piada? Que senhora viria buscar-me neste antro? — Sorriu sem vontade. — A menos que se trate da insistente vagabunda de vestido vermelho, não posso pensar em quem pode ser.

— Não sei. O rosto dela está escondido sob uma capa grande, mas, a julgar pelos criados que a acompanham e a qualidade das roupas que veste, deve ser alguém de boa posição. A dona da pousada me disse que tinha acabado de chegar e pedido expressamente para ver o senhor.

Com um sopro forte, apagou a palpitante chama alaranjada e se dirigiu decidido para a porta.

— Vamos ver o que é.

* * *

Na verdade, uma senhora misteriosa, cuja pose denotava uma indissimulável altivez aristocrática, esperava-o sentada diante de um fogo generoso, acompanhada por vários lacaios.

— Então, senhora? Procurava por mim? — Perguntou Cooper, fazendo uma exagerada reverência e com os olhos cravados nela.

A dama remexeu-se em seu modesto assento e girou o corpo em direção a ele, sem retirar o capuz.

— Como a senhora parece saber quem eu sou, não vai me deixar saber quem solicita minha presença? Creio que é um pouco inapropriado que continue sem me dizer quem é.

A senhora levantou-se com rapidez ofendida e tirou com cuidado o tecido que a cobria.

— A senhora?

— Sim, eu. Acredite que não foi nada fácil. Pouco faltou para que eu desistisse.

— O que quer de mim? — Ele perguntou, irritado.

Ele não entendia como ela, uma das principais responsáveis pela penosa situação em que se encontrava, atrevia-se a ir vê-lo.

— É tudo o que lhe ocorre dizer depois dos esforços que fiz para localizá-lo?

— O que esperava? Que ficasse feliz em vê-la?

— Tanto me despreza?

— Isso a surpreende? Como a senhora receberia a pessoa que, movida por meros preconceitos e desejo irracional de garantir a segurança de alguém que não corria nenhum tipo de perigo, tivesse lhe causado o maior dano que nunca teria sido forçado a sofrer?

— Sou acusada de excesso de zelo? — As faces de Rachel brilharam. — Como se atreve a me acusar e me falar dessa maneira?

Cooper deu seu mais indiferente sorriso de lado e, depois de sacudir a cabeça com descrença, virou-se bufando e dando a conversa por encerrada.

— Não tem o direito de me acusar de amar a minha irmã! — Gritou ela, fazendo com que o homem se detivesse. — Tudo que eu quero é falar com você.

Dando dois passos, Cooper ficou diante dela, soltando faíscas pelos olhos.

— Sinto muito, mas não tenho o menor interesse em falar com qualquer um dos habitantes de Daven Court.

— Nós não somos seus inimigos. Acredite em mim, nossas ações decorrem da intenção de que aqueles a quem amamos sejam felizes.

— Oh, vamos! Tire a máscara de uma vez! — Soltou uma terrível risada, que a fez estremecer. — Permita-me duvidar das boas intenções de seu marido, que não fez nada além de cavar minha sepultura.

— Não seja tolo! Meu marido adora Caroline. — Disse, tentando se acalmar para que o homem não se fosse. — Se teve um comportamento um tanto veemente, foi movido pela má reputação que o senhor tem.

Cooper pressionou a mandíbula até fazer ranger de dentes.

— Não me deram a menor oportunidade de mostrar meus verdadeiros sentimentos nem fizeram qualquer esforço para confirmar o que se diz sobre mim.

— Isso não é verdade. O senhor não queria se dar a conhecer e permaneceu escondido por trás dessa sua reputação nefasta, ostentando-a. Acaso se aproximou alguma vez de Daven Court com a intenção de expressar o que sentia por minha irmã?

— Me teriam permitido isso? — Mexeu no cabelo nervosamente. — Fui condenado sem qualquer chance de me defender.

— Só queremos o melhor para Caroline. Não suportaríamos vê-la machucada por falsas promessas.

— Nunca menti para ela. — Inalou profundamente, tentando animar-se. — Em vez de se preocupar tanto comigo, seu amado marido deveria cuidar de certos crápulas que pululam ansiosos ao redor de sua irmã vestindo-se em pele de cordeiro.

Rachel endireitou os ombros e uma ruga reveladora apareceu entre suas sobrancelhas. O que ele estava querendo dizer? Estava tão atordoada com as palavras que uma onda de calor acendeu suas faces. Com a mão tremendo desatou a capa para não sufocar.

— Não entendo o que o senhor quer dizer.

— Claro que não! Os senhores só veem o que querem. Não percebem que o maior perigo para a integridade moral de Caroline é alguém a quem abrem de bom grado as portas de sua casa. Ao se preocupar em afastar aqueles que consideram nocivos, deixam o caminho livre para outros, muito mais reprováveis.

A expressão interrogativa de Rachel deixou-o irritado.

— Não finja surpresa! — Apertou os olhos maliciosamente. — Ou talvez eu esteja errado e os senhores concordem com esse velho avarento e repulsivo.

Rachel abriu a boca de maneira desmesurada, começando a entender o que ele queria dizer.

— Por acaso a senhora sabia que esse maldito boticário importunava a senhorita Caroline? Estava a par de que tive de salvá-la quando tentou atacá-la na floresta? Não quero nem pensar no que teria acontecido se eu não tivesse chegado para frustrar seus planos!

— Minha irmã? — Rachel ficou boquiaberta como um peixe fora da água, com as mãos em torno da garganta.

— Diga-me que não estava ciente disso! Caso contrário, creio que não temos mais nada para falar.

— É claro que nós não sabíamos! — Exclamou enquanto caminhava acalorada e inquieta pelo cômodo, com passos muito enérgicos para uma criatura tão frágil e delicada. — Sabia que Diggory sentia uma inclinação por ela, mas nunca imaginamos que era algo mais do que uma simples paixão platônica! — Disse mais para si mesma do que para ele. — É o médico da família, tem uma reputação ilibada. Durante anos, foi confiada a ele a saúde dos Davenport e é também um homem mais velho, instruído nas questões da vida e... — Fez uma pausa antes de continuar. — Como pude ser tão cega?

— Não acredite que meu sangue ferva menos do que o seu. Eu lhe arrancaria o coração com minhas próprias mãos apenas por ter tido o mais mínimo pensamento indecente com a senhorita Caroline!

Rachel foi buscar as coisas que tinha deixado no assento, carrancuda e visivelmente atordoada, preparando-se para sair. Antes de deixar cair o capuz sobre a cabeça, dirigiu-se ao cavalheiro que estava com os punhos cerrados e perguntou:

— Por que abandonou minha irmã, se assim se sentia?

Cooper gaguejou mudas explosões de descrença.

— Foi ela quem se afastou de mim sem dizer uma palavra, demonstrando uma frieza que não esperaria em um coração tão lindo!

— Eu não entendo por que esse tipo de comportamento. Embora eu tenha que dizer, em sua defesa, que foi meu marido quem decidiu que ela se fosse de repente e posso garantir que depois de ver o rosto dela, desolado e golpeado pela dor, tenho certeza de que ela não tinha vontade de ir. No entanto, ela poderia ter tentado deixar-lhe uma nota.

— Mas ela não o fez.

Rachel se aproximou dele e colocou a mão familiarmente no antebraço musculoso.

— Eu conheço Caroline e ouso assegurar-lhe que é incapaz de amar de uma maneira tão leviana. O carinho que o senhor diz que sentia não poderia morrer na primeira brisa fria. Vou falar com meu marido para descobrir a razão para tal decisão precipitada e o colocarei a par do que o senhor acabou de me revelar. Em poucos dias vamos viajar para Lambshire. Rogo-lhe que seja paciente e me deixe falar com minha irmã para esclarecer a situação, mas não deixe de lutar por ela, se realmente a ama.

E, com essas palavras sábias, saiu da sala austera, lançando-se nas ruas de Londres.

Capítulo 37

— Adiante! — A voz profunda de Thomas esvoaçou ao redor da sala qual um bando de falcões.

Sem tirar os olhos da grande profusão de papéis que enchiam a mesa de mogno, apressou-se a rabiscar algumas assinaturas nas folhas.

A porta fechou-se muito lentamente e essa parcimônia rebuscada só poderia pertencer a uma pessoa: o inefável Alfred Diggory.

— Vá em frente, tome assento. — Disse sem olhar para cima de sua mesa.

O doutor permaneceu em sua pose habitual e forçou um sorriso falso, enquanto torcia as mãos e afundava a cabeça nos ombros.

Thomas levantou o rosto para ele, franzindo a testa, não entendo como alguém que recebia honorários tão elevados escolhia usar tecidos grossos e feios.

— Vamos, Diggory, não se faça rogar e sente-se de uma vez. — Convidou-o, esticando a mão para indicar a poltrona à sua frente.

— Não queria incomodá-lo, sr. Davenport. — Murmurou, levando a mão ao peito em sinal de desculpas.

— Pois terá vindo aquí por alguma razão. Nós sentimos sua falta. Desde que os Barton deixaram Daven Court dificilmente o vemos.

— Fico lisonjeado que o senhor tenha notado minha ausência. Estive muito ocupado na aldeia com um pequeno surto de febre que, felizmente, já está sob controle. Vi que a pequena Jazmin tem uma ligeira erupção no pescocinho, mas eu já prescrevi uma loção de calamina e aveia e banhos para aliviar a coceira. Eu não acho

que o senhor deva se preocupar, mas de qualquer maneira eu gostaria de ver a pequena princesa em um par de dias.

— Penso que não será possível, pois em dois dias partiremos para Lambshire.

O doutor enrugou a fronte, desconcertado.

— Para Lambshire? — Gaguejou em voz baixa. — Aconteceu alguma coisa com os Barton? Está com boa saúde a senhorita Caroline?

— Todos estão soberbamente bem, obrigado. É uma viagem que já tinha planejado. Não se esqueça de que minha esposa mal saiu de Daven Court durante a gravidez e que faz mais de um ano que não visita sua cidade natal.

— Claro, é compreensível que queira ir.

— Além disso, eu gostaria de falar com a minha querida cunhada daquele assunto que o senhor me falou.

— Espero que não vá mencionar a fonte de onde obteve essa informação.

— Não vejo qual o problema em mencionar seu nome.

— No entanto, eu preferiria que minha identidade permanecesse nas sombras.

— Não seja modesto! A senhorita Barton vai se sentir grata por ter cuidado da segurança dela de forma desinteressada. O senhor está bem? — Perguntou Thomas ao ver o rosto do médico envolvido em uma palidez mortal.

— Sim, sim, só agora me lembrei que... — Puxou o relógio de bolso com os dedos trêmulos e fingiu consultá-lo. — Que os Tinsdale me esperam. Desejo-lhe uma boa viagem. Não deixe de cumprimentar aos Barton por mim.

— Eu vou, não se preocupe.

O médico deixou o local, sem deixar de dedicar sorrisos melifluos para, uma vez fora da porta, afastar-se a toda a velocidade.

* * *

Sem querer, Thomas quebrou ao meio a pluma que tinha nas mãos e se manchou com a tinta preta que começou a emanar dela como de um pássaro ferido.

Levou a mão limpa à cabeça, e mexeu inquieto no cabelo de tal forma que pouco faltou para que arrancasse algum tufo. Passeou o olhar ao redor da sala sem se deter em nada de concreto, com as pupilas flamejantes e a alma obscurecida.

— É possível que seja verdade?

— Sim, senhor Davenport. — disse Emerick com calma incorruptível. — Relatei-lhe os fatos tal como Laurent acabou de me contar.

Thomas apertou a mandíbula violentamente.

— Há quantos anos está Laurent nesta casa?

— Mais do que os que o senhor tem.

— Poderia ser um mal-entendido?

— Não acredito.

Thomas golpeou com raiva a escrivaninha, assustando o mordomo e fazendo tombar o elegante tinteiro de osso.

—Por que não disse antes?

Emerick não respondeu e permaneceu imperturbável diante da indignação exalada pelo senhor Davenport, dizendo, sem que voz parecesse trêmula:

— Permita-me pedir que o senhor não tome nenhuma represália contra o pobre Laurent. O homem agiu motivado pelo medo de que as ameaças do senhor Diggory pudessem prejudicar sua infeliz irmã.

— Claro que não vou! Por quem me toma? — Thomas gritou. — Mas acusar ao doutor Diggory de um ato tão vil exige que eu tome alguma medida sobre o assunto.

— Com todo o respeito, senhor, gostaria de lembrá-lo de que nunca gostei do médico.

Thomas ficou quieto por um momento, observando perplexo o impeturbável mordomo, e não pode deixar de abrir um sorriso, apesar de estar muito irritado.

— Eu sei, eu sei, o senhor sempre disse que ele parecia um corvo.

— Uma gralha, senhor. — Thomas reprimiu um sorriso. — Uma gralha manca.

A calma surpreendente do mordomo contrastava com a confusão do cavalheiro que, perturbado pela informação que tinha acabado de receber, não sabia como agir.

— E a carta pertencia à senhorita Caroline, diz o senhor?

— Assim é.

— E que estava endereçada a Rosedale Abbey?

— Certamente, senhor.

— Que interesse poderia ter essa carta para Diggory? — murmurou Thomas.

— Laurent salientou que a senhorita Caroline parecia muito ansiosa para que fosse recebida o mais rápido possível e que parecia ser algo muito importante. Estava chorosa e com os gestos contorcidos quando a entregou, e Laurent teme ter causado algum sofrimento a ela.

Thomas engoliu em seco e apertou os lábios. Intuiu o conteúdo dessa carta.

A ação furtiva dos amantes deixava-o tão indignado quanto a baixeza de Diggory. Se tudo isso fosse verdade, seria muito difícil para o médico limpar sua imagem.

Naquele momento, uma batida leve na porta trouxe-o de volta à realidade, como se fosse levantado o véu opaco sobre seus pensamentos.

Antes que o próprio Emerick reagisse, a porta se abriu para dar caminho a Rachel.

— Thomas, precisamos conversar.

Capítulo 38

Thomas ouviu-a sentindo o sangue transformar-se em lava a cada frase.

Quando sua esposa terminou, varreu com o braço todo o conteúdo da área de trabalho e, em seguida, levantou com tanta força que a cadeira caiu contra a parede.

Segurou-se ferozmente à mesa até que seus dedos ficaram brancos e ficou em silêncio, com a cabeça derrotada nos amplos ombros, assimilando a duras penas o que acabara de ouvir.

Rachel manteve-se inalterada e só se permitiu cerrar as pálpebras diante de cada violenta explosão do marido.

As palavras de Rachel ecoavam em sua cabeça repetidas vezes, intercaladas com o brilho acentuado dos olhos verdes de sua esposa.

Como um tolo, ele havia se deixado guiar por pessoas que abusaram de sua confiança, em vez de cuidar de sua amada cunhada.

Embora Cooper Knoxville não fosse o santo de sua devoção, não podia deixar de lamentar ter perdido a justiça salomônica que o caracterizava.

* * *

Embora a chegada dos Davenport a Lambshire não fosse uma surpresa para ninguém, uma vez que chegaram ao modesto Barton Cottage tudo se transformou em emoção e alegria: toda a região brilhava com particular esplendor e até mesmo a imutável Kitty ficou comovida ao ver a amada Rachel.

Com o rigor das irmãs mais velhas, a Sra Davenport rapidamente percebeu a deterioração significativa de Caroline, cuja palidez devia-se aos males de natureza romântica que ela mesma tinha conseguido desvendar.

Thomas saudou-a com uma enérgica reverência que pouco dizia, em comparação com as pupilas dilatadas do cavalheiro, cujo brilho triste e compungido chegou imediatamente ao coração de Caroline.

Naquele dia, depois de cumprimentar os vizinhos e desfrutar de uma reunião reconfortante à base de chá e bolos de gengibre na intimidade da família, Rachel conseguiu monopolizar a atenção de sua irmã no momento em que o sol começa a sangrar sobre o horizonte através de densos farrapos albinos e cinzentos e a tarde recolhe em silêncio seu manto misterioso.

Quando elas se afastaram da casa da família, de braços dados carinhosamente, Rachel falou sem deixar de olhar para a calma paisagem:

— Espero que você não fique chateada com o que fiz, minha querida, mas senti-me compelida a advogar em seu nome. Você sabe que odeio me intrometer nos assuntos de outras pessoas. — Suspirou. — Mas não tive escolha: falei com o senhor Knoxville. — Soltou um suspiro.

Os dedos de Caroline ficaram tensos e seu coração esteve a ponto de se despedaçar. No entanto, mostrou um equilíbrio superior ao que Rachel poderia ter esperado e continuou andando, embora com passo vacilante.

— Ele está bem? — Perguntou com apenas um fio de voz.

— Tão bem quanto um jovem enamorado pode estar na ausência de sua amada.

Rachel inclinou o rosto para ver a reação e viu no rosto dela uma careta formada por uma mistura de surpresa, dor e felicidade.

— Vamos, não tente me enganar!

Caroline tentou em vão continuar caminhando.

— É isso o que você aprendeu de mim? A ocultar suas emoções? — O tom da Sra Davenport era quente e cúmplice, e a tímida jovem que tinha sentido saudade de sua irmã mais velha o tempo todo, só pode inclinar-se para ela.

Lágrimas brotaram-lhe imediatamente, por mais que apertasse as pálpebras.

— Como você deve ter se sentido sozinha, minha pequena, lutando em silêncio contra a tempestade fervendo em seu coração! Por que você não confiou em mim? Por que você escolheu sofrer em silêncio? — Acariciou o rosto da irmã com ternura. — Conte-me, abra seu coração para esta tola que não conseguiu ver o óbvio!

— Rachel, Rachel! — Foi tudo o que conseguiu dizer.

— Calma, querida. Respire fundo e diga-me tudo.

Depois de alguns bons minutos de choro, lamentos e pequenas convulsões, Caroline pareceu recuperar a presença de espírito e, olhando para a irmã através do véu de lágrimas, falou:

— Temo que meu coração foi traído! Eu nunca tinha sentido nada assim, e eu não fiz nada mais do que me deixar levar pela melodia que ouvi na minha cabeça o tempo todo e que me embalou como uma canção de ninar. — Um sorriso leve, embora doloroso, enfeitou o rosto da menina. — Talvez tenha agido mal, mas aquelas notas eram tão belas e doces... — Um brusco a interrompeu. — E de repente a música parou.

— Fala da ausência do Sr. Knoxville?

Caroline assentiu, acariciando o pequeno medalhão descansando no decote, gesto que não foi perdido pela atenta Sra Davenport.

— Escrevi-lhe uma carta. — Disse em um sussurro. — E ele nunca me respondeu. Rogava-lhe que ele me pedisse para ficar em Hardshire, mas não o fez porque ele não me ama.

— Temo que ele nunca recebeu essa carta, querida.

Caroline de repente virou-se para encará-la. Uma sufocante onda de calor começou a subir-lhe pelo ventre até chegar ao rosto.

— Como é possível?

— Digamos que foi interceptada, mas não se preocupe, Thomas vai cuidar desse ponto. Está muito arrependido pela forma como agiu.

— Interceptado? Mas como? — Disse turbada. — Então, o Sr. Knoxville não soube do meu pedido?

Rachel sorriu com condescendência, acariciando-lhe o rosto quente e úmido.

— Ele estava convencido de que você o tinha abandonado. Não entendia porque você o deixou tão de repente.

— Como pode pensar uma coisa dessas?

—Acredite em mim que quando eu o encontrei estava em estado deplorável.

— Então era verdade o que disse Bosworth. — Disse a menina resmungando em voz alta. — Deu-me a entender que o Sr. Knoxville ainda me amava, que estava em desespero.

— Posso confirmar isso, querida. Parecia um pobre náufrago. Mas não se aflija, não vai demorar muito para vir buscá-la.

Caroline sorriu e agarrou as mãos de sua amada irmã, levando-as aos lábios e beijando cada junta delicada.

— Vamos para casa, querida, tenho certeza de que Thomas gostaria de falar com você.

Capítulo 39

Marcus Auverfort estava muito satisfeito com a chegada dos Davenport e o jovem casal estava encantado de contar com alguém tão agradável na pequena sociedade de Lambshire.

O jovem, que já contava com o apoio incondicional dos senhores Barton em sua intenção de se casar com Caroline, esforçou-se para aparecer aos olhos do senhor Davenport como um rapaz empreendedor e sensível, pois estava consciente do peso da opinião do cavalheiro na família.

Além disso, o jovem também notou a mudança significativa no ânimo da senhorita Barton com a chegada de seus parentes, o que o pobre Marcus agradecia.

No entanto, uma nuvem negra ameaçava truncar as expectativas maravilhosas que o jovem estava forjando e embaçava, com raios maléficos, o claro céu do seu otimismo.

E se a felicidade de Caroline devia-se na verdade à lembrança daquele a quem considerava seu rival e não à reunião da família?

Marcus, determinado a não deixar que lhe fosse arrebatado o tesouro precioso, propôs-se a não se separar em nenhum momento da jovem – para regozijo da dona da casa – e, atento a todos e a cada um dos requisitos da moça, por mais pueris que fossem, tentou monopolizar a atenção de Caroline, até mesmo mantendo com ela as conversas das mais inconsequentes.

E, embora às vezes a moça de repente levantasse para cochichar com a irmã ou permanecia com o olhar perdido na distância, nada parecia indicar que nutria alguma memória do vilão Cooper Knoxville.

Mesmo o senhor Davenport parecia às vezes mais sombrio e pensativo do que o habitual e deixava o lugar que costumava ocupar frente à lareira e ao lado de seu sogro idoso para ficar pensativo em frente à janela, com as mãos escondidas nas dobras de trás de sua elegante jaqueta revestida de tafetá escuro e o olhar perdido.

Quase todos pareciam estar à espera de alguma coisa e erguiam os olhos, com expectativa, sempre que um carro parava na estrada em frente da propriedade ou quando o sino do portão anunciava uma visita. As pupilas da senhorita Barton brilhavam com uma centelha de ansiedade cada vez que a empregada entrava na sala com alguma mensagem para os senhores e até mesmo a senhora Davenport fazia um gesto para que os pequenos se calassem a cada vez que o menino do correio tocava a campainha no modesto pátio da casa.

O sol deslizava lentamente sobre as nuas colinas ao redor, concedendo ao ondulado horizonte a imagem tranquila e agradável da coluna vertebral de um monstro velho e cansado.

Uma leve brisa de final de verão balançava em movimento cadenciado as várias árvores que pontilhavam a paisagem limpa.

De algum lugar, próximo mas invisível, chegavam os ecos de um rebanho perdido de ovelhas, misturados com o som metálico do tilintar dos chocalhos com que os pastores tinham enfeitado os grossos pescoços dos animais.

Caroline estava sentada no banco de musgo de um pequeno riacho ladeado por uma legião ondulante de fetos reais e em uma cama improvisada de taboa e nenúfares, rodeada pela ampla circunferência de suas saias de seda arranjadas como um assento em torno dela. Ela se parecia com uma bela náiade, vestindo uma roupa simples feita de seda natural em tons escarlates, mangas bufantes e contornadas em tule branco e em tafetá combinando. Sob as dobras das anáguas espreitavam timidamente diminutos sapatos com borlas de cor rosa na ponta.

Com um pé debaixo do corpo, as costas eretas e as pálpebras fechadas e entregues à brandura daquela tarde quente, tentava aguçar os sentidos para apreciar a vastidão e beleza dos arredores.

Abriu os olhos quando o beijo quente de Éolo roçou com seus lábios de brisa os cachos dourados e sentiu que sua alma se inflamava com os raios de sol que acariciavam sua pele.

Sorriu sinceramente, pela primeira vez em muito tempo, e a chama que acreditava extinta, e a que estava determinada a manter viva, balançou novamente, tentando recuperar a frescura de outrora. Sorriu com a imagem de esperança desenhada no rosto.

Atrás dela, em algum ponto escondido na densa cortina de juncos e lírios amarelos, o som inconfundível e repentino do trote inquieto de um cavalo despertou-a de seu idílico devaneio, exortando-a a se agachar entre os juncos de espessura. Ela abaixou a cabeça quase até o chão, consciente de que uma presença desconhecida estava próxima. Abriu com dois dedos o véu verde de juncos dançantes para espiar, enquanto seu coração batia forte no peito. Aquelas marteladas soavam tão fortes que acreditou que a víscera mãe acabaria por lhe deslizar pela boca. Seus lábios se abriram para deixar escapar um suspiro apressado e agitado e começou a transpirar sob as camadas leves de roupas, enquanto a superfície azulina de seus olhos se iluminaram com a imagem que apareceu diante de seus espelhos.

A uma curta distância e montado em um corcel negro impressionante, Cooper Knoxville estava em frente do abrigo improvisado de Caroline Barton.

Capítulo 40

Uma vez que o reconheceu, Caroline sentou-se lentamente, fazendo aparecer a dourada cabeça coroado com laços e flores silvestres que tinham enganchado em seus cabelos.

Seu coração batia com frenesi selvagem. Mesmo os trovões assustadores de uma tempestade de verão pareciam calmos em comparação com o rugido vibrante que tremia sob a gaze que lhe cobria o peito.

O sangue batia-lhe na têmpora com a violência do mar contra os penhascos íngremes do norte e ameaçava arrancar sua sanidade.

Mas nada disso era revelado no rosto da menina, que estava pálida como a morte.

Cooper imediatamente reconheceu a adorada silhueta daquela criatura surgida no meio do campo mostrando a mesma aparência de ninfa extraviada que tinha nos sonhos mais íntimos do rapaz.

Com a vitalidade própria da exaltação do momento, cheio de surpresa e choque, ele desceu do cavalo e com um salto ágil atingiu o chão, enquanto tirava as luvas de couro de coelho marrom com pressa nervosa.

— Senhorita Caroline. — Murmurou apenas com um sussurro, movendo-se hesitante em direção à jovem.

Caroline piscou várias vezes, tentando absorver o que via, e fez uma reverência, tentando não vacilar devido ao tremor que tomava seus joelhos. O cavalheiro, desconcertado, devolveu-lhe a cortesia com um gesto distraído, como se tivesse esquecido os gestos simples que devia fazer.

— Senhorita Caroline, eu... — Começou a dizer, enquanto estrangulava suas luvas. — Eu não esperava encontrá-la aquí. — Finalmente murmurou.

Caroline percebeu uma coceira irritante crescendo em suas pálpebras e que ameaçava dominá-la. Inclinou a cabeça para esconder as pérolas que começavam a tremer na borda dourada de suas pestanas.

Tinha esperado tanto tempo por aquele momento, tinha sonhado tantas vezes com esse encontro com essa voz e esses olhos que tê-lo diante de si era ao mesmo tempo uma dádiva dos céus e uma tortura.

Cooper esfregou a nuca com impaciência.

Aproximou-se da moça e segurou a mão dela, pousando-a na altura do seu coração.

— Senorita Barton, Caroline! Me desculpe ter demorado tanto tempo para vir. Lamento ter causado sofrimento desnecessário com minha absurda ausência. — Levou a mão dela aos lábios e beijou a ponta dos dedos finos, um por um, deslizando até o interior do pulso.

Caroline levou a mão livre à boca e abafou um sonoro soluço, enquanto seus ombros se sacudiam em soluços profundos. A vontade de parecer imperturbável desabou, deixando sair a emoção contida.

— Caroline, eu vim na esperança de reencontrar esse coração favorável a mim! — Caroline observava-o através dos olhos úmidos, exalando trêmulos soluços. — Fui um cego. Como eu poderia até pensar que você iria embora e se esqueceria de mim? — Ele mais uma vez levou a mão delicada aos lábios e beijou-lhe os dedos alegremente. — Como eu poderia ter imaginado que aqueles belos olhos estavam apenas mascarando uma comédia cruel?

Caroline engoliu, sem poder conter as lágrimas.

— Você tem todo o direito do mundo de ficar longe de mim. — A jovem afogou atrás da tela da mão livre um gemido doloroso. — Mas, antes de me condenar, deixe-me assegurar-lhe que meus sentimentos permaneceram intactos e que, longe de diminuir, intensificam-se a cada minuto.

Caroline delineou então a linha delicada de um sorriso.

— Entrego-lhe meu coração para sempre. Sei que não sou digno, mas eu lhe peço, lhe rogo, que me perdoe. — implorou, erguendo-lhe o rosto com dois dedos.

O sorriso de Caroline alargou-se de felicidade. E, entre soluços e risos nervosos, assentiu.

— Não tenho nada a perdoar-lhe. — Afirmou, antes de atirar-se nos braços do cavalheiro e rodear seu pescoço em um abraço firme, que ele correspondeu segurando-a pelas costas e rodeando-lhe a cintura.

A moça tentou acalmar-se, apoiando-se no ombro do cavalheiro, enquanto ele fechou os olhos e sorriu satisfeito, com o rosto enterrado nos cachos dourados, inalando o ansiado aroma e pela primeira vez sentindo-se seguro. Desfizeram então o abraço que os unia e se entreolharam sorrindo como dois filhos inexperientes que brincam de amor. O jovem tentou limpar com os dedos o pranto que ainda sulcava em grossos riachos o rosto ardente de sua amada que, entre risos e lágrimas, cobriu seus lábios com um terno beijo fruto do amor mais profundo.

Ela então enredou os dedos entre as grossas mechas escuras da nuca do cavalheiro que estava acariciando lentamente sua cintura e a apertava com firmeza.

Quando, após selar com mil beijos a reconciliação esperada, recuperaram a consciência, Caroline falou:

— Sofri muito pensando que você tinha rejeitado o apelo contido na carta. — Suspirou.

— Nunca a recebi. Caso contrário, viria buscá-la imediatamente. — Disse, passando os lábios pela face da jovem para beijar cada pedacinho de pele sedosa.

— Eu sei. Minha irmã me contou que foi cruelmente interceptada. Tudo parece ter conspirado contra nós, como se um ser maligno tivesse o encargo de tecer uma teia capaz de nos enredar em um turbilhão de mentiras e confusão.

— Um ser malvado que terá seu merecido castigo, eu asseguro. — Cuspiu, pressionando a mandíbula até estalar. — Esse boticário aprenderá a não se meter na vida dos outros!

— Peço-lhe calma. O senhor Davenport tem um interesse pessoal em deixar cair o peso da sua mão na pessoa do doutor Diggory.

— Não preciso de ninguém para fazer justiça em meu nome! Vou cuidar eu mesmo desse assunto. — Exclamou, enquanto apertava a mão dela.

Caroline inclinou o rosto e, com um sorriso sincero e amoroso, passou os dedos pela testa dele, separando os fios rebeldes que caíam sobre as sobrancelhas escuras e espessas, tentando afastar qualquer sombra que pudesse ofuscar sua felicidade.

Ante esse leve toque, Cooper sentiu-se desvanecer e sorriu docemente para aquela bela feiticeira, enquanto enchia suas mãos de beijos.

No entanto, ele ainda tinha algo doloroso para confessar.

— Caroline, não tenho nada para oferecer, eu perdi tudo. Estou arruinado.

— Isso não é verdade. — Passou a mão no peito do cavalheiro. — Deu-me o mais valioso do mundo. Que mais eu posso desejar que um coração sincero?

— Não parece compreender-me, minha doce menina, não posso nem mesmo manter a velha casa da família.

— E isso importa? — O olhar de Caroline transbordava amor. Você acha que preciso de luxos quando posso ter seu amor incondicional?

— Mas sua família nunca me aceitará.

— Não precisa se preocupar. A senhora Davenport considerou-o aceitável e garanto-lhe que o senhor Davenport acabará por fazê-lo também.

— Na minha firme intenção albergo a ideia de levar a cabo uma situação que é agora inevitável e, com ou sem a aprovação do senhor Davenport, ninguém vai me impedir de ir à sua casa para pedir sua mão, minha querida Caroline.

Ela sorriu e levou aos lábios a mão do cavalheiro, beijando cada junta com devoção.

— É algo que eu deveria ter feito há muito tempo, desde o primeiro momento em que soube que meu coração pertencia a você, e não agir como um covarde, como um furtivo, como um covarde irresoluto incapaz de dar a cara por uma alma nobre que lhe tinha inocentemente entregue suas afeições. Consenti que sua honra sofresse danos aos olhos de sua família e amigos por causa de minha covardia... Caroline, depois de tudo o que aconteceu, você realmente poderá me amar? Você realmente quer me amar?

— Com todo o meu coração, senhor Knoxville.

E os lábios dos jovens se entrelaçaram pela segunda vez com dolorosa urgência, com frenético ardor, com grande necessidade.

Capítulo 41

Apesar da vontade de se apresentar naquela noite em Barton Cottage para pedir a mão de Caroline, não pode deixar de render-se à prudência admirável da jovem e aceitar adiar seu desejo.

Se queria ser aceito pela família da moça, devia se comportar como um cavalheiro e não como um menino impetuoso, pois, mesmo sem fortuna, ainda era o senhor de Rosedale Abbey.

Por isso, acatou com um sorriso a proposta de adiar por algumas horas a entrevista, a fim de dar a ela tempo suficiente para predispor a todos a favor dele. O que não daria àquela linda princesinha de cachos sedosos se foi ela que o trouxe de volta à vida!

Longa foi aquela noite para Caroline. O pulsar incessante do ponteiro dos minutos nada mais fez do que feri-la com cada batida metálica e encher-lhe o peito com a própria ansiedade da espera. Mil ideias disparatadas acossavam-na com força, projetando possibilidades terríveis e enchendo sua alma com dúvidas e medos.

Deitou-se de lado e afundou o rosto no travesseiro, tentando afastar os maus pensamentos e convencer o sonho fugaz a aliviá-la.

Igualmente eterna foi para Cooper Knoxville, porque na solidão daquela pousada rural não poderia deixar de ensaiar de novo e de novo as palavras que lhe permitissem ganhar a aceitação dos Davenport e do senhor Barton. Sabia que não seria uma tarefa simples, que tinha muitas coisas contra si e que Caroline merecia muito mais do que ele poderia oferecer, mas esperava sinceramente obter um veredicto favorável.

Cruzou os braços sobre o travesseiro e apoiou neles a cabeça cheia de pensamentos até que uma batida na porta trouxe-o de volta à realidade.

* * *

A primeira luz da aurora viu Annabel Castleford avançar com semblante sério e taciturno, embora com dignidade louvável, apesar do adiantado da hora, através da estrada pedregosa e lamacenta para Barton Cottage.

Caroline, intrigada, seguiu-lhe os passos, esperando o pior quando a viu chegar sem Marcus.

Quando a viu, vestida apenas com um desfiado xale de algodão, correu lívida para atender a senhorita Castleford, que se aferrava ansiosamente a seu guarda-chuva, assim como um guerreiro inexperiente empunharia a lança ineficaz contra seu inimigo.

— Annabel! O que acontece?

A menina simplesmente retorceu a empunhadura de nácar de sua sombrinha.

— Você está pálida como um fantasma! — Caroline tentou segurar as mãos da amiga, mas Annabel retirou-as imediatamente.

— Aconteceu algo com o senhor Auverfort?

À menção de seu primo, a senhorita Castleford levantou a vista para Caroline com olhos injetados e inundados de lágrimas.

— Annabel, responda-me.

— Ele veio, não é? — Como resposta, Caroline só pode abrir e fechar a boca a boca, como um peixe fora d'água. — O senhor Knoxville está em Lambshire. Eu sabia

que esse momento ia chegar, mas nunca poderia prever as consequências. — Disse, tentando conter as lágrimas.

— Não entendo por que você está tão aflita, amiga; pensei que você ficaria feliz por mim. — Caroline estendeu a mão, tentando alcançá-la, mas ela se afastou.

— Eu também pensava assim, mas não posso ser feliz quando a vida do meu querido primo está em jogo.

— A que se refere?

— A que Marcus desafiou o senhor Knoxville para um duelo, para limpar a afronta que lhe fez.

O coração de Caroline parou de repente e, não encontrando nada para se apoiar, caiu em um abismo imenso e escuro.

Gaguejou, sem ser capaz de pronunciar uma palabra, enquanto um frio mortal corria seu corpo.

— Não, não deveria ter feito isso. — A dor a impediu de falar claramente.

— Vim para que você interceda e acabe com essa bobagem. Peço-lhe! — Suplicou, sacudindo-a.

— Você sabe onde eles combinaram?

— Sim. Estão sob o velho carvalho ao lado da encruzilhada.

* * *

Marcus sorriu satisfeito quando viu Cooper pela mira da arma. Dez passos o separavam dele, que em poucos segundos iria voltar para o buraco de onde nunca deveria ter saído.

Cooper levantou a arma pesada e apontou o coração, exalando indignado todo o oxigênio que tinha acumulado em seu peito. Através da camisa simples, descuidadamente aberta, chegava-lhe a brisa fresca da manhã.

Tinha acabado de descobrir que aquele antipático cavalheiro se sentia no direito de assegurar a reputação de Caroline.

— Sua imprudência é imperdoável, Knoxville! — Gritou por entre os dentes.

—A sua também, Auverfort. Quem lhe deu permissão para se meter em assuntos alheios?

—Está errado, como sempre. — Disse com um sorriso mordaz.

— Explique, então. O que lhe dá o direito de agir?

Marcus apertou as mandíbulas para armar o gatilho.

— O de ser um amigo bom e leal da senhorita Barton e permanecer ao seu lado quando o senhor a bandonou. E, acredite em mim, não estou disposto a deixá-lo retornar para partir o coração dela! Quem o senhor pensa que é para vir perturbá-la?

— Não é ao senhor a quem devo prestar contas.

— Não espero que o faça. Penso apagá-lo da face da Terra. — E, piscando para estreitar o foco, levantou o braço para ele com decisão.

— Parem com isso, eu imploro!

Um grito agudo quebrou a tensão do momento antes de chegarem a ver a figura angustiada de Caroline, acompanhada por Annabel.

Ambos os homens viraram o rosto para as recém-chegadas, mas não depuseram as armas.

— Caroline, vá! — Cooper gritou.

— Não até que não deixem as armas!

— Muito covarde é o senhor por recorrer à sensibilidade de uma jovem para suavizar o seu adversário! Annabel, saia imediatamente! Este não é um problema das mulheres.

— Eu não vou, não vou sair até que voltem à razão!

— Tenho que matá-lo, senhorita Barton. Provavelmente, o seu nobre coração já o perdoou, mas eu não vou aceitar isso.

Caroline moveu-se para ficar ao lado de Cooper.

— Você tem sido um bom amigo, tem sido como um irmão para mim e estou eternamente grata a você, senhor Auverfort. — Soluçou — Mas eu sempre fui honesta com você e lhe implorei que não alimentasse falsas ilusões.

— Cale-se! — Marcus murmurou, ferido por essas palavras, enquanto as lágrimas encheram seus olhos. — Não percebe que não quero, que não posso ouvi-la?

— Sinto causar-lhe esta dor, mas…

— Knoxville, espero que apodreça no inferno! — Marcus gritou antes de disparar, sem perceber que Caroline tinha se colocado na frente de Cooper.

Um monstro desconhecido mordeu-lhe violentamente o ombro e um rio carmesim fluiu rapidamente, colorindo-lhe o vestido. Deitada na grama molhada, ela piscou várias vezes sem ser capaz de dissipar a névoa branca que devorava.

Antes de fechar os olhos, pensou ter ouvido a voz angustiada de Cooper chamando-a e seus braços fortes embalando-a desesperadamente contra seu peito.

Capítulo 42

Após o tiro, tudo aconteceu com velocidade surpreendente.

A figura mortificada de Cooper abriu caminho através da névoa da manhã e sob o marco obscurecido das copas das bétulas, dos salgueiros negros e dos velhos carvalhos, carregando em seus braços o corpo exânime da moça.

Embora ela fosse leve como uma pluma, tinha dificuldade para andar, por estar tão perturbado.

Rachel foi a primeira a identificá-los através da vidraça da sala de jantar e soltou um grito estridente de horror diante de uma visão tão inesperada, enquanto corria para a porta de entrada, tirando tudo o que estava em seu caminho

O senhor Davenport acompanhou-a, agradecendo que os senhores Barton ainda estivessem na cama.

Cooper Knoxville apareceu sob o limiar depois de abrir a porta com um pontapé violento. Atrás dele, a cabeça branca do velho criado da família e a silhueta assustada de Kitty tentavam explicar o surgimento inesperado do cavalheiro.

— Caroline! — Rachel chorou sobre o corpo de sua irmã, beijando-lhe a mão fria e vendo imediatamente a mancha vermelha em seu ombro, a pesar de Cooper tê-la envolvido com sua jaqueta amarrotada. — O que aconteceu, senhor Knoxville? Fale, eu lhe imploro!

— Sua irmã interceptou uma bala dirigida a mim.

Thomas abriu caminho rapidamente e tirou o casaco para estudar a ferida que sangrava. Caroline continuou em um perturbador desmaio, com a cabeça apoiada no

peito cansado de Cooper, que, com a presença imponente de Davenport, teve de lhe dar a preciosa carga em completo silêncio.

Embora não se olhassem, a tensão entre os dois homens poderia ser cortada com uma faca.

— Temos de aquecê-la! Está fria como gelo! — Thomas gritou, preparando-se para deixar a sala com a cunhada nos braços. — Kitty, mande chamar o médico e leve cobertores e um braseiro para o quarto da senhorita Barton!

— Apresse-se! — Rachel ordenou, recolhendo a jaqueta manchada de sangue e seguindo os passos impetuosos do marido.

Cooper permaneceu esquecido no meio da sala sem se mover.

Antes de ele sair, Rachel reapareceu e deu-lhe um olhar agudo e profundo que refletia um agradecimento silencioso para desaparecer imediatamente alguns segundos depois.

Cooper ajoelhou-se como um enlutado abatido e contemplou com os olhos vidrados o lugar onde sua amada tinha partido.

* * *

O doutor Hansen afundou as mãos sangrentas na bacia e, com afetado cuidado, secou-as com uma toalha de algodão.

O quarto estava na penumbra, impregnado com os pesados vapores do ar viciado pela doença.

Deitada de costas, Caroline permanecia submersa em uma letargia desassossegada, presa de um pesadelo, girando convulsivamente a cabeça de um lado para o outro sobre o travesseiro, com uma fina camada de suor cobrindo-lhe a pele e escurecendo-lhe o cabelo dourado.

A camisola infantil aberta no peito deixava à mostra grande parte do pescoço e do decote, além da bandagem embebida de sangue que cobria sua delicada clavícula.

Rachel, demonstrando no rosto um profundo cansaço, aproximou-se da cama com desconfiança e preocupação.

— Doutor, como ela está?

O médico olhou para ela e fez uma pausa para encontrar as palavras adequadas.

— Felizmente, a bala apenas roçou seu ombro esquerdo, senhora Davenport, evitando uma tragédia maior. No entanto... — ele respirou fundo e levantou o queixo com um gesto solene. — A ferida foi infectada e causou uma febre infecciosa que é necessário controlar.

Rachel engoliu em seco e desolada assistiu a luta de sua irmã contra a febre que a atormentava.

— O dia de hoje é decisivo, mas só amanhã iremos saber com certeza o estado da paciente. Oremos para que a infecção não atinja os pulmões. — Disse, baixando os olhos; em seguida, pegando a maleta de couro, fez uma reverência sincera e saiu do quarto, deixando a senhora Davenport perdida em um mar de lágrimas.

* * *

Cooper esperou sentado no saguão rudimentar de Barton Cottage, com as costas contra a parede, uma perna dobrada, a cabeça enterrada nas mãos, segurando os fios castanhos de cabelo e o rosto contorcido de desespero, recusando-se a se afastar daquele lugar até que não lhe dessem garantias de que o estado de Caroline era estável.

As horas passaram com irritante lentidão, rastejando como uma lagartixa ferida entre as pedras de um caminho seco, e Cooper permaneceu inalterado, sem comida ou uma bebida, ignorado pelos habitantes de Barton Cottage.

E ainda estava lá quando, no momento em que o sol estava a pino, Marcus Auverfort e sua prima apareceram com expressão triste. Auverfort veio para se colocar à disposição da família, disposto a aceitar a punição que os Barton tinham o direito de lhe impor.

Só o respeito que sentia pelos Barton impediu que Cooper lhe abrisse a cabeça até fazer saltar o cérebro.

Os dois visitantes permaneceram na casa vinte longos minutos, até que decidiram deixar o local com expressão chorosa e Cooper pode ouvir, não sem dificuldade, a conversa sussurrada entre os primos aflitos:

— Então, é definitivo, Marcus? Você dá tudo por perdido?

— O que mais posso fazer? Um cavalheiro deve saber quando se afastar. Por pior que seja para mim, ela o ama e não há o que fazer para que isso mude.

— Lamento tanto tudo isso! Pobre, pobre querida Caroline!

— Espero que ela se recupere logo. Ela não merece esse sofrimento. De minha parte, partirei imediatamente para Londres. Os Barton mostraram uma piedade que não mereço ao não me entregar à Justiça, e creio que minha presença aqui não faz nada além de atormentá-los.

Cooper ficou quase feliz em ouvir isso, embora, em seu coração, não pudesse deixar de sentir uma leve decepção diante da incapacidade de compensar o erro terrível de Marcus Auverfort.

* * *

A lua crescente iluminava o céu quando o portão se abriu.

Cooper tentou endireitar-se, mas não conseguiu melhorar o aspecto lamentável que apresentava. Esfregando o cabelo despenteado e limpando o torpor em que estavam afundados os olhos, olhou para a porta e ficou surpreso ao ver a imagem sob o alpendre.

Thomas Davenport, vestido com uma elegante jaqueta de gorgorão azul escurso, observava-o. Fazendo um esforço, Cooper sentou-se lentamente, sem perder de vista àquele gigante que o observava da altivez insondável de seus olhos negros.

Uma vez de pé, ajustou os punhos da camisa, para dar uma inexistente dignidade a seu porte desarrumado.

— Senhor Knoxville, creio que temos uma conversa pendente. — Disse friamente.

Cooper assentiu, suspirando profundamente, mais preocupado com a saúde de Caroline do que com o desprezo que este senhor podia sentir por ele.

— Peço-lhe que me diga como está a senhorita Barton.

Thomas observou-o atentamente, analisando se essa preocupação era sincera ou não.

— Está atolada em uma febre ardente, fruto da infecção da ferida. Eu gostaria de falar com o senhor em particular, se concordar. — Thomas insistiu, erguendo o queixo.

Cooper concordou e o seguiu.

Capítulo 43

— Vá em frente, ninguém vai nos interromper aqui.

Cooper avançou com passo vacilante através da sala escura e, depois de um reconhecimento fugaz, soube que estavam na modesta sala de leitura.

— Sente-se, por favor. — Disse Thomas, enquanto se acomodava em uma poltrona estofada em tons verdes localizada perto de um fogo generoso.

Cooper optou por permanecer em pé.

Confrontado com este gesto de rebelião, Davenport deu um sorriso torto. Ele cruzou uma perna sem perder de vista àquele jovem arrogante que, até mesmo encontrando-se em clara desvantagem, não deixava de mostrar as garras. Essa inesperada mostra de valentia, longe de desgostá-lo, agradou-o. Se a essa altura tivesse se mostrado tímido ou diminuído, ficaria totalmente decepcionado.

— Posso oferecer-lhe algo para beber?

Cooper levantou a mão direita, recusando a oferta generosa.

— Como preferir. Se não se importa, vou me servir um copo de conhaque.

O serviço de mesa oval estava perto o suficiente para não ter de se mover muito para fazê-lo.

Cooper ficou imóvel, enquanto o senhor Davenport, afetando uma serenidade insultante, servia-se da bebida e saboreava com prazer o líquido âmbar.

— Ouvi falar muito do senhor. — Começou a dizer sem tensionar nem ao menos um músculo, tão seguro de si que o estômago de Cooper se revolveu. — E quase tudo o que ouvi foi censurável.

— Há tempos minha pessoa foi reduzida a ser o pasto das maledicências, senhor, fosse eu digno de tanta atenção ou não. Mas o senhor, de todas as pessoas, deveria saber que não se deve dar crédito aos rumores. A maioria vem de floridos grupos de fofoqueiras ou de velhos lordes tão aborrecidos com a própria vida que precisam ocupar-se da dos demais.

— Admiro sua eloquência e resolução, senhor Knoxville, especialmente pela reputação nefasta que o precede. Não é nada comum entre os jovens arrogantes de hoje.

— Eu tive a sorte, ou o azar, de ter encontrado as trivialidades do mundo em uma idade precoce.

— Não tenho dúvidas. — Afirmou, sem tentar fazer soar a elogio. — Eu tive o privilégio de conhecer a seu defunto pai e trocar com ele pareceres sobre seu filho único e selvagem.

Cooper, carrancudo, endireitou os ombros e puxou o punho da descuidada camisa de linho, deixando ver o desagrado que lhe causava a simples menção de seu pai.

— Bem, temo que mais uma vez serei condenado sem julgamento. — Murmurou sob as sobrancelhas densas e escuras. — Se eu tenho de ser honesto, esperava encontrar uma equidade mais benevolente sob o teto desta casa.

— É melhor chamar as coisas pelo seu nome.

— O senhor não sabe nada sobre mim. — Disse em tom de raiva.

Thomas olhou-o com desprezo.

— Creio que sei o suficiente para formar uma impressão clara sobre o senhor. — E, levantando-se abruptamente, parou diante dele. — Acaso acredita que o senhor Barton e eu consentiríamos que a pérfida aura que o rodeia alcance a uma moça tão dócil e nobre como Caroline?

Cooper apertou a mandíbula e, indignado, ergueu o queixo em direção a seu atacante.

— Certamente admito que a nobreza da senhorita Barton é muito superior à minha e que, embora renascesse eu mil vezes, muito me faltaria para chegar a ser merecedor de um olhar ou um suspiro dela, mas isso não lhe permite um ...

— Guarde sua eloquência barata para as moças impressionáveis que frequenta! — Rebateu o cavalheiro com altivez e foi até a janela, dando-lhe as costas.

— Como é fácil fazer lenha da árvore caída! — Murmurou entre dentes. — Mas mais valeria perguntar quem está verdadeiramente livre para lançar a primeira pedra!

Thomas voltou-se imediatamente e lançou-lhe uma mirada fulminante.

— Atreve-se por acaso a se comparar comigo?

— Eu não tento me comparar com ninguém. Sou o primeiro a admitir meus defeitos. Sei que minha vida não tem sido exemplar, mas, mesmo assim, peço-lhe que me ouça antes de proferir a sentença. Mesmo o preso mais infame tem direito a uma defesa.

Thomas recuperou a compostura e se virou novamente para a parede aveludada das cortinas, enlaçando as mãos sob as dobras traseiras do casaco elegante.

— Ouço. — Murmurou sem sequer olhar para ele. — Mas temo que sua eloquência não me faça mudar de ideia.

Cooper esfregou as mãos, preso de um renovado nervosismo e com precipitação pueril deixou que as palavras fluíssem em jorros.

— Meu pai era um mestre do engano, senhor Davenport, embora muitos o considerassem um exemplo de moralidade. Nome, propriedades, sobriedade, tudo isso não veio mais do que de uma jovem herdeira inocente a quem conseguiu

enganar. Minha mãe era muito jovem quando se casou. Seus pais pensavam que um homem experiente fosse a escolha mais sensata, mas, os vinte e cinco anos de diferença de idade entre eles fizeram-se notar e criaram um abismo entre eles. Minha mãe era uma mulher muito culta, dotada para a música, as línguas modernas e as artes em geral. — O tom de Cooper ensombreceu-se. — Meu pai, no entanto, era uma criatura tosca, que desfrutava dos prazeres mundanos e quase não prestava atenção nela. Passava os dias caçando, amestrando cavalos, brincando na fazenda com seus cães monstruosos e entregue a prazeres menos refinados. Desprezava a sensibilidade delicada da minha mãe e a cultura que ela tentava me incutir. Ele dizia que um menino efeminado como eu nunca seria um herdeiro digno e repreendia-a, dizendo que iria me converter num homem fraco, que seria motivo de piada no condado de Hardshire. Minha mãe deixou este mundo muito cedo, e desde então começou o reinado da brutalidade de meu pai. Ele me afastou do leito de morte de minha mãe sem me deixar dizer adeus a ela, e me levou para viver com os criados. Só me visitava ao anoitecer, para me infligir sua "educação" à base de chicotadas.

Inconscientemente, Thomas encontrou-se olhando compassivo para ele.

— Cresci sentindo rancor e aversão com relação a ele. Sei que não é certo, mas não me arrependo. Quando cresci, jurei que faria todo o possível para vingar-me dele e tentei atingi-lo onde mais lhe doía. Minha vingança foi rebelar-me contra o mundo e contra ele e me tornar o herdeiro mais indigno que um aristocrata orgulhoso e arrogante poderia desejar. Antes que eu percebesse, estava mergulhado nesse turbilhão de perversão. Sei que, agora que fui abençoado com o afeto puro e sem preconceitos da senhorita Barton, deveria me arrepender de ter tomado uma decisão tão impensada, mas, sabe o quê?, creio que valeu a pena ter visto nos olhos de meu pai, em seu leito de morte, a dor pelo que sua falta de afeto tinha causado.

O rapaz diante dele era apenas uma das muitas vítimas do autoritarismo dos pais a quem a juventude e a falta de fundações levaram para o caminho da perdição. E, embora muito do que ele tinha feito fosse indefensável, não podia menos do que

sentir uma compaixão fraternal com relação àquele pequeno patife, que só procurou se rebelar contra a solidão que lhe havia sido imposta.

— Sinto muito, eu não sabia.

— Ninguém conhece minha história real. É mais fácil ficar com o que parece à primeira vista.

Thomas coçou o queixo com gesto concentrado.

— Rosedale Abbey é uma boa propriedade. Lembro-me dos melhores anos da terra, quando grandes colheitas abençoavam sua família e todos os que trabalhavam lá.

Cooper levantou uma sobrancelha.

— Faz muito tempo isso. Hoje não é mais do que uma sombra do que foi.

— Com os cuidados necessários pode dar frutos novamente. As antigas sementes não desaparecem, como pode parecer à primeira vista, mas estão lá, no subsolo, à espera de uma mão que possa restaurar sua vida.

Cooper não entendia o rumo que a conversa estava tomando. Talvez ele estivesse tentando dar-lhe lições de agricultura?

— Alguns dos meus empregados poderiam ajudá-lo a trabalhar depois do verão – disse, festejando sua própria ideia. — Seria, claro, um pequeno empréstimo que o senhor teria de pagar os juros devidos.

Cooper sorriu, adivinhando as intenções daquele cavalheiro astuto. Queria arrancar-lhe uma promessa de compromisso e constância, de estabilidade e maturidade; a promessa de que trabalharia com esforço e que não iria cair nos maus hábitos do passado.

— Me falta o dinheiro para apoiar um projeto como este.

— O senhor é um homem jovem e, com a ajuda dos meus empregados, conseguirá preparar a terra e obter novos inquilinos. São eles os que realmente

mantêm as propriedades, que nos fornecem a renda necessária para viver. Nas próximas semanas vou enviar-lhe o meu capataz para que lhe forneça instruções sobre as reformas que deve fazer para que suas terras sejam tão produtivas quanto as minhas.

Os olhos de Cooper se desfocaram e ele sentiu um formigamento irritante atrás das pálpebras.

— O senhor confiaria em mim depois de tudo? Por que faria algo assim?

— "Mesmo o preso mais infame tem direito a uma defesa". — Citou. — E até mesmo o juiz mais severo pode se retratar.

— Isso significa que…?

— Que não desejo que minha cunhada viva em uma mansão em ruínas. A corrente de ar é muito prejudicial para os convalescentes.

Algo estalou então no peito inflamado de Cooper, algo que nunca tinha acreditado sentir quando começou aquela gélida conversa.

Estendeu a mão trêmula em direção àquele cavalheiro benevolente e ele respondeu com um aperto de mão firme e uma inesperada palmada no ombro.

Capítulo 44

A saúde de Caroline manteve a todos em suspense por uma longa semana que ela passou submersa no torpor da febre.

Por breves intervalos, a pobre dedicava seus pensamentos desordenados à recordação de Cooper Knoxville e se agarrava aos lençóis de linho, enterrando o rosto nas almofadas, fora de si entre espasmos de dor para voltar a cair na calma mais imperturbável.

Uma sucessão interminável de sangrias, tônicos à base de beladona e verbena, e antipiréticos era tudo o que podia prescrever o doutor Hansen, que, além disso, ia visitá-la diariamente a cada três ou quatro horas para ver a condição da paciente.

Mas, no final da primeira semana de agonia, Caroline recuperou a consciência e conseguiu afastar os fantasmas da demência febril. A cor voltou ao seu rosto, os lábios lívidos recuperaram a cor suave das pétalas de rosa e a respiração, antes convulsiva e aflita, voltou a ser como o arrulhar de Éolo em uma manhã de verão.

Toda a família ficou aliviada, especialmente Rachel, que não deixou a cadeira ao lado da cama de sua irmã durante o curso da doença. Durante essas horas de tortura tinha chegado a acreditar que a perderiam para sempre.

Mas, felizmente, as nuvens escuras haviam finalmente ficado para trás.

Embora estivesse muito fraca, teve uma recuperação rápida, especialmente desde que tinha sido autorizada a receber o senhor Knoxville, claro que sob o olhar atento da senhora Barton ou de Rachel, que só se separava dela durante as poucas e obrigadas interrupções impostas pelo asseio e pelas visitas do médico.

A emoção de Cooper quando foi autorizado a vê-la e os olhares transbordantes de amor que trocavam não deixavam dúvidas sobre a força do vínculo entre eles e ninguém se atrevia a fazer a menor tentativa de afastá-los

Assim, após fraca tentativa de oposição da senhora Barton, que lamentou durante eternos quinze minutos que o eleito não era Marcus Auverfort, que acabou cedendo, especialmente depois de ter sido informada de que o senhor Davenport iria ajudá-lo a se recuperar. Imaginar que aquele jovem pudesse chegar a desfrutar de uma posição tão excelente quanto a do senhor Davenport fez com que ela se sentisse mais do que disposta a aceitá-lo.

Com a generosa ajuda de seu cunhado, Cooper não levou mais de seis meses para levantar novamente a frutífera Rosedale Abbey e colher os frutos de seus esforços. Arrendatários de toda as partes do condado apresentaram-se imediatamente, dispostos a ocupar as casas da propriedade e trabalhar a terra, desta vez sob o comando de um senhor mais maduro e sensato do que pensavam recordar.

A felicidade dos cônjuges foi rapidamente coroada com a chegada de uma linda menina.

E o que aconteceu com a vida do inefável doutor Diggory? Muito antes de tais eventos felizes, ele pegou seus haveres e partiu para o norte do país, para se distanciar de tudo e de todos. Thomas Davenport era muito poderoso para enfrentá-lo como inimigo.

No entanto, logo soube que a senhorita Barton havia se casado com seu odiado inimigo, Cooper Knoxville, e que o senhor Davenport tinha se associado a ele. A notícia inesperada, que ocupava uma coluna inteira em um dos jornais de maior prestígio no país, chegou a ele durante o curso da abundante refeição que desfrutava na privacidade do quarto que ocupava em um cortiço.

Não se soube se foi a insultante novidade ou a imprudente ingestão o que o levou para o túmulo. A verdade é que o corpo do médico foi encontrado morto no

dia seguinte perfeitamente vestido com roupa de dormir, com o lençol puxado até o queixo, olhos abertos e os capilares derramados como aranhas vermelhas sobre a área amarela do globo ocular, azul e inchado como uma baga da floresta e com uma baba esverdeada saindo de sua boca.

Fim